

Escola Superior de Educação João de Deus  
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo  
do Ensino Básico

**Estágio Profissional I, II, III**

# **Relatório de Estágio Profissional**

Sofia Andreia Semedo Nobre

Lisboa, Julho de 2012





Escola Superior de Educação João de Deus  
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo  
do Ensino Básico

**Estágio Profissional I, II, III**

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Sofia Andreia Semedo Nobre**

Relatório apresentado para a obtenção do Grau de Mestre  
em Educação Pré-Escolar sob a orientação da Professora Doutora  
Maria Filomena Tomaz Henriques Serrano.

Lisboa, Julho de 2012



## Agradecimentos

Ao Dr. Ponces de Carvalho, enquanto Diretor da Escola Superior de Educação João de Deus, os meus sinceros agradecimentos pela oportunidade que me proporcionou de inúmeras aprendizagens e inolvidáveis experiências que me auxiliaram ao longo deste processo dinâmico de crescimento profissional e pessoal.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Filomena Caldeira pela *autorictas* que representa, constituindo um modelo de referência para mim, pelas suas eminentes competências técnicas e afetivas que põe em prática na sua relação dedicada com os alunos.

A todos os docentes da Escola Superior de Educação João de Deus, bem como aos docentes do Jardim-Escola de Alvalade, pela forma como me receberam e se disponibilizaram, transformando este tempo numa aprendizagem tão produtiva quão rica em novas experiências.

Agradeço ainda a todas as crianças do Jardim-Escola de Alvalade, por todo o incentivo que me deram, bem como por todo o carinho e amor, verdadeiras fontes de inspiração e sem quem este trabalho não seria exequível.

Às minhas colegas de estágio, Catarina, Filipa e Lília, pela sua disponibilidade e amizade, pela força e por todo o apoio que sempre me deram ao longo do curso.

À minha família, em especial aos meus pais, por todo o apoio que me deram, conforto e amizade. Encaro, aliás este trabalho de investigação como uma ocasião para prestar uma homenagem sentida aos meus avós que tanto marcaram a minha primeira infância, transmitindo-me valores e parâmetros referenciais que conserve como memória viva e afetuosa.

A todos os meus amigos, em especial à Catarina, à Mafalda, à Marta e à Rita que me apoiaram neste tempo que tanto me absorveu, pela compreensão, carinho e amor com que me privilegiaram, sabendo aceitar as vezes em que não tive para elas a disponibilidade que mereciam, em virtude do labor que tinha pela frente e que elas compreenderam e incentivaram.

## **Parecer do orientador**

## Índice Geral

|   |        |
|---|--------|
| Índice de Quadros . . . . .   | XI     |
| Índice de Figuras . . . . .   | XII    |
| Introdução . . . . .  | 1      |
| 1. Identificação do local de estágio . . . . .                                  | 1      |
| 2. Descrição da estrutura do relatório de estágio profissional . . . . .        | 2      |
| 3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional . . . . .     | 3      |
| 4. Identificação do grupo de estágio . . . . .                                  | 3      |
| 5. Metodologia utilizada . . . . .  | 4      |
| 6. Pertinência do estágio . . . . .   | 6      |
| 7. Cronograma do estágio . . . . .  | 7      |
| <br>CAPÍTULO 1 – Relatos diários . . . . .                                      | <br>11 |
| Descrição do capítulo . . . . .   | 12     |
| <br>1.1. Primeira secção – Período de estágio de 11 de Outubro a 13 de Novembro |        |
| 1.1.1. Caracterização da turma . . . . .  | 12     |
| 1.1.2. Caracterização do espaço . . . . .                                       | 13     |
| 1.1.3. Rotinas . . . . .  | 14     |
| 1.1.4. Horário . . . . .  | 17     |
| 1.1.5. Relatos diários . . . . .  | 18     |
| <br>1.2. Segunda secção – Período de estágio de 15 de Novembro a 7 de Janeiro   |        |
| 1.2.1. Caracterização da turma . . . . .  | 36     |
| 1.2.2. Caracterização do espaço . . . . .                                       | 37     |
| 1.2.3. Rotinas . . . . .  | 37     |
| 1.2.4. Horário. . . . .   | 37     |
| 1.2.5. Relatos diários . . . . .  | 38     |



### 1.3. Terceira secção – Período de estágio de 10 de Janeiro a 25 de Fevereiro

|                                 |   |   |   |    |
|---------------------------------|---|---|---|----|
| 1.3.1. Caracterização da turma  | . | . | . | 59 |
| 1.3.2. Caracterização do espaço | . | . | . | 59 |
| 1.3.3. Rotinas                  | . | . | . | 60 |
| 1.3.4. Horário                  | . | . | . | 60 |
| 1.3.5. Relatos diários          | . | . | . | 61 |

### 1.4. Quarta secção – Período de estágio de 4 de Março a 13 de Maio

|                                 |   |   |   |    |
|---------------------------------|---|---|---|----|
| 1.4.1. Caracterização da turma  | . | . | . | 79 |
| 1.4.2. Caracterização do espaço | . | . | . | 79 |
| 1.4.3. Rotinas..                | . | . | . | 79 |
| 1.4.4. Horário                  | . | . | . | 80 |
| 1.4.5. Relatos diários          | . | . | . | 80 |

### 1.5. Quinta secção – Período de estágio de 16 de Maio a 6 de Julho

|                                 |   |   |   |    |
|---------------------------------|---|---|---|----|
| 1.5.1. Caracterização da turma  | . | . | . | 98 |
| 1.5.2. Caracterização do espaço | . | . | . | 98 |
| 1.5.3. Rotinas                  | . | . | . | 98 |
| 1.5.4. Horário                  | . | . | . | 98 |
| 1.5.5. Relatos diários          | . | . | . | 99 |

### 1.6. Quinta secção – Período de estágio de 27 de Setembro a 21 de Novembro

|                               |   |   |   |     |
|-------------------------------|---|---|---|-----|
| 6.1. Caracterização da turma  | . | . | . | 103 |
| 6.2. Caracterização do espaço | . | . | . | 114 |
| 6.3. Rotinas                  | . | . | . | 114 |
| 6.4. Horário                  | . | . | . | 114 |
| 6.5. Relatos diários          | . | . | . | 115 |

### 1.7. Quinta secção – Período de estágio de 21 de Novembro de 2011 a 24 de Janeiro de 2012

|                                 |   |   |   |     |
|---------------------------------|---|---|---|-----|
| 1.7.1. Caracterização da turma  | . | . | . | 130 |
| 1.7.2. Caracterização do espaço | . | . | . | 131 |

|                                  |     |
|----------------------------------|-----|
| 1.7.3. Rotinas . . . . .         | 131 |
| 1.7.4. Horário . . . . .         | 131 |
| 1.7.5. Relatos diários . . . . . | 132 |

## CAPÍTULO 2 – Planificações

|   |     |
|---|-----|
| 2.1. Descrição do capítulo . . . . .        | 145 |
| 2.2. Fundamentação teórica . . . . .        | 145 |
| 2.3. Planificações do Pré-Escolar . . . . . | 149 |
| 2.3.1. Bibe amarelo . . . . .               | 149 |
| 2.3.1.1. Inferências . . . . .              | 150 |
| 2.3.2. Bibe azul . . . . .                  | 153 |
| 2.3.2.1. Inferências . . . . .              | 154 |
| 2.3.3. Bibe azul . . . . .                  | 157 |
| 2.3.3.1 Inferências . . . . .               | 158 |
| 2.4. Planificações do 1º ciclo . . . . .    | 160 |
| 2.4.1. 1º ano . . . . .                     | 160 |
| 2.4.1.1. Inferências . . . . .              | 161 |
| 2.4.2.1º ano . . . . .                      | 163 |
| 2.4.2.1. Inferências . . . . .              | 164 |
| 2.4.3. 1º ano . . . . .                     | 166 |
| 2.4.3.1. Inferências . . . . .              | 167 |

## CAPÍTULO 3 – Dispositivos de avaliação

|  |     |
|--|-----|
| 3.1. Descrição do capítulo . . . . .   | 169 |
| 3.2. Fundamentação teórica . . . . .   | 169 |
| 3.3. Avaliação da atividade de Língua Portuguesa . . . . .                                   | 173 |
| 3.3.1. Contextualização . . . . .  | 173 |
| 3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios . . . . .  | 174 |
| 3.3.3. Grelha de avaliação de atividade na área curricular de<br>Língua Portuguesa . . . . . | 175 |
| 3.3.4. Descrição da grelha . . . . .   | 177 |

|  |     |
|--|-----|
| 3.3.5. Apresentação dos resultados em gráficos circulares                            | 178 |
| 3.3.6. Análise do gráfico  | 178 |
| 3.4. Avaliação da atividade de Matemática  | 179 |
| 3.4.1. Contextualização  | 180 |
| 3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios  | 185 |
| 3.4.3. Grelha de avaliação de atividade na área curricular de Matemática             | 185 |
| 3.4.4. Descrição da grelha   | 186 |
| 3.4.5. Apresentação dos resultados em gráficos circulares                            | 186 |
| 3.4.6. Análise do gráfico  | 187 |
| 3.5. Avaliação da atividade de Estudo do Meio  | 187 |
| 3.5.1. Contextualização  | 187 |
| 3.5.2. Descrição dos parâmetros e critérios  | 187 |
| 3.5.3. Grelha de avaliação de atividade na área curricular de Estudo do Meio         | 190 |
| 3.5.4. Descrição da grelha   | 191 |
| 3.5.5. Apresentação dos resultados em gráficos circulares                            | 191 |
| 3.5.6. Análise do gráfico  | 193 |
| 3.6. Avaliação da atividade de iniciação à matemática                                | 193 |
| 3.6.1. Contextualização  | 193 |
| 3.6.2. Descrição dos parâmetros e critérios  | 193 |
| 3.6.3. Grelha de avaliação de atividade na área curricular de iniciação à matemática | 193 |
| 3.6.4. Descrição da grelha   | 194 |
| 3.6.5. Apresentação dos resultados em gráficos circulares                            | 195 |
| 3.6.6. Análise do gráfico  | 196 |
| 3.7. Avaliação da atividade de Língua Portuguesa                                     | 197 |
| 3.7.1. Contextualização  | 197 |
| 3.7.2. Descrição dos parâmetros e critérios  | 197 |

|  |     |
|--|-----|
| 3.7.3. Grelha de avaliação de atividade na área curricular de<br>Língua Portuguesa . . . . . | 199 |
| 3.7.4. Descrição da grelha . . . . .   | 200 |
| 3.7.5. Apresentação dos resultados em gráficos circulares                                    | 200 |
| 3.7.6. Análise do gráfico . . . . .  | 200 |
| 3.8. Avaliação da atividade de Conhecimento do Mundo . . . . .                               | 201 |
| 3.8.1. Contextualização . . . . .  | 201 |
| 3.8.2. Descrição dos parâmetros e critérios . . . . .  | 201 |
| 3.8.3. Grelha de avaliação de atividade na área curricular de<br>Estudo do Meio . . . . .    | 201 |
| 3.8.4. Descrição da grelha . . . . .   | 203 |
| 3.8.5. Apresentação dos resultados em gráficos circulares                                    | 203 |
| 3.8.6. Análise do gráfico . . . . .  | 203 |
| Reflexão final   |     |
| 4.1 Considerações finais . . . . .   | 205 |
| 4.2 Limitações . . . . .   | 206 |
| 4.3 Novas pesquisas . . . . .  | 206 |
| Referências bibliográficas . . . . .   | 208 |
| Anexos . . . . .   | 216 |

## Índice de Quadros

|  |     |
|--|-----|
| Quadro 1 – Cronograma de estágio . . . . .                               | 8   |
| Quadro 2 - Cronograma de estágio . . . . .                               | 9   |
| Quadro 3 - Cronograma de estágio . . . . .                               | 10  |
| Quadro 4 – Horário do bibe amarelo . . . . .                             | 18  |
| Quadro 5 – Horário do bibe encarnado . . . . .                           | 38  |
| Quadro 6 – Horário do bibe azul . . . . .                                | 60  |
| Quadro 7 – Horário do 1º ano . . . . .                                   | 80  |
| Quadro 8 – Horário do 2º ano . . . . .                                   | 99  |
| Quadro 9 – Horário do 4º ano . . . . .                                   | 114 |
| Quadro 10 – Horário do 1º ano . . . . .                                  | 131 |
| Quadro 11 – Planificação da aula de Conhecimento do Mundo . . .          | 149 |
| Quadro 12 – Planificação do Domínio de Aprendizagem . . . . .            | 153 |
| Quadro 13 – Planificação de Estimulação à Leitura . . . . .              | 157 |
| Quadro 14 – Planificação de Língua Portuguesa. . . . .                   | 160 |
| Quadro 15 – Planificação de Matemática . . . . .                         | 163 |
| Quadro 16 – Planificação de Estudo do Meio . . . . .                     | 166 |
| Quadro 17- Grelha de avaliação de atividade de Língua Portuguesa .       | 177 |
| Quadro 18 – Cotações atribuídas na atividade de Matemática . . .         | 182 |
| Quadro 19 – Grelha de avaliação de atividades de Matemática. . . .       | 185 |
| Quadro 20 – Cotações atribuídas na atividade de Estudo do Meio . .       | 188 |
| Quadro 21 – Grelha de avaliação de atividade de Estudo do Meio . .       | 190 |
| Quadro 22 – Cotações atribuídas na atividade de iniciação à Matemática . | 194 |
| Quadro 23 – Grelha de avaliação de atividade na área de Matemática .     | 194 |
| Quadro 24 – Cotações atribuídas na atividade de Língua Portuguesa .      | 198 |
| Quadro 25 – Grelha de avaliação de atividade de Língua Portuguesa .      | 199 |
| Quadro 26 – Grelha de avaliação de atividade de Conhecimento do Mundo .  | 202 |

## Índice de Figuras

|   |     |
|---|-----|
| <i>Figura 1- Nhac, Nhac, Nhac, que rico petisco!</i>  | 19  |
| <i>Figura 2 – Lagarta comilona.</i>   | 21  |
| <i>Figura 3- Quadrado</i>   | 23  |
| <i>Figura 4 –Placar: “A sala da Mimi”</i>   | 25  |
| <i>Figura 5 - Olho</i>  | 25  |
| <i>Figura 6 – Sequência realizada</i>   | 34  |
| <i>Figura 7 – Combinações de peças</i>  | 57  |
| <i>Figura 8 – Friedrich Froebel</i>   | 68  |
| <i>Figura 9 – Exercício de frações</i>  | 90  |
| <i>Figura 10 – Peças do cuisenaire</i>  | 133 |
| <i>Figura 11- Gráfico alusivo aos resultados de avaliação da atividade na área curricular de Língua Portuguesa</i>      | 178 |
| <i>Figura 12 - Gráfico alusivo aos resultados de avaliação da atividade na área curricular de Matemática</i>            | 186 |
| <i>Figura 13 - Gráfico alusivo aos resultados de avaliação da atividade na área curricular de Estudo do Meio</i>        | 192 |
| <i>Figura 14 - Gráfico alusivo aos resultados de avaliação da atividade na área curricular de Matemática.</i>           | 196 |
| <i>Figura 15 - Gráfico alusivo aos resultados de avaliação da atividade na área curricular de Língua Portuguesa</i>     | 200 |
| <i>Figura 16 - Gráfico alusivo aos resultados de avaliação da atividade na área curricular de Conhecimento do Mundo</i> | 203 |

## **Introdução**

### **1. Identificação do local de estágio**

O presente trabalho inscreve-se no âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional da Escola Superior de Educação João de Deus, inserindo-se este relatório no Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

A duração deste estágio profissional foi de um ano e meio e durante este período o estágio foi realizado no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, num horário das 9h às 13h, com um total de doze horas semanais, distribuídas por três dias: segunda, terça e sexta-feiras.

O horizonte temporal do estágio foi segmentado em dois grandes momentos, a saber: o primeiro, vocacionado exclusivamente para o ensino Pré-Escolar e o segundo, dirigido ao 1º ciclo do Ensino Básico.

Durante o primeiro período tive oportunidade de estagiar nas três áreas do jardim-escola que são: Bibe amarelo (3 anos); Bibe encarnado (4 anos) e Bibe azul (5 anos).

Este relatório tem como objetivo descrever as horas de prática pedagógica que realizei durante o mestrado, de forma consistente e com base numa observação de tipo naturalista, além de também ter como propósito coligir um acervo de reflexões e inferências sobre o observado, no decurso desta prática de estágio supervisionada.

O Jardim-Escola onde realizei o estágio pertence a uma rede de associações (quarenta escolas em Portugal Continental e Ilhas das regiões Autónomas), encontrando-se situado em Alvalade, na Rua Conde Arenoso, nº 3 1700-112, em Lisboa.

A nível organizacional, o Jardim-Escola de Alvalade tem as valências de creche, pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico. No que concerne ao pessoal docente, este Jardim-Escola possui docentes de Educação Infantil e docentes do 1º Ciclo do Ensino Básico, entre outros colaboradores. A direção é composta pela educadora Cristina Lázaro e pela professora Filipa Garrido.

Os alunos, pertencentes às faixas etárias dos 3 aos 10 anos, encontram-se em diversas salas, consoante as diferentes idades, na Educação Pré-Escolar e no 1º ciclo do Ensino Básico.

O espaço físico do Jardim-Escola é composto por uma área interior, constituída por salas de aula, uma biblioteca, uma sala multiusos, um refeitório, uma cozinha, um

ginásio, uma sala de informática, casas de banho e um salão onde estão dois grupos de crianças de 4 anos de idade. Quanto ao espaço exterior, é constituído por vários recreios destinados às crianças das diferentes faixas etárias.

## **2. Descrição da estrutura do relatório de estágio profissional**

No presente relatório de estágio profissional encontram-se: a introdução, na qual irei identificar o local de estágio; descrever a estrutura do relatório de estágio profissional; enfatizar a elaboração deste relatório; identificar o grupo de estágio; mencionar a metodologia utilizada; refletir sobre a pertinência do estágio; e por fim, elaborar o cronograma atinente ao relatório.

No capítulo 1, apresentarei os relatos diários, os quais estão divididos em várias secções, sendo que cada uma representa uma faixa etária ou turma distinta. Neste capítulo constarão assim, as várias rotinas diárias, a caracterização de cada bibe, bem como a fundamentação científica alicerçada em vários autores, revendo-se, desse modo, a literatura sobre a temática em estudo.

No Capítulo 2, mostrarei as várias planificações realizadas durante o período de prática pedagógica, bem como as respetivas estratégias, inferências e sustentação científica. Quanto às planificações, a primeira, dirigida às crianças de três anos (bibe amarelo) teve como área o conhecimento do mundo e como conteúdo temático a alimentação; a segunda planificação dirigiu-se a crianças de cinco anos (bibe azul) incidindo sobre a área do domínio da matemática e cujo conteúdo selecionado foi o material - Calculadores Multibásicos e a terceira planificação, com crianças de cinco anos (bibe azul) recaiu sobre a área de estimulação à leitura e teve como conteúdo a leitura de um pequeno texto.

No capítulo 3 serão apresentados os dispositivos de avaliação realizados durante o estágio profissional, designadamente a avaliação de três propostas ao nível do pré-escolar e três ao nível do primeiro ciclo, incluindo a descrição dos parâmetros e critérios, a realização de uma grelha avaliativa e a apresentação dos resultados mediante um gráfico circular.

Por fim, no último Capítulo, tecerei uma reflexão final, delineando as limitações com que me deparei e as novas pesquisas que pretendo realizar.



### **3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional**

A elaboração deste relatório de estágio profissional constitui um elemento fundamental para a minha formação, enquanto futura docente, uma vez que viabiliza a concretização de um requisito fundamental, para a conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º ciclo e consequente certificação profissional.

A realização deste trabalho implica procura, investigação, leitura, estudo de conceitos, métodos e ideias que contribuem para a construção do conhecimento sobre o ensino e a aprendizagem. Flores & Simão a este propósito referem que:

“[...] os alunos, futuros professores desenvolvem compreensões profundas acerca do ensino e da aprendizagem quando investigam a sua própria prática e quando são convidados a adoptar uma perspectiva de investigadores.” (Flores & Simão, 2009, p.34).

Para a realização deste relatório, coligirei ideias de diversos autores, de modo a sustentar cientificamente as inferências apresentadas. Tive em consideração a acuidade científica, a pertinência e a atualidade para garantir uma maior conformidade com as práticas vivenciadas em sala de aula e pela formação pois:

“ a formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, directamente articulados com as práticas educativas.” (Nóvoa, 1992, p.28).

Tal como afirma o autor, este modelo de formação docente permite a articulação contínua entre a prática e a reflexão sobre a mesma. Flores & Simão (2009, p.50) acrescentam ainda que a aprendizagem profissional se baseia na experiência pessoal de situações práticas concretas.

Este relatório servirá também como material de apoio para a minha atividade profissional, pois nele encontram-se contempladas as rotinas, as atividades realizadas pelos professores e alunos, assim como diversas experiências que vivenciei e que podem orientar-me um dia na minha prática profissional.

### **4. Identificação do grupo de estágio**

Para a realização da componente prática do mestrado do Pré-Escolar e 1º ciclo foram organizados grupos de estágio. O meu grupo foi composto, desde o início da licenciatura, pela minha colega e amiga Lília Pita.

Durante o estágio profissional de mestrado, houve algumas fases em que entraram elementos novos no nosso grupo, nomeadamente a colega Sónia Lucas, que permaneceu durante dois meses, a colega e amiga Catarina Henriques que permaneceu durante um semestre e, por fim, as colegas Talma e Jani, que entraram no final do mestrado.

Eu e a Lília desenvolvemos desde o início uma grande cumplicidade, um forte espírito de entreajuda, companheirismo, uma postura e forma de pensar e agir convergentes e, principalmente, uma profunda e sincera amizade, o que contribuiu para organizar, planificar, refletir sobre a nossa prática pedagógica.

Flores & Simão (2009, p.31) defendem que “[...] uma experiência partilhada com outra pessoa que se estima proporciona melhores oportunidades para reestruturar as situações e para questionar os nossos pressupostos sobre a prática.”

## **5. Metodologia Utilizada**

Para realizar este trabalho recorri ao método de observação naturalista e participante para fazer a recolha de dados.

Após a manhã de estágio, registei sempre as minhas observações, de modo a entender a dinâmica de aprendizagem, para que servem as rotinas, o modo como se relacionam, enfim... refletir sobre o estágio profissional.

Segundo Sousa a investigação abrange determinados requisitos para que a observação seja o mais adequada possível, entre eles:

- “- Observar não é julgar. É só ‘olhar’ e não ‘ajuizar’ (...)
- Neutralidade: Observar com isenção (...).
- Objetividade: Sem subjetividade (...)
- Universalidade: Susceptível de que outro observador observe o mesmo nas mesmas condições” (Sousa, 2009, p.111).

Existem várias formas de recolha de dados, como por exemplo: a análise documental, a observação, entrevistas e inquéritos por questionário, porém neste relatório cingi-me à análise documental e à observação, pois, como afirma Bell existem vários métodos, mas é necessário proceder à sua seleção para a realização de uma pesquisa integral, ou seja, “há que decidir quais os métodos que melhor servem determinados fins e, depois, conceber os instrumentos de recolha de informação mais apropriados para o fazer.” (Bell, 1997, p. 86).

Nunes (2005, p.92) afirma que “ a observação é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna [...] tomam geralmente a forma de registos escritos pelo investigador [...]”.

Bell (1997, p.140) defende que o planeamento e a condução cuidadosa é essencial para este tipo de estudo e é com a prática que se consegue tirar o máximo partido dele. Por seu lado, Nisbet vai de encontro a Bell e afirma que a observação:

“[...] não é um dom natural, mas uma actividade altamente qualificada para a qual é necessário não só um grande conhecimento e compreensão de fundo, como também a capacidade para desenvolver raciocínios originais e a habilidade para identificar acontecimentos significativos. Não é certamente uma opção fácil” (Nisbet, 1977, p.15).

Deshaies declara que a observação pode ser direta ou indireta. No meu estudo o contato com a realidade educativa foi direta, uma vez que:

“A observação é direta quando se toma nota dos factos, dos gestos, dos acontecimentos, dos comportamentos, das opiniões, das acções, das realidades físicas, em suma, do que se passa ou existe num dado momento numa dada situação” (Deshaies, 1997, p.296).

Tal como afirmam Quivy & Campenhout (2003, p.197) a observação é considerado o único método de investigação social “[...] que capta os comportamentos no momento em que eles se produzem”. Esta observação direta é também participativa, pois “ [...] consiste em estudar uma comunidade durante um longo período de tempo, participando na vida colectiva” (Quivy & Campenhoudt, 2003, p. 197).

Efetuei diariamente registos de notas diárias relativamente às observações dos períodos de estágio. Posteriormente criei narrativas que constituem os relatos diários.

Outro instrumento de recolha de dados que utilizei, além da técnica de observação, foi a análise documental.

Há investigadores que referem que a análise documental pode ser encarada como intermediário essencial para, subsidiariamente, consolidar e ampliar a informação coligida, visto que se podem encontrar informações úteis do objeto em estudo ou serem o método da pesquisa central.

Bogdan & Biklen (1994, p.229) alertam para o facto destes processos de análise de dados não implicarem que ela “[...] surja exclusivamente a partir dos dados e não das perspetivas que o investigador possui”. É importante ter em conta que são os “ valores sociais” e as formas de atribuir “ sentido ao mundo que podem influenciar

quais os processos, actividades, acontecimentos e perspectivas” que os investigadores reconhecem como “importantes para codificar”.

Relativamente à análise documental, tive a possibilidade de consultar os horários de turma, o Projeto Curricular de Turma, o Projeto Educativo, bem como os dossiês de turma, onde estão guardadas as propostas das diversas áreas curriculares.

Metodologicamente este relatório foi realizado de acordo com as normas APA (American Psychological Association) e Azevedo (2006) de forma a organizar a sua construção.

## **6. Pertinência do estágio**

O estágio nas escolas permite-nos estar em contacto com a realidade educativa que é de extrema importância na formação inicial de professores, pois como afirma Cabral:

“Compete hoje à escola, mais do que a qualquer outra instituição, construir os alicerces do mundo do futuro. Todos nós sabemos que se aprende, fazendo num contexto social. É assim que aprendemos a falar, a andar, a relacionarmo-nos com outros seres, sem o mundo e com nós próprios, é assim que se aprende a ler e a escrever e é assim que se deveria aprender a história: fazendo-a.” (Cabral, 2001, p.9).

O conhecimento não se pode basear somente na teoria. A prática do estágio profissional poderá fornecer uma perspectiva mais real e concreta, visto que é realizada em contexto social, que nos permite conhecer a realidade e acumular inúmeras experiências que poderão ser muito úteis no futuro enquanto docentes. Segundo Pacheco:

“ o estágio representa uma viragem significativa no processo de formação de um professor [...] a realização de um estágio como *terminus* do curso torna-se positivo porque permite a aquisição de um conhecimento prático, decorrente do contacto com a escola, com os alunos, enfim, com situações tão distantes da universidade.” (Pacheco, 1995, p.163).

O nosso estágio foi realizado desde o 1º ano da licenciatura, e não só no término do curso, profissional revelando-se fundamental, pois permitiu-nos, enquanto futuros docentes, vivenciar experiências de modo a crescermos interiormente e a criarmos a base do profissionalismo. Tal como defendem Alonso & Roldão:

“ [...] é no terreno que o professor tem a oportunidade única, e de grande utilidade para a sua formação, de se confrontar com o real, de

reflectir sobre essa realidade, de comunicar experiências e, sobretudo, saber que a aprendizagem de um professor nunca termina” (Alonso & Roldão, 2005, p.36).

Esta ideia é reforçada por Nóvoa que acrescenta:

“ [...] não se constrói por acumulação ( de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente e de identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência.” (Nóvoa, 1991, p.21).

## **7. Cronograma do estágio**

O cronograma de estágio evidencia apenas as aulas que foram observadas, as aulas programadas, as aulas surpresa, as reuniões de prática pedagógica, o seminário de contato com a realidade educativa, bem como o número total de horas utilizadas na elaboração do relatório de estágio profissional. Para cada semestre, apresento um quadro onde é possível visualizar a duração específica.

Nas páginas seguintes apresento os quadros 1, 2 e 3 que refletem os 3 semestres, de estágio profissional que efetuei, nos vários grupos do Jardim-Escola João de Deus.

Quadro 1 – Cronograma de estágio

**1º Semestre**

| <b>Meses</b>   | <b>Outubro</b> |   |   |   | <b>Novembro</b> |   |   |   | <b>Dezembro</b> |   |   |   | <b>Janeiro</b> |   |   |   | <b>Fevereiro</b> |   |   |   |
|--|----------------|---|---|---|-----------------|---|---|---|-----------------|---|---|---|----------------|---|---|---|------------------|---|---|---|
| <b>Semanas</b>   | 1              | 2 | 3 | 4 | 1               | 2 | 3 | 4 | 1               | 2 | 3 | 4 | 1              | 2 | 3 | 4 | 1                | 2 | 3 | 4 |
| <b>Aulas Observadas</b>                                |                | X | X | X | X               | X | X | X | X               | X |   |   | X              | X | X | X | X                | X |   |   |
| <b>Aulas Surpresa</b>                                  |                |   |   |   |                 |   |   |   |                 |   |   |   |                |   |   |   |                  |   |   |   |
| <b>Reuniões de Prática Pedagógica</b>                  |                |   |   |   |                 |   |   | X |                 |   |   |   |                |   |   |   |                  |   |   |   |
| <b>Seminário de contato com a Realidade Educativa</b>  |                |   |   |   |                 |   |   |   |                 |   |   |   |                |   |   |   |                  |   |   |   |
| <b>Pesquisas Bibliográficas</b>                        |                | X |   | X | X               | X | X | X |                 | X | X | X | X              | X |   |   | X                | X |   |   |
| <b>Elaboração do Relatório de Estágio Profissional</b> |                |   | X |   | X               |   | X | X | X               | X | X | X | X              | X | X | X |                  |   |   |   |

Quadro 2 – Cronograma de estágio

**2º Semestre**

| <b>Meses</b>   | <b>Março</b> |   |   |   | <b>Abril</b> |   |   |   | <b>Maió</b> |   |   |   | <b>Junho</b> |   |   |   | <b>Julho</b> |   |   |   |
|--|--------------|---|---|---|--------------|---|---|---|-------------|---|---|---|--------------|---|---|---|--------------|---|---|---|
| <b>Semanas</b>   | 1            | 2 | 3 | 4 | 1            | 2 | 3 | 4 | 1           | 2 | 3 | 4 | 1            | 2 | 3 | 4 | 1            | 2 | 3 | 4 |
| <b>Aulas Observadas</b>                                |              | X | X | X | X            | X |   |   | X           | X | X | X | X            | X | X | X |              |   |   |   |
| <b>Aulas Surpresa</b>                                  |              |   |   |   |              |   |   |   |             |   |   |   |              |   |   |   |              |   |   |   |
| <b>Reuniões de Prática Pedagógica</b>                  |              |   | X |   |              |   |   |   |             |   | X |   |              |   |   |   |              |   | X |   |
| <b>Seminário de contato com a Realidade Educativa</b>  |              |   |   |   |              |   |   |   |             |   |   |   |              |   |   |   |              |   |   |   |
| <b>Pesquisas Bibliográficas</b>                        |              | X | X |   | X            | X | X | X | X           | X | X | X |              |   | X | X | X            | X |   |   |
| <b>Elaboração do Relatório de Estágio Profissional</b> | X            | X | X | X |              |   | X | X | X           | X | X | X |              |   | X | X | X            | X | X |   |

Quadro 3 – Cronograma de estágio

**3º Semestre**

| <b>Meses</b>   | <b>Setembro</b> |   |   |   | <b>Outubro</b> |   |   |   | <b>Novembro</b> |   |   |   | <b>Dezembro</b> |   |   |   | <b>Janeiro</b> |   |   |   |
|--|-----------------|---|---|---|----------------|---|---|---|-----------------|---|---|---|-----------------|---|---|---|----------------|---|---|---|
| <b>Semanas</b>   | 1               | 2 | 3 | 4 | 1              | 2 | 3 | 4 | 1               | 2 | 3 | 4 | 1               | 2 | 3 | 4 | 1              | 2 | 3 | 4 |
| <b>Aulas Observadas</b>                                |                 | X |   |   | X              | X | X |   |                 |   | X |   | X               |   |   |   |                |   |   | X |
| <b>Aulas Surpresa</b>                                  |                 |   |   |   | X              |   |   |   |                 |   | X | X |                 |   |   |   |                |   |   |   |
| <b>Reuniões de Prática Pedagógica</b>                  |                 | X |   |   |                |   |   |   |                 |   |   |   |                 |   |   |   |                |   | X | X |
| <b>Seminário de contato com a Realidade Educativa</b>  |                 |   |   |   |                |   |   |   |                 |   |   |   |                 |   |   |   |                |   |   |   |
| <b>Pesquisas Bibliográficas</b>                        | X               | X | X | X | X              | X | X | X |                 |   |   | X | X               | X | X | X | X              |   |   | X |
| <b>Elaboração do Relatório de Estágio Profissional</b> |                 | X | X | X | X              | X | X | X | X               | X | X | X | X               | X | X | X | X              | X | X | X |



# Capítulo I

# Capítulo I – Relatos Diários

## Descrição do capítulo

Neste capítulo descreverei todas as práticas diárias observadas durante o estágio, assim como procederei a uma reflexão crítica sustentada por um enquadramento teórico, cumprindo o requisito da referenciação da literatura acerca desta temática.

Este capítulo encontra-se dividido em sete secções. Na primeira secção, que decorreu na sala do bibe amarelo, realizo a caracterização da turma, a rotina, o horário, os relatos diários com inferências e fundamentações teóricas. Nas restantes secções prossigo a mesma estrutura de trabalho relativamente ao bibe encarnado, azul e ao 1.º, 2.º, 4.º e 1.º anos de escolaridade, onde estive a estagiar.

Ao longo dos relatos poderão ainda surgir algumas ilustrações das atividades realizadas tais como: fotografias ou esquemas.

## 1.1. Primeira Secção

**Período de estágio:** 11 de Outubro de 2010 a 13 de Novembro de 2010

**Faixa etária:** 3 anos

**Bibe:** Amarelo

**Turma:** A

**Educadora Cooperante:** Rita Sapinho

### 1.1.1. Caracterização da turma

A turma do bibe amarelo é constituída por 30 alunos, sendo 17 do sexo masculino e os restantes 13 do sexo feminino. É relativamente homogénea em termos de idades: todas as crianças nasceram entre janeiro e dezembro de 2007.

A partir do documento fornecido pela professora cooperante, tornou-se possível apresentar a descrição da turma:

A nível cognitivo, a turma apresenta crianças com mais dificuldades e outras mais desenvoltas. Essa competência envolve como itens: o nível cognitivo, o raciocínio lógico, a socialização e a motricidade.

Existem cinco alunos que revelam mais dificuldades a todos os níveis, sendo crianças com défices de concentração e, por consequência de aprendizagem. A nível da fala existem três alunos que requerem cuidados mais individualizados e específicos.

De um modo geral, e segundo a educadora titular a turma é interessada, colaborante e participativa durante as atividades.

A nível afetivo, a turma não apresenta grandes problemas de relacionamento entre os elementos que a constituem. Relacionam-se com a educadora de forma carinhosa e meiga.

Há notoriamente doze alunos mais extrovertidos e comunicativos e outros quatro que só comunicam se forem estimulados para tal.

Na turma também se encontra um elemento que revela comportamentos agressivos.

O nível sócioeconómico da turma é de média alta e os pais e mães distribuem-se por dois níveis de formação: superior e secundária.

### **1.1.2. Caracterização do espaço**

A sala do bibe amarelo A é ampla e possui duas áreas distintas. Uma delas é a área das mesas, que as crianças apenas utilizam para realizarem atividades individuais. A outra área consiste num espaço onde se realizam atividades coletivas, como a estimulação à leitura, área de domínio da matemática, bem como de conhecimento do mundo.

As mesas têm formas ovais, pelo que as crianças estão dispostas de forma a visualizarem-se constantemente.

A sala está ornamentada com elementos decorativos de cores vivas que atraem a criança e captam a sua atenção, para além de lhes transmitir uma sensação de conforto e bem-estar. Debes, citado por Jensen (2002), menciona que a decoração da sala de aula pode “ [...]ajudar os alunos a sentirem-se mais seguros, confortáveis e a

acompanharem a aprendizagem [...] para além de afetar o bem-estar [...] também alimenta o cérebro.” (p.65).

Neto (2003) reforça, afirmando que as crianças precisam de uma pluralidade de equipamentos e materiais que lhes dêem acesso a diversos tipos de brincadeiras, permitindo-lhes explorar vários temas sócio-dramáticos, vivenciando-os de maneira criativa.

Nas paredes da sala, existe um grande cartaz alusivo à estação do ano, que vai sendo adaptado, com a colaboração dos alunos às sucessivas estações. Encontram-se também expostos todos os trabalhos realizados pelas crianças, que são sempre atualizados, conforme o progresso que vão tendo através dos diferentes conteúdos. Para uma melhor memorização destes, a educadora Rita exhibe todas as figuras geométricas, bem como os algarismos. Zabalza (1998) sublinha a que a decoração pode converter-se em “conteúdo de aprendizagem”, através da “harmonia das cores”, da “apresentação estética de trabalhos” entre outros. (p.239)

Junto da entrada da sala, existem vários cabides identificados pelos nomes, onde as crianças no início da manhã colocam o casaco, a mochila, e a troca de roupa. De acordo com Zabalza (1998) este hábito de ordem “ [...] funciona como recurso didático para actividades de pré-escrita, exercícios cognitivos de discriminação [...] hábitos de ordem [...] e atitude de responsabilidade [...]” (p.158).

É importante destacar que esta sala possui um acesso exclusivo a duas casas de banho (masculina e feminina) estando ambas adaptadas às estaturas das crianças e apenas partilhadas pelas crianças do bibe amarelo B.

### **1.1.3. Rotinas**

Ao observar-se o horário de turma, constata-se a presença de várias atividades que ocorrem diariamente, designadas de rotinas e que são defendidas por diversos autores. Segundo Domingues (1992) citado por Neto (2003) “As rotinas são comportamentos padronizados que se repetem com frequência”. (p.208)

Zabalza (1998) afirma que as rotinas possuem um papel fundamental na fase de definição de contexto educativo, pois estas “ [...] atuam como as organizadoras estruturais das experiências quotidianas”, uma vez que clarificam as vivências e permitem o “domínio do processo a ser seguido” (p.52).

Hohmann & Weikart (2003) acrescentam que as rotinas diárias ajudam as crianças a perceber o que se vai passar, “ oferece-lhes uma sequência de acontecimentos que elas podem seguir e compreender.” (p.224), por conseguinte fornece-lhes padrões adaptativos e transmite-lhes confiança e segurança.

De acordo com leituras do Manual de Educação Infantil 2 (2003) uma criança “ [...] ao entrar para [...] o jardim-de-infância depara-se com actividades que, como rotinas, lhe permitem ir adquirindo as principais aprendizagens sobre si mesmas, os outros e o meio imediato” (p.163).

Os diferentes investigadores reforçam a importância através das experiências, acontecimentos, atividades que permitem às crianças vivências, padrões adaptativos, confiança, segurança e aprendizagem.

- **Acolhimento**

O acolhimento ocorre no período das 9h00m, em que todas as crianças são recebidas no salão, onde, juntamente com as educadoras e estagiárias, formam uma roda. Neste momento animado e em grupo, cantam-se diversas canções infantis efetuando os respetivos gestos. Todas as crianças são recebidas de forma afável e rapidamente são integradas na atmosfera grupal.

A roda é organizada da seguinte forma: no centro encontram-se as crianças do bibe amarelo (3 anos), de seguida, bibe encarnado (4 anos) e, por fim, o bibe azul (5 anos).

## **Inferências**

É importante que neste primeiro período da manhã, as crianças se sintam seguras e serenas quando têm de afastar-se das figuras vinculantes parentais para se adaptarem ao processo de individuação ou de autonomia, embora o papel dos profissionais de educação no jardim-de-infância seja fazer o que estiver ao seu alcance para atenuar essa sensação inevitável de separação. De acordo com Cordeiro (2010):

“O momento de separação é um momento difícil. [...] As crianças gostam da escola, mas preferiam escapar do momento do «ir», do corte de separação física dos pais. [...] É fundamental que o ambiente seja calmo, tranquilo, seguro e alegre, para que a criança se sinta sempre desejada pelas suas educadoras e pela sua escola. (p.87).

As atividades devem permitir momentos lúdicos, plenos de alegria e de cumplicidade, sendo a interação social privilegiada. Segundo Hohmman & Weikart

(1997) este tempo passado em grande grupo é de extrema relevância, porque transmite às crianças “[...] um repertório de experiências comuns, constrói um sentido comunitário e encoraja a pertença de grupo [...]” (p.409), o que é decisivo neste processo de socialização primária. Este autor acrescenta ainda, que as canções infantis, são experiências que levam “à construção de um sentido de «nós» e de «nosso»”, constituindo um fator facilitador da partilha.

Cordeiro (2010) defende que “ o jardim – de – infância tem que ser um pólo importante de desenvolvimento das capacidades e aptidões musicais dos alunos [...] é necessário que a música seja um elemento do ambiente [...] é importante também a música como método terapêutico[...].” (p.420), até porque o ambiente musical tem um efeito relaxante e apaziguador. Para Hohmann & Weikart:

“ As crianças pré-escolares [...] podem mexer-se ao som da música e tocar instrumentos musicais simples de uma forma deliberada e organizada. [...] O desenvolvimento musical das crianças e a sua capacidade de comunicarem através da música floresce em culturas e contextos em que os membros da comunidade valorizam e apreciam a música.” (Hohmann & Weikart, 2003, p.658).

Podemos então afirmar que os momentos em que as crianças cantam, dançam ou ouvem música são importantes para o seu desenvolvimento.

- **Higiene**

Os momentos de higiene estão presentes nas rotinas diárias das crianças. Eles consistem na ida à casa de banho e ocorrem depois do acolhimento e antes e após todas as refeições. A ida à casa de banho é supervisionada ou pela educadora, ou por estagiárias, ou por auxiliares de educação.

## **Inferências**

A escola permite um complemento à educação que os pais dão, de modo a criar hábitos de higiene nas crianças desde cedo porque é essencial, tal como defende Batista (2001):

“Fornecer ao educando uma noção sobre toda a parte de higiene pessoal e ambiental, explicar qual a necessidade de se manter limpo, mostrar os perigos que podem advir da falta de higiene, suas possíveis consequências, mostrar que dentro de uma sociedade todos têm um papel importante em relação à higiene, na comunidade em geral (casa, escola, parques, ruas etc.).” (Batista, 2001, p.19).

- **Recreio**

Existem dois momentos de recreio. O primeiro momento corresponde ao recreio da manhã, que consiste num pequeno intervalo, geralmente fora da sala de aula. O outro momento ocorre após o almoço e possui uma maior duração. As crianças brincam livremente no espaço exterior, realizando atividades que geralmente não efetuam dentro de casa, como saltar, correr, ...

Contudo, se as condições climáticas são adversas, o recreio é realizado dentro da sala de aula, ou no ginásio.

### **Inferências**

O recreio é um momento de descontração, onde as crianças podem exteriorizar as suas emoções, libertarem-se e recarregarem baterias para o resto do dia. Segundo Hohmann & Weikart (2003) “ O recreio é uma área maravilhosa para as crianças. [...] são livres de correr, [...]atirar bolas, cavar, andar de baloiço, subir escorregas e fazer todas as outras coisas que os adultos os avisam para não fazer quando estão dentro de casa.”(p.212).

- **Almoço e Lanche**

O almoço é servido no refeitório ao bibe amarelo por volta do 12h00m. O lanche é servido durante o recreio, na zona exterior e pode variar entre pão (com manteiga, queijo ou fiambre) ou bolachas, acompanhado por leite ou iogurte. As crianças são sempre auxiliadas pela educadora ou por alguma auxiliar.

### **Inferências**

As refeições ao serem servidas no Jardim-Escola têm uma ementa variada e diferente todos os dias. Hohmann & Weikart (2003) afirmam que “ as refeições são períodos [...] para [ as crianças] apreciarem comida saudável num contexto social apoiante.” (p.232).

#### **1.1.4. Horário de turma**

No quadro nº 4 encontra-se o horário do bibe amarelo A.

Quadro 4: Horário do bibe amarelo A

|                   | 2ª feira                                      | 3ª feira  | 4ª feira   | 5ª feira  | 6ª feira   |
|-------------------|---|---|--|---|--|
| 9h                | Acolhimento e canções no salão                |   |  |   |  |
| 1º tempo da manhã | Desenvolvimento verbal<br>Educação Musical    | Iniciação à matemática;<br>Estimulação à leitura;<br>Desenvolvimento verbal | Iniciação à matemática;<br>Conhecimento do Mundo   | Iniciação à Matemática  | Iniciação à matemática                                     |
| 10.30 h           | Suplemento aliementar – recreio               |   |  |   |  |
| 2ª tempo da manhã | Iniciação à matemática                        | Conhecimento do Mundo   | Ginástica  | Cerâmica;<br>Informática;<br>Dinamização da biblioteca                | Conhecimento do mundo                                      |
| 12h               | Almoço  |   |  |   |  |
| 13h               | Sesta   |   |  |   |  |
| 1º tempo da tarde | Realização de propostas de trabalho;<br>Jogos | Realização de propostas de trabalho;<br>Plasticina e jogos                  | Realização de propostas de trabalhos;<br>Cantinhos | Realização de propostas de trabalho;<br>Entrelaçamentos e enfiamentos | Realização de propostas de trabalho;<br>Plasticina e jogos |
| 16h               | Lanche  |   |  |   |  |
| 17h               | Saída   |   |  |   |  |

### 1.1.5 Relatos diários

#### Terça-feira, 13 de Outubro de 2010

Neste primeiro dia de estágio, conhecemos a educadora Rita, bem como a sala onde iríamos permanecer. Observei uma sala de aula muito alegre, colorida e animada. Os vários *placardes* espalhados pelas paredes da sala estavam relacionados com os temas que foram abordados até então.

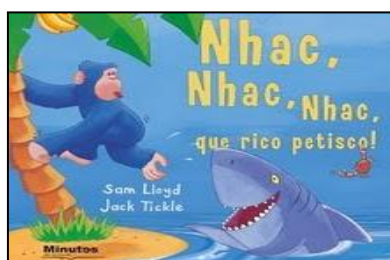
Antes de iniciar a aula, a educadora Rita, utilizou a seguinte estratégia para colocar todos os alunos em silêncio. Ex: plim, plim, plim, plom. Quando estavam bem sentados dizia plim, com uma expressão alegre, quando sucedia o contrário, a expressão era de espantada, e de seguida todos os alunos se colocavam bem e ouviam um plim.

Na aula de matemática, a educadora Rita estendeu uma placa no chão da sala como se fosse um lago e nele estavam presentes vários peixes de diversas cores e tamanhos.



A educadora titular contou uma história baseada numa festa de tartarugas e hipopótamos, em que os alunos tinham de ir pescar peixes para os vários aquários (arcos). A cana de pesca, dada aos alunos tinha um íman de forma a ser possível apanhar os peixes pretendidos.

Depois do intervalo, foi a aula de estimulação à leitura. Todos participaram com gestos. Algumas frases repetiam-se e as crianças diziam-nas. A educadora Rita leu: “Nhac Nhac Nhac, que rico petisco!” escrito por Sam Lloyd e Jack Tickle e que mostro na figura 1.



*Figura 1. – Nhac Nhac Nhac, que rico petisco!*

De seguida, a educadora colocou uma música e todos fizeram uma coreografia e dançaram. A manhã de estágio terminou e ajudei as crianças a deitarem-se.

## **Inferências**

No ambiente de qualquer sala de Jardim de Infância, a educadora responsável, tem um grande impacto no comportamento e bem-estar das crianças, ou seja, “tornar o ambiente organizado e agradável é uma dimensão essencial do trabalho de uma educadora. É uma forma de cuidar e alimentar as relações humanas.” (Vasconcelos, 2001, p.97). Hohmann & Weikart (2004) acrescentam ainda que as crianças aprendem melhor num ambiente estimulante mas, organizado. (p.51).

Acredito que estas crianças têm a educadora e o ambiente adequados para o seu harmonioso desenvolvimento.

A aula de matemática foi extremamente apelativa e interessante, porque motivou e atraiu a atenção das crianças. O facto de existir uma cana de pesca e vários peixinhos, proporcionou-lhes momentos lúdicos, pois elas revelam um forte interesse em participar, sem terem a noção de que estão a desenvolver aprendizagens. Spodek & Saracho (1998) defendem que a brincadeira educativa tem como principal objetivo a aprendizagem. Posso destacar o contributo oriundo da hermenêutica do filósofo

contemporâneo Gadamer para quem o jogo se revela como fundamental no processo de formação da criança na educação infantil. A valorização do jogo insere-se num processo de reflexão e acção que resulta numa construção coletiva ou de envolvimento que vai promover a qualificação do processo educacional desenvolvido pelas crianças. As narrativas das educadoras e das professoras e o recurso a jogos vai, portanto, ter um impacto positivo na ação pedagógica com crianças. O que nos ensina o filósofo é que o jogo surge como fio condutor da formação humana, comprovando indispensável contribuindo numa acção humanizadora e de respeito pela criança. Esta enquanto ser humano busca desvendar e interpretar o mundo. Há investigadores que defendem o jogo como modelo estrutural do diálogo, sendo especialmente importante para o estabelecimento de partilhas, de trocas de experiências, além do prazer psicológico pode despertar na evolução das crianças. É significativo que este filósofo faça uma homologia entre o jogo e a arte, já que as experiências lúdicas são necessárias para que as crianças se sintam satisfeitas, contribuindo para isso: os miniteatros, os exercícios de dança, os teatros de dança e as coreografias. As brincadeiras têm a função pedagógica e ao mesmo tempo, mantêm a função de satisfação pessoal e de gratificação das crianças, tal como afirmam Spodek & Saracho (1998, p.215). Também é muito enriquecedor o uso de materiais manipulativos na educação pré-escolar, pois as crianças sentem-se mais motivadas e empenhadas. De acordo com Caldeira (2009), “ a manipulação de materiais constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem. O material didáctico é aquele que pela sua natureza ou elaboração convencional facilita o ensino, sendo uma ajuda, um elemento auxiliar.” (p. 24). Foi o que verificamos com os materiais que a educadora utilizou.

A entoação e a expressão com que a educadora Rita leu a história tornou a situação de aprendizagem muito mais cativante, pois como Cordeiro (2010) defende que “o livro deve ser um elemento constante no imaginário e na vida da criança [...] nos infantários e jardins-escola [...] é possível integrar a leitura nos hábitos das crianças, conferindo-lhes um contexto social e cultural.” (p.428).

Posteriormente, a Educadora Paula, educadora de apoio, criou um ambiente favorável para que, de forma tranquila, as crianças fizessem a sua sesta, pois de acordo com Cordeiro (2010), a sesta é um período importante e nas escolas deve ser proporcionado em ambientes relaxantes (luz velada, calma e silêncio). Este autor, sendo médico acrescenta ainda que o “deitar e aconchegar com mimo e um beijinho

deverão ser obrigatórios, e não mandar para a cama como se fosse uma instituição militar”. (p.306).

### **Sexta-feira, 16 de Outubro de 2010**

A educadora iniciou a aula de matemática com o 1º dom de Froebel. Durante a aula, explorou as cores e a lateralidade, como por exemplo: pedir às crianças para colocarem em cima, de lado, entre, etc. Fez também outras perguntas como: Qual é cor da bola que está entre a verde e a amarela?

Para colocar questões, a educadora utilizou uma fada de peluche (vem ao encontro da teoria da vinculação de Bolby, já que leva ao apego, pelo qual as crianças se sentem protegidas).

Pude reparar no facto de uma auxiliar ter interrompido a aula porque tinha acompanhado um aluno até à sala. Eis que observo a seguinte situação:

Auxiliar: Este miúdo tem alguma deficiência na perna ou quê?

Educadora: Ele tem epilepsia e está a ser medicado.

Auxiliar: Ah! Coitado! E eu vim a chamar-lhe molengão pelo caminho..

A segunda parte da manhã foi dedicada à área da Estimulação à leitura e a Educadora Rita contou a história da lagarta comilona, que mostro na figura 2.



*Figura 2 – Lagarta comilona*

Por fim, colocou uma lagarta na parede, na qual, com várias cores de tintas, as crianças pintaram o desenho.

### **Inferências**

No início da manhã, as crianças sentam-se junto à educadora, no chão e fazendo um U e segundo Cordeiro (2010), “há que fazer um ponto da situação e proporcionar um momento de calma e re-organização” (p.371).

Durante a aula de matemática, a educadora esteve sempre muito dinâmica, expressiva e criativa. A matemática é fundamental nos primeiros anos de vida, e na

entrada do jardim-escola, uma vez que as crianças já possuem um considerável conhecimento sobre os conceitos e procedimentos matemáticos.

Para Spodek & Saracho (1998) a matemática é uma forma de pensar sobre as coisas e organizar experiências que requer raciocínio e solução de problemas. (p.304).

Nesta aula de matemática, o material utilizado foi o 1º Dom de Froebel. “Os Dons são fantásticos veículos para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias” (Caldeira, 2009, p.241).

Caldeira (2009) acrescenta ainda que o 1º Dom de Froebel tem um interesse pedagógico que está baseado na aprendizagem das cores, estruturação espacial, lateralização, desenvolvimento verbal, enriquecimento de vocabulário, jogos de memória, seriação, noção de conjunto e contagem (p.243).

Considero compreensível o facto de nem todas as crianças chegarem à mesma hora, como foi o caso do aluno que entrou bastante atrasado, devido aos horários dos pais e da distância a percorrer, mas é importante o diálogo que permite uma oportunidade para estimular a relação família - escola (Cordeiro, 2010, p.370).

Não concordo com a situação, protagonizada pela auxiliar de educação, pois perante a turma é desnecessário e incorreto certo tipo de comentários, que são desadequados à situação e colocar a criança numa situação vulnerável. De acordo com Gomes & et. al. (2001), felizmente que hoje já é possível controlar melhor as crises de epilepsia na maioria das crianças, mas “nota-se ainda uma não aceitação por parte da comunidade”. (p.138). Nesse sentido, Gomes & et. al. (2001) acrescentam: “A medicação anti-convulsivante causa com alguma frequência acentuada frequência sonolência e lentificação motora.” (p.138) E assim, pudemos perceber qual a razão da criança ter um desenvolvimento motor mais lento que os colegas da mesma faixa etária.

Portanto, a auxiliar de educação deveria ter demonstrado uma maior compreensão e um comportamento adequado, visto que: “Frequentemente estas crianças têm pouca auto-confiança devido em grande parte ao meio envolvente”.(Gomes & et, 2001, p.138).

Na atividade de pintura todas as crianças estavam muito entusiasmadas e queriam participar na ilustração da lagarta comilona. Cordeiro (2010) reforça que as crianças, através do desenho e da pintura, por via da exploração das cores irão

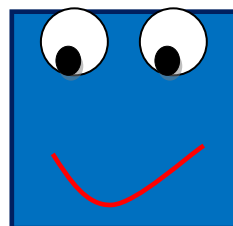
desenvolver a imaginação, criatividade, sensibilidade, bem como a motricidade fina (p.372).

## **Segunda-feira, 19 de Outubro de 2010**

Por volta das 9.00h da manhã os bibes amarelos, encarnados e azuis estão no salão a cantar em roda.

A segunda-feira é marcada pela aula de música com o Professor Paulo. De seguida, a Educadora Rita deu aula de Matemática em que apresentou a forma geométrica: o quadrado. Todos em conjunto disseram a seguinte rima:

“Olá, eu sou o quadrado  
Bonito demais  
Tenho quatro lados  
E são todos iguais!”



*Figura 3 – Quadrado*

Para completar a aula, a Educadora Rita espalhou pelo chão várias peças de blocos lógicos e todos teriam de retirar do chão uma peça quadrangular, para a educadora verificar se reconheciam a figura geométrica. Ao colocarem as peças no quadro, a educadora explorou as cores e os tamanhos com os alunos.

Por volta do 12.00h todos os alunos se dirigiram ao refeitório. Algumas crianças choravam. Exemplo: “Quero a mãe”. Este é o único período do dia em que as crianças não estão próximas da educadora, pois às vezes tem o seu descanso nesse período, sendo substituída por outra educadora.

## **Inferências**

O momento passado em roda todos os dias de manhã é um momento de grande convívio entre as diferentes faixas etárias e é também um período de tempo onde as crianças aprendem novas músicas e cantigas. “As crianças pequenas aprendem as canções que ouvem e as reproduzem [...] repetindo constantemente a mesma passagem, com pronúncia incorrecta e sem as palavras certas” (Cordeiro, 2010, p.367), tal como refere este médico.

O professor de educação musical desenvolve capacidades de ritmo, em que as crianças vão aprendendo música sem se aperceberem. De acordo com Spodek & Saracho (1998), a disciplina de música inclui noções de música, um repertório de canções, padrões, qualidades de som e habilidades musicais. Portanto, esses investigadores defendem que “o desenvolvimento de conceitos em música é uma função do desenvolvimento intelectual geral” (p.336).

Relativamente à aula de matemática, pude verificar que existe uma grande dificuldade de perceção entre as figuras do quadrado e do retângulo, não obstante a docente ter sublinhado a diferença entre os tamanhos dos lados das figuras geométricas.

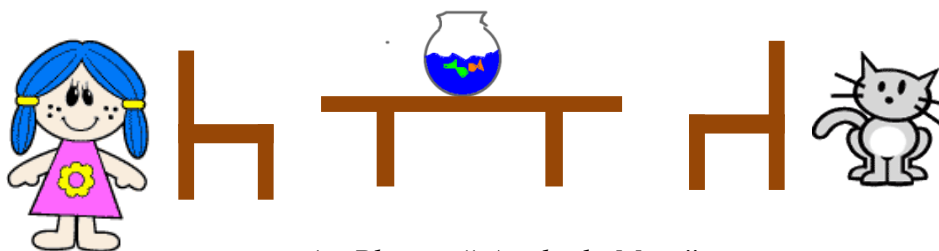
A forma em rima, como a educadora introduziu o quadrado, foi muito interessante. Lopes (2006) afirma que se trata “de sensibilizar a criança para uma particularidade da estrutura fonológica das palavras”. Tanto as histórias, provérbios, lengalengas e cantigas utilizam a rima para criar um ritmo simples e facilitador da memorização. (p.33), o que se fez com a figura geométrica – retângulo.

No período em que estão no refeitório, existem várias crianças que se manifestam desfavoravelmente (choram), não servindo positivamente os seus sentimentos. Penso que tem alguma influência o simples facto de ser o único período em que não estão junto da professora e devem sentir bastante a sua falta. Cordeiro (2010) defende que as crianças não conseguem gerir muitos sentimentos ao mesmo tempo, pois não têm capacidade de lidar com eles: “Trata-se assim, de uma afirmação do «eu», num momento em que a criança começa a sentir a perda do poder associado à onnipotência e sabe que o mundo já não está sob a sua batuta”. (p.245).

### **Terça-feira, 20 de Outubro de 2010**

Depois de estarem todos no salão em roda a cantar, fizeram um “comboio” até chegarem à sala de aula.

A Educadora Rita começou a aula de Matemática, apresentando a Mimi (foi colocando no quadro). Com uma pequena história explicou que o gato Tareco desarrumou a sua sala e espalhou vários objetos: almofadas; cadeiras, cesto de fruta e aquários. Na figura 4 podemos ver alguns deles.



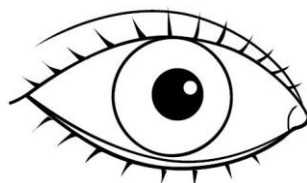
*Figura 4 – Placar: “A sala da Mimi”*

Desenvolveu a noção de lateralidade, pedindo aos alunos para arrumarem e colocando os diferentes objetos em cima, em baixo, à direita de, entre: Ex: *Coloca o sofá azul entre a cadeira e o gato Tareco.*

Depois da sala estar toda arrumada, propôs várias situações problemáticas, às quais as crianças iam respondendo através da manipulação dos objetos. Como por exemplo: *Estão dois objetos em cima da mesa. Um aluno vai tirar um. Quantos objetos ficaram em cima da mesa?* Este tipo de cálculo mental acaba por ser bastante pertinente e as crianças ao manipularem estão sempre motivadas e interessadas pelo facto de se aprender brincando, desenvolvendo assim o sentido do número.

Depois do intervalo, a Educadora Rita deu uma aula de conhecimento do mundo sobre a visão.

Através da utilização do powerpoint, mostrou vários olhos, de cores e formatos diferentes. Começou por perguntar: Para que servem os olhos?, em que muitas das respostas foram: “para ver filmes”; “para ver gatos”, “para ver desenhos de outros meninos”. Introduziu, entretanto, alguns conceitos como pupila, íris, pestanas e explicou o que é a cegueira. Podemos ver na figura 5 uma das apresentadas.



*Figura 5 - Olho*

Antes de se deitarem, a educadora colocou uma música calma, propicia para as crianças adormecerem.

## **Inferências**

A aprendizagem da matemática, como já referi, é importante no jardim-escola. A situação problemática que a educadora criou aos alunos, está relacionada com o dia-a-dia e com as vivências dos mesmos. De acordo com Spodek & Saracho (1998) as crianças desenvolvem um senso intuitivo dos números e das operações matemáticas através das diferentes experiências que vivenciam.

Caldeira (2009, p.36) defende que se devem propor às crianças atividades com materiais adequados a cada idade, pois fomentarão a motivação e irão valorizar os conhecimentos, aptidões e valores dos alunos, respeitando as suas diferenças de modo a construir ideias e definir conceitos. Reforço que a manipulação dos materiais manipulativos “ajudam as crianças a entenderem conceitos e processos através da aplicação prática e concreta das ideias que aprendem” (Spodek & Saracho: 1998, p.36).

A aula de conhecimento do mundo foi muito importante, pois desenvolveu um tema que os alunos já conheciam, podendo participar com o que sabiam. Nesta idade é crucial aprender algo novo e quando os alunos são confrontados com a novidade estão preparados para aprender novas palavras e memorizá-las. Segundo Spitzer (2007, p.27) as crianças “[...] estão a construir a sua identidade e cada aprendizagem ajuda nessa construção. Elas aprendem uma nova palavra em cada 90 minutos, sem medo e sem ter de «meter na cabeça»!”.

### **Sexta-feira, 22 de Outubro de 2010**

No domínio da matemática, a Educadora Rita iniciou a manhã a contar uma história com uma boneca de fantoche, de nome Carlota. A história baseava-se numa menina que gostava muito de flores. O material disponível eram vasos e flores de diversas cores. De seguida, cada criança foi “ajudar a Carlota” a colocar a quantidade pedida de flores, conforme a quantidade de palmas que a educadora Rita pedira, ou tendo solicitado a ajuda de alguns elementos da turma para dizerem a quantidade de flores, através de várias formas criativas.

Algumas das perguntas mais frequentes, que a Educadora pôs aos alunos foram: Qual é o vaso que tem mais flores? Qual é o vaso que tem menos flores? Qual é o vaso que está vazio? Tira uma flor do vaso azul, quantas flores ficaram?



Depois do intervalo, fizeram o jogo da memória. A Educadora Rita mostrou uma imagem com vários pormenores e todos os alunos observaram com atenção, de seguida, mostrou mais quatro imagens idênticas, mas onde faltavam certos objectos. Os alunos tinham de descobrir quais eram esses objetos em falta.

## **Inferências**

Todo o material utilizado para a realização de situações problemáticas era interessante e bastante apelativo. Serrazina citada por Caldeira (2009) considera que “ [...] existem diferentes teorias pedagógicas que defendem a vantagem da utilização de materiais, para que através de modelos concretos, consigam apreender conceitos matemáticos.” (p.23)

A aula de matemática foi bastante criativa, estimulante e produtiva, pois além de um ambiente adequado as crianças desenvolveram determinados conceitos com os materiais.“

Ao reconhecer-se que um ambiente propício à aprendizagem, deve recorrer à utilização de materiais concretos, permitindo experimentações matemáticas mais eficazes. [...] é fulcral que os educadores e professores criem ambientes estimulantes, encorajando, entre outros, o uso de materiais manipulativos, para que os alunos sejam ativos e consigam passar a ponte entre o concreto e o abstracto da matemática.” (Caldeira, 2009, p.24).

Segundo Hohmann & Weikart (2004, p.37) “Nos ambientes de aprendizagem activa os adultos respeitam o desejo das crianças em explorar, reconhecendo que a exploração é uma das formas mais importantes de aprendizagem.”

Penso que a utilização do jogo na sala de aula foi uma boa estratégia. Segundo Neto (2003) “ o jogo é uma das formas mais comuns de comportamento durante a infância e altamente atrativa [...]” (p.5).

Nesta etapa de desenvolvimento é muito importante a memorização e repetição, pois, tal como afirma Sousa (2003, p.192) é na fase dos quatros anos que existe a “[...] conquista do mundo que a rodeia através da experiência direta e pela sua repetição em jogos de verbalização”.

## **Segunda-feira, 25 de Outubro de 2010**

Este dia foi marcado pela aula que eu dei sobre o tato. Na aula de conhecimento utilizei uma caixa onde havia colocado objetos do quotidiano. Várias

crianças colocaram as mãos nos orifícios próprios e, apenas através da manipulação adivinharam o objeto. Exemplo: escova de dentes, brinquedos, escova do cabelo, copo, garfo de plástico, etc.

Na aula de estimulação à leitura, levei um livro grande para ser bastante visível, onde contava uma história de diversos animais, sendo que cada um tinha uma textura diferente, próxima da realidade. Várias crianças foram tocar e exprimir o que sentiam: o macio, a dureza, o áspero e o rugoso.

Na área da expressão plástica entreguei a cada criança um molde de um golfinho e de uma ovelha, para que cada criança colocasse a textura apropriada e ilustrasse o restante.

## **Inferências**

O conhecimento dos sentidos é fundamental nesta primeira fase de vida, não só do ponto de vista teórico como também ao nível da experimentação. De acordo com Hohmann & Weikart (2003) “o processo de aprendizagem ativa envolve todos os sentidos” (p.36). Em relação ao sentido do tacto, *o Manual de Educação Infantil 2* (2002) destaca que “A inteligência tátil é uma potencialidade cerebral que possibilita o acto de apalpar, em vez de apenas tocar. Deve estimular-se com atenção a grande variedade de informações ou estímulos tácteis repetidos e memorizados.” (p.222).

Hohmann & Weikart (2004, p.222) afirmam ainda que “ [...] uma criança pequena aprende o que é um objecto através das experimentações que sobre ele realiza – segurando, apertando [...] cheirando, saboreando, ouvindo os sons que ele faz,”), daí a importância de diferentes atividades.

A utilização de uma caixa - surpresa, foi uma forma lúdica para que as crianças manipulassem e sentissem diferentes texturas. Esta caixa tátil permite que compreendam a acumulação de diferentes grupos de objetos, identificados um a um ou aos pares através da apalpação sem nenhum suporte visual ou verbal.

A expressão plástica tem um papel primordial na educação infantil. Segundo Sousa (2003), a educação artística pretende “ a uma educação com objectivos voltados para o desenvolvimento harmonioso da personalidade [...] pois significa uma educação que igualmente actue nas dimensões biológicas, afectivas, cognitivas, sociais e motoras da personalidade, de modo harmonioso [...]” (p.61).

Cordeiro (2010) reforça dizendo que “ [...] a rasgagem e o recorte e colagem, são muito importantes para o desenvolvimento da motricidade fina e da pinça digital.” (p.373).

A passagem da área de Conhecimento do mundo para a estimulação à leitura decorreu através de uma canção. As transições são “ [...] importantes porque criam uma atmosfera para a experiência subsequente. Assim, o nosso objectivo é fazer destas mudanças [...] um momento que venha a ser, para as crianças, tão calmo e interessante quanto possível.” (Hohmann & Weikart; 2004, p.231). Ao mencionar estas observações, penso que estas situações referidas pelos investigadores, foram desenvolvidas em sala de aula.

### **Terça-feira, 26 de Outubro de 2010**

Neste dia coube à Lília dar uma aula de conhecimento do mundo sobre o paladar.

No início da aula de conhecimento do mundo, aprenderam alguns conceitos científicos como: língua, dentes, pupilas gustativas e suas respectivas funções. De seguida, fizeram um piquenique onde puderam provar diversos sabores, tais como: iogurte de soja, iogurte natural, iogurte com aroma, bolachas, fruta, bolo de chocolate e batatas fritas.

Durante os quinze minutos da aula de expressão plástica, preencheram um desenho de uma língua, com papelinhos encarnados e rosa que rasgaram.

Na aula de estimulação à leitura, fez a leitura de uma história e interagiu com as crianças através de gestos e sons.

### **Inferências**

A Lília na aula de conhecimento do mundo abordou os órgãos dos sentidos, concretamente o paladar. De acordo com o *Manual de Educação Infantil 2* (2002) “As inteligências gustativas e olfativas são potencialidades cerebrais que possibilitam os actos de saborear, em vez de simplesmente comer, e de cheirar, em vez de apenas olfactor.” (p.247). Durante a aula, todos os alunos tiveram oportunidade de saborear diversos alimentos. Só de forma prática e experimental é que os alunos compreenderão os cinco sentidos. Estas ideias são reforçadas por Hohmann & Weikart (2004) ao

informar que “ [...] para interpretar um som, cheiro, ou sabor, a criança deverá ter experiência com o objecto em questão.” (p.482).

### **Sexta-feira, 29 de Outubro de 2010**

Neste dia, a aula foi dada pela minha colega Sónia, que abordou o sentido do olfato. Na aula de conhecimento do mundo realizou um cartaz com uma representação de um nariz dimensional, questionando as crianças sobre a função do nariz e a localização das narinas. De seguida, através de diversos frascos, pediu às crianças para cheirarem. Ainda nesta área de conhecimento do mundo, a Sónia mostrou às crianças um pequeno filme que tinha preparado com várias imagens de narizes distintos.

Depois do intervalo seguiu-se a aula de estimulação à leitura em que as crianças mostraram comportamentos diferenciados. A Sónia continuou até ao fim a sua leitura da história. Depois, relacionou a história com a área de conhecimento do mundo, com uma ilustração para as crianças conseguirem observar e interpretar. Por fim, na aula de expressão plástica, pediu para os alunos colarem um nariz em correspondência com a cor de um determinado chapéu.

### **Inferências**

Na aula de conhecimento do mundo, era importante criar não só o nariz, bem como o contexto em que se inseria o mesmo. A criança deve descobrir e compreender o verdadeiro significado dos cinco sentidos. Tal como afirma Sousa (2003) “ mais importante do que «aprender», «conhecer» e «saber»; é o vivenciar, descobrir, criar e sentir.” (p.63).

Na visualização de um filme, a colega deveria ter todo o material disponível antecipadamente, para manter os alunos motivados e entusiasmados, o que não aconteceu pois mostraram-se aborrecidas e indisciplinadas. É também crucial ter em atenção “que o seu visionamento não exceda os 10 minutos e deveria ser acompanhado de outros materiais que ajudem à sua total assimilação.” (*Manual de Educação Infantil*2; 2002: p.259).

A aula de estimulação à leitura não correu da melhor forma, pois as crianças mostraram-se aborrecidas, indisciplinadas, moviam-se do lugar estipulado a falarem entre elas, sem que a Sónia falasse com eles sobre isso. Relativamente à disciplina, cabe principalmente ao educador mantê-la. Tal como afirma Lopes & Rutherford

(2001) “[...] o professor constitui o principal responsável pela indisciplina, uma vez que não consegue gerir a aula de forma a inibir o aparecimento e desenvolvimento dos comportamentos de indisciplina [...]”(p.20).

Apesar de ter sido positivo, ter relacionado a história com o conhecimento do mundo, os desenhos eram demasiado pequenos, para que as crianças os vissem corretamente.

### **Terça-feira, 2 de Novembro de 2010**

Nesta manhã a minha colega Lília, iniciou a aula com a área da estimulação à leitura. A história estava relacionada com a área de conhecimento do mundo: Higiene e Saúde. O livro foi criado pela minha colega num tamanho grande, visível para todos os alunos.

Na aula de conhecimento do mundo, a Lília preparou um jogo que consistia em atirar um dado “gigante” em que podiam calhar três hipóteses: mímica, caixa surpresa e saco com imagens. Todas estas hipóteses tinham um símbolo próprio que foi explicado aos alunos.

### **Inferências**

A Lília fez a leitura expressiva, todos os alunos participaram mantendo a disciplina, primando por desenvolver regras nas crianças e estimulando o seu cumprimento. O facto de ter incutido regras, levou as crianças a respeitarem a aula. Segundo Lopes & Rutherford (2001) “ hoje em dia os professores “ [...] terão de conquistar o poder através da implementação de um sistema de regras e procedimentos que os alunos interiorizem rapidamente, e que percebam que não admite quebras nem ultrapassagens a seu bel-prazer” (p.24).

Na realização do jogo de conhecimento do mundo, ela recorreu a símbolos, de forma a identificarem a ação correspondente. Os jogos simbólicos devem desenvolver-se principalmente entre o segundo e o quarto anos de vida. Segundo Piaget (1972), citado por Neto (2003):

“o jogo simbólico do”faz de conta”, dá-se quando a criança quer aplicar a objetos esquemas por ela assimilados que não se coadunam nesse contexto, e também, quando o esquema original é lembrado somente pelo prazer de lembrar. Esta ultima actividade liga-se ao desenvolvimento de pré-requisitos que torna a criança capaz de usar símbolos nas suas ideias.”( p.34).

## **Sexta – feira, 5 de Novembro de 2010**

A Sónia deu aula sobre a higiene oral. O material que utilizou foi o powerpoint, onde as crianças iam visualizando imagens alusivas ao tema. Mostrou uma pasta e escova de dentes e, de seguida exemplificou o ato de escovar os dentes, pedindo aos alunos para fingirem a ação, mantendo o diálogo com as crianças.

De seguida, fizeram um jogo. A Sónia colocou a turma em “U”. Este jogo foi designado por jogo da memória.

Na segunda parte da manhã, a Sónia deu a aula de estimulação à leitura. O livro “Esfrega, escova e lava” é informativo e baseia-se na higiene em geral.

## **Inferências**

O material utilizado pela Sónia foi o Powerpoint. De acordo com o *Manual de Educação Infantil 2*:

“As novas tecnologias são uma ferramenta de trabalho habitual na sociedade tecnológica e audiovisual em que vivemos [...] “de uma forma progressiva, a presença de um computador numa aula de crianças começa a ser bastante habitual. Sem dúvida que os professores se apercebem do seu grande potencial educativo, inclusive em crianças destas idades” (Manual de Educação Infantil 2 ; 2002; p.247).

É necessário inculcar às crianças regras de higiene oral, até porque, nesta idade, criança já tem dentição, a qual se inicia habitualmente por volta dos seis meses de vida. Em geral, as crianças não têm consciência do que lhes pode fazer bem ou mal e, deste modo, a aula consistiu em explicar não só os hábitos de higiene oral, bem como explicar que geralmente os alimentos mais apreciados pelas crianças podem conter açúcares e posteriormente causar cáries. (Cordeiro; 2010; p.147).

Penso que foi positivo a Sónia manter uma conversa ativa com as crianças, permitindo o diálogo. Quanto ao jogo, as regras foram mal explicadas e as imagens eram demasiado pequenas para todos conseguirem visualizar.

## **Segunda-feira, 8 de Novembro de 2010**

A educadora Rita iniciou a aula de matemática colocando uma piscina cheia de bolas coloridas e de blocos lógicos. Ao lado colocou vários garraões de água que tinham duas aberturas distintas, diferindo no tamanho e forma, entre elas: quadrado,

triângulo, retângulo e círculo. Neste desafio, criou várias situações para os alunos, como por exemplo: “O amiguinho Retângulo está cheio de fome e ele só come retângulos! Encontra dois retângulos encarnados”. O aluno dirigia-se à piscina de bolas, encontrava as peças pedidas e, de seguida, colocava-as dentro do garrafão pela ranhura.

Depois do intervalo da manhã, a educadora Rita teve de improvisar, pelo fato do professor de música faltar. Espalhou no chão algumas imagens dos cinco sentidos e as crianças tinham de explicar qual o sentido associado a cada imagem.

Por fim, manteve diálogo com as crianças, utilizando um telefone de brincar. Questionou-os sobre os seus interesses e costumes.

### **Terça-feira, 9 de Novembro de 2010**

Este dia está expresso através das planificações que coloco no capítulo da planificação.

#### **Inferências**

Destaco a importância da aprendizagem das figuras geométricas, dado que a sua compreensão se torna fundamental na construção de saberes matemáticos. Piaget (1987) salienta a importância dos conhecimentos geométricos na lógica infantil, salientando que é fundamental reajustar essas figuras e “acomodá-las aos objetos externos” (p.15).

A Educadora Rita, ocupou o tempo disponível pela aula de Música, de forma a fazer a consolidação de conteúdos (os cinco sentidos). Hohmann & Weikart (2004) dão importância ao processo de rever, pois devemos “ [...] lembrar aquilo que fizeram, pois, as crianças pequenas aprendem a articular as suas itenções e a refletir sobre as suas acções.” (p.247), daí a relevância do procedimento atinente à consolidação de matérias

A forma que a educadora utilizou para comunicar com as crianças, foi muito curiosa e manteve uma conversa ativa, criando um ambiente confortável e seguro para os mesmos. Segundo Hohmann & Weikart (2004) é importante estabelecer um “ [...] clima psicologicamente protegido e saudável [...] apoiando as crianças nas suas conversas e brincadeiras. [...]”. Desta forma, “[...] põem em prática estratégias de interecção positiva – partilhando o controlo com as crianças, centrando-se nas suas

riquezas e talentos, estabelecendo relações verdadeiras com elas, apoiando as suas brincadeiras e adotando uma abordagem de resolução de problemas face ao conflito social”. (p.6).

### **Sexta-feira, 12 de Novembro de 2010**

A Educadora Rita deu uma aula muito interessante. Colocou novamente a piscina com bolas e dois arcos, um verde e outro encarnado e duas galinhas de fantoche. Criou uma história, em que os arcos eram os ninhos e as bolas eram ovos. Através da personagem da galinha, as crianças tinham de colocar ovos nos ninhos. A Educadora Rita explorou a cor, a quantidade, a divisão. Exemplos: “Coloca no ninho amarelo, a mesma quantidade de ovos que estão no ninho encarnado; Agora, coloca no ninho amarelo, mais um ovo do que no ninho encarnado.; Distribui dois ovos pelos dois ninhos.”

A educadora Rita utilizou uma estratégia: uma das galinhas dormisse, não poderia acordar até perceber que lhe estavam a tirar os seus ovos. Com muita fantasia, as crianças mantinham-se silenciosas e disciplinadas.

Para finalizar esta aula de matemática, a educadora Rita criou situações de sequências. Colocou a seguinte sequência: bola verde; bola encarnada; bola amarela; bola cor-de-rosa.

Na figura 6 vê-se a sequência realizada.



*Figura 6 – Sequência realizada*

A educadora começou por pedir à primeira criança da direita para retirar a primeira bola (verde) e desta forma, todas as crianças, uma a uma, foram retirar a bola correspondente, fazendo a sequência certa. Por fim, todos colocaram a bola no ar e pela mesma sequência disseram em voz alta a cor da bola correspondente.

Depois do intervalo da manhã, a educadora Rita apresentou em suporte powerpoint: “A cidade das formas”. Uma história com muitas ilustrações de figuras geométricas, que encarnam personagens. Durante a visualização dos diaspositivos,



questionou as crianças sobre a quantidade, as cores e todos se mostraram bastante motivados.

## **Inferências**

Enfatizo a motivação para a aprendizagem, na medida em que atualmente constitui o centro das atenções no processo educacional, dado que este reconhece que é um processo pessoal que depende do despertar das potencialidades dos alunos, para o qual é importante a ajuda do educador, já que uma das missões mais relevantes do educador é, segundo Poletti (2002), manter o aluno curioso, mantê-lo interessado.

Verifiquei esse aspeto quando a educadora utilizou a estratégia com muita fantasia, utilizando o jogo das galinhas. Os meninos mantiveram-se silenciosos e disciplinados. Destaco ainda a criação de personagens e a teatralização dos conhecimentos e conforme define Ricardo Jápíeassu na sua obra *Metodologia do ensino de teatro*, a representação teatral é uma ferramenta fundamental para a aprendizagem (p.40), já que o teatro valoriza a livre expressão, motivando os alunos a expressarem as suas emoções, a conviver em grupo, a agir descobrindo e além disso contribui para a desinibição, o que é um recurso didático facilitador da aprendizagem, servindo ainda como estímulo da oralidade, aprendizagem das variações dos sons e contribui assim, para o desenvolvimento fónioaudiológico da criança.

Na aula de matemática pude constatar que houve uma questão que poderia ter sido melhor colocada. Exemplo: Distribui dois ovos pelos dois ninhos. Para ser mais esclarecedor para a criança, a professora deveria ter colocado a questão da seguinte forma: Distribui igualmente os dois ovos pelos dois ninhos.

Segundo Matos & Serrazina (1996) “ Uma das principais funções da linguagem é o de transmitir significado. Parte da aprendizagem da Matemática consiste em adquirir domínio sobre os termos matemáticos de modo a ser capaz de os utilizar no discurso e tirar deles significado” (p.49).

Os mesmos autores acrescentam que “ [...] ter em conta os aspectos dinâmicos do ensino da Matemática significa para o professor não optar pela via mais fácil. [...] o professor dá oportunidade aos alunos de forma que eles explicitem os seus significados e expressem as suas ideias [...] “ (p.37).

## 1.2. Segunda Secção

**Período de estágio:** 16 de Novembro de 2010 a 7 de Janeiro de 2011

**Faixa etária:** 4 anos

**Bibe:** Encarnado

**Turma:** A

**Educadora Cooperante:** Elisabete Almeida

### 1.2.1. Caracterização da turma

Esta descrição da turma tornou-se exequível em virtude das informações facultadas pela educadora cooperante. A turma possui 26 alunos sendo relativamente homogénea em termos de idades: todas as crianças nasceram entre Janeiro e Dezembro de 2006. Quanto ao género, há 11 rapazes e 15 raparigas.

A nível cognitivo, os elementos da turma revelam algumas disparidades de aprendizagem e comportamento, muito embora existam algumas crianças com mais dificuldades e outras mais desenvoltas (a nível cognitivo, de raciocínio lógico, de psicomotricidade, de socialização). A turma é bastante interessada, colaborativa e participativa em todas as atividades. É uma turma com a qual é agradável trabalhar. Há alunos com grande capacidade criativa e imaginativa, são atentos de um modo geral e denotam capacidade de memorização e de associação de ideias. Apresentam facilidade de comunicação e um bom vocabulário. A nível sensório-motor manifestam bom desenvolvimento, revelando boa orientação espacial e boa coordenação motora.

A nível afetivo, a turma não apresenta grandes problemas de relacionamento entre os elementos que a constituem, havendo grupos de interesses para partilharem brincadeiras e conversas, grupos estes que desejam manter-se coesos em todas as situações. Por vezes, é necessário contrariar esses grupos, para melhorar a dinâmica global e o desenvolvimento de cada criança.

Com a educadora relacionam-se de forma carinhosa e exteriorizam essa vinculação diariamente, quer com desenhos, com palavras, afetos.

Há alunos mais extrovertidos e comunicativos, outros que só comunicam se

forem solicitados. É curioso que alguns destes alunos, mais tímidos, se associam preferencialmente com alunos com o mesmo perfil psicológico para partilharem momentos ou brincadeiras.

O nível sócio económico da turma apresenta-se de média alta e os pais distribuem-se por dois níveis de formação: superior e secundária. As mães distribuem-se por dois níveis de formação: superior e secundária.

Os pais e mães que possuem formação universitária têm profissões que se situam entre: bancários, engenheiros, empresários, professores, arquitetos, investigadores e técnicos superiores. Os pais e mães que são detentores do ensino secundário apresentam profissões ligadas mais aos serviços: técnicos, secretárias e administrativos.

### **1.2.2. Caracterização do espaço**

A sala do bibe encarnado A fica localizada no salão, que é uma zona ampla e esse espaço é compartilhado com o outro bibe encarnado. Destacam-se áreas com mesas, áreas do tapete vocacionadas para a escuta de leituras, para a realização de jogos e para atividades ligadas à lexionação de várias matérias. Além disso, a sala possui elementos decorativos que estimulam a atenção da criança, realçando-se os materiais lúdicos, e dispõem ainda de uma série de “cantinhos” para brincadeiras, como por exemplo a área da cozinha, do cabeleireiro, dos puzzles, jogos e também a área dos livros.

### **1.2.3. Rotinas**

As rotinas diárias deste grupo foram iguais à do bibe amarelo, porém sem sesta.

### **1.2.4. Horário de turma**

No quadro 5 encontra-se o horário do bibe encarnado.

Quadro 5: Horário do bibe encarnado

|                   | 2ª feira   | 3ª feira   | 4ª feira  | 5ª feira   | 6ª feira                                     |
|-------------------|--|--|---|--|--|
| 9h                | Acolhimento e canções no salão   |  |   |  |  |
| 1º tempo da manhã | Iniciação à Matemática;  | Iniciação à matemática.                                | Iniciação à matemática;                                   | Iniciação à Matemática                                   | Ginástica                                    |
|                   | Hora do Conto: Estimulação à leitura\teatro de fantoches                                   |  |   |  |  |
| 10.30 h           | Suplemento alimentar – recreio orientado e livre   |  |   |  |  |
| 2ª tempo da manhã | Educação Musical   | Conhecimento do Mundo                                  | Informática \ Biblioteca                                  | Conhecimento do Mundo                                    | Iniciação à matemática                       |
| 12h               | Higiene Pessoal \ Almoço   |  |   |  |  |
| 13h               | Sesta  |  |   |  |  |
| 1º tempo da tarde | Conhecimento do Mundo;<br><br>Grafismos;<br><br>Modelagem com terracota e outros materiais | Picotagem\dobragem;<br><br>Enfeitamentos\Entreçamentos | Rasgar \ recortar \ colagem;<br><br>Estruturação espacial | Actividades Plásticas;<br><br>Desenho livre \ orientado. | Experiências;<br><br>Puzzles e jogos de mesa |
| 16h               | Lanche   |  |   |  |  |
| 17h               | Saída  |  |   |  |  |

### 1.2.5. Relatos diários

#### Terça-feira, 16 de Novembro de 2010

Esta foi a primeira manhã passada na sala do bibe encarnado com a educadora Elisabete. Durante todo este período estive a realizar um boneco de neve com jornal, cola e papel higiénico, para enfeitar a sala, já que o período que se aproximava era o do Natal.

Consegui ouvir a aula de matemática com os 3º e 4º dons de Froebel. As crianças fizeram as construções da cama e do quarto, através de uma história sobre uma menina. A educadora questionou as crianças relativamente aos números pares e ímpares, e ainda colocou num quadro com algarismos móveis as seguintes operações:  $3 \times 3 = 9$  ;  $6 - 2 = 4$ . Quando arrumaram o material manipulativo, a educadora pediu a duas crianças para construírem a mobília de quarto com os dons “gigantes” feitos em esferovite.

Depois do intervalo, na área de estimulação à leitura, as crianças sentaram-se em forma de “U” e a educadora contou a história “ O nabo gigante” de António Mota. O livro adaptado, era bastante grande e tinha a forma de um nabo. As imagens que ilustravam a história estavam espalhadas pelo chão e as crianças interagiam procurando a imagem correspondente à parte que a educadora ia lendo.

## **Inferências**

A importância do Natal e de todos os festejos e preparativos associados desenvolvem muitos valores e criam um ambiente de recreação. Segundo Aguera (2008) as “[...] festas e celebrações constituem atos extra, nas quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças.” (p.73)

Para o domínio de matemática, a educadora utilizou material manipulativo- os 3.º e 4.º dons de Froebel, tal como afirma Caldeira (2009):

“Os objectivos e o interesse pedagógico [deste material] juntos são um acumulado dos objectivos dos Dons em separado, com alguma complexidade acrescida [pois] têm maior diversidade nas actividades; diferentes construções; cálculo mental; situações problemáticas mais complexas; maior equilíbrio; desenvolvimento de criatividade. (p.285)

A autora defende ainda que com esses materiais desenvolvem várias “ [...] capacidades e destrezas [como:] equilíbrio; construir; relacionar; ordenar; comprovar; saber contar; noção de quantidade; orientação espacial; coordenação óculo-manual; motricidade fina; concentração; atenção.” (p.285)

Quando a educadora fez a estimulação à leitura e segundo Lopes (2006):

“ Ler para alguém, e em particular para as crianças, constitui uma das mais poderosas formas de desenvolver no sujeito que ouve comportamentos pró-leitores [...] É por isso que insistimos na necessidade de a leitura para as crianças assentar em textos de qualidade, quer em termos de conteúdo, quer em termos formais.” (p.64).

Como atesta o excerto supracitado é um papel essencial do educador formar as crianças para o gosto pela leitura e, além disso, a escolha dos textos revela-se muito importante pelas temáticas abordadas e pelos aspetos apelativos, dado que devem ser ambos ajustados à etapa de desenvolvimento das crianças e do nível de representações sociais que possuem.

## **Sexta - feira, 19 de Novembro de 2010**

Durante a manhã, continuei a criar o boneco de neve, apenas com materiais recicláveis como: garrafas de plástico, jornais, revistas. A minha colega de estágio Lília começou a desenhar o cenário para a festa de Natal, e a minha colega de estágio Sónia começou a criar um chapéu para o boneco de neve.

Não tive contacto com as crianças, nem mesmo quando se deslocaram para o ginásio.

De seguida, a educadora deu uma aula de matemática, com o material: cuisenaire, trabalhando a ordem ascendente e descendente, a leitura de 2 em 2, leitura por cores, leitura por valores e ainda “comboios com duas carruagens”, uma forma muito própria e interessante de realizar operações. Ex:  $1 + 3 = 4$ ;  $2 + 2 = 4$ . Com algarismos móveis, algumas crianças iam representando estes cálculos.

O fim da manhã foi marcado pela realização de trabalhos que estavam em atraso.

### **Inferências**

É importante as crianças terem uma consciência ecológica e dar uso aos materiais recicláveis. Neste sentido, Zabalza (1998) afirma que:

“A utilização de materiais descartáveis (caixas, garrafas, botões, copinhos de iogurte, etc) ou do meio ambiente (pedras, folhas, pinhas, sementes, etc.) [...] para a realização de diversas actividades também traz implícitos valores relacionados com a educação ambiental e a educação para o consumo, além de desenvolver a criatividade [...]. (Zabalza, 1998, p. 239).

O material utilizado para a aula de domínio de matemática foi o Cuisenaire. De acordo com Caldeira (2009) desenvolve a lógica matemática, “[...] possui um considerável valor na educação sensorial. As peças são feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação” (p.126).

A autora acrescenta ainda que a “criança vai agora aprender que a cada cor corresponde um valor. A partir da observação da «escada», pode visualizar a sequência numérica de 1 a 10” (p.132).

Esta aprendizagem do cálculo matemático e das operações de sequenciação realizadas por via do contato com materiais manipulativos e cromáticos, além de se

tornar mais apelativo também concorre para o desenvolvimento do pensamento criativo e do gosto pelo trabalho prático, o que constitui uma forma de levar os alunos a compreenderem que o conhecimento matemático não se reduz a um saber meramente teórico, mas tem uma essencial componente prática.

## **Segunda-feira, 22 de Novembro de 2010**

Este dia foi marcado pela aula surpresa da minha colega Lília, em que lhe foi pedido para ler uma história. A minha colega manteve sempre uma boa postura, fez gestos e inflexões de voz e ainda conversou com as crianças acerca do texto.

De seguida, fui assistir à aula da minha colega Inês, que estava na outra aula do bibe encarnado e que improvisou uma aula sobre um poema. A Inês contou o poema de várias formas utilizando gestos e sons.

Pediram-nos ainda para irmos assistir à aula da nossa colega Mariana, no 2º ano de escolaridade. Observei que a minha colega não fez a leitura preparatória, e pediu às crianças para lerem em silêncio. Relativamente à gramática, fez bastantes questões explorando o texto nesse sentido. Utilizou uma estratégia de comportamento utilizando borboletas associadas a cores positivas e negativas.

Antes da hora de almoço, foi possível observar os cinco minutos finais da aula da educadora Elisabete, que estava a utilizar o material: Blocos lógicos, e explorar o tamanho, a forma e a cor.

## **Inferências**

A minha colega Inês, sem apoio textual, recitou um poema às crianças e a partir dele experimentou leituras diferenciadas, mostrando-se bastante motivada e as crianças ficaram muito empolgadas. Segundo Jean (1995) “[...] ler um poema nunca deveria ser uma leitura passiva.” (p.17), pois o poema, desde a sua remota origem, tem uma feição predominantemente oral e, portanto uma leitura viva do poema vai estimular a compreensão das modelações da linguagem, dos processos de versificação, despertando as crianças para a musicalidade da língua e para o valor da eufonia (caso das assonâncias – repetição de sons vocálicos – e de aliterações – repetição de sons consonânticos ou ainda das onomatopeias, das repetições e das anáforas).

Hohmann & Weikart (2004) afirmam que “ [...] contarem histórias em vez de lerem um livro é uma maneira divertida de usar a linguagem com inflexões de voz e gestos”. (p.548), daí a importância como já destaquei neste estudo da teatralização, neste caso aplicada à leitura.

Jean (1995) destaca a importância do Jardim Infantil, como local privilegiado para a aprendizagem de poemas, pois “ É no jardim infantil que a criança aperfeiçoa a linguagem, afina os sentidos e começa a perceber a base « escrita» da língua, descobre as alegrias sem par da cantilena do pequeno texto poético, desse discurso para brincar e dançar.” (p.121).

Aristóteles, citado por Jean (1995), “afirma que a linguagem da poesia é uma linguagem de ritmo.” (p.27), como se lê na obra daquele filósofo grego *A poética*.

Quanto à aula da colega Mariana, no 2º ano, realço as questões que colocou aos alunos, que me pareceram pertinentes para a interpretação do texto. A educadora Elisabete utilizou o material Blocos Lógicos, para explorar vários atributos como a cor, o tamanho e a espessura. Tal como afirma Alsina, citada por Caldeira (2009) “ [...] os blocos são um material lógico estruturado que tem quatro qualidades: a forma, a cor, o tamanho e a espessura.” (p.365).

Segundo Simons, citado por Caldeira (2009), “ Os blocos lógicos são um instrumento muito rico para aqueles que desejam mediar o desenvolvimento do sujeito em busca de estratégias que lhes permitam o enriquecimento.” (p.365), por conseguinte tais blocos estimulam uma modalidade de aprendizagem muito rica, que permite por tentativa e erro, motivou os alunos para encontrarem estratégias criativas de resolução dos problemas.

### **Terça-feira, 23 de Novembro de 2010**

Mais uma vez não estive em contato com as crianças, pois continuei a ajudar na realização dos preparativos para a festa de Natal.

Uma colega do 3º ano iniciou uma aula sobre a higiene e saúde. Levou material apelativo, como bonecos e utensílios próprios para tomar banho, pediu a algumas crianças para ajudarem a “dar banho ao boneco”.

Depois do intervalo, a educadora deu uma aula de matemática com material não estruturado. Através de arcos a marcaram a linha fronteira e de várias imagens de borboletas explorou os conjuntos, os números pares e ímpares e ainda realizou



algumas operações no quadro com algarismos móveis. As crianças estavam todas atentas e entusiasmadas com a aula.

## **Inferências**

Na minha opinião, a colega manteve um tom de voz muito baixo, o que levou as crianças a tornarem-se mais inquietas e dispersas, na aula de higiene e saúde.

Na aula de matemática, a educadora utilizou o recurso de material não estruturado, permitindo atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança. A maneira como a criança desenha, constrói figuras com materiais diversos, reflete a sua forma de pensar e sentir. Através da manipulação de tais materiais as crianças podem desenvolver relevantes capacidades como a atenção, a imitação, a memória e a imaginação. Com efeito, para que as crianças possam exercer a sua capacidade criativa torna-se imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhe são oferecidas em que o lúdico tem que estar presente, como acontece com o uso de materiais que sejam referências tradicionais e do quotidiano das crianças e do seu meio social ou, na visão de Kishimoto (1999) “enquanto manifestação de livre e espontânea a brincadeira tem a função de perpetuar a cultura infantil, desenvolver formas de convivência social e permitir o prazer de brincar [...] garante a presença do lúdico na situação imaginária.” (p. 33).

As crianças ao trabalharem a teoria de conjuntos na aprendizagem da matemática desenvolverão a “[...] conservação dos conjuntos numéricos” dos números operatórios, tal como defendem” Piaget & Inhelder (1979; p.115).

## **Sexta- feira, 26 de Novembro de 2010**

Esta manhã coincidiu com a minha aula sobre o ar. Iniciei-a com uma adivinha: “Qual é coisa qual é ela que não se vê, mas está sempre à nossa volta?” Desta forma, criei algum *suspense*, e depois, pedi aos alunos para inspirarem e expirarem e deste modo sentirem o ar indispensável á respiração.

Através de uma pequena história baseada num menino chamado Arnaldo, que fez várias viagens, fomos explorando o tema do ar. Fiz interdisciplinaridade.

A minha estratégia para a aula de estimulação à leitura, incidiu sobre o conto tradicional: Os três porquinhos.

Depois pedi às crianças para dramatizarem a história, com a ajuda de fantoches e de maquetes que construí das casas e as crianças participaram.

Para a aula de expressão plástica, criei uma proposta para a construção do origami da vela do moinho.

## **Inferências**

Penso que motivei positivamente as crianças ao utilizar como início de aula as adivinhas que permite estimular a aprendizagem pretendida utilizando-a como uma brincadeira especialmente orientada para o desenvolvimento das capacidades mentais das crianças. Como os outros jogos educativos, as adivinhas têm o sentido de competição e de vitória, mas neste caso a vitória é conquistada pelo descobrimento do sentido das palavras, quando se compreende a lógica da adivinha. Ocorre-me um exemplo dado por Júlio Dinis na obra *As pupilas do Sr. Reitor*: “altos castelos\ verdes e amarelos: resposta – a laranjeira e as laranjas.” Para este tópico dever-se-á ter em atenção a obra *O livro das adivinhas* de Victor da Fonseca (1997).

Para a dramatização da história, as crianças brincaram ao “faz-de-conta” e, tal como afirma Hohmann & Weikart (2004), “As crianças imitam as acções e a linguagem dos outros, utilizando objetos com a função de auxiliarem no fazer-de-conta, e desempenhando diversos papéis.” (p.303) e eu tentei fazer interdisciplinariedade. Penso que motivei positivamente as crianças.

Segundo Reis (2003): “Na expressão dramática a criança interage com uma ou mais crianças em situações de comunicação verbal ou não verbal. É uma forma da criança se auto-descobrir, de se afirmar e de tomar contacto com diferentes situações sociais.” (p.130).

Eu concebi material extra, e pretendi que a criança conheça histórias contadas na escola de modo a encorajar a sua dramatização o que vem ao encontro do que defende Reis (2003, p.130), que desenvolverá a “sua imaginação e a linguagem verbal.”

O facto do origami ter dobragem e recorte com tesoura aumenta o nível de dificuldade nas crianças. O uso de ferramentas é importante para as crianças, como defendem Hohmann & Weikart (2004) que escrevem: “ [...] devem dar-se às crianças ferramentas verdadeiras como tesouras e furadores [...]” (p.42).

## **Segunda-feira, 29 de Novembro de 2010**

No início da manhã coube-me dar uma aula surpresa. Fiz a leitura do texto “Uma noite barulhenta” de Diane Hendry.

Após a leitura, ajudámos a educadora Elisabete nos preparativos para a festa de Natal. Contudo, ainda me foi possível observar a aula que a educadora deu às crianças com materiais não estruturados.

Através de uma história, utilizou palhinhas, como se fossem chupa-chupas, explorando a meia dúzia, uma dezena, três pares, 10 chupas. Foi uma aula extremamente interessante e produtiva.

## **Inferências**

Durante a leitura do texto, pedi às crianças que participassem interagindo com gestos. Tal como afirma Hohmann & Weikart (2004) “Quando estiver a ler histórias [...] encoraje as crianças a imitarem as acções dos personagens da história.” (p.487) e referi “ [...] nome do livro, o autor [...]” tal como afirma Lopes (2006; p.68)

Penso que a aula da educadora Elisabete foi uma aula extremamente interessante e produtiva pois através da metodologia utilizada desenvolve os conceitos que pretendia.

## **Terça-feira, 30 de Novembro de 2010**

Durante toda a manhã estivemos no salão a desenhar e a pintar cenários para a festa de Natal.

Os alunos do bibe amarelo tiveram uma aula sobre a higiene dentária, lecionada por uma colega estagiária do 2º ano, que utilizou variados materiais de apoio. Consegui ouvir a educadora da sala chamar várias vezes a atenção das crianças, devido ao comportamento.

Por fim, a educadora deu uma aula sobre o 4º Dom de Froebel, com exploração do material, relativamente ao número de cubos, das suas faces, vértices e arestas.

## **Inferências**

Penso que a colega do 2º ano, para controlar melhor a disciplina, deveria ter dirigido as perguntas para que as crianças se focassem no que realmente era essencial. Neste caso, é importante ter em consideração o papel do educador e a estimulação da obediência como facilitadora da coesão grupal.

Lidar com a indisciplina não tem “receita”, portanto, cabe ao professor tentar antecipar os problemas de forma a prevenir as situações inesperadas. De acordo com Amado & Freire (2002) “ [...] estamos, diante de um fenómeno de grande complexidade, que exige serenidade e rigor na sua análise, o que nem sempre é fácil dado o envolvimento muito pessoal [...] e emotivo, dos intervenientes.” (p.7). Deve-se criar “ [...] um ambiente de aprendizagem ordeiro com vista à maximização de envolvimento dos alunos e à minimização dos comportamentos perturbadores são tarefas que exigem do professor competências específicas que se afiguram prioritárias na gestão de sala de aula.”, (p.38) tal como defende Nascimento (1999; p.38).

Apesar de a colega ter recorrido a muitos materiais, acabou por não interagir de forma eficaz, com os alunos sobre o tema e a aprendizagem não se realizou da melhor forma. Santana (2007) defende que:

“[...] é no interior das interlocuções que o acto de aprendizagem se constrói, não basta estarem montados os mais sofisticados dispositivos materiais organizacionais para que todos os alunos desenvolvam [...] os seus processos de construção de competências. (Santana, 2007, p.37).

## **Sexta – feira, 3 de Dezembro de 2010**

A minha colega Lília deu aula de conhecimento do mundo sobre a água, criando um placard com a demonstração do ciclo hidrológico. Para uma melhor compreensão do processo, aqueceu a água numa chaleira, para os alunos observarem a fase de evaporação.

Na aula de matemática resolveu várias situações problemáticas, através de material não estruturado com gotinhas de água, por exemplo: A gotinha de água estava numa fila e tinha seis pessoas à frente e três atrás. Quantas pessoas estavam na fila?

Por fim, na aula de expressão plástica, as crianças tinham que realizar um colar com uma gotinha de água. Para tal, teriam de dobrar, cortar, colar, pintar e colocar o fio.

Durante toda a manhã continuei a pintar os cenários para a festa. Várias estagiárias trabalharam nos cenários de Natal.

## **Inferências**

É importante explicar às crianças os fenómenos de evaporação, condensação e precipitação, o que vem ao encontro de um conteúdo temático referenciado no manual de Dinis & Lima (2002) “Na natureza, a água encontra-se em grande quantidade nos mares, lagos, rios [...] também existe sobre a forma de neve ou gelo ou vapor.” (p.46) e que está no currículo do seu ano de escolaridade.

A Lília procedeu a experiências de forma a demonstrar estes mesmos fenómenos. É importante a passagem da teoria à prática. De acordo com Sousa (2003) “A criança é curiosa por natureza, deseja conhecer, gosta de explorar, é naturalmente aventureira, desejando ardentemente ter experiências novas e diferentes. A criança sente necessidade imperiosa de descobrir, de investigar, de explorar, de realizar, de experimentar.”(p.140).

Segundo o Manual de Educação 2 (2002), “[...] é essencial que a criança realize as suas aprendizagens a partir da actividade, estimulada através de propostas e materiais por parte do docente, uma vez que, segundo palavras de Ferrière «apenas se aprende aquilo que se realiza».” (p.195) e a Lília na sua aula utilizou materiais bem elaborados.

Destaco também a forma como várias estagiárias se empenharam para a festa de natal.

## **Segunda-feira, 6 de Dezembro de 2010**

A sala do bibe amarelo ocupou o salão, pela qual o bibe encarnado teve aulas na sala do bibe amarelo. Quem deu a aula foi a minha colega Sónia sobre o vestuário. Levou um boneco com roupas, e as crianças participaram vestindo o boneco. Por fim, cantou uma música bastante divertida.

A aula de matemática foi sobre conjuntos. A Sónia levou várias peças de roupa e através de arcos formou conjuntos. Por fim, o jogo de dois grupos que consistia em saltarem de arco em arco com peças na mão, até alcançarem o circo colorido, onde largavam a peça. Quem obtivesse mais peças ganhava.

A educadora Elisabete criou uma proposta à família, dando a oportunidade de darem uma aula sobre profissões ao bibe encarnado. Nesta manhã houve também uma aula da tia de um aluno que abordou a sua profissão de ilustradora,, mostrando alguns dos seus livros e explicando-lhes o modo como se inspira. Ela leu uma história a todos os meninos e deu a cada um uma ilustração dessa mesma história, mas com a possibilidade de serem eles a pintar.

## **Inferências**

O tema de conhecimento do mundo foi o vestuário, abordando os diversos tipos que devem ser utilizados, conforme as condições climáticas. De acordo com Torres (2004) “O vestuário que usas diariamente também merece um cuidado especial.” (p.32).

O fato de haver uma mudança de sala de aula, pode ter implicações nas crianças, e não ser apropriado nesta primeira fase das suas vidas, levando a inseguranças. Tal como afirma Hohmann & Weikart (2004):

“A rotina diária [...] mantém um equilíbrio entre limites e liberdades das crianças. As crianças sentem-se seguras devido à estrutura predizível da rotina diária e dos seus limites claros e apropriados, dentro dos quais se sentem livres para desenvolver as suas próprias formas de fazer as coisas.” (p.225).

Porém, “[...] a rotina é flexível na forma como os adultos compreendem que nunca podem prever com exatidão aquilo que as crianças farão ou dirão, ou como as decisões que as crianças tomam irão moldar cada experiência.” (Hohmann & Weikart, 2004, p.227).

A aula dada pela Sónia foi muito simples e pouco adequada à faixa etária devido a ter uma linguagem pouco adequada e acessível aos alunos. As crianças estavam perturbadas pela mudança de sala, chegando algumas a chorar. As crianças mudaram o seu comportamento.

Considereei bastante pertinente e enriquecedora a aula dada por um familiar pois desta forma, compreende-se e envolve-se toda a família no meio escolar do aluno. Segundo Reis (2008) o “[...] estreitamento da relação escola – família provoca um melhor conhecimento mútuo, contribuindo também para eliminar barreiras, aliviar tensões e reduzir resiliências, tornando assim o clima da escola aberto e amistoso.” (p.112).

Renaut et. al. (2004) afirma que “A cumplicidade família- escola é um vínculo umbilical; não se percebe o que se passa dentro da escola, o que é a escola, sem compreender o que se passa fora dela. A família é um poderoso agente de construção e reconstrução do campo escolar.” (p.91).

### **Terça-feira, 7 de Dezembro de 2010**

Nesta manhã a minha colega Lília deu uma aula sobre a reciclagem. Para a aula de conhecimento do mundo, levou vários contentores onde as crianças teriam de colocar o lixo respetivo.

Para a aula de matemática, falou de conjuntos (singular, vazio, universal) e pediu a algumas crianças para os representarem no quadro.

Por fim, para o jogo, realizaram uma atividade, formada por dois grupos que consistia em apanhar o lixo, utilizando um cenário: tapete verde repleto de flores, ao som de uma música. Depois, contaram os pedaços de lixo e colocaram no respetivo ecoponto.

### **Inferências**

A importância da reciclagem advém na necessidade de sensibilização e informação para as questões de ecologia, principalmente para as crianças que serão futuros adultos responsáveis pelo meio ambiente e sua preservação. Cavaco (1992) afirma que:

“Através de processos difusos, informais e espontâneos, uma educação ambiental fez e faz parte da formação de cada um de nós, do nosso desenvolvimento pessoal e progressiva amplificação do campo intersubjetivo que estrutura as relações entre as pessoas e dá sentido à visão do mundo de cada um de nós.” (Cavaco, 1992, p.15).

Todos os seres humanos fazem parte da natureza e do meio ambiente e tal como Diáz (2002) acrescenta:

“ [...] nós, seres humanos, não somos senão parte integrante da natureza e do meio ambiente. Se o destruirmos, provocamos nossa própria destruição. Além disso, somos os únicos seres que, por termos capacidade de raciocínio, podemos antecipar-nos aos efeitos futuros e trabalhar na conservação do meio.” (p.89).

O cenário do jogo estava muito apelativo e funcional. De acordo com Neto (2003) “[...] o ambiente de jogo oferece à criança múltiplas oportunidades de experimentar, influenciar e controlar o envolvimento físico e social.”(p.58).

O autor afirma ainda que “Os jogos simples com regras caracterizam-se por regras de jogo, que determinam o marco e as possibilidades de acção. Tanto as acções de cada jogador como o resultado de cada jogo estão determinados pela casualidade.” (p.234), pelo que o cruzamento entre a matemática e a componente lúdica da aprendizagem são mais estimulantes para o contato com aquele domínio do saber, além de que se fez interdisciplinarietà.

### **Sexta-feira, 10 de Dezembro de 2010**

Este dia foi marcado pela minha aula sobre a poluição. Abordei o tema em geral e os vários fatores intervenientes. Comecei por falar do tema, mostrando uma tela onde expunha os vários fatores que provocam a poluição nos lagos, rios e mares. Deixei as crianças verbalizarem o que sentiam e fiz uma pequena atividade, que consistia nas crianças retirarem da placa magnética o que estava incorreto.

Para a aula de matemática criei várias situações problemáticas através de um lago que criei e onde coloquei vários tipos de peixes. Inventei uma história para levar as crianças a fazerem operações e até mesmo a representá-las graficamente no quadro, utilizando algarismos móveis.

Realizei ainda um jogo que consistia no facto das crianças serem biólogos e terem de ajudar os peixes, limpando o lago.

Depois, pintámos fatos de galinhas para a festa de Natal.

### **Inferências**

Tal como já tinha referido, o meio ambiente deve ser conservado. Nesta linha temática, decidi-me pela poluição e pelas formas de a evitar, enunciando também as suas causas. De acordo com Dinis & Lima (2002) “A atividade humana tem vindo a destruir a Natureza, alterando os equilíbrios que criaram a diversidade das formas de vida. Muitas espécies vegetais e animais estão a desaparecer.” (p.141), daí a extrema relevância de se apostar na sensibilização e informação das crianças para as questões



ambientais, enquanto atitude pedagógica proativa, visando a adoção de comportamentos corretos ou mudanças de atitudes.

Ao realizar o jogo todas as crianças estavam muito entusiasmadas e tive de mudar a minha postura, tornando-me mais circunspecta para manter a disciplina e exigir o cumprimento das regras básicas de sala de aula.

A atitude do educador perante as diversas situações deve ser moldável, para se conseguir adaptar às diversas formas do contexto em causa. Considero que é importante incutir regras nas crianças, mas principalmente primar pelo cumprimento das mesmas. Desta forma, também tentei reduzir ao mínimo as situações de conflito por parte dos alunos. Hohmann & Weikart (2004) afirmam “ Mantenha limites e expectativas para o comportamento das crianças que sejam apropriadas do ponto de vista do desenvolvimento. Respeite as diferentes capacidades, interesses e ritmos das crianças [...]” (p.616).

Os autores acrescentam ainda que “Em qualquer ambiente de aprendizagem as crianças precisam que os adultos estabeleçam limites claros e razoáveis, por forma a que possam levar a cabo os seus planos e ideias sem perigo e com prazer.” (p.123), perante isto tentei como educadora traçar normas de bom funcionamento da sala de aula, constituindo um veículo para a estabilização dos comportamentos, de molde a gerar estabilidade mútua, para as crianças perceberem o que esperar de mim e vice versa.

## **Segunda-feira, 13 de Dezembro de 2010**

Neste dia realizou-se o ensaio geral para a festa de natal. A minha colega Lília colocou o som das diversas cenas de teatro e dança realizadas pelos alunos do bibe encarnado. Eu e a minha colega Sónia montámos pais-natal em garrafas de plástico com a ajuda de cada criança. De seguida, realizamos envelopes criativos para entregar aos pais onde colocámos as avaliações de cada menino.

As várias peças da sala do bibe encarnado consistiam em músicas dos anos 80 e numa história de Natal onde viajavam no tempo para a época dos seus avós. Nesta última, era importante vários alunos memorizarem as suas falas.

## **Inferências**

Neste dia houve alguma confusão no salão e para além da apresentação da festa de Natal, revelaram-se necessários vários trabalhos manuais, que foram realizados também com a ajuda das crianças. Segundo Wasserman (1990) “As atividades de trabalhos manuais representam [...] uma importante dimensão daquilo que é essencial à vida criativa de uma criança [...]” (p.298).

Para a festa de Natal, a maioria das crianças memorizou falas para a realização do teatro. A criança de quatro anos já possui capacidade de memorização de exteriorização e entoação de frases. Tal como afirma o Manual de Educação 1 (2002):

“Pelo final do terceiro ano, a criança possui um desenvolvimento bastante adequado ao uso comunicativo da linguagem e tem em conta [...] a distância do interlocutor, para regular a intensidade da voz, ou a expressão de um pedido, que pode suavizar o tom.” (p.58).

Apesar de toda esta agitação, as crianças mantiveram sempre um comportamento exemplar.

## **Terça-feira, 14 de Dezembro de 2010**

Este foi o dia da festa de Natal que se realizou no palco da paróquia, perto do jardim-escola. Os alunos do bibe encarnado reuniram-se numa pequena sala, onde se vestiram e trocaram de peças de roupa. Eu e a minha colega Sónia ficámos responsáveis pelos cenários (colocar\tirar).

As crianças mostraram diferentes comportamentos. Os pais felicitaram as educadoras dos filhos. No final da festa realizou-se um pequeno lanche no jardim-escola com os pais e alunos, enquanto a educadora Elisabete entregou as avaliações.

## **Inferências**

As crianças estavam estavam tensas e nervosas e a chorar, embora outras bem divertidas. A festa correu bastante bem e todos os pais gostaram dando os parabéns à educadora e também cumprimentaram as estagiárias que acompanham os filhos.

A Festa de Natal também consiste num elo de ligação entre o meio familiar e o meio escolar, de forma a existir harmonia, cooperação e afeto.

Neste sentido, Reis (2008) afirma que “A família e a escola são os dois primeiros ambientes sociais, proporcionando às crianças estímulos, ambientes e modelos vitais que servirão de referência para as suas condutas.” (p.177).

Segundo Morgado (1999) “ [...] é importante que a comunicação com os pais e encarregados de educação assente numa atitude positiva [...]” (p.80). Este autor acrescenta que o “[...] registo positivo poderá influenciar as expetativas dos pais face à escola e aos seus próprios filhos [...] [porque] expetativas positivas constituem-se como contributos importantes para o sucesso dos percursos educativos.” (p.80). Penso ter conseguido desenvolvido diferentes aspetos na prática profissional e que o percurso educativo fosse positivo.

### **Sexta-feira, 17 de Dezembro de 2010**

A Sónia deu aula sobre “o dia e a noite”. Começou por fazer um esquema com os alunos, sobre o dia-a-dia das crianças, desde o acordar ao deitar. Cito uma situação muito interessante de um aluno: “Sónia, nós de noite dormimos muito tempo não é? Mais ou menos vinte minutos não é?” Esta citação revela a falta de noção de duração do tempo que o aluno tem.

De seguida, os alunos foram para a aula de ginástica. Durante a aula, as crianças realizaram vários exercícios como: corridas, cambalhotas, imitaram cobras, macacos, cangurus, caranguejos, brincaram com bolas sempre em dois grupos distintos. Em geral, todas as crianças participaram.

Depois, a Sónia deu aula de matemática com situações problemáticas, utilizando vários materiais como: flores, borboletas e tartarugas. A educadora Elisabete interrompeu a aula da Sónia, exigindo que fizesse perguntas dirigidas. Foi muito concisa na explicação das operações matemáticas, tentando que as crianças percebessem a divisão. Fez exercícios de sequências, mas poderia ter utilizado a temática inicial: dia e noite, para fazer a sequência, como por exemplo: segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo, segunda, etc.

Para a aula de expressão plástica entregou uma proposta para as crianças colorirem: um sol e uma lua.

## **Inferências**

Na aula de ginástica, os alunos estavam devidamente equipados e preparados para realizar educação física. Esta reveste-se de uma importância essencial na formação do indivíduo. Por isso, é necessário iniciar sua prática desde a pré-escola.

Segundo Batista (2001) “O objetivo da educação física no ensino fundamental consiste em desenvolver a coordenação de uma forma geral, através de jogos recreativos, estafetas [...] e brincadeiras.” (p.11).

O autor acrescenta que sendo a educação física parte do ensino fundamental, todas as atividades efetuadas serão para aperfeiçoar “ a coordenação motora geral”, “destreza, socialização, resiliências, força, flexibilidade, o equilíbrio.” (p.12).

Deve sempre ter-se em atenção que, nesta faixa etária, todo o exercício deverá ser “simples [...] orientando os educandos de forma a exercitarem o seu desempenho físico e mental.” (p.13) Porém, “[...] é recomendável que se estimulem brincadeiras e jogos em duplas, trios ou grupos maiores, pois incentivar a convivência é essencial, desde a mais tenra idade.” (p.73).

Considero crucial, estimular as crianças baseadas no mesmo tema, aprofundando assim desta forma o conteúdo, bem como interligar as áreas, de forma a que as crianças se sintam despertas e possam seguir um fio condutor coerente. Segundo Fourez et. al. (2002) “ o paradigma da interdisciplinaridade [...] exige a articulação de diferentes contribuições disciplinares.” (p.52).

Para Haigh (2010) é importante a interdisciplinaridade, mas praticada de forma natural e com sentido para as crianças, proporcionando-lhes uma aprendizagem com significado. São enriquecedoras as estratégias e/ou atividades que promovam o cruzamento das áreas/domínios, que estimulam o desenvolvimento das capacidades, valores e atitudes, levando à formação de indivíduos autónomos, responsáveis e portadores de um saber globalizante. Todas as áreas/domínios são igualmente importantes na medida em que contribuem para o desenvolvimento integral das crianças. (p. 32).

## **Segunda-feira, 3 de Janeiro de 2010**

A aula de conhecimento do mundo foi no refeitório, porque os alunos iriam fazer pão. A educadora Elisabete iniciou por fazer questões relativas aos ingredientes necessários para fazer pão. Enquanto a educadora Elisabete amassava o pão,

questionou as crianças relativamente ao Natal e às prendas que receberam. Um a um foram respondendo: gato; hello kitty; playstation 3; relógio; uno; bonecas, etc.

De seguida, a educadora pediu-me para lhes mostrar uma maçaroca de milho e distribui massa por cada criança para formarem um “bolinha” para colocar no tabuleiro e ir ao forno.

De seguida, seguiu-se um momento de estimulação à leitura, com a da história: “Vem aí o lobo mau” de Laura James. Seguidamente realizaram-se atividades de memória visual através da mesma história. O jogo consistia em encontrar pares.

Por fim, tiveram uma aula no domínio de matemática com o 3º Dom de Froebel, onde elaboraram várias construções como: muro alto, muro baixo, mesas, cadeiras, etc. A educadora criou uma história que envolveu todas estas construções e através delas criou várias situações problemáticas abstratas, desenvolvendo o cálculo mental nas crianças.

Estivemos a ajudar as crianças a realizarem um trabalho de expressão plástica que consistia em montar um sapo, onde iriam colocar uma foto para entregar aos pais, no dia dos pais, que é um dia que coincide com a vinda de todos os pais à escola.

### **Inferências**

Na minha opinião, os alunos poderiam ter colaborado na tarefa de amassar o pão, desta forma manipulavam-no. Segundo Hohmann & Weikart (2004) “Com o apoio apropriado dos adultos, elas tornam-se então agentes activos da sua própria aprendizagem, em vez de recipientes passivos de uma aprendizagem dirigida e imposta pelos mais velhos.” (p.35).

Neste dia, realizaram dois jogos: da memória visual e das sombras. Neto (2003) afirma que Piaget concede:

“ [...] ao jogo uma grande importância para o desenvolvimento cognitivo da criança. O jogo como processo de assimilação tem, por um lado, a função de exercitação e extensão do aprendido [...] e por outro lado, através da motivação para a actividade e através do prazer pelo próprio jogo.” (p.233).

Um dos jogos utilizados foi o de memória, pois segundo Feldman (2001) “ [...] os psicólogos consideram a memória como o processo por via do qual codificamos, armazenamos e recuperamos informação.” (p.221).

A importância do cálculo mental torna-se evidente no dia-a-dia de cada um, quanto mais não seja, quando pretendermos fazer compras ou efetuar as mais

diversificadas relações entre grandezas e/ou equivalências que dispensam, por comodidade, o cálculo escrito.

## **Segunda-feira, 4 de Janeiro de 2010**

Este dia foi marcado pela presença das supervisoras de prática pedagógica no Jardim-Escola. Fui assistir, juntamente com as minhas colegas de estágio, à aula da estagiária Ana Catarina Henriques, também da nossa turma. Numa hora, a Catarina deu três áreas curriculares no bibe azul (cinco anos), tal como lhe foi solicitado.

Na aula de conhecimento do mundo foi tratado o ciclo da água, havendo um painel e ela explicou diversos aspetos.

A Catarina conseguiu controlar a disciplina e manteve com as crianças o diálogo, explicando todas as questões.

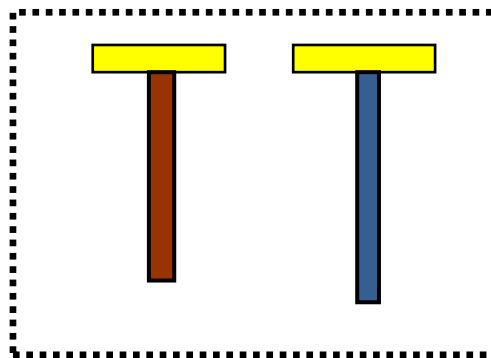
De seguida, seguiu-se a aula de estimulação à leitura, e através de um livro construído pela própria deu a lição do “g” com base nas regras da Cartilha Maternal. Posteriormente, leu a história: “A nuvem que queria ser menina” de António Torrado. Todas as crianças participaram.

A aula de matemática baseou-se no material didático: o Cuisenaire. À medida que as crianças realizavam exercícios, a Catarina ia colocando no quadro as peças do cuisenaire em grande, para resolverem em conjunto.

Posteriormente, já na nossa sala do bibe encarnado, a educadora Elisabete contou a história da “Pequena Sementinha”, através de apoio informático, com diapositivos de powerpoint. Através da história, a educadora foi questionando os alunos e explicando o tema das plantas.

Na aula de matemática a educadora através de um quadro, criou situações problemáticas com o material Cuisenaire. Trabalhou as ordens crescente e decrescente, diferença, igualdade, cor, tamanho e valores, sempre com a ajuda de um bonequinho que a educadora distribuiu a cada criança. De seguida, fez várias combinações com as roupas dos bonecos, como por exemplo: calças castanhas, calças azuis, t-shirt amarela. Colocou questões como por exemplo: “Quantas combinações podemos fazer? R: Duas.”

Seguidamente, mostro a figura 7 que representa as peças.



*Figura 7 – Combinações de peças*

### **Inferências**

A colega podia ter pedido uma maior interação da turma, de modo a colocarem as setas no painel que estava bastante apelativo. Segundo Hohmann & Weikart (2004) “As crianças pequenas participam com vontade e entusiasmo nas rotinas [...] que são construídas em volta do seu desejo de aprender através da acção.” (p.595), e a Catarina foi sempre meiga e firme na disciplina da sala de aula. A sua explicação foi organizada e concisa.

A educadora ao ler a história vem ao encontro do que afirmam Viana & Teixeira (2002) que dizem também que a facilidade em aprender a ler resulta das oportunidades que são fornecidas às crianças para se tornarem conhecedoras das propriedades que caracterizam a linguagem escrita. (p.45)

### **Segunda-feira, 7 de Janeiro de 2010**

Este dia foi marcado pela introdução de calculadores multibásicos no bibe encarnado. Achei particularmente interessante a aula, onde a educadora esclareceu as regras de funcionamento do material, da seguinte forma: não se pode levantar as placas, não se pode colocar os dedos nos furos, as peças colocam-se da esquerda para a direita, lemos da direita para a esquerda e, principalmente, “cada cor tem a sua “casinha”. Fizemos exercícios de colocar duas peças amarelas e três peças verdes e de seguida a educadora questionou: “Qual é a torre mais alta?”

As crianças tiveram ainda oportunidade de explorar livremente o material.

De seguida, os alunos foram para a aula de ginástica. Eu e as minhas colegas de estágio fomos assistir novamente à aula da nossa colega Filipa Martins que decorria no bibe azul.

A Filipa explorou as propriedades da água na aula de conhecimento do mundo e levou bastante material experimental apropriado para a exploração do tema como por exemplo: goblés, molas, etc. As crianças visualizaram a água em estado líquido, gasoso e sólido. Destaco a atitude da Filipa que não deixou as crianças tocarem no gelo, após o pedido das mesmas. Criou uma tabela de dupla entrada para as crianças completarem as características de cor, cheiro ou sabor.

Na aula de estimulação à leitura, a Filipa contou uma história sobre a gotinha que não tinha cor, de sua autoria, à qual as crianças teriam de dar título. Posteriormente, chamou um menino para perto de si para ler a história, mas os outros alunos não estiveram a ouvi-la.

A aula de matemática foi a adição com Calculadores Multibásicos, que fez em bases que não lhe tinham solicitado.

### **Inferências**

Segundo Caldeira (2009) “ O calculador multibásico é constituído por um conjunto de três placas com cinco orifícios cada uma, e um conjunto de cinquenta peças em seis cores diferentes [...] encaixam umas nas outras e nos orifícios formando “torres” (p.187).

A colega ao explicar as regras do material fê-lo de forma interessante e perspicaz de forma às crianças compreenderam que cada cor corresponde a um furo específico.

A Filipa transmitiu uma constante alegria, e boa disposição que se refletiu na forma como os alunos reagiram à aula.

A aula de adição revelou-se muito produtiva e consistente, apesar de não terem sido realizadas operações na base 10, tal como lhe tinha sido solicitado.

## **1.3. Terceira Secção**

**Período de estágio:** 10 de Janeiro de 2010 a 18 de Fevereiro.

**Faixa etária:** 5 anos



**Bibe:** Azul

**Turma:** A

**Educadora Cooperante:** Sofia Carvalho

### **1.3.1. Caracterização da turma**

A turma do bibe Azul A é constituída por vinte e oito alunos (catorze rapazes e catorze raparigas). Todas as crianças nasceram entre Janeiro e Dezembro de 2005.

Estas crianças pertencem a um nível sócio-económico médio\alto e os seus pais, possuem na sua grande maioria, formação superior, alguns com Mestrado.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

A nível cognitivo, os elementos constituintes da turma são médios\bons e não revelam grandes disparidades de aprendizagem, à excepção de uma aluna com necessidade de trabalho individualizado. As crianças colaboram, demonstram interesse e participam ativamente em todas as atividades, existindo uma grande capacidade de autonomia e imaginativa. Acresce que são crianças muito afetivas.

Mostraram ainda um nível sensório-motor elaborado, uma boa orientação espacial e adequada coordenação motora.

As crianças estabelecem boas amizades e convivem quer em grupos mais reduzidos, quer em grupos mais amplos.

### **1.3.2. Caraterização da sala**

A sala do bibe azul possui um espaço destinado à Cartilha, onde se encontra o livro, bem como o ponteiro que a educadora utiliza. A sala é ocupada pelas mesas dos alunos, que estão dispostos em duas filas.

A sala tem vários espaços de arrumações, estando acessíveis às crianças materiais como; colas, tesouras, *dossiers*, entre outros.

Segundo Hohmann & Weikart (2004) “ Cada sala de aula deverá [...] organizar o espaço e o material de forma a desenvolver simultaneamente o máximo de funções

lúdicas e associadas ao domínio da leitura e da escrita, respondendo assim ao novo projeto educativo.” (p.165).

Apesar de ser uma sala pequena, apresenta bastantes elementos decorativos com diversos materiais apelativos e associados aos temas que vão sendo trabalhados ao longo do ano, como por exemplo: o céu está repleto de planetas e estrelas, o abecedário, definição de par e ímpar, entre outros.

### 1.3.3. Rotinas

As rotinas diárias são praticamente idênticas à dos outros grupos. Segundo Hohmann & Weikart (2004) “A rotina diária oferece um enquadramento comum de apoio às crianças à medida que elas perseguem os seus interesses e se envolvem em diversas actividades de resolução de problemas. “ (p.224).

### 1.3.4. Horário de turma

Apresento agora o quadro 6 com o horário do bibe azul.

Quadro 6: Horário dos 5 anos

|                 | 2ª feira              | 3ª feira              | 4ª feira            | 5ª feira                   | 6ª feira  |
|-----------------|-----------------------|-----------------------|---------------------|----------------------------|---|
| 9H10 – 9H40     | Música                | Matemática            | Leitura e escrita   | Matemática                 | Leitura e escrita                                   |
| 9H50-10H30      | Leitura e escrita     | Leitura e escrita     | Leitura e escrita   | Leitura e escrita          | Leitura e escrita                                   |
| 11H-12H         | Matemática            | Informática           | Matemática          | Leitura e escrita          | Matemática  |
| 12H – 13H       | Almoço                |                       |                     |                            |   |
| 13H-14H         | Recreio               |                       |                     |                            |   |
| 14H10-15H20     | Conhecimento do Mundo | Conhecimento do Mundo | Educação Física     | Conhecimento do Mundo      | Estimulação à leitura \ Jogos \ Grafismos em séries |
| 15H30 – 16 H 30 | Inglês                | Trabalho em grupo     | Expressão Dramática | Expressão Plástica \ Barro | Assembleia de Turma                                 |
| 16H40-17H       | Lanche e saída        |                       |                     |                            |   |

### **1.3.5. Relatos Diários**

#### **Segunda-feira, 7 de Janeiro de 2011**

Na primeira manhã passada no bibe azul a educadora Sofia iniciou-a com uma aula de matemática, sobre os Calculadores Multibásicos, onde explorou a divisão. Através de histórias, a educadora criou diversas situações problemáticas em que ia realizando em “espelho” para os alunos. Explorou conceitos como: divisão exata e inexata.

Nesta aula, lembraram as notas musicais, através de uma canção que cantaram.

De seguida, a educadora Sofia deu aula de Cartilha, de grupo em grupo, explorando a letra em que cada grupo ia. Enquanto que os outros alunos, treinaram a caligrafia. Eu fiquei encarregue de chamar um a um para irem ao quadro e treinarem a caligrafia. A minha colega Lília, acompanhou uma aluna com mais dificuldades, a tentar aprender os ditongos.

#### **Inferências**

Quando entrei na sala de aula achei que a educadora deu uma aula muito interessante. A aula de música com o professor Paulo por volta das 9h15m, que são aulas sempre bastante interessantes, motivadoras e alegres. É fundamental a expressão musical nos primeiros anos de vida. Hohmann & Weikart (2004) defendem que “As crianças pré-escolares [...] podem mexer-se ao som da música e tocar instrumentos musicais simples de uma forma deliberada e organizada.” (p.658).

O autor acrescenta ainda: “O desenvolvimento musical das crianças e a sua capacidade de comunicarem através da música floresce em culturas e contextos em que os membros da comunidade valorizam e apreciam a música.” (p.658).

Cordeiro (2010) defende que “O jardim-de-infância tem que ser um pólo importante de desenvolvimento das capacidades e aptidões musicais dos alunos [...]” (p.420).

O Guia Prático da Cartilha Maternal (1997) salienta que o método de Cartilha Maternal deve ser uma “Lição curta com noções bem claras e dada todos os dias durante o ciclo da aprendizagem”. (p.92).

Segundo Ruivo (2006)

“[...] as lições são dadas a grupos de três ou quatro crianças. Essa pequena «equipa» torna as lições mais vivas e equilibra em interação o comportamento individual de cada aluno. Não respondem em coro, cada um fala por sua vez, mas estão empenhados na mesma tarefa.” (p.161).

É notória a dificuldade que sentem, e o esforço que fazem as crianças para terem uma caligrafia percéptivel. Ruivo (2006) defende que podem existir diversas atividades em sala de aula para que as crianças adquiram competências de leitura e escrita. As crianças devem realizar diversas atividades como “[...] grafismos, letras para recortar de jornais ou revistas e colar em folhas; colar dentro da letra massinhas, arroz, papel rasgado [...]” (p.7).

É também neste período que as crianças, depois de terem contato com a linguagem oral, passam para a linguagem escrita e, desta forma, Sim-Sim et. al. (2008) afirmam que a ligação entre a linguagem oral e a linguagem escrita permite à criança desenvolver a consciência fonética, promovendo assim competências importantes para a aquisição da leitura e da escrita.

## **Segunda-feira, 11 de Janeiro de 2011**

A educadora Sofia iniciou a manhã estimulando o cálculo mental dos alunos, através do material Cuisenaire e ainda, realizaram uma proposta de atividade alusiva a quantidades. De seguida, enquanto a educadora dava Cartilha, eu ia passando pelos vários alunos, dando as lições, para praticarem as anteriores. Foi necessário relembrar diversas regras básicas, como por exemplo, a da sílaba forte.

No final da manhã, tiveram aula de informática, em que se dividem em dois grupos distintos. O intervalo é passado com as crianças e, desta forma é possível conhecê-las e conviver mais com elas.

## **Inferências**

A importância das aulas de informática é crucial, pois as crianças devem ter conhecimento e facilidade de manipulação das novas tecnologias. De acordo com Renaut et. al:

“Vivemos hoje rodeados pela realidade dos novos meios de comunicação com uma vasta gama de recursos e uma infinidade de escolhas que permitem potenciar múltiplas oportunidades de intervenção e de utilização e que, manifestamente, condicionam o

processo educativo e o papel que nele desempenham os educadores. A era dos computadores, da aplicação da tecnologia digital nos meios de comunicação e da crescente interactividade introduzem novas perspectivas na educação.” (Renaut et. al, 2004, p.103).

Para Patrocínio (2002), as tecnologias tornam-se num dos traços mais marcantes para a caracterização e compreensão das sociedades. As tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) “ [...] a par do que se designa por tecnociência, encontram-se na base do desenvolvimento das sociedades contemporâneas.” O autor acrescenta ainda que as TIC “[...] avançam também por exigência social, evolução rápida, geradora de muitas preocupações e simultaneamente de muitos desafios.” (p.17).

Atualmente, a nossa sociedade está numa constante associação com a tecnologia, tanto em aspetos económicos, sociais, políticos, culturais, etc. Tal como afirma Ponte (1986) “O computador ocupa já um lugar importante em praticamente todas as esferas da actividade económica e social, contribuindo notavelmente para a revolucionarização do próprio processo de trabalho de muitas profissões.” (p.18) É possível assistir a um grande progresso, a uma grande melhoria e entusiasmo por parte das pessoas, levando a uma significativa melhoria de qualidade de vida. Jean Ladrière (1997) citado por Patrocínio (2002) defende que as tecnologias “[...] atuam como factores facilitadores e potenciadores nos diversos domínios [...]” (p.18).

São muitos os exemplos que nos mostram que os instrumentos utilizando acabam por se transformar e mudar a nossa forma de viver e agir. Tal como afirma Patrocínio (2002) “ sabemos, há muito, que os instrumentos ou tecnologia que utilizamos acabam por transformar, a médio ou longo prazo, a nossa relação com o mundo, com os outros e connosco mesmos [...].” (p.13).

Para Ponte (1986) “A sociedade atual vive profundos movimentos de mudança que afectam a forma como trabalhamos, como ocupamos os nossos tempos livres, como nos relacionamos uns com os outros e como tomamos conhecimento do que se passa no mundo à nossa volta [...]” (p.5).

Patrocínio (2002) defende que tanto na sociedade como na educação é importante reter que “ o espaço de convivialidade que a internet permite pelos media em geral se encontra, de algum modo, ameaçado pela concorrência de interesses económicos podendo tirar à informação e à comunicação a sua função cívica [...]” (p.22).

Patrocínio acrescenta ainda que:

“ (...) interessa-nos assim, compreender de forma mais profunda o papel das TIC como meios poderosos e cada vez mais inestimáveis, vendo-os como meios de trabalho\produção, de consulta e comunicação que podem potenciar a pessoa constituindo um seu prolongamento de memória e de acção, tornando-se, assim, também instrumentos de apoio à autonomia e à realização pessoal que não podem estar ausentes de qualquer projecto de vida actual, contribuindo para que cada um desenvolva sentidos de pertença e de participação social” (Patrocínio, 2006, p.12).

É importante perceber que vivemos num contexto de crescente visibilidade e atenção sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na sociedade portuguesa. Segundo Costa et. al (2007) toda esta evolução tem contribuído para uma “progressiva e aprofundada utilização das TIC.” (p.37).

De acordo com Jonassen (2002) “ as tecnologias têm sido tradicionalmente utilizadas nas escolas para «ensinar» os alunos do mesmo modo como o fazem os professores [...]” (p.15) ,pois, os alunos aprendem a pensar de forma significativa, podendo este pensamento “ ser ativado por atividades que podem ser proporcionadas por computadores ou por professores.” (p.15).

Costa et al. (2007) afirma que “os dados mobilizados apontam para uma progressiva utilização das TIC nas actividades de professores e alunos.” (p.55). É na escola, mas principalmente por intermédio dos “computadores” que as crianças lidam com a tecnologia e ganham “prática” para o futuro. O computador é uma máquina extremamente flexível que assume as formas mais variadas, adaptando-se a inúmeras funções e satisfazendo diferentes necessidades, gostos e atividades.

As crianças geralmente mostram grande interesse e motivação pelo uso do computador, o que facilita o desenvolvimento da aprendizagem. Para Ponte (1986) as crianças vêem o computador com curiosidade e naturalidade, [...] entusiasmo.” (p.19).

Segundo Patrício (2002):

“ [...] a utilização das TIC na escola, ao proporcionarem a inclusão e a vivência da contemporaneidade, [...] confronta os estudantes com a sua responsabilidade na aprendizagem podendo favorecer o exercício de uma cidadania baseada no conhecimento científico social, o exercício de uma cidadania de indignação, de uma cidadania contra a pobreza, de uma cidadania promotora de um desenvolvimento sustentável, proporcionando o desenvolvimento da autonomia e acções consequentes.” (Patrício, 2002, p.25).

Segundo Patrocínio (2002) a “tecnologia é «apenas» uma ferramenta [...], as novas tecnologias são instrumentos que, com a nossa racionalidade, devemos controlar e destinar segundo o fim que nos propusermos.” (p.13).

### **Sexta- feira, 14 de Janeiro de 2011**

A aula inicial foi de cartilha maternal e todas as crianças treinavam a caligrafia da letra “m”.

Eu e a minha colega Lília chamámos as crianças uma a uma, para realizarem um trabalho de expressão plástica, mais precisamente a técnica da palhinha e, de seguida, realizaram um trabalho de pintura livre.

Por fim, a educadora Sofia utilizou o material Blocos Lógicos na aula de matemática. Através de conjuntos, explorou os símbolos de: pertence e o não pertence.

### **Inferências**

Realizámos na área da expressão plástica a técnica da pintura da palhinha, sendo de realçar que estes momentos, além de serem lúdicos para a criança, que experimenta, manipula e permitem o desenvolvimento da criatividade artística e desenvolvem a coordenação visual.

Através da pintura, Agüera (2008) defende que as crianças “uma vez dirigidas pelo educador e outras vezes livremente, fazem muitas coisas que são autênticos trabalhos manuais.” (p.103).

### **Segunda- feira, 17 de Janeiro de 2011**

Neste dia houve reunião na ESE, onde as supervisoras trataram de aspetos sobre a prática profissional.

### **Terça-feira, 18 de Janeiro de 2011**

A educadora Sofia iniciou a manhã por exercitar o cálculo mental das crianças. Através de várias imagens, de meninas e meninos, realizou situações problemáticas, em que todos participaram com agrado. Durante o intervalo, brinquei com todas as crianças, realizando jogos, ou até mesmo com os brinquedos que trouxeram de casa. É importante destacar a forma como neste período, vários alunos entram em conflitos, fazendo birras, ou “queixinhas”.

Por fim, ajudei os alunos na realização de trabalhos do domínio de língua portuguesa, em que alguns treinaram a caligrafia e outros procuravam uma letra pedida, sublinhando e pintando o desenho.

## **Inferências**

No domínio de língua materna é importante estimular as crianças desde cedo, permitindo contato com livros e com a sua leitura. De acordo com Lopes et al. (2004) “[...] o jardim de infância deverá desenvolver nas crianças um conjunto sólido de conceitos linguísticos, competências cognitivas relacionadas com o impresso, o gosto pelos livros e pela «leitura».” (p.87).

Lopes (2006) afirma que o “O contato com os livros e com a leitura confere significado à aprendizagem do alfabeto e da fonologia.” (p.23).

O autor acrescenta que

“As crianças podem, desde muito novas, ser ensinadas a “olhar para as palavras” nos seus aspectos estruturais (morfológicos) e funcionais (sintaxe). [...] O conhecimento morfossintático constitui e representa um dos mais notáveis instrumentos de domínio do saber, por extensão do mundo, sendo em simultâneo causa e consequência do desenvolvimento intelectual.” (p.24).

Codling & Gambrel citado por Lopes et al. (2004) acrescentam que “A motivação para a leitura pode e deve começar a desenvolver-se antes da aprendizagem formal da leitura. E, ao contrário do que se pensava, não depende apenas de as crianças viverem rodeadas de livros, mas principalmente do tipo de experiências com livros que elas tenham vivido.” (p.139).

Segundo Lopes (2006):

“Em idade pré-escolar é importante que as crianças sejam sensibilizadas para o conjunto de sonoridades que produzimos no decurso da fala. Esta sensibilidade virá a revelar-se de inestimável valor no momento em que, na escola primária, as crianças tomarem contacto com a escrita, uma vez que lhes abre a porta para a compreensão do código analfabético e, por arrastamento, para a leitura e para a escrita.” (Lopes, 2006, p.57)

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (2007) reforçam que “a atitude do educador e o ambiente que é criado devem ser facilitadores de uma familiarização com o código escrito. Neste sentido, as tentativas da escrita, mesmo que não conseguidas deverão ser valorizadas e incentivadas.” (p.69). Por conseguinte, o



hábito da leitura traduz-se num grande estímulo à criatividade, imaginação e inteligência, bem como à capacidade verbal e de concentração das crianças. Esta iniciativa dos educadores vem muitas vezes colmatar a falta de incentivos familiares para a leitura, uma vez que, na verdade, os livros deveriam estar presentes no dia-a-dia das crianças, do mesmo modo que os seus brinquedos, já que o livro é uma grande janela para a formação das crianças em vários sentidos. É preciso ainda acentuar que um leitor não nasce, faz-se, portanto, o interesse pela leitura deve-se inculcar desde cedo. Uma tarefa dos educadores é tentar com persistência e dedicação a questão da leitura, para que se possa converter num hábito. Não é necessário esperar que uma criança leia para que ela possa ter contato com os livros, pois existem livros só com ilustrações e o poder das imagens leva as crianças a poder vir a associá-las com letras e palavras. Os benefícios da leitura para as crianças são incomensuráveis e para toda a vida, o levar a criança a querer ler, a desejar saber, podendo utilizar o desenho, a imagem, aumenta a variedade de experiências.

### **Sexta-feira, 21 de Janeiro de 2011**

A educadora Sofia iniciou a manhã por leccionar matemática com o material do 3º e 4º dons de Froebel. Começou por explicar as regras do material, fez perguntas relativamente ao mesmo. De seguida, contou uma história, em que as crianças elaboravam a construção da ponte. Criou várias situações problemáticas que as crianças resolveram, realizando tanto operações abstratas como concretas (utilizando o material). Posteriormente, realizou a construção da ponte alta, colocando questões como por exemplo: “Quantos paralelepípedos precisou para fazer os pilares?” e “Se quisermos construir outra ponte, quantos paralelepípedos vamos precisar?”.

Tal como é habitual, a educadora Sofia lecionou lições de cartilha com grupos distintos, enquanto o resto da turma se concentrou na realização de propostas de trabalho. Eu e as minhas colegas de estágio continuámos a concretizar a pintura da técnica da palhinha, chamando cada criança individualmente.

### **Inferências**

Destaco a importância do alemão Friedrich Froebel (1782-1852) por ter sido um dos primeiros educadores a destacar o início da infância como uma fase decisiva na formação pessoal, uma ideia que se encontra hoje consagrada pela psicologia. Foi o

fundador de jardins-de-infância. Froebel considerava que a criança é como uma planta na sua fase de formação, requerendo cuidados periódicos para que possa crescer de forma saudável. Para ele as brincadeiras constituíam o primeiro recurso no processo de aprendizagem, já que não eram uma pura diversão, mas antes um modo de criar representações do mundo concreto com o objetivo de conhecê-lo. Froebel foi um dos primeiros pedagogos a falar em auto-educação. Destacou-se ainda pelo treino de habilidades que as crianças já possuíam, trabalhando no sentido de aprenderem habilidades novas. Considerava que a educação tinha como fundamento a precepção e defendia a educação sem imposições às crianças, já que elas passam por diferentes estágios de aprendizagem, com características específicas. Antecipando as ideias de Jean Piaget, Froebel trouxe uma importante contribuição quanto ao papel do jogo, essencial ao trabalho pedagógico. Froebel propôs os dons, materiais como a esfera, cubo, o paralelepípedo, as varetas, os anéis, que permitiam a realização de atividades chamadas ocupações. Esses brinquedos e jogos eram atividades simbólicas acompanhadas de músicas e movimentos corporais, sendo nessas atividades livres que se dava o emprego dos dons.

Na figura 8, mostro o pedagogo Froebel.

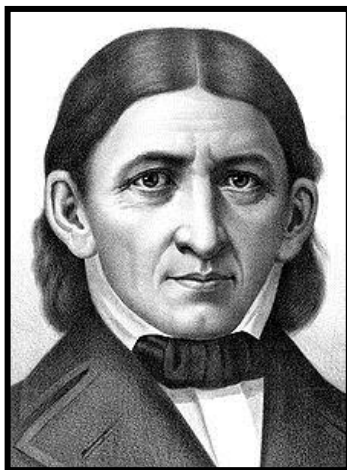


Figura 8: Friedrich Froebel

### **Segunda-feira, 24 de Janeiro de 2011**

A educadora iniciou a manhã utilizando o material Cuisenaire, para realizar combinações com as cores das peças. No quadro colocou várias peças de roupa e a

criança punha na vertical em cima da mesa as peças correspondentes apenas à cor. Utilizou os dias da semana para concretizar situações problemáticas.

De seguida, os alunos tiveram aula de música e o professor Paulo estimulou as crianças para o algarismo 7 e para os vários factos que a ele se poderiam associar, como por exemplo: as sete maravilhas, as sete notas musicais, os sete dias da semana, a história dos sete cabritinhos, etc.

Neste dia entrou um aluno novo que foi acolhido pela professora e por toda a turma.

Enquanto a educadora lecionava a Cartilha Maternal, os alunos realizavam propostas para treinarem a caligrafia. Eu e as minhas colegas de estágio ajudámos cada criança a fazer a revisão de algumas lições da cartilha e tive sempre em atenção reforçar positivamente as crianças.

## **Inferências**

Este dia foi marcado pela receção de um novo aluno na turma do bibe azul. A educadora Sofia foi muito carinhosa e recetiva para com o aluno, deixando-o à vontade, depois todos os alunos se apresentaram e iniciaram neste mesmo contexto uma conversa amigável. A educadora tem um papel fundamental na adaptação do aluno. Cordeiro (2010) esclarece algumas questões, relacionadas com este momento, como por exemplo: “informar muito precocemente a ida [...] visitar o estabelecimento [...]”. (p.365).

O autor esclarece que “adaptação pode demorar mais ou menos tempo, dependendo mais da criança e de como gere a ansiedade de separação do que faz no jardim-de-infância.” (p.362).

Para melhorar a aprendizagem, bem como os níveis de confiança do aluno, é necessário o reforço positivo (que foi teorizado pelo psicólogo Skinner). A educadora Sofia fê-lo fazendo sempre elogios aos alunos. Tal como afirma Lourenço (1993, p.107) “[...] é enorme o poder do elogio na educação e desenvolvimento da criança.”. Segundo o Manual de Educação 1 (2002):

“O elogio sincero para com o pequeno é uma atitude de respeito e de amor, mais para além da exigência e da obrigatoriedade das acções, podendo ainda ser entendido como uma estratégia de aprendizagem que facilita o pensamento divergente [...]” (p.151).

Coll et. al (2001,p..53) defendem que se deve:

“Dar valor [aos resultados das crianças] , relacionado-os com as suas capacidades e com o esforço realizado é, provavelmente, aquilo que, em boa justiça, se deve fazer, e fomenta a auto-estima e a motivação para continuar a aprender.”

Estes aspetos vêm de encontro do que Santana (2007) afirma:

“O papel do adulto é (professor ou outro), pois, mais do que o de estimular a acção da criança numa dimensão em que ela se sente segura, o de provocar o seu avanço, confrontando-a com situações que ela domina mal, prontificando-se para ajudar”. (Santana, 2007, p.36).

É, importante destacar que deve existir “[...] uma ajuda de natureza psicológica, incentivando iniciativas, desdramatizando os insucessos e valorizando os avanços.” (Alemany citado por Santana: 2007, p.36), até porque as expectativas positivas dos educadores\ professores sobre o desempenho dos alunos vai propiciar melhores resultados.

### **Terça-feira, 25 de Janeiro de 2011**

No início da manhã, uma colega de estágio do 2º ano lecionou uma aula sobre a macieira. Aparentou estar sempre muito calma. Explorou e explicou diversos conteúdos tais como: a constituição de uma planta, trazendo uma macieira. De seguida, realizou uma atividade plástica, que consistia em fazer carimbos com pedaços de maçã na folha de papel.

A educadora Sofia, na aula de matemática, explicou a diferença entre área e volume, mostrando os cubos dos Dons de Froebel. Posteriormente, a turma realizou uma proposta de trabalho sobre esse mesmo conteúdo.

Ao observar as brincadeiras de recreio, pude constatar que se realizam mais em grupo, baseando-se em histórias criadas por eles através da imaginação criando personagens e objetos imaginários.

### **Inferências**

Durante o recreio é possível observar as diversas brincadeiras das crianças. É neste período que as crianças têm oportunidade de brincar com os colegas sozinhos. Segundo Neto (2003, p.103) “Brincar é considerado como uma actividade de muita

importância no desenvolvimento da criança. [...] Para as crianças, brincar é sobretudo uma actividade associada à ideia de liberdade de acção, onde possam fazer as suas próprias escolhas e deliberar sobre os processos a utilizar”.

O mesmo autor acrescenta ainda que:

“A importância que brincar tem na vida da criança, justifica a necessidade de melhor conhecermos o que é feito nesse sentido. Os educadores necessitam de estar verdadeiramente convencidos e munidos de sólidos argumentos para que brincar mantenha uma posição vital na vida da criança e na educação de infância.” (Neto, 2003, p.116).

### **Sexta-feira, 28 de Janeiro de 2011**

Este dia está incluído no capítulo da planificação.

### **Segunda-feira, 31 de Janeiro de 2011**

A aula da minha colega Lília foi sobre a constituição das plantas. Criou uma estratégia de comportamento, através de uma grande flor, escreveu o nome de cada menino numa pétala, que caía conforme o comportamento de cada um. De seguida, explorou o tema, bem como vários conceitos através de um placard com o desenho da constituição da planta.

No chão estavam espalhadas várias palavras como: folha, caule, flor e raiz e, as crianças teriam de as colocar no sítio correspondente, de modo a realizarem estimulação á leitura e a interdisciplinaridade. Para finalizar esta área, plantaram uma tulipa, tendo em conta todo o material que necessitavam.

De seguida, a aula de matemática consistiu no material do 3º e 4º dons de Froebel. A Lília distribuiu pelos alunos envelopes que continham flores e cães. Realizou a construção da estátua e da escadaria, fazendo uma explicação, passo a passo. Quando uma criança manifestava dúvidas em relação à quantidade de uma dezena, a Lília tentava explicar de diversas formas: através de palhinhas, do quadro (referindo a ordem das unidades e das dezenas), mas a criança não conseguiu responder. Nesta situação, a educadora entrevistou explicando que a criança estava a perceber, mas tinha vergonha ou medo de responder.

Ainda na área da matemática realizou mais um exercício de multiplicação, utilizando as flores, mas devido à falta de tempo não concretizou mais situações problemáticas.

Por fim, realizou a dobragem da flor, na área da expressão plástica, mas não conseguiu concluir a atividade no tempo previsto.

## **Inferências**

Eu penso que foi muito positivo e interessante a forma como a minha colega Lília criou uma estratégia de comportamento, de forma a que as crianças se sentissem ainda mais motivadas para cumprirem as regras de funcionamento da aula, uma vez que tais regras são muito importantes e devem ser incutidas às crianças desde cedo. Marques (2001) explica que “[...] nem sempre é fácil criar regras que obtenham o consenso e a compreensão de todos, tanto mais que, na mesma sala coexistem alunos com diferentes níveis de maturidade cognitiva e moral.” (p.108).

Relativamente à situação da aluna que não respondeu e tendo a Lília utilizado outra estratégia, a educadora informou-nos que a aluna é insegura, demonstrando sempre uma grande falta de confiança em participar nas aulas. É importante ajudar estes alunos, não os deixando de parte. De acordo com Coll et. al:

“Partir do que o aluno já domina, potenciá-lo e conotá-lo positivamente, é sinal de respeito para com o seu contributo, o que sem dúvida vai favorecer a sua auto-estima. Pô-lo perante desafios que estejam ao seu alcance, guardar a distância óptima entre o que constitui o seu contributo e aquilo que tem pela frente fomenta o seu interesse e permite que ganhe confiança nas suas próprias possibilidades” (Coll et. al, 2001, p.53).

Acrescento que na teoria do desenvolvimento Psicossocial de Erik Erikson, o crescimento psicológico decorre ao longo de estágios e fases, sendo o primeiro estágio de desenvolvimento referenciado de confiança versus desconfiança (ocorre aproximadamente durante o primeiro ano de vida), em que a criança adquire ou não uma segurança e confiança em relação a si própria e em relação ao mundo que a rodeia, em especial através da relação com a mãe. O segundo estágio denomina-se autonomia versus dúvida e vergonha (aproximadamente entre os dezoito meses e os três anos) e é caracterizado por uma contradição entre a vontade própria e as normas sociais que a criança deve começar a integrar. Destaco o terceiro estágio chamado iniciativa versus culpa (aproximadamente entre os três e seis anos. Uma vez que a aluna na sala de aula não manifestou insegurança do fraco poder de iniciativa. Assim cabe ao educador estimular a criança no sentido de que ela pode ser aquilo que

eventualmente imagina ser, sem sentir culpa, pois é neste estágio que a criança tem uma preocupação face à aceitação dos seus comportamentos.

## **Segunda-feira, 7 de Fevereiro de 2011**

Este dia foi marcado pela minha aula programada sobre um mineral, tendo escolhido o sal.

Na área de conhecimento do mundo, apresentei um powerpoint, onde através de um “bonequinho” explorava as diversas salinas de Portugal, bem como o material e os processos necessários. Através de um tabuleiro, as crianças tentaram fazer o processo de retenção do sal, o que as levou a interagir e participar nesta aula.

Na aula de matemática, distribui pelas crianças diversas imagens de saleiros, e as crianças realizaram operações de multiplicação. Criei várias situações problemáticas, fazendo a interdisciplinariedade com o tema do conhecimento do mundo e, desta forma, as crianças concretizaram o que lhes era pedido. Quando uma criança demonstrou dificuldade em realizar a operação, chamei-a ao quadro e tentei dirigir as perguntas de forma a que a criança chegasse ao resultado com a minha ajuda, ou até mesmo, adaptar a minha linguagem à da criança.

Por fim, na área de expressão plástica, os alunos realizaram a técnica da pintura com sal (em cartolina preta).

## **Inferências**

O tema sobre o sal é bastante interessante e penso que a aula correu bem, pois as crianças estavam muito interessadas.

Na aula de matemática, as crianças mantiveram-se empenhadas em concretizar o que lhes tinha pedido.

Na utilização de técnica da pintura como apareceram desenhos diferentes as crianças puderam expressar o que queriam.

## **Terça-feira, 8 de Fevereiro de 2011**

Este dia foi marcado essencialmente pela realização de trabalhos em atraso e também pela revisão de letras na Cartilha Maternal. A educadora Sofia dialogou com os alunos tentando explicar as suas dúvidas.

De seguida, a educadora centrou-se na aluna Maria Inês que apresentou muitas dificuldades na leitura, e na memorização de sons. A educadora foi persistente para com a aluna, pois reforçou-a positivamente sempre conseguia ultrapassar alguma dificuldade.

Depois do intervalo, a educadora realizou a aula de matemática utilizando o material de Blocos Lógicos e um fio, através do qual as crianças concretizavam os conjuntos pedidos.

## **Inferências**

A educadora Sofia revelou-se sempre afetiva para com as crianças, fazendo sempre o reforço positivo, com comentários: “Estás mesmo quase a acabar a Cartilha, estás a ler muito bem!”. A sua atitude para com as crianças foi sempre positiva, motivadora e persistente, de forma a que aprendessem a ler melhor.

Lopes et. al. (2004) defendem que “Para aprender a ler a criança tem de adquirir duas competências básicas: a capacidade de tratar o código e a de tratar conceptualmente o texto.” (p.122). Observei que algumas ainda não tinham desenvolvido estas capacidades.

Segundo Schunk & Zimmerman citado por Lopes et. al (2004) “As primeiras experiências das crianças com o texto escrito, e o seu sentimento de eficácia pessoal ao entender e utilizar sistemas de símbolos estranhos, desempenham um papel crucial no desenvolvimento da competência de leitura e escrita.” (p.140), daí que tenha sido muito benéfica para a aluna a persistência e o cuidado da educadora, para ler, de modo a que na escrita o faça com maior eficácia pessoal.

## **Sexta-feira, 11 de Fevereiro de 2011**

A educadora Sofia solicitou-nos que contássemos uma história e fizéssemos a estimulação à leitura. Eu e as minhas colegas de estágio decidimos contar a história do “Cuquedo” de Clara Cunha. E a turma ia interagindo dizendo por exemplo “de lá para



cá e de cá para lá”. O uso repetitivo das palavras levou as crianças a memorizarem e a participarem dizendo as falas respectivas.

De seguida, ajudámos alguns elementos da turma a desenhar a letra bicuda, pois já haviam concluído a Cartilha Maternal, enquanto outros elementos prosseguiram com as lições da Cartilha Maternal.

## **Inferências**

A importância das histórias da Educação Pré-Escolar é de elevada riqueza, mas sê-lo-ia ainda mais se o educador diversificasse as estratégias. Elas contribuem de forma ativa para o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e da linguagem verbal e não verbal da criança.

Petrova, citada por Vygotsky (2009), considera que “a fantasia infantil não se detém na esfera dos sonhos, como acontece no caso dos mais velhos. A criança quer encarnar as acções, em imagens vivas, tudo o que pensa e sente” (p.87).

A forma mais peculiar de estimular a leitura, é fazer com que as crianças participem ativamente dramatizando. Neste texto, as personagens principais dividiam-se em grupos e, desta forma, foi possível que todos os alunos participassem com entusiasmo dando o seu contributo. Segundo Neto (2003) “A actividade lúdica torna divertida e agradável a aprendizagem no domínio da literacia e é um êxito garantido nos primeiros passos na leitura e na escrita.” (p. 149).

O mesmo autor acrescenta ainda que “ [...] os contextos de Jogo Dramático associados a elementos de literacia merecem desempenhar um papel fundamental nos programas de língua e iniciação artística destinados a crianças na idade pré-escolar.” (p. 149).

A memorização das palavras, quando as crianças participaram é um processo importante, como afirma Feldman (1999) que define que a memória é um “processo pelo qual nós codificamos, armazenamos e recuperamos informação.” (p.251) e na metodologia que utilizamos, tentámos fazê-lo.

## **Segunda-feira, 14 de Fevereiro de 2011**

Neste dia, foi possível observar a forma como a educadora Sofia abordou a aula de matemática. Distribuiu uma folha branca a cada aluno e desenvolveu a lateralidade pedindo que desenhassem no centro da folha uma casa, de seguida três

janelas, uma porta, a chaminé do lado direito, etc. Depois pediu várias situações, como por exemplo: “Desenhem meia dezena de canteiros, em que cada canteiro contém quatro flores. Quantas flores existem ao todo?” As crianças exploraram a multiplicação, através das perguntas que lhe foram formuladas e dirigidas.

De seguida, na aula de Música, realizaram um teste. Durante o teste, as crianças chamaram constantemente o professor.

Os alunos que já concluíram a Cartilha Maternal, foram chamados por mim e pelas minhas colegas de estágio de modo a lerem frases simples.

Ao fim da manhã, deste dia dos namorados, a educadora entregou a cada criança uma goma em forma de coração e disse: “Feliz dia da amizade!”. Todas as crianças agradeceram, mas não dialogaram sobre o tema.

## **Inferências**

A forma como a educadora Sofia abordou a aula de matemática foi motivadora para as crianças que participaram com entusiasmo. No teste de música todos se revelaram apreensivos pois chamaram constantemente o professor, revelando falta de confiança e muitas dúvidas. Penso que nesta primeira fase, o professor Paulo poderia ter ajudado, até porque muitas das questões não estavam adequadas à faixa etária, visto que muitos alunos ainda não sabem escrever. Coll et. al (2001) afirmam que na relação educadores – alunos [...] têm um papel muito importante os factores afectivos: a disponibilidade revelada em relação ao aluno, o respeito e afecto que lhes transmitimos, a capacidade de nos mostrarmos acolhedores e positivos constituem eixos em torno dos quais os alunos constroem uma representação dos professores.” (p.41), fazendo-os sentirem-se mais seguros, confiantes e motivados. Na aula de música, o professor poderia ter tentado que as crianças desenvolvessem essas atitudes e capacidades.

Hohmann & Weikart (2004) defendem que “A aprendizagem pela acção depende das interacções positivas entre os adultos e as crianças. (p.6).

## **Terça-feira, 15 de Fevereiro de 2011**

A educadora Sofia estimulou a leitura nas crianças através de um livro de rimas sobre aranhas. As crianças falaram das suas vivências e experiências acerca do tema.

Por fim, com o som “nh” várias crianças completaram as rimas que a educadora ia solicitando.

Para a aula de matemática, a educadora utilizou os calculadores multibásicos para concretizarem as operações aritméticas da adição. Concretizou várias situações problemáticas, inserindo como conteúdo novo a classe dos milhares.

Durante a aula de Língua Portuguesa a educadora leccionou Cartilha Maternal para os vários alunos que ainda não haviam terminado.

No intervalo, observei uma situação de confronto entre dois alunos da turma, que se empurravam e batiam. Perante aquela situação, a minha colega de estágio Lília foi avisar uma das educadoras que estava responsável pelo recreio, que não os confrontou com a situação.

## **Inferências**

A Educadora Sofia estimulou a leitura e a aula foi muito interessante, pois tentou desenvolver as capacidades de análise e síntese fonológica.

No recreio, a educadora responsável poderia ter falado com os alunos que se zangaram e não o fez, de modo a modificar o comportamento ou sugerir alternativas. Considerando o recreio um período fundamental para os alunos, Zabalza afirma:

“É um momento favorável para a incorporação de experiências – chave na área de movimento, do desenvolvimento dos grandes músculos, etc. [...] o tempo de recreio ao ar livre pode ser usado para muitas outras actividades, como o contacto com as plantas e animais, [...] actividades planeadas pelos adultos, [...] jogos diversos, etc. É função do adulto animar, apoiar, ajudar, sugerir alternativas, participar ativamente nos jogos e actividades lúdicas das crianças.” (Zabalza, 1998, p.192).

Neto (2003) acrescenta que:

“ Uma parte significativa do tempo de permanência, dos alunos, na escola é passado nos recreios, predominantemente no exterior. Os alunos no recreio jogam sobretudo futebol, observam o jogo, conversam e passeiam. Estas crianças não têm quase nada para fazer. “(p.240).

No recreio, as crianças mantêm entre si brincadeiras, que geram situações de conflito, (tal como aconteceu nesta manhã de estágio) devem ter da parte da educadora responsável sugestões de jogos, para poderem também ser lúdicos.

De acordo com Neto (2003) geralmente a maioria dos jardins-escola têm pouca supervisão por parte dos docentes no recreio, salientando que a supervisão dos recreios

do 1º ciclo em Portugal, devem existir e serem feitos por mais do que um docente. É nestes espaços de recreio que “existe uma margem de risco, contudo este deve ser controlado e não eliminado.” (p.245).

Segundo Hohmann (2001) citado por Zabalza (1998) é importante que a criança aprenda a verbalizar os sentimentos e a escutar o outro, pois desta forma, desenvolve:

“ [...] capacidades para enfrentar situações de conflito, reconhecendo pontos de vista diferentes do seu, respeitando-os e aceitando-os. A vivência dessas experiências permite que a criança vivencie o sucesso no seu ambiente, tanto com outras crianças como com os adultos.” (p.198).

As crianças desenvolvem capacidades e valores fundamentais como o respeito pelo outro, a partilha, que são importantes para a sua integração e sociabilização, tanto no grupo como na sociedade.

### **Sexta-feira, 18 de Fevereiro de 2011**

Nesta manhã, a Lília lecionou a área de conhecimento do mundo sobre os frutos: abacaxi e ananás. Questionou as crianças: “Para que servem as frutas?” Obteve respostas como: “ Dão-nos força”; “ Têm vitaminas”; “Faz bem aos músculos”; “Dá-nos energia para viver”. Questionou também qual a fruta preferida deles. De seguida mostrou a planta do ananás, e abordou a diferença entre o ananás e abacaxi, mostrando imagens reais em powerpoint.

De seguida, fui para a sala do bibe azul B, pois a educadora necessitou de se ausentar. Quando regressei à sala, a Lília estava a fazer estimulação à leitura através de uma história contada de um livro com a silhueta de um ananás. No fim, as crianças dramatizaram a história e receberam uma máscara de ananás e dançaram.

A Lília não conseguiu gerir o tempo e fazer tudo o que tinha planeado e a aula de matemática foi concretizada da parte da tarde.

### **Inferências**

As crianças mostraram-se interessadas e interativas no tema de conhecimento do mundo, gostando das imagens mostradas pela colega. Segundo Spodek & Saracho (1998), as “fotografias estimulam discussões e oferecem informação “ neste sentido as imagens devem “ ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de

crianças, e não devem ter excesso de detalhes para que elas possam se concentrar no que é importante.” (p.335). A Lília escolheu imagens adequadas em tamanho e nitidez, atraindo a atenção do grupo.

## 1.4. Quarta Secção

**Período de estágio:** 14 de Março de 2011 a 10 de Maio de 2011

**Nível de escolaridade:** 1º ano

**Bibe:** Castanho

**Turma:** A

**Educadora Cooperante:** Sara Sepúlveda

### 1.4.1. Caracterização da turma

A turma frequenta o 1.º ano do Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, é constituída por vinte e quatro crianças, treze crianças do sexo masculino e onze do sexo feminino.

Até ao momento não existe qualquer relatório psicológico de algum aluno, no entanto há uma criança do sexo masculino que frequenta sessões terapia da fala.

### 1.4.2. Caraterização do espaço

A sala encontra-se ornamentada com vários espaços direccionados à aprendizagem. Existem zonas onde é apresentada a tabuada, e em cima dos quadros é possível observar de forma bastante apelativa o alfabeto.

### 1.4.3. Rotinas

As rotinas do 1º ano de escolaridade são idênticas às anteriores, apenas não se realiza a fase da “sesta”, bem como, no início da manhã, a turma sai às 9.15 do acolhimento da roda.

#### 1.4.4. Horário de turma

De seguida, apresento o quadro 7 com o horário do bibe castanho.

Quadro 7: Horário da turma do 1º ano

|                 | 2ª feira              | 3ª feira              | 4ª feira            | 5ª feira                   | 6ª feira  |
|-----------------|-----------------------|-----------------------|---------------------|----------------------------|---|
| 9H10 – 9H40     | Música                | Matemática            | Leitura e escrita   | Matemática                 | Leitura e escrita                                   |
| 9H50-10H30      | Leitura e escrita     | Leitura e escrita     | Leitura e escrita   | Leitura e escrita          | Leitura e escrita                                   |
| 11H-12H         | Matemática            | Informática           | Matemática          | Leitura e escrita          | Matemática  |
| 12H – 13H       | Almoço                |                       |                     |                            |   |
| 13H-14H         | Recreio               |                       |                     |                            |   |
| 14H10-15H20     | Conhecimento do Mundo | Conhecimento do Mundo | Educação Física     | Conhecimento do Mundo      | Estimulação à leitura \ Jogos \ Grafismos em séries |
| 15H30 – 16 H 30 | Inglês                | Trabalho em grupo     | Expressão Dramática | Expressão Plástica \ Barro | Assembleia de Turma                                 |
| 16H40-17H       | Lanche e saída        |                       |                     |                            |   |

#### 1.4.5. Relatos Diários

##### Segunda-feira, 14 de Março de 2011

Apesar de já ter passado a semana de estágio intensiva no 1º ano, este dia foi marcado pela apresentação das minhas colegas de estágio à turma.

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos leram um texto e praticaram exercícios de gramática, classificando as palavras quanto ao género, ao número e ao número de sílabas. Fizeram depois a interpretação do texto oralmente, respondendo a perguntas com graus de dificuldade diferentes.

Para a resolução da proposta de Língua Portuguesa, a professora Sara pediu a colaboração das estagiárias para ficarem junto a alguns alunos específicos, para ajudá-los ou apenas para manter a sua concentração. O aluno que ficou comigo não fez o trabalho que se pretendia.

Na segunda parte da manhã, os alunos realizaram uma proposta de Matemática, com duas situações problemáticas, com base na adição e na multiplicação.

## **Inferências**

O aluno que eu ajudei, não estava empenhado em realizar o seu trabalho, demonstrando ser muito preguiçoso e mal comportado. Por ordem da professora, ficou retido na sala durante o intervalo para entender a importância de trabalhar em sala de aula. Permaneci junto dele e, gradualmente, o aluno foi completando alguns exercícios.

Neste ano de escolaridade, a criança debate-se com uma necessidade mais profunda de concentração. Para o aluno não é fácil manter por demasiado tempo a atenção nas atividades propostas pela professora, concorrendo vários fatores para que a criança se desconcentre e reaja com alguma indisciplina e falta de motivação. Para isto não acontecer, cabe ao professor conhecer bem os seus alunos, para poder oferecer várias estratégias de forma a obter resultados positivos. Tal como afirma Sim-Sim (2005) “ [...] para além de olhos e bom senso, genuíno interesse, tempo e disponibilidade para os ouvir, existem instrumentos e procedimentos que facilitam a recolha sistemática de informações pertinentes sobre a pessoa do aluno, estilos de aprendizagem [...]” (p.95).

Ainda de acordo com Sim-Sim (2005) “ Os professores bons gestores são aqueles que conseguem criar na sala de aula uma atmosfera que, sendo calma e relaxada, transpira actividade virada para objectivos.” (p.99).

Muitas vezes, a forma como se inicia a lição é determinante para todo o seu desenrolar “[...] O objetivo dos professores é, obviamente, que estas duas primeiras fases se desenrolem sem percalços e sejam tão breves quanto possível. “(p.100).

Assim, numa fase em que com facilidade a atenção dos alunos se dispersa, torna-se fundamental ao professor manter-se atento, criando mecanismos que tornem a aula mais dinâmica e interativa de modo a conseguir captar a atenção dos alunos e, ao mesmo tempo, mostrando-lhes que há uma fronteira entre o trabalho necessário na assimilação de conteúdos na sala de aula e o tempo de lazer que é reservado ao espaço fora da aula. O aluno com quem estive ao não realizar os trabalhos não teve tempo de recreio.

## **Terça-feira, 15 de Março de 2011**

Neste dia dei aula de estudo do meio. Realizámos uma experiência e eu entrei mascarada de cientista “louca” com uma bata, óculos e uma peruca azul.

Entreguei uma proposta experimental, onde as crianças podiam ler os materiais e procedimentos necessários, bem como, fazer algumas conclusões acerca do funcionamento da bexiga natatória dos peixes.

## **Inferências**

Nesta fase de aprendizagem, é fundamental começar a explicitar os conceitos básicos para a compreensão de um conjunto de situações do quotidiano e, simultaneamente, estimular o interesse do maior número possível de crianças para que prossigam os seus estudos em ciências, pelo que considero que a experiência realizada se revelou interessante e apelativa. Aprender na disciplina de ciências é ajudar a criança a compreender o mundo à sua volta. Quando a criança realiza experiências e investiga pode responder a questões como: “O que acontece se...?”, “Quais as diferenças e as semelhanças entre...?”, passando a estar envolvida nessa aprendizagem. O professor deve auxiliar este processo e fá-lo-á tanto melhor quanto mais familiarizado estiver com as ideias que as crianças têm à partida e conseguir a partir delas planear atividades e experiências que as possam desenvolver ou modificar. É importante o papel do educador, pois, para além de assumir uma postura desafiadora, deve organizar um ambiente físico da sala de uma forma que enriqueça tais experiências diárias. Tal como afirmam Spodek & Saracho (1994) “a ciência não deve permanecer abstracta para as crianças, e elas devem aprender como ela se relaciona com o que fazemos em nossa vida diária.” (p.296).

Segundo Sousa (2003) “A atenção, a concentração, a vontade, a persistência e a autodisciplina advêm se o esforço estiver aplicado a actividades de experimentação prática e afetiva do interesse da criança.” (p.46)

Spodek & Saracho (1994) defendem que, para as crianças, pensarem em ciências se deve fomentar e despertar o gosto e o sentido da observação daquilo que as rodeia segundo esses investigadores. “A instrução em ciências deve ser baseada nas experiências das crianças e na sua capacidade de observar os processos científicos nelas.” (p.285).

Para Alberto (1991), a ciência oferece a possibilidade de as crianças realizarem importantes objetivos educativos realizando atividades de que realmente gostam. Assim, um dos principais objetivos da ciência em ambiente escolar é ajudar a criança a pensar logicamente, de modo a resolver problemas simples e práticos, que vão



surgindo, promovendo uma melhor compreensão acerca do mundo que a rodeia, de forma a dar resposta à sua curiosidade sobre os fenómenos naturais. Outro dos principais objetivos prende-se com o desenvolvimento de capacidades como, por exemplo, observar, testar ideias, procurar e usar informação, elaborar hipóteses e comunicar. Estes aspetos são reforçados pelo autor acima referido. A comunicação é estimulada quando a criança sente o impulso de exprimir vivências significativas para si, através dessas atividades. Estas permitem desenvolver valores e atitudes tais como perseverança, reflexão crítica, curiosidade, criatividade, abertura de espírito, flexibilidade de pensamento, responsabilidade, autonomia, respeito pela natureza e pela vida.

### **Sexta-feira, 18 de Março de 2011**

Este dia foi pautado pela vinda dos pais à escola, para assistirem a uma manhã de aulas. As crianças leram um poema dedicado aos pais e, de seguida, brindaram-nos com um trabalho manual realizado anteriormente.

Depois do intervalo, dirigiram-se à sala e a professora Sara lecionou uma aula de matemática, baseada nos calculadores multibásicos, realizando operações de divisão e, de seguida, uma das alunas foi representar o resultado ao quadro.

### **Inferências**

A família é o primeiro e principal grupo de referência para os alunos, daí que no intervalo tenha sido interessante observar a interação dos pais com os filhos e com os amigos dos filhos, realizando diversas brincadeiras. É importante que os pais tenham conhecimento da rotina e dos hábitos das crianças dentro da Jardim-Escola. Gisbert (1996) defende o papel dos pais como “ [...] importante no processo de desenvolvimento e socialização das crianças.” (p.18).

Segundo Marques:

“ [...] o envolvimento dos pais não traz só benefícios ao aproveitamento escolar dos alunos. Aumenta a motivação dos alunos pelo estudo. Ajuda a que os pais compreendam melhor o esforço dos professores. Melhora a imagem social da escola. Reforça o prestígio profissional dos professores. Ajuda os pais a desempenharem melhor os seus papéis, ou seja, incentiva os pais a serem melhores pais. Da mesma forma, estimula os professores a serem melhores professores.” (Marques, 2001, p.20).

Neste dia, foi possível observar pais e filhos a realizarem jogos. Aquele autor defende que um dos elementos de ajuda mais importantes dentro deste ambiente de co-participação pais-filhos é o jogo.

Erikson( 1974), citado por Neto (2003) reforça que “o jogo devia estar intimamente ligado ao desenvolvimento social e emocional das crianças.” (p.34).

### **Segunda-feira, 21 de Março de 2011**

Este dia coincidiu com a reunião na ESE com o propósito de entrega das avaliações.

### **Terça-feira, 22 de Março de 2011**

Foi o dia da minha aula programada, assistida pela orientadora Prof. Dr. Paula Colares Pereira. Iniciei a manhã com a aula de Matemática, utilizando o 5º dom de Froebel, fazendo a construção da casa. Tive a intenção de ir explicando todos os passos e fiz a mesma construção mas em tamanho maior. Durante a construção fui questionando os alunos sobre o material, a quantidade de cubos necessária para as camadas, etc. Inseri a construção numa história e ainda fiz referência ao dia da árvore (dia 21 de Março), e à importância da natureza. Apresentei, de seguida, vários vasos com flores, para que as crianças manipulassem as situações problemáticas com base na operação da multiplicação.

Na aula de Língua Portuguesa introduzi um conteúdo novo: Antónimos. Distribui pelos alunos várias palavras e cada um tinha de descobrir o seu antónimo, como por exemplo: curto – comprido; largo-estrito, entre outras. Depois de encontrado o par, colocavam as palavras numa cartolina enfeitada em forma de janela tradicional.

#### **Inferências**

O destaque dado ao dia da árvore pretendeu atender ao desenvolvimento da consciência ecológica e à necessidade de preservação do ambiente, favorecendo a aquisição de atitudes responsáveis e alertando para a recolha e separação dos lixos, para o tratamento e proteção do ambiente, incluindo a educação ambiental como fundamental para a alteração de hábitos e a veiculação de valores ambientais.

O conteúdo relativo aos antónimos insere-se na unidade lexicográfica, sendo muito importante ao nível da informação paradigmática do funcionamento da língua e, ao mesmo tempo, permite aos alunos um enriquecimento lexical e ensinar-lhes oposições, estimulando-os para as antíteses e para as variações de sentido introduzidas pelos pares oximóricos de palavras.

### **Sexta-feira, 25 de Março de 2011**

A professora Sara iniciou a manhã escrevendo no quadro quantidades em numeração romana e os alunos, no lugar, tinham de representar essa mesma quantidade. Ex: XXVI – 26.

De seguida, realizaram uma proposta de trabalho com base na numeração romana. A professora pediu para que auxiliasse uma aluna, que não conseguia trabalhar a numeração romana, pois já sentia grandes dificuldades na grafia árabe. Notei que facilmente percebia a quantidade XV, pois oralmente dizia: 15, mas não sabia escrever este número. Além desta aluna, foi notório que uma grande parte da turma tinha dificuldade na leitura de números.

Na aula de Língua Portuguesa, a professora Sara entregou uma proposta de trabalho, que consistia num pequeno texto sobre os sinais de pontuação. Por fim, tinham que realizar um texto seguindo as indicações do mesmo. O resultado final era um boneco feito com os sinais de pontuação.

### **Inferências**

O estudo da numeração romana é particularmente importante para introduzir os alunos na aprendizagem dos sistemas de numeração percursores do sistema indo-árabe e da herança deixada pelos romanos. A noção de número e as suas extraordinárias generalizações estão intimamente ligadas à história da humanidade, pelo que se revela muito importante familiarizar os alunos com o sentido do número e com as práticas de cálculo e medição, porque, na realidade, os números são-nos tão familiares que raramente pensamos como é que eles apareceram. O sistema de numeração romano foi edificado, segundo Eves (1997) como um sistema de agrupamento simples de base dez.

## **Segunda-feira, 28 de Março de 2011**

A professora Sara inicia sempre a aula de segunda-feira conversando com os alunos sobre o fim-de-semana. Depois, os alunos realizaram uma ficha de revisão para a prova de funcionamento da língua. A professora pediu-me para ajudar o aluno Rodrigo, que repetitivamente afirmava: “Não sei!”. Este aluno, desistia com muita facilidade, mas não hesitava em pedir a minha ajuda para que não saísse de junto dele.

Por volta do meio-dia, tiveram aula de música no ginásio, fizeram jogos apelando à adição, jogos de grupos, etc.

## **Inferências**

A professora Sara, ao dedicar os minutos iniciais com os alunos abordando o que tinham feito no fim-de-semana, permite-lhes partilhar vivências e experiências, de modo a todos terem oportunidades de falar e de exprimir as suas opiniões.

Este período é essencial para a comunicação entre professor- aluno. Tal como afirma Brickman & Taylor (1991) quando os adultos entram diretamente numa conversa com as crianças, “ [...] estão a utilizar uma das formas mais importantes que dispõem para contribuir para o desenvolvimento da criança.[...]”. (p.27). Brickman & Taylor (1991) acrescentam que a interação é o diálogo verbal ou não verbal que emerge da comunicação dos alunos entre si.

O aluno Rodrigo mantém sempre uma atitude derrotista, demonstrando sempre uma grande falta de confiança. Segundo Brickman & Taylor (1991) o que se pretende é que as crianças ganhem domínio sobre si próprias a partir de uma motivação intrínseca. Além disso, a professora tem um papel fundamental como adjuvante, tal como já foi referido anteriormente, aos incentivar a auto-estima e o sentimento de confiança para melhorar o nível de desempenho dos alunos.

## **Terça-feira, 29 de Março de 2011**

Este dia foi o da prova de Língua Portuguesa. A professora Sara leu a prova e tirou algumas dúvidas. A professora pediu novamente para que eu ficasse junto do Rodrigo, para que ele realizasse o teste.

## **Inferências**

O Rodrigo, neste dia mostrou-se muito aplicado e interessado em fazer tudo corretamente, realizando assim a sua prova para avaliação.

O despacho 98-A\92, de 20 de Junho, que definiu e implantou o novo sistema de avaliação das aprendizagens dos alunos do ensino básico, apontou como principais mudanças no sistema de avaliação: o reforço da função formativa da avaliação, o desenvolvimento de um sistema de apoios e complementos educativos, a avaliação interna no final de cada ciclo de ensino, o reforço do papel dos alunos e dos encarregados de educação, a avaliação sumativa externa no final da escolaridade obrigatória. Segundo Nevo (1990) quase tudo pode ser objeto de avaliação constituindo a avaliação das aprendizagens uma parte da avaliação do sistema educativo. A avaliação é, portanto, o processo de determinação da extensão com que os objetivos educacionais se realizam. O processo de avaliação contribui para a eficácia do ensino, porque consiste na observação e interpretação dos seus efeitos e, no limite, permite orientar as decisões necessárias ao bom funcionamento da aula. É no próprio processo do ensino-aprendizagem que surge a avaliação, funcionando como um mecanismo que verifica se os objetivos pretendidos são efetivamente atingidos.

## **Sexta-feira, 1 de Abril de 2011**

Neste dia, a minha colega Catarina Henriques deu aula. Para a aula de Língua Portuguesa, os alunos leram uma receita de uma pizza, e substituíram o desenho dos ingredientes por palavras..

Na aula de estudo do meio, a Catarina explicou a profissão de cozinheiro, e fizeram uma pizza. Para a estratégia de comportamento, a Catarina colocou duas pizzas no quadro e ia tirando ingredientes conforme o mau comportamento.

Na aula de Matemática, sobre frações, cada aluno tinha duas pizzas (maquetes) e algarismos móveis. A Catarina ia pedindo situações para os alunos representarem e estes efetuavam a indicação do cálculo pretendido.

## **Inferências**

As frações são muito importantes para desenvolver o conceito de número racional na sua representação fracionária. Uma aprendizagem do conceito fração poderá ser obtida com maior êxito quando explorado esse conceito nos seus cinco significados: número, parte – todo, medida, quociente e operador multiplicativo, quando é o caso. Por exemplo, situações de descoberta do quociente podem ser usadas para as crianças se apropriarem do invariante de ordenação das frações por meio do raciocínio lógico, quanto mais divide o bolo em mais partes, menor o pedaço de bolo que cada uma receberá, e esta relação poderá ajudar as crianças a entenderem que quando maior o denominador, menor é a parte que recebe da unidade. Uma das estratégias pode ser a usada pela colega ao desenhar ou cortar supostas pizzas em duas ou três partes para se comparar o tamanho das partes, pelo que a proposta de trabalho estava muito apelativa, embora a aula se tenha relevado pouco dinâmica. A realização da pizza pelos alunos mostrou-se bastante criativa e todos os alunos estavam muito empolgados e contentes, não obstante estarem um pouco desconcentrados com as maquetes da pizza na aula de matemática, se bem que todo o material estivesse muito bem organizado.

### **Segunda-feira, 4 de Abril de 2011**

A Lília deu aula e começou por fazer a revisão das classes dos animais. Para esta aula de Estudo do Meio, a Lília formou vários grupos e distribuiu a cada um, uma coroa, representando uma classe dos animais. Exemplo: leão, rã, bacalhau, etc. Mostrou várias imagens em powerpoint e de seguida as crianças tinham que identificar a classe do animal.

Na aula de Língua Portuguesa, fizeram a leitura de um texto adaptado: “Rato, ratito, ratão” e, desta forma, exploraram o grau dos nomes, conforme liam.

Na aula de matemática realizaram um jogo do dobro, triplo e metade. A turma deslocou-se para o exterior e realizaram a atividade, que tinha como ideia base o conhecido jogo do lenço. As perguntas colocadas às crianças quando chegavam ao centro (lenço) era por exemplo:  $2 \times 7$ .

## **Inferências**

Através do jogo, as crianças vivem situações imaginárias o que reforça a auto-confiança, as capacidades individuais, sociais e criativas. Além disso, os jogos promovem aptidões sociais como a objetivação de metas, assim como a experiência da vivência em grupo e a utilização do movimento como meio de expressão. Partindo-se do conceito das inteligências múltiplas e dos temas curriculares transversais, os jogos tradicionais infantis tornam-se um meio privilegiado para a auto-descoberta e auto-avaliação, para a valorização e convívio com as diferenças e criação de uma postura de adesão ativa a novas aprendizagens e, além disso, o jogo tradicional infantil é um elemento de aprendizagem e desenvolvimento, de adaptação social e conservação da própria cultura. Tal como Piaget afirma os jogos são admiráveis instituições sociais ao promoverem a comunicação interpessoal e ao criarem um relacionamento grupal e permitindo a integração, a participação e a manutenção das tradições.

## **Terça-feira, 5 de Abril de 2011**

A professora Sara pediu aos alunos para lerem o texto do manual que treinaram em casa. De seguida, fomos assistir à aula-surpresa da nossa colega Liliana que estava na sala do 2º ano de escolaridade. Foi-lhe pedido que desse uma aula de matemática com calculadores multibásicos, incidindo sobre a subtração com empréstimo. Não foi possível assistir à totalidade da aula, mas vimos diversos exercícios com os alunos, propostos por ela.

De seguida, foi pedido à minha colega Lília que também desse uma aula-surpresa em que o tema era a adição com transporte com calculadores multibásicos. Ela relembrou as regras e criou uma estratégia de comportamento.. Criou diversas situações problemáticas resolvidas oralmente. O resto da manhã foi passado em reunião com as orientadoras de estágio, refletindo sobre o mesmo.

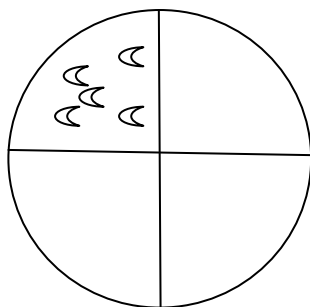
## **Inferências**

A Sara pediu aos alunos para lerem em casa a lição, sendo assim um trabalho de casa. Os trabalhos de casa são um importante meio de consolidação de conhecimentos e competências, devendo ser encarados como um instrumento de

treino, identificação das dificuldades e orientação da aprendizagem, pelo que alguns autores defendem a utilidade pedagógica dos trabalhos de casa. A Sara propôs diversos exercícios, mas o grau de dificuldade dos cálculos propostos foi excessivamente simples. Enalteço a segurança revelada durante a aula, a confiança revelada e a estratégia adequada de comportamento adotada.

### **Sexta-feira, 8 de Abril de 2011**

Neste dia, a Catarina repetiu a aula de matemática realizada no dia 1 de Abril, para melhorar alguns pontos que não teria realizado com sucesso. Criou uma proposta de trabalho, que consistia no tema das frações. Exemplo: Preenche um quarto da pizza com cogumelos.



*Figura 9 – Exercício das frações*

### **Inferências**

A importância do conteúdo das frações já foi referida anteriormente no dia 1 de Abril em que fundamentei alguns aspetos.

### **Segunda- feira, 11 de Abril de 2011**

A maioria das crianças estava de férias. A professora Sara ficou com as duas turmas do primeiro ano. As crianças brincaram com os jogos da escola, e outros trazidos de casa. Exemplo: mikado, jogo do galo, jogos de psp, etc. A professora deu algumas sugestões de atividades e jogos que poderiam realizar.

A pedido da professora, eu e as minhas colegas de estágio plastificámos e cortámos letras móveis.



## **Inferências**

É muito relevante a interação livre entre as crianças, sendo importante haver, por vezes, uma intervenção por parte do professor espontânea que extravase as regras fixas e a imposição de limites.

Tal como afirmam Formosinho et al. (2006) deve-se fazer sugestões às crianças, “[...] desde que a questão colocada à criança seja genuína e não uma ordem indirecta.” (p.35).

Formosinho et. al (2006) acrescentam que:

“[...] solicitar ideias às crianças e mostrar aberturas a indicações do seu comportamento ajuda o professor a fazer sugestões informadas. Solicitar informação e ideias às crianças modela um estilo interactivo de relacionamento com os outros [...]” (p.36).

Segundo Hohmann & Weikart (1995), citado por Formosinho et al (2006) ,

“ [...] as crianças são livres para manipular os materiais, para fazer escolhas, fazer planos e tomar decisões, para falar e reflectir acerca do que estão a fazer, ou acerca do que fizeram, contando com o apoio sempre presente dos pares e dos adultos. As crianças que se envolvem neste tipo de experiências de aprendizagem activa crescem na sua capacidade de pensar e raciocionar e ainda na sua capacidade de se entender a si próprias e de se relacionarem com os outros.” (p.78).

Esta abertura às iniciativas das crianças é fundamental para que elas adquiram importantes competências ao nível da autonomia, da auto-confiança, bem como estimulam a sua criatividade e as suas capacidades interventivas.

## **Terça-feira, 12 de Abril de 2011**

Neste dia, alguns alunos concluíram fichas em atraso, alguns treinaram a leitura, outros brincaram e fizeram jogos.

Nós, as estagiárias continuámos a cortar letras e a plastificar as mesmas.

## **Sexta-feira, 15 de Abril de 2011**

As duas turmas do 1º ano foram para a sala do 4º ano e fizeram jogos. Eu e as minhas colegas continuámos a cortar e a plastificar letras.

Houve apenas uma situação irregular, pois um aluno do 4º ano empurrou o braço de uma das minhas colegas de estágio. Esta minha colega chamou o aluno à

atenção, mas este não respondeu, mas olhou, levantou-se e levantou o braço para ter uma atitude mais agressiva. Neste momento, a professora Sofia interviu, chamando a atenção do aluno, e mais tarde explicou-nos que esta criança sofre da doença de autismo e que por vezes reage desta forma.

## **Inferências**

O autismo é uma disfunção global do desenvolvimento. É uma alteração que afeta a capacidade de comunicação do indivíduo, de socialização e de comportamento. É importante ser diagnosticada precocemente para que a intervenção necessária seja aplicada.

Segundo Sim-Sim (2008):

“são as trocas interactivas com o ambiente que possibilitam a aquisição de informação e conduzem à formação de conceitos que permitem dar sentido ao mundo. Por essa razão enfatizamos a necessidade da equipa que trabalha com os alunos com multideficiência de criar oportunidades para que eles possam desenvolver as respectivas capacidades comunicativas.” (p.66).

A autora acrescenta que é

“[...] indispensável a equipa estar consciente de que os parceiros envolvidos nas interações com estes alunos devem conhecer as formas de comunicação que eles utilizam para comunicar, incluindo as mais subtis, bem como as suas intenções comunicativas. É igualmente necessário colocarem à sua disposição meios que possibilitem a receção e a transmissão de informação significativa.” (p.66).

Além das estratégias que devem ser adaptadas conforme a criança, é fundamental que a equipa que trabalha com esses alunos tenha particular atenção na forma como os ambientes de aprendizagens são organizados. Estes devem permitir que os alunos tenham possibilidade de interagir com o mundo e adquirir conhecimentos significativos. (Sim-Sim, 2008, p.67). Os alunos que padecem de autismo possam ser estimulados na abertura ao mundo exterior, à participação nas atividades e interação com professores e colegas, o que vai facilitar a diminuição da tendência para o isolamento que é um traço típico desta disfunção.

## **Segunda-feira, 2 de Maio de 2011**

Este dia coincidiu com a minha aula. Realizei uma experiência química, baseada na mistura de diferentes substâncias. Cada aluno tinha um protocolo experimental que fomos preenchendo à medida que avançávamos com a experiência.

Criei uma estratégia de funcionamento, que se baseava na cotação de pontos: cada equipa tinha um caracol colorido com vários pontos, que eu, à medida que o comportamento piorava, ia cortando.

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos é que criaram um texto com base nas situações que sugeri, pois tinha criado três parâmetros fundamentais: a personagem principal, o local e um objeto. Tinha várias imagens para cada item que estavam numeradas, as crianças escolhiam o algarismo e percebiam que calhava: Bruxa; mar e tesouro. Depois de várias ideias, a história ficou: “Era uma vez uma bruxa chamada Babirucha que foi tomar banho ao mar e encontrou um tesouro. A bruxa ficou rica.”

Entreguei a cada criança, um género de um livrinho em que tinham de copiar a história e colar as imagens que tinham sido seleccionadas.

Posteriormente, na aula de Matemática só foi possível realizar o 1º exercício, por falta de tempo. Os exercícios eram de lógica e as crianças, com ajuda, não tiveram dificuldade em realizar. O primeiro exercício baseava-se nos dias que o caracol demorava a subir as escadas.

## **Inferências**

Para muitas crianças brincar com a linguagem é uma atividade que espontaneamente se tem vindo a desenvolver desde a infância. Segundo Hohmann & Weikart (1997) “A investigação sobre o desenvolvimento da linguagem sugere que as crianças gostam de brincar com as palavras porque isso as faz sentir com controlo.” (p.545).

Os autores acrescentam ainda que:

“Quando inventam uma história [...] estão a aprender que podem criar elas próprias histórias, e relacionar palavras de uma maneira satisfatória e inteligível. Retirar prazer da linguagem e ouvir e inventar histórias [...] alarga a compreensão do uso e da eficácia da linguagem como meio de comunicação.” (Hohmann & Weikart, 1997, p.545).

Na matemática, a aplicação de exercícios de lógica são cruciais, pois deve-se partir do concreto para o abstrato. Segundo Gispert (1996) a criança torna “mais denso o seu pensamento objectivo, em que “os círculos de raciocínio” tendem a descansar na explicação final de carácter intuitivo quando os factos se tornam complexos e ultrapassam os limites compreensivos.” (p.29).

Desta forma, as crianças conseguiram realizar os distintos exercícios de lógica, observando-se “como a criança é capaz de efectuar classificações de acordo com vários critérios combinados, [...] e, sobretudo, como se encontra capacitada para levar a cabo as primeiras operações matemáticas de carácter complexo e combinado. [...] A isto devemos acrescentar os seus notáveis progressos no domínio do tempo e do espaço.” (p.29).

### **Terça-feira, 3 de Maio de 2011**

O tema da aula da Lília foi sobre meteorologia. A Lília mostrou um vídeo de meteorologia do ano 2000, onde explorou com as crianças diversos itens. Depois, interpretaram os símbolos e os seus significados. Tiveram a oportunidade de colocar os símbolos na zona de Portugal onde quisessem e verificou-se que a maioria dos alunos colocou o símbolo sol em Lisboa. Por fim, a Lília pediu a uma criança para apresentar o programa, como se fosse um metereologista.

Na aula de Língua Portuguesa, fizeram a leitura e interpretação do texto adaptado “ Um dia de chuva”, cabendo aos alunos terminarem a história.

Na aula de matemática, o material utilizado foram os calculadores multibásicos e as situações criadas foram de subtração com empréstimo. Posteriormente os alunos fizeram a leitura por ordens e por classes dos números.

### **Inferências**

A visualização de um vídeo foi fundamental para esta aula, pois foi aplicado num sentido de aprendizagem. A diferenciação de estratégias utilizadas em sala de aula são apelativas por diversas razões já abordadas como também para a motivação dos alunos. Daí que destaque a iniciativa dada aos alunos de poderem escolher livremente o local que considerassem mais importante.

Apesar de existirem diversos fatores que contribuem para a aprendizagem de conteúdos através da visualização de um vídeo, Gispert (1996) afirma que “ a criança aprende através dos cinco sentidos [...]” e desta forma “ [...] só exercita a visão e a audição e não oferece o que a criança necessita para o seu desenvolvimento intelectual.” (p.101).

Gispert (1996) afirma ainda que a visualização de vídeos “ [...] não requer resposta alguma por parte da criança, com o qual não está a exercitar a linguagem precisamente num momento em que está a aprender.”(p.101) e “ [...] reduz o papel da criança ao de um mero espectador, o que a faz ir perdendo a sua capacidade para representar visualmente a realidade [...]” (p.102), pelo que, como adverte este autor esta ferramenta pode funcionar de forma negativa ou limitadora, ao tornar o aluno meramente passivo face às imagens que visiona. Na minha opinião a Lília conseguiu superar esta dificuldade, ao imprimir uma dinâmica interativa com os alunos.

### **Sexta-feira, 6 de Maio de 2011**

No início da manhã fui assistir à aula surpresa da minha colega Filipa Martins , tendo-lhe sido pedido que desse uma aula de calculadores multibásicos, com subtracção com empréstimo. De seguida, foi-me solicitado que lecionasse na outra turma do 1º ano o mesmo tema. Criei uma situação problemática, utilizando a base 10 e de seguida, realizei a prova dos nove fora.

### **Inferências**

Durante toda a aula surpresa senti alguma dificuldade em manter a disciplina. Desta forma devia ter criado alguma estratégia de comportamento, visto que a turma é bastante instável.

É necessário tentar controlar a aula de forma a nem se ser muito permissiva nem demasiado diretiva e arranjar uma abordagem apoiante caracterizada pela partilha de controlo entre as crianças e os adultos. (Brickman,1991, p.19).

Segundo Formosinho et al. (2006) “Muitos dos aspetos da interacção social envolvem a negociação entre os participantes quanto à sequência, estrutura e troca global da interação. Uma negociação bem sucedida implica a capacidade de adivinhar com bastante rigor o que agrada à outra criança e de chegar a um acordo em que as preferências ou necessidades de cada participante são consideradas.” (p.40).

A negociação é um processo de resolução de conflitos em que as partes procuram construir um acordo para impedir o desenvolvimento de hostilidade para fases mais agudas e, portanto, a negociação visa evitar a confrontação direta em que as partes fazem cedências e exigências mútuas. Deste modo, há autores que defendem soluções baseadas na cooperação, na mediação e na negociação. (Monteiro & Ferreira; 2009; p.236).

## **Segunda-feira, 9 de Maio de 2011**

Neste dia a turma fez a leitura de um texto: “Fundo do Mar”, de Sophia de Mello Breyner. A professora Sara explicou o poema, mas antes todos se exprimiram falando sobre o mesmo.

De seguida, para a aula de matemática utilizaram o 5º Dom de Froebel, e abordaram conteúdos como arestas, vértices e faces, e concluíram com a realização da construção da palmeira.

## **Inferências**

O texto apresentado na aula permitiu uma valiosa experiência de aprendizagem de literacia. Torna-se imprescindível que o ato da leitura forneça aos alunos elementos ou competências para a compreensão de significados, por intermédio dos quais poderão fazer as suas representações da realidade, apelando às suas experiências vividas. Segundo Siraj-Blatchford (2005) “Pode considerar-se que no centro do acto de ler se encontra o significado que preenche por inteiro o objetivo da actividade. O contexto da história ou da frase permite ao leitor levar a cabo a tarefa da descodificação, de modo a antecipar o que as palavras podem ser, ao procurar o significado.” (p.47).

A tarefa de descodificação é muito relevante para a apreensão do conteúdo da memória semântica, o que passa por um trabalho de descodificação dos sentidos implícitos ou latentes no texto escrito. Tal como defendem alguns investigadores “depois da escrita, segue-se a « descodificação» explícita dirigida às crianças [...]” (Siraj- Blatchford, 2005, p. 49), tal como afirmam estes autores.

## **Terça-feira, 10 de Maio de 2011**

Este dia foi marcado pela aula da minha colega Catarina, que iniciou a manhã por lecionar matemática, introduzindo o material calculadoras papy. As regras foram recordadas e todas as crianças realizaram os exercícios.

Na aula de Estudo do Meio, a turma dirigiu-se para o exterior da sala, onde se encontrava um enorme tapete representando as órbitas do sistema solar. Alguns elementos da turma participaram, e andaram à roda com um planeta. Por fim, cada um leu um pouco sobre o planeta que lhe calhou.

Depois do intervalo da manhã, a aula de Língua Portuguesa foi alusiva aos tipos de frase, em que através de um jogo em grupos, a Catarina introduziu o tema pedido.

### **Inferências**

Nesta aula, o material utilizado foram as calculadoras Papy. As crianças manipularam o material pela primeira vez respeitando sempre as regras impostas pela Catarina, embora tivesse sido possível captar a atenção de um maior número de alunos e, o facto de os alunos não terem lido em voz alta acabou por diminuir a sua atenção face à leitura. Mas, as crianças fizeram os exercícios propostos.

Segundo Caldeira o material “ [...] consiste numa série de placas ou painéis, divididos em quatro partes: cada uma das partes tem uma cor diferente [...] e representa um valor numérico.” (Caldeira, 2009, p.345).

A autora defende que com este material a criança

“[...] aprende a seleccionar, decidir, descobrir regularidades e a utilizar diferentes modos de chegar à resolução de um problema; realiza a compreensão dos números e da numeração; reconhece a compreensão do sentido do número e das operações; efectua o cálculo com números realizando operações; desenvolve o cálculo; resolve situações problemáticas.” (Caldeira, 2009, p.347).

Estes fatores são muito relevantes para estimular e desenvolver o gosto pelo raciocínio matemático, incutir regras básicas de cálculo numérico, de modo a que a aprendizagem matemática se faça adequadamente.

## **1.5. Quinta Secção**

**Período de estágio:** 16 de Maio de 2011 a 1 de Julho de 2011

**Nível de escolaridade:** 2º ano

**Turma:** A

**Educadora Cooperante:** Rute Costa

### **1.5.1. Caracterização da turma**

A turma do 2º ano de escolaridade é constituída por sete crianças do sexo masculino e por dezasseis crianças do sexo feminino. Maioritariamente a caracterização sócio económica das famílias é elevado, e a maioria apresenta também formação superior.

Destaco que neste grupo existem dois alunos sinalizados com necessidades educativas especiais, um aluno com dificuldades de aprendizagem, um aluno com problemas comportamentais e um aluno com problema de língua.

Os alunos em geral apresentam mais dificuldade na oralidade, leitura, ortografia e escrita do que na parte de compreensão, vocabulário e raciocínio.

É notável a forma motivante com que conseguem trabalhar perfeitamente em pequenos grupos.

### **1.5.2. Caraterização do espaço**

O espaço do 2º ano de escolaridade é bastante amplo, com zonas diferenciadas e bastante arrumação. A sala está toda ornamentada com cartazes apelativos referentes aos temas que são tratados.

### **1.5.3. Rotinas**

As rotinas são idênticas às do 1º ano de escolaridade.

### **1.5.4. Horário de turma**

Apresenta-se o horário do 2º ano.



Quadro 8: Horário de turma do 2º ano

|                | 2ª feira          | 3ª feira               | 4ª feira          | 5ª feira           | 6ª feira          |
|----------------|-------------------|------------------------|-------------------|--------------------|-------------------|
| 9H00 – 9H30    |                   |                        | Leitura           |                    |                   |
| 9H30-10H00     | Matemática        | Língua Portuguesa      | Matemática        | Língua Portuguesa  | Matemática        |
| 10H-11H        | Matemática        | Língua Portuguesa      | Matemática        | Língua Portuguesa  | Matemática        |
| 11H – 11H40    | Recreio/Higiene   |                        |                   |                    |                   |
| 11H40-12H50    | Língua Portuguesa | Matemática             | Língua Portuguesa | Matemática         | Língua Portuguesa |
| 12H50-13H30    | Higiene/ Almoço   |                        |                   |                    |                   |
| 13H30 – 14H30  | Recreio/ Higiene  |                        |                   |                    |                   |
| 14H30-15H30    | Estudo do Meio    | Informática/Biblioteca | Estudo do Meio    | Educação Física    | Estudo do Meio    |
| 15H30-16H30    | Música            | Estudo do Meio         | Inglês            | Expressão Plástica | Estudo do Meio    |
| 16H30 – 17 H00 | Estudo do Meio    | Estudo do Meio         | Estudo do Meio    | Expressão Plástica | Estudo do Meio    |
| 17H00-17H15    | Lanche e saída    |                        |                   |                    |                   |

### 1.5.5. Relatos Diários

#### Segunda-feira, 16 de Maio de 2011

Neste primeiro dia de estágio nesta sala, a professora Rute iniciou a manhã com uma conversa sobre o fim-de-semana. De seguida, fui assistir à aula surpresa da colega Talma, que deu matemática com o material calculadores multibásicos. Realizou diversas situações problemáticas e fez leitura de números. Tomei atenção ao facto de a colega ter realizado uma operação em que adicionava reбуçados e frangos, concluindo com a pergunta: “ Qual foi o total?”.

De volta à sala do 2º ano de escolaridade, a professora Rute contou uma história usando o powerpoint, sobre uma lenda africana: “Porque é que as zebras têm riscas?” A interpretação da lenda foi feita através de um vídeo com música e, de seguida, fizeram a análise gramatical através de um pequeno jogo.

Depois do intervalo, na aula de matemática, as crianças aprenderam a divisão com dois algarismos no divisor e utilizaram algarismos móveis, para realizar a operação.

## **Inferências**

Na aula surpresa a que assisti, quando a Talma direcionou a pergunta de: “Qual foi o total?” deveria ter questionado: “ Quantos produtos comprou ao todo?” É necessário simplificar as situações de modo a não confundir os alunos e, neste caso, gerou alguma confusão, pois a questão deveria estar ou direcionada apenas para os rebuçados ou só para os frangos.

Segundo Ponte (1998)

“Os códigos de comunicação face-a-face e a natureza realista e próxima de muitos dos conteúdos televisivos fortalecem laços de comunicação. Há uma construção singular destes conteúdos de grande proximidade e acessibilidade: a montagem que transforma o tempo, os planos, que desenham e hierarquizam o espaço e os intervenientes, os fundos musicais que envolvem a cena, a própria construção e exibição em séries que familiarizam os mais novos com personagens e ambientes.” (p.28).

As estratégias devem ser acessíveis aos alunos nesta sociedade de informação, de modo a tornarem-se apelativas em virtude da familiaridade que os alunos têm que ter relação às imagens, à música, ao que pode contribuir para uma participação mais motivada e aliciante na captação da sua atenção e dos conteúdos apresentados, daí que os alunos se tenham mantido muito concentrados e interventivos expondo as suas dúvidas à professora.

## **Terça-feira, 17 de Maio de 2011**

No início da manhã, a professora Rute manteve uma pequena conversa com os alunos, que contaram algumas novidades ou curiosidades.

A primeira hora de aulas foi baseada no estudo da tabuada, em que uns perguntavam a outros e assim sucessivamente.

De seguida, fizeram a leitura e interpretação do texto: “Pato submarino” de António Torrado. A professora Rute utilizou o som da voz do autor para contar a história.

Há uma aluna que fez trabalho diferenciado em relação aos outros alunos.

## **Inferências**

Um dos elementos a salientar prende-se com a importância decisiva da relação dialógica que deve ser mantida entre o professor e o aluno. Assim, segundo Coll et. al (2001): “o diálogo entre professor e aluno [...] permite uma exploração mais flexível e por isso mais rica, permite [...] preservar a dinâmica da aula [...]” (p.70).

A professora Rute conseguiu tornar as aulas dinâmicas e apelativas, pois, entregou-se ao seu trabalho com muito empenho e motivação, mas lamenta o fato de o som não ter estado perfeitamente audível, que motivou queixas de algumas crianças. Tal como afirma Hohmann & Weikart:

“ Num clima de apoio, as capacidades e os entusiasmos únicos dos adultos enriquecem e dão vida às suas interações com as crianças, estabelecendo as bases para relações autênticas que permitem que ocorra uma aprendizagem honeste e eficaz.” (Hohmann & Weikart, 1997, p.83).

Formosinho et. al (2006) defendem que é necessário tempo para desenvolver a confiança nos adultos que não estão inseridos no ambiente familiar. “O sentido de confiança e a afeição das crianças pelo professor podem constituir a base do seu desejo de satisfazer as expectativas deste.” (p.34).

A motivação é extremamente relevante, porque os alunos motivados adquirem uma atitude ativa e empenhada no processo de aprendizagem e, por isso, aprendem melhor. Quanto mais diversificadas forem as abordagens a um tema, mais dinâmicas e diferenciadas são as tarefas e maior é a motivação e a concentração, de modo a melhorar a aprendizagem.

A escolha de textos apelativos, como o texto de António Torrado é um bom exemplo, para a motivação e concentração dos alunos, já que os níveis de concentração aumentam consoante aquilo que mais lhes agrada ler. Segundo Lopes et al. (2004) “ Os sentimentos de empatia ocorridos durante a leitura de certos livros podem ser explicados por interações complexas entre atitude, motivação e estados afetivos.” (p.144).

Segundo Sim-Sim (2006) “[...] a leitura consiste num processo interativo entre o leitor e o texto [...]” (p.46), já que hoje em dia a educação não pode ser sinónimo de depósito de conhecimentos, pelo contrário compreende uma aprendizagem ativa e cooperativa, com reflexão sobre a informação adquirida e daí decorre a necessidade de leitura reflexiva. Esta representa uma das boas vias para que as crianças vão

entendendo a realidade e quanto mais os textos forem apelativos mais as crianças conseguem encontrar novas inferências e novas aplicações. A leitura não é só importante pela construção de conhecimento que gera, pois também tem grande importância no desenvolvimento biológico das crianças, o que se traduz positivamente nas suas capacidades cognitivas e ao nível das suas atitudes. Através da estimulação cerebral, as crianças vão enriquecendo o seu vocabulário.

Acrescento que é fundamental despertar o gosto pela narrativa desde uma idade precoce, cativando a atenção e o interesse das crianças. Nas crianças do nível etário quatro-dez anos, os contos lidos devem ter uma estrutura binária, explorando características opostas. O desenvolvimento da imaginação nesta idade está muito ativado e é por isso que a criança gosta sobretudo de contos de fadas ou contos fantásticos, já que são muito importantes para dar sentido e significação ao mundo e às experiências que vivem. Estes textos apelativos devem ser estruturados na forma de histórias. Aos professores compete desenvolver estratégias adequadas ao nível etário dos seus alunos, em sala de aula, com o objetivo de lhes criar a necessidade de ler.

A leitura deve ser reflexiva e não uma atividade passiva, pois para o aluno tirar proveito da leitura deve questionar o que lê.

Ainda nesta turma, foi notório reparar nas dificuldades sentidas pela aluna Beatriz na realização das diferentes atividades, pois enquanto uns realizavam exercícios de divisão, a Beatriz resolveu exercícios de multiplicação.

### **Sexta-feira, 20 de Maio de 2011**

Este dia foi marcado pelos anos de uma aluna, a Beatriz, que já tinha referido anteriormente. Todos os alunos acarinharam a colega e demonstraram-se amigos da mesma. Esta aluna tem uma ótima relação com a professora e colegas, apesar de manter sempre uma estrutura pouco sociável com as estagiárias. A professora Rute explicou que a Beatriz tem um défice de aprendizagem, que é verificável no desenrolar das diferentes atividades propostas.

Fomos assistir à aula surpresa da colega Susana no 3º ano de escolaridade que deu o perímetro com o material cuisenaire.

## Inferências

Para crianças como a aluna Beatriz que revelam dificuldades no processo de aprendizagem, torna-se necessário que existam todas as condições e apoios para ajudar no desenvolvimento da aprendizagem.

Segundo Sim-Sim (2005) “As dificuldades advêm, quer das próprias características destes alunos quer do facto de nem sempre existirem condições no estabelecimento de ensino regular para os incluir com sucesso.” (p.64).

A autora defende que uma das funções relevantes nos casos de necessidades educativas especiais são a preparação “[...] para a vida e contribuir para que tenham a melhor qualidade de vida possível.”. (p.64).

A professora Rute ao modificar os exercícios propostos de modo a que a aluna sentisse confiança e auto - estima veio ao encontro do seu ritmo que é mais lento na aprendizagem, pelo que a sua estratégia foi eficaz. Sim-Sim (2005) defende que “[...] é fundamental implementar estratégias específicas [...]”.

No caso da matemática, à partida, parece ser mais difícil fazer a criança explorar o mundo à sua volta, uma vez que as noções matemáticas nem sempre aparecem claramente nas situações do quotidiano e é por isso que se procura criar atividades que facilitem a exploração pela criança. Aquelas devem ser constituídas, em grande parte, por materiais concretos que a criança pode manipular, montar, etc. No estudo do perímetro posso afirmar que a atitude adequada do professor, em relação ao uso do material, decorre de ele conceber o ensino da matemática nas séries iniciais como um convite à exploração, à descoberta e ao raciocínio. Em relação aos conteúdos analisados e explicitados sobre esta matéria, na minha opinião, aponto falta de dinamismo, o qual deveria ter sido melhor planeado.

O cuisenaire (criado por Georges Cuisenaire 1891-1976) é um bom material concreto para o ensino da matemática. Sendo útil para explorar a sequência numérica, as frações, a coordenação motora, a memória, a análise-síntese, a constância da perceção de forma, tamanhos e cores. Podem ainda ser trabalhados o conceito de medida, de lado, de simetria, de área, volume ou de perímetro. A geometria é pois um conteúdo matemático que pode ser bem explorado para a resolução de problemas e, além disso, tem muitas aplicações ao mundo real.

## **Segunda-feira, 23 de Maio de 2011**

Realizou-se uma reunião na ESE visando a atribuição de classificações das estagiárias das turmas de mestrado.

## **Terça-feira, 24 de Maio de 2011**

Este dia coincidiu com a minha primeira aula ao 2º ano. Na aula de Língua Portuguesa explorei conteúdos programáticos como o “discurso” direto e indireto através de um texto lacunado. A turma participou com ideias para a continuação da história “A mania das pressas” de António Torrado. No fim, alguns elementos participaram na dramatização da história, com fatos próprios de tartaruga. No final ofereci uma tartaruga à turma para que pudessem visualizar e cuidar.

De seguida, na aula de matemática explorámos um gráfico de barras que consistia na quantidade de alunos que pertenciam a cada clube. De seguida, os alunos construíram o seu próprio gráfico de barras atendendo à peça de fruta que mais gostavam.

Por fim, na aula de estudo do meio, todos os alunos realizaram uma experiência com o ar. Consistia numa mistura de substâncias que libertava oxigénio para encher um balão. (consultar capítulo de dispositivos de avaliação).

## **Inferências**

Os gráficos apresentam-se como uma importante ferramenta que permite ampliar o tratamento de informações quantitativas e, além disso, permite que as crianças estabeleçam relações entre essas informações. Os gráficos de barras confrontam quantidades por intermédio de figuras que se assemelham a barras, cuja largura geralmente é constante e não tem nenhuma relação com as quantidades, enquanto que, a altura ou comprimento variam em função dos valores representados. As abordagens pedagógicas destacam o papel da aprendizagem de gráficos, sobretudo no ensino da matemática, cabendo a William Playfair em 1786, representar pela primeira vez gráficos de barras que tinham a peculiaridade de representar espacialmente quantidades não espaciais. Deste modo, Playfair passou a sistematizar graficamente informações sobre fenómenos que não se baseavam nas funções da matemática mais abstrata. O gráfico é visto como um recurso formal da matemática e é

um instrumento significativo de apresentação de informações e conforme afirma Biderman:

“ É importante fazer a distinção entre o uso do gráfico para demonstrar a aplicação da matemática às informações e o uso da matemática para facilitar o gráfico, isto é, a apresentação visual das informações”. (Biderman, 1996, p.21).

Uma vez que os alunos estavam demasiado entusiasmados a disciplina poderia ter sido melhor controlada, assim como a planificação do tempo da aula devia ter sido mais eficaz, uma vez que ultrapassei o limite de tempo estipulado.

### **Sexta-feira, 27 de Maio de 2011**

Esta manhã de estágio foi lecionada pela minha colega Catarina. Na aula de Língua Portuguesa a Catarina apresentou o texto: “As estações” de António Torrado. De seguida, fizeram um jogo de equipas que consistia em responder a questões de análise gramatical do texto.

Posteriormente, com um tapete em forma de sistema solar, todos interagiram em que um era o sol e o outro a terra e, desta forma, foi explicado o movimento de translação.

Por fim, na aula de Matemática, a Catarina explorou o conteúdo de leitura de mapas, através do mapa do metropolitano de Lisboa. Os alunos exploraram a legenda e fizeram exercícios de contagem de estações conforme pedido. No fim, a professora entregou um folheto do metro a cada aluno.

### **Inferências**

Visto que a competitividade se apresenta como caracterizadora desta fase de evolução do desenvolvimento, os jogos tornam-se um meio relevante para ir ao encontro dessa característica. Segundo Neto

“Nos jogos de movimento desta idade produz-se uma mudança na importância do jogo: a alegria do movimento transforma-se numa alegria pelo rendimento. Em situações competitivas, que já podem ser organizadas pelas crianças, evidencia-se a predisposição ao esforço e a capacidade de comparar rendimentos. A necessidade de movimento é muito grande nesta idade.” (Neto, 2003, p.234).

Neste comentário salienta-se a substituição do carácter mais lúdico do jogo pelo desempenho e pela melhoria dos rendimentos, o que se justifica pela faixa etária a que os alunos pertencem.

De acordo com Formosinho et al. (2006) “[...] as crianças adquirem e reforçam a sua compreensão e competências sociais nos contextos em que se envolvem em actividades mútuas e válidas.” (p.44), desenvolvendo, pois, a cooperação como forma de mitigar eventuais conflitos.

Destaco a forma pertinente e criativa como a Catarina procedeu à exploração do conteúdo e leitura dos mapas.

## **Segunda-feira, 30 de Maio de 2011**

Neste dia foi a colega Lília que deu a aula. Iniciou a manhã com Língua Portuguesa, fazendo a leitura modelo de um texto e de seguida as crianças leram.. A colega fez questões de interpretação oralmente.

Para a aula de Estudo do Meio, espalhou pela sala um “poster” gigante no chão relativo a Portugal, onde os alunos se sentaram à volta, abordando algumas das assimetrias regionais.

Na aula de matemática, o tema que explorou com as crianças foi o pictograma. Apresentou um enorme placard onde as crianças colocavam “pés”, em que cada “pé” correspondia a 10 000 passos. E, desta forma, preenchiam a tabela, conforme os exercícios pedidos.

### **Inferências**

As relações de sinonímia são muito importantes para a exploração lexical e semântica da língua. Segundo Coll et. al:

“ os professores devem facilitar a verbalização dos conceitos (...) pois assim fazem com que os alunos possam negociar o significado desses conceitos, pôr em confronto as suas ideias na resolução de dúvidas, utilizar conceitos de forma funcional e estudar a sua utilidade em diferentes contextos.” (Coll et al, 2001, p.107).

Por conseguinte, os alunos enriquecem o seu leque vocabular e evitam repetições e expandem a sua riqueza discursiva.

Destaco, além disso, os pictogramas que são símbolos representativos de objetos ou conceitos por meio de desenhos figurativos. Pictografia é a forma de escrita pela qual as ideias são transmitidas através de desenhos.



Os jogos matemáticos revelam-se um recurso pedagógico importante para a aquisição das competências matemáticas fundamentais para a vida do quotidiano. Através dos pictogramas, os alunos são estimulados a usar o raciocínio, a capacidade de concentração e a criatividade na resolução de situações problemáticas. Assim, os pictogramas são um recurso pedagógico-didático que incute nos alunos uma maior motivação para a aprendizagem da matemática.

### **Terça-feira, 31 de Maio de 2011**

Neste dia dei aula de Língua Portuguesa fiz a leitura do texto: “A lenda dos piratas” (texto adaptado). Vesti-me de pirata e contei a história. Depois de todos terem lido, fizemos a interpretação e análise gramatical do texto através de uma proposta de leitura. (consultar o capítulo de dispositivos de avaliação).

Na aula de matemática, fizemos a leitura de uma planta, onde explorámos os vários conceitos sobre o mesmo. Levei um cartaz em grande tamanho, para ser visível para todos, assim como distribui por cada aluno um igual, mas em menor tamanho. Fizemos diversos exercícios de forma a descobrir as medidas reais de alguns objetos representados no mapa. Mostrei a planta de S.O.S que está afixada no jardim-escola, em caso de acidente, ficando os alunos perceber onde estão e por onde se têm de dirigir em caso de emergência.

Por fim, para a aula de Estudo do Meio, dirigimo-nos para o recreio onde realizámos um pequeno jogo de grupos, que consistia na descoberta do tesouro. Falámos da rosa dos ventos, em que os alunos foram colar ao placard os pontos cardeais. Por fim, quando encontraram o tesouro, tinha bastantes rebuçados.

### **Inferências**

Para Neto (2003) para todas as crianças é atrativo decodificar mensagens visuais escritas ou através de códigos simbólicos, daí a importância de recorrer, para fins pedagógicos, à leitura de mapas, gráficos, cartazes, identificação de símbolos, signos, orientações, letreiros, etiquetas, dísticos, etc. que podem ainda ser utilizados de forma lúdica e criativa.

Enfatizando o objetivo do jogo realço os seguintes contributos da literatura revisitada:

Segundo Sousa (2003) “ [...] com o jogo, a criança engrandece-se, realiza-se, satisfaz-se, cria novas potencialidades e desenvolve a sua personalidade.” (p.156). Acrescentando este autor que podemos considerar o jogo como a principal «ferramenta educacional». (p.149).

Neto (2003) afirma que [...] “ [...] entende-se por jogo o processo de dar liberdade de a criança exprimir a sua motivação intrínseca e a necessidade de explorar o seu envolvimento físico e social sem constrangimentos. [...] Esta estimulação ocasional proporcionada pela exploração do espaço exterior é fundamental na estruturação das primeiras fases do desenvolvimento humano. (p.21).

Segundo Neto (2003) nos jogos de equipa [...] são os regulamentos do jogo, internacionalmente pré-estabelecidos que regulam o desenvolvimento da actividade. [...] No jogo de equipa a criança aprende a tomar posição e a subordinar os seus interesses pessoais em função do objectivo da mesma. Também aprende a assumir responsabilidades para si e para os demais. Através de jogos de equipa, entre outras actividades, também se desenvolvem capacidades como a coragem, a iniciativa, a resistência, a moral, o companheirismo, a igualdade, etc. (p.235).

Assim, o jogo de equipa é um importante veículo de cooperação e de interacção grupal.

Acrescento que os rebuçados, funcionando como prémio, ajustam à noção de reforço positivo desenvolvida pelo psicólogo Skinner.

### **Sexta-feira, 3 de Junho de 2011**

Este dia foi o da realização da prova de aferição de Língua Portuguesa. Todas as crianças aparentavam nervosismo, solicitando ajuda, embora não a pudessemos prestar.

### **Segunda-feira, 6 de Junho de 2011**

A professora Rute escreveu alguns sumários que estavam em atraso no quadro e a turma passou para o caderno. De seguida, os alunos passaram a manhã toda a fazer revisões para a prova de aferição de Matemática. A professora repreendeu um dos alunos várias vezes.

## **Inferências**

As revisões são de grande importância para a consolidação do conhecimento, daí que o professor deva estar disponível para esclarecimento de dúvidas que garantam essa revisão dos conhecimentos e para a explicação de matérias que tenham sido mal assimiladas, como instrumentos de consolidação de aprendizagens.

Foi notória a quantidade de vezes que a professora Rute teve de chamar um aluno à atenção, pois apresentava-se sempre muito distraído.

## **Terça, 7 de Junho de 2011**

Durante a manhã os alunos realizaram exercícios de preparação para a prova de matemática. De seguida, fui chamada para assistir à aula surpresa da colega Sónia que decorreu no 3º ano de escolaridade. O conteúdo que foi ensinado foi a leitura de números com os calculadores multibásicos.

De seguida, fui assistir à aula da minha colega de estágio Catarina que com os calculadores multibásicos aplicou a subtração com empréstimo. Realizou dois exercícios simples e uma situação problemática.

Posteriormente assistimos à aula surpresa do colega João, na sala do 4º ano de escolaridade, em que deveria ter realizado uma situação problemática com o 5º dom de Froebel. O colega aparentou um comportamento diferente e realizou a construção do poço.

## **Inferências**

A organização e direção de situações de aprendizagem revela-se de extrema importância, nomeadamente concebendo e administrando situações-problema ajustadas ao nível e às possibilidades dos alunos, bem como fazendo balanços periódicos de competências e tomar decisões de progressão. Daí que seja muito importante administrar a heterogeneidade no âmbito de uma turma, fornecer apoio integrado, trabalhar com alunos portadores de dificuldades, desenvolver a cooperação entre os alunos e promover o ensino mútuo, estimular o trabalho em equipa e envolver os alunos em atividades que estimulem a sua vontade de saber, o que se situa, na de que Vygotsky define como uma zona de desenvolvimento proximal,

operacionalizando as várias formas de trabalho e de regulação do percurso individual de cada aluno. O colega João, aparentando nervosismo não conseguiu terminar a tarefa a que se havia proposto. Focou-se apenas num aluno evidenciou maiores dificuldades, o que teve como consequência uma grande dispersão dos outros alunos da turma.

### **Segunda-feira, 13 de Junho de 2011**

Feriado

### **Terça-feira, 14 de Junho de 2011**

Neste dia os alunos realizaram a prova de Língua Portuguesa, que durou quase toda a manhã.

### **Sexta-feira, 17 de Junho de 2011**

Durante toda a manhã, a professora Sara manteve uma conversa com os alunos sobre a educação e a sua necessidade para tomarem consciência dos atos de forma a serem melhores pessoas e cidadãos. Todos os alunos participaram ativamente na conversa, demonstrando sempre interesse e questionando a professora de forma pertinente.

### **Inferências**

Segundo Estanqueiro (2010) os valores estão integrados na alma da educação, sendo indispensáveis na construção do carácter das crianças, uma vez que constituem os alicerces que irão sustentar a formação de cidadãos “mais livres, mais responsáveis e mais solidários” (p.99).

O professor ou educador que deseje contribuir para a construção de um futuro de esperança, com pessoas mais humanas, não pode restringir o seu campo de atuação ao desenvolvimento de competências técnicas que visam apenas o sucesso académico ao invés de investir na “formação integral da pessoa”. (Estanqueiro, 2010, p.99).

O autor defende que ao educador e professor incumbe uma das mais nobres tarefas, lançar “boas sementes” para que a “sociedade” colha “bons frutos” (p.99).

Um indivíduo ao ser moralmente educado, define uma “hierarquia de valores e recorre a critérios objetivos, para tomar as suas decisões fazendo uso da liberdade

responsável”. (Estanqueiro; 2010; p.100), sendo essa uma missão que fez parte do trabalho do professor.

### **Segunda-feira, 20 de Junho de 2011**

Nessa manhã, os alunos realizaram a prova de Língua Portuguesa.

### **Terça-feira, 21 de Junho de 2011**

Neste dia, a minha colega Catarina deu aula. Em Língua Portuguesa fez a leitura de um texto lacunado de Sophia de Mello Breyner: “O fundo do mar”. De seguida, os alunos completaram o texto. Não fez a interpretação do texto nem perguntas de análise gramatical. Reparei que no final houve uma criança que pediu para ler o texto completo e a Catarina recusou a sugestão devido à gestão do tempo.

Na aula de matemática os alunos exploraram um gráfico circular, baseado na quantidade de animais do mar, fazendo referência ao texto de Língua Portuguesa. Realizaram uma proposta onde completavam diversos gráficos circulares.

Por fim, na aula de Estudo do Meio, a Catarina realizou uma experiência referente à bexiga dos peixes.

### **Inferências**

Destaco a importância dos gráficos circulares no âmbito da importância da estatística e como ferramenta pedagógica já referida anteriormente, acrescentando que a colega Catarina deveria ter recorrido à imagem de uma bexiga de um peixe pois desse modo a aprendizagem teria sido mais eficaz e imediata.

### **Sexta-feira, 24 de Junho de 2011**

A professora Rute juntou as duas turmas do 2º ano. O dia foi passado com atividades livres, como por exemplo desenhos e jogos de tabuleiro.

### **Terça-feira, 24 de Junho de 2011**

Neste dia, os alunos tiveram ensaio de música, para a festa de final de ano. O resto da manhã foi passado a arrumar material e a escrever sumários em atraso.

### **Sexta- feira, 1 de Julho de 2011**

No período final de aulas, estiveram em sala de aula muito poucas crianças.

Começaram a manhã realizando atividades de expressão plástica, que consistiam em pintura livre com aguarela.

A professora Rute mostrou-nos alguns trabalhos da área de projeto, que consistia na ilustração dos contos tradicionais. No fim, ambas as turmas do 2º ano juntaram as ilustrações e formaram um livro referente aos contos.

Antes de almoço, fizeram atividades livres e visualizaram um filme “Alice no país das maravilhas”.

## **Inferências**

A professora Rute ao permitir a pintura livre pretende desenvolver no indivíduo o seu pleno desenvolvimento pois qualquer sistema educativo deve encorajar a criatividade. Está confirmada por vários investigadores a grande relevância das operações cognitivas no processo criativo em como o estímulo de criatividade conduz ao bom nível de desenvolvimento intelectual e à possibilidade de usar estratégias de pensamento que rompam com esquemas rotineiros. Neste sentido: “ a semente da criatividade já se encontra na criança: o desejo e o impulso de explorar, de descobrir coisas, de tentar, de experimentar modos diferentes de manusear e examinar os objetos. Enquanto crescem as crianças vão construindo universos inteiros de realidade nas suas brincadeiras.” (Amabile, 1996, p.22).

## **1.6. Sexta Secção**

**Período de estágio:** 27 de Setembro de 2011 a 18 de Novembro de 2011

**Nível de escolaridade:** 4º ano

**Bibe:** Azul escuro

**Turma:** A

**Educadora Cooperante:** Filipa Garrido

### **1.6.1. Caracterização da turma**

A turma do 4.º ano B é constituída por 20 alunos; 10 elementos do sexo feminino e 10 elementos do sexo masculino.

Em termos sócio-económicos, a turma caracteriza-se entre o nível médio e o nível médio alto, tendo em conta que a maioria das famílias possui curso superior e exerce-o na profissão.

Em termos culturais, é uma turma interessada no ambiente que a rodeia e na sua maior parte é estimulada pelos familiares.

A turma caracteriza-se pelo interesse geral no trabalho realizado em conjunto, mostrando-se bastante empenhada em seguir as aulas e colocar questões. A maioria dos alunos apreende de forma rápida os conteúdos abordados e aplica-os de forma correta e completa, acatando, inclusivamente, os pormenores para os quais são chamados à atenção.

Relativamente às áreas temáticas, os alunos são muito recetivos e participativos nas aulas de Estudo do Meio e História de Portugal.

Salientam-se melhores resultados nos conteúdos de Língua Portuguesa, quando comparados com a área da Matemática.

A maior lacuna apresentada pela turma é uma acentuada falta de flexibilidade aquando da realização de situações problemáticas, tendo praticamente todos os alunos uma enorme dificuldade em criar estratégias de resolução.

Há a apontar, ainda, um aluno com um ritmo de trabalho inadequado para o 4.º ano que, constantemente, fica com os trabalhos por terminar. Este aluno realizou testes com técnicos especializados, mas que não foram conhecidos os resultados todos pela escola.

Uma outra criança evidencia grandes dificuldades ao nível da aprendizagem, sobretudo por falta de empenho e interesse da sua parte. Demonstra não ter consciência da repercussão da sua postura em ambiente escolar.

Por fim, existem duas crianças que também exibem diversas dificuldades, no entanto, são empenhadas e esforçadas.

No que toca ao comportamento, existe apenas um caso problemático que, embora se destaque bastante, não exerce influência direta no trabalho dos restantes alunos, pois estes não o seguem. Há apenas a salientar que a turma se torna um pouco

indisciplinada nas aulas de Inglês, mostrando falta de interesse, sendo, muito competitiva na aula de Educação Física.

### 1.6.2. Caracterização do espaço

A sala do 4º ano de escolaridade tem o espaço bastante bem organizado, visto que é uma sala pequena. O principal cuidado a ter, é que todos os alunos consigam visualizar o quadro interativo, que é o grande utensílio de trabalho utilizado maioritariamente nesta sala.

É possível observar um pequeno espaço, onde os alunos constroem um puzzle, para posteriormente afixarem no quadro.

A sala da professora Filipa está decorada com o tema do “Sponge Bob”, um conhecido desenho animado, que as crianças gostam bastante.

### 1.6.3. Rotinas

As rotinas são idênticas à do 2º ano de escolaridade.

### 1.6.4. Horário de Turma

Apresento o quadro 9 que representa o horário desta turma.

Quadro 9: Horário de turma do 4º ano

|               | 2ª feira                 | 3ª feira          | 4ª feira           | 5ª feira          | 6ª feira          |
|---------------|--------------------------|-------------------|--------------------|-------------------|-------------------|
| 9H – 11H      |                          |                   | Leitura            |                   |                   |
| 11H- 11H30    | Língua Portuguesa        | Matemática        | Língua Portuguesa  | Matemática        | Língua Portuguesa |
| 11H30-12H45   | Recreio/Higiene          |                   |                    |                   |                   |
| 12H45 – 13H30 | Matemática               | Língua Portuguesa | Matemática         | Língua Portuguesa | Matemática        |
| 13H30-15H30   | Higiene/ Almoço/ Recreio |                   |                    |                   |                   |
| 15H30-16H30   | História de Portugal     | Estudo do Meio    | Expressão Plástica | Inglês            | Educação Física   |
| 16H30 – 17H30 | Lanche e saída           |                   |                    |                   |                   |



### **1.6.5. Relatos Diários**

#### **Terça- feira, 27 de Setembro de 2011**

Este foi o primeiro dia passado na sala do 4º ano de escolaridade. A professora Filipa deu-nos oportunidade de nos apresentarmos perante a turma e, de seguida, os alunos questionaram-nos sobre algumas curiosidades.

Na aula de matemática, os alunos lembraram algumas regras para realizarem a operação divisão, nomeadamente com a parte decimal.

Esta turma tem acesso unicamente ao quadro interativo, onde escrevem e trabalham propostas de atividades.

De seguida, leram um pequeno excerto de um texto: O Sr. e a Sra. Tonta de Roald Dahl.

#### **Inferências**

A tecnologia associada à educação oferece um enorme potencial que pode transformar o ensino e a aprendizagem. Os quadros interativos não são apenas dispositivos para apresentar informação em formatos variados, texto, gráfico, vídeos, som ou imitação. Podem ser um elemento crucial para tirar partido da modernização no ensino, pois tais tecnologias permitem implementar a criação de programas de apoio e desenvolver as atividades criativas. Além disso, o quadro interativo é um recurso que facilita a exploração de conteúdos em grupo pelo que é um instrumento didático muito importante.

#### **Sexta- feira, 30 de Setembro de 2011**

Neste dia, a turma do 4º ano foi a uma visita de estudo a Leiria no Museu da Batalha.

Eu e a minha colega Lília assistimos à aula do 2º ano de escolaridade com a professora Margarida. Tivemos oportunidade de consultar os dossiers, e foram notórias as dificuldades que a turma apresentava principalmente na escrita.

Os alunos realizaram algumas revisões do processo das operações matemáticas, lembrando o nome que se dá às partes constituintes das mesmas.

## **Inferências**

As visitas de estudo são muito estimulantes nesta fase do desenvolvimento educacional, pressupondo porém um processo de preparação que passa pelas seguintes fases: a escolha do tema, conteúdo e estrutura da visita de estudo, cooperação e apoio aos participantes envolvendo educadores e pais, apresentação de relatórios sobre os aspetos mais importantes da visita realizada. As visitas de estudo permitem ainda articular os trabalhos de sala de aula com a visualização e a experiência concreta das situações nos locais. Além disso, “[...] o meio social envolvente tem também influência, embora indireta, na educação das crianças” tal como afirma Silva (1997, p.33).

### **Segunda- feira, 3 de Outubro de 2011**

A professora Filipa iniciou a manhã com uma conversa com o aluno Rodrigo acerca do seu comportamento incorreto durante a fase de acolhimento de manhã. Os restantes alunos confessaram à professora a situação e a mesma ouviu todas as partes com atenção. No final, colocou a cor encarnada ao Rodrigo no quadro do comportamento.

Fizeram a correção do trabalho de casa e escreveram o sumário. De seguida, com a ajuda do quadro interativo, iniciaram a aprendizagem das expressões numéricas.

De seguida, no intervalo, a maioria dos alunos jogou à bola, enquanto as meninas jogaram ao jogo do elástico.

Por fim, na hora da leitura do livro: “As bruxas” de Roald Dahl, os alunos sentaram-se em cima das mesas de pernas cruzadas a escutar com atenção a leitura da professora.

## **Inferências**

No papel de educadores, os professores não podem ausentar-se da tarefa de introduzir os limites necessários para que as crianças possam desenvolver-se e situar-se no mundo adequadamente. Os professores ao não confundirem autoridade com autoritarismo desempenham um papel fundamental e o ato de colocar limites é estruturante e pedagógico, sendo necessário ter autoridade para fazê-lo sem ser

autoritário na sua prática diária, até porque o estabelecimento de regras é um fator organizador para as crianças.

### **Terça- feira, 4 de Outubro de 2011**

Toda a primeira parte da manhã foi dedicada à matemática e à leitura de números. Foi necessário focar toda a atenção na aluna Catarina, que sentia muitas dificuldades principalmente na parte decimal. Esta aluna além, de ter falta de concentração, demonstrava também pouco interesse pela aprendizagem.

Por fim, todos ouviram a continuação da história: “As bruxas” de Roald Dahl.

### **Inferências**

No processo ensino-aprendizagem a falta de interesse exige da parte dos professores uma atitude persistente no sentido de motivar os alunos, nomeadamente através do acompanhamento personalizado de cada aluno pelo professor, pois permite detetar tempestivamente qualquer alteração comportamental do aluno, permitindo tomar medidas preventivas de apoio, até porque a desmotivação interfere negativamente no processo da aprendizagem e entre as causas da falta de motivação, o planeamento e o desenvolvimento das aulas realizadas pelo professor constituem fatores determinantes. Assim, o professor deve fundamentar o seu trabalho em conformidade com as necessidades específicas dos seus alunos, tendo em conta o momento emocional e as ansiedades que permeiam a vida do aluno naquele momento.

### **Sexta- feira, 7 de Outubro de 2011**

De manhã, os alunos fizeram a correção do trabalho de casa que consistia em realizar operações de divisão.

Para a organização dos sumários, a professora entregou uma folha com a lição do sumário em que no verso os mais despachados criaram desenhos a partir de um certo segmento.

De seguida, visualizaram um filme sem som com muita atenção, para realizarem um texto escrito individual baseado na interpretação que fizeram do mesmo.

Por fim, na aula de matemática, a professora Filipa utilizou as cartas do jogo “UNO” para fazer a leitura de números com a turma.

### **Inferências**

A criação de desenhos a partir de segmentos estimula a criatividade dos alunos, aspeto que já foi destacado anteriormente.

### **Segunda- feira, 10 de Outubro de 2011**

A professora Filipa iniciou a manhã pela aula de matemática com situações problemáticas, onde era necessário recorrer a esquemas para ajudar na compreensão. Todos os alunos sentiram dificuldades, apesar de a professora Filipa ter insistido e explicado de diversas formas.

No final da manhã, os alunos realizaram uma ficha de interpretação e análise gramatical, onde cada um trabalhou individualmente. No final, quem fosse acabando a ficha tinha a oportunidade de ir para a mesa do puzzle tentar concluí-lo.

### **Inferências**

A exploração de várias formas com vista a alcançar a aprendizagem desejada passa por uma flexibilização do próprio conceito de conteúdos, admitindo-se que ele inclui elementos de natureza diversa como fatos, conceitos, sistemas conceptuais, procedimentos e até valores e só assim o ensino se torna mais do que informativo, formativo em todos os seus componentes.

### **Terça- feira, 11 de Outubro de 2011**

No início da manhã, os alunos fizeram a correção do trabalho de casa que consistia na análise gramatical de um texto. De seguida, a professora Filipa explorou a subclasse dos verbos: transitivos diretos e indiretos.

Depois, a professora Filipa realizou a avaliação da leitura através da história do “Sr. Tonto e da Sra. Tonta” de Roald Dahl. Os alunos tiveram oportunidade de fazer a auto-avaliação. Por fim, a professora disse as notas finais à turma.

## **Inferências**

A auto-avaliação constitui um instrumento de avaliação realizada em processo e só tem significado enquanto reflexão do educando, tomada de consciência individual sobre as suas aprendizagens e as suas condutas, favorecendo a sua superação. A auto-avaliação torna o aluno responsável pela sua própria aprendizagem, conseguindo modificar os caminhos do seu conhecimento e através dela observam-se os interesses e os avanços de toda a turma. Portanto, a auto-avaliação possibilita a aquisição de conhecimentos e competências, assim como a formação de atitudes e valores, devendo ser oferecida ao aluno como forma de o professor contabilizar as suas observações com a perceção do próprio aluno que, assim, também reavalia os seus métodos e progressos.

### **Sexta- feira, 14 de Outubro de 2011**

Depois de concluírem a correção do trabalho de casa, a professora promoveu a aprendizagem da matemática através de um jogo: missão. Consistia em que todos os alunos chegassem ao nível dez, para isso teriam de concretizar e passar por todos os níveis em que o objetivo final é a concretização de operações de divisão.

De seguida, a professora Filipa introduziu o conteúdo matemático: o perímetro, com a utilização do quadro interativo.

## **Inferências**

O aspeto lúdico associado ao ensino da matemática é um aspeto muito relevante, tal como anteriormente destacado.

### **Segunda- feira, 17 de Outubro de 2011**

Neste dia, a minha nova colega de estágio Talma deu aula. Na aula de Língua Portuguesa introduziu o tema das palavras derivadas. De seguida, fizeram a leitura do texto “Navegadores e astronautas” de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada. É de referir que a Talma distribuiu por todos os alunos um barco construído em origami.

Para a aula de História de Portugal, a Talma utilizou o powerpoint onde através de várias imagens foi contando a vida de D. João III.

## **Inferências**

Segundo Santos (2000):

“ A presença da disciplina de história nos currículos escolares resulta, naturalmente do reconhecimento social do seu contributo para a formação dos alunos e, sobretudo da vontade manifesta pela comunidade dos adultos daquilo que do passado é significativo e memorável e que por isso, sentem o dever e o direito de transmitir às novas gerações como herança...” (Santos, 2000, p.32).

Santos et al (2005) apelam para o entusiasmo das crianças e na necessidade de descobrirem como viviam os Portugueses, bem como a importância de conhecerem protagonistas que realizaram grandes feitos, descobrirem o que construíram, o que inventaram e por que ficaram célebres, entre outros factos de igual relevância. (p.3).

### **Terça- feira, 18 de Outubro de 2011**

A Talma deu aula de Língua Portuguesa, para consolidar os conteúdos abordados na aula anterior. Recorreu a um crucigrama, onde os alunos tinham que classificar palavras quanto à prefixação e à sufixação.

Os alunos colocaram os sumários em dia e, de seguida, realizaram uma proposta de matemática com as operações de divisão.

Por fim, a professora Filipa leu o livro das bruxas.

## **Inferências**

Atualmente são propostas novas metodologias de levar aos alunos um ensino mais dinâmico e, nesse contexto, está inserida a atualização de atividades lúdicas como o crucigrama usado como recurso didático, sendo de salientar que para uma boa aplicação dos jogos educativos é necessário um equilíbrio entre as funções lúdica e educativa para que se obtenha uma aprendizagem significativa.

### **Sexta- feira, 21 de Outubro de 2011**

Neste dia, a minha colega Lília deu a aula. Na aula de Língua Portuguesa, os alunos leram o texto: “O ouriço-cacheiro” (texto adaptado), de seguida, fizeram a interpretação do texto. A Lília introduziu então o conteúdo das palavras compostas, registando vários exemplos no quadro interativo. Por fim, os alunos realizaram uma

proposta de trabalho para consolidação de conteúdos. Ex: quebra-nozes, conta-gotas, etc.

O tema de Estudo do Meio foi a pele e cada criança teve uma maquete com as camadas da pele. (ex: hipoderme, derme, epiderme) e pêlos. A Lília referiu a função da pele, bem como os cuidados a ter.

Depois do intervalo, tiveram aula de matemática que consistiu num jogo de equipas para realização de situações problemáticas aplicando o conceito de perímetro.

## **Inferências**

A disciplina de Estudo do Meio é muito relevante, devendo a sua aprendizagem ser orientada para a observação e análise dos fenómenos, dos fatos e das situações que permitam uma melhor compreensão dos mesmos e que conduzam à intervenção crítica no meio. A partir das suas perceções, vivências e representações, o aluno é levado à compreensão, à reelaboração e à adoção de uma linguagem progressivamente mais rigorosa e científica. O estudo do meio abarca todos os níveis do conhecimento: desde a experiência sensorial direta até aos conceitos mais abstratos, desde a comprovação pessoal até ao conhecido através do testemunho, da informação e do ensino de outros. Assim, no primeiro ciclo, o professor deve proporcionar aos alunos oportunidades de se envolverem em aprendizagens significativas, isto é, que partam do experiencialmente vivido e do conhecimento pessoalmente estruturado, de modo a desenvolver capacidades instrumentais cada vez mais poderosas para compreender, explicar e atuar sobre o meio de modo consciente e criativo.

## **Segunda- feira, 24 de Outubro de 2011**

Neste dia foi a Jani Miranda que deu a aula. Começou pela aula de matemática onde introduziu a multiplicação por décimas, centésimas e milésimas. Todos os alunos utilizaram algarismos móveis para concretizar a situação problemática.

Depois do intervalo, a Jani lecionou Língua Portuguesa onde explicou as interjeições através de um powerpoint. Devido à falta de tempo, não foi possível acabar esta aula, nem iniciar a aula de História de Portugal.

No final da manhã houve aula de Ciências onde os alunos falaram da pele e fizeram a impressão digital.

## **Inferências**

Na aula de matemática, a Jani promoveu o trabalho individual através do uso de material manipulativo.

Segundo Morgado (2004) “ Os espaços de trabalho de natureza individual permitem também ao aluno proceder a reajustamentos nas suas competências através de mecanismos de auto-regulação, apoios individuais do professor, sendo também necessários no âmbito da avaliação.” (p.71).

O autor acrescenta que “[...] o ensino direcionado individualmente pode levar a bons resultados quando se procura promover a aquisição de conceitos e competências básicas [...]” (p.72).

O material manipulativo utilizado pelas crianças foram os algarismos móveis, e como já foi referido anteriormente, são uma ferramenta facilitadora da aprendizagem. Tal como afirma Alonso & Roldão (2005) “[...] os alunos que utilizam materiais manipulativos têm melhores resultados do que aqueles que não os usam.” (p.106).

## **Terça- feira, 25 de Outubro de 2011**

A Jani continuou a aula de História de Portugal sobre o reinado de D.João II, que ia explorando com os alunos através de um baú com palavras-chave. Por fim, todos cantaram uma canção alusiva ao tema, em que tinham que preencher o texto lacunado.

No final da manhã a professora Filipa continuou a leitura do livro: “As bruxas”, que se encontra na biblioteca da escola, mas a turma ouviu a história na sala de aula.

## **Inferências**

Como já foi referido anteriormente, existe uma grande preocupação em estimular as crianças para a leitura, pois tem grande importância. Nesta instituição existe uma biblioteca, em que todos os alunos têm acesso e horas semanais de visita. De acordo com Bastos (1999) “ [...] a biblioteca da escola pode constituir-se como o grande motor no fomento da leitura e de actividades com ela relacionadas. Pela sua proximidade face ao aluno [...]”. (p.295). Desta forma deve haver um trabalho consistente e sistemático para haver um importante foco de promoção do livro.

O mesmo autor acrescenta ainda que:



“As bibliotecas escolares devem constituir recursos básicos do processo educativo, sendo-lhes atribuído papel central em domínios tao importantes como a aprendizagem da leitura, da literacia, a criação e o desenvolvimento do prazer de ler e a aquisição de hábitos de leitura, as competências de informação e aprofundamento da cultura cívica, científica, tecnológica e artística. (Bastos, 1999, p.296).

## **Sexta- feira, 28 de Outubro de 2011**

Este dia foi marcado pela aula surpresa que me foi pedida. Dei uma aula de Língua Portuguesa aplicando os verbos transitivos e intransitivos. Comecei por fazer a leitura modelo de um texto e, de seguida, pedi a alguns elementos da turma que lessem. Posteriormente fiz a interpretação e análise gramatical do texto referido. Escrevi algumas frases no quadro, outras pedi aos alunos e, em conjunto, analisámos os verbos transitivos diretos e indiretos e ainda os intransitivos.

Posteriormente, a minha colega Lília deu aula surpresa de matemática utilizando o 3º e 4º dom de Froebel. A construção realizada com este material foi a ponte alta.

O resto da manhã foi passado em reunião com as orientadoras de estágio.

## **Inferências**

Grande parte da manhã foi passada em reflexão com as orientadoras da prática pedagógica. As aulas lecionadas pelas estagiárias assentam no imprevisto concedendo aprendizagens diretas e claras, com base no que as orientadoras solicitaram, pelo que é tarefa das estagiárias encontrarem as estratégias mais adequadas à transmissão dos conteúdos.

Tal como afirma Alonso & Roldão (2005) “É no terreno que o professor tem a oportunidade única, e de grande utilidade para a sua formação, de se confrontar com o real, de refletir sobre essa realidade, de comunicar e sobretudo de perceber que a aprendizagem de um professor nunca termina.” (p.36).

Nós, estagiárias utilizamos a nossa criatividade para leccionar os temas pedidos, pois as orientadoras pretendem verificar a estratégia que vamos utilizar. Tentamos sempre utilizar materiais manipulativos ou estratégias inovadoras de modo a cativar os alunos para a aprendizagem.

Segundo Alonso & Roldão (2005) “ Muitos professores ficam demasiado condicionados aos manuais, tornando o processo de ensino-aprendizagem rotineiro e pouco construtivo.” (p.28). Os mesmos autores afirmam que:

“Estamos sempre a aprender, quer com os bons exemplos, quer com os exemplos menos bons, porque quando tomamos consciência de que alguma acção/procedimento é menos correta, estamos simultaneamente a adquirir conhecimentos.” (Alonso & Roldão, 2005, p.36).

Por isso o contacto com a realidade e a adversidade das situações que existem numa sala de aula é sempre enriquecedora permitindo uma gradual progressão e melhoramentos adicionais na nossa aprendizagem.

### **Segunda- feira, 31 de Outubro de 2011**

Este dia, a turma do 4º ano da professora Filipa juntou-se à turma da professora Sofia Caldas. Eu e as minhas colegas de estágio organizámos uma manhã relacionada com o Halloween. A sala foi toda decorada com abóboras, imagens de morcegos e teias de aranha e ainda realizámos a receita do doce de abóbora. De seguida, com algum material disponível, dividimos a turma e os alunos enfeitaram uma abóbora livremente.

### **Sexta- feira, 4 de novembro de 2011**

Neste dia, dei aula de Língua Portuguesa sobre o modo imperativo. Os alunos preencheram uma receita lacunada, onde tinham de colocar o verbo correto. Realizaram-no na 1ª e 3ª pessoas do singular. O facto de a receita ser extensa facilitou o exercício para a maioria dos alunos. A professora Filipa chamou à atenção do aluno Rodrigo para o comportamento inadequado.

A aula de estudo do meio foi dada com grande entusiasmo, para apelar à prevenção dos incêndios. Comecei por ouvir as vivências das crianças e conversar com elas sobre o tema. De seguida, mostrei vários utensílios utilizados pelos bombeiros como: capacete, mangueira, etc.

Posteriormente, os alunos visualizaram um pequeno filme a partir do qual fizeram uma pequena reportagem. Alguns elementos participaram, fazendo de jornalistas e outros de bombeiros.

Por fim, na aula de matemática introduzi o metro cúbico. As crianças apresentaram bastantes dúvidas e questões acerca do conteúdo. Embora me tenha

esforçado por explicar por diversas vezes, os conteúdos não foram totalmente apreendidos por todos os alunos.

## **Inferências**

Destaco a questão das grandezas e medidas, assinalando que os alunos quando chegam ao 1º ciclo já possuem diversos conhecimentos informais no âmbito das grandezas e medidas. Ao professor cabe partir de tais conhecimentos para aprofundar a compreensão desses conceitos, apresentando situações relacionadas com a medida de várias grandezas. Segundo o novo programa de matemática do ensino básico, os alunos devem compreender as grandezas como o dinheiro, o comprimento, a área, a massa, (Palhares, 2004) compreendendo o que é a unidade de medida e o processo de medida e relacionando diferentes unidades de medida. Saliento que a pertinência deste tema nos currículos de matemática justifica-se pela sua presença no dia-a-dia e assume particular importância no contexto dos números decimais. Defino grandezas como atributos dos objetos que podem ser medidos como por exemplo: o volume, a massa e o comprimento. Por sua vez, medir consiste na comparação de duas grandezas da mesma espécie. Medir é pois uma síntese das operações de mudar de posição e de subdividir, comparando uma dada quantidade de comprimento, massa ou volume com o comprimento, massa ou volume de um dado objeto a que se chama unidade, permitindo assim associar um número a uma quantidade de grandeza. (Ponte & Serrazina, 2000). Além disso os conteúdos referentes a grandezas e medidas proporcionarão contextos para analisar a interdependência entre grandezas e expressá-las algebricamente.

## **Segunda-feira, 7 de novembro de 2011**

Neste dia a professora Sofia do 4º ano B faltou. Por isso, a professora Filipa reuniu as duas turmas na mesma sala o que se tornou bastante complicado de gerir e de organizar o espaço. A maioria das crianças não tinha mesa e tiveram de ir buscar uma caixa para colocar por cima das pernas, de forma a improvisar e conseguir adaptar o espaço.

Na segunda parte da manhã os alunos voltaram para a sala de aula habitual e a estagiária dessa sala realizou a correção de vários trabalhos em atraso. Os alunos

demonstraram mudança de atitude e comportamento e a professora Filipa foi chamada para falar com eles.

## **Inferências**

Quando os alunos ficaram com a estagiária instalou-se um grande barulho e uma falta de respeito enorme por parte deles. Desta forma a professora Filipa foi chamada à sala e de seguida os alunos mantiveram-se controlados e mais bem comportados. A investigação tradicional sobre o ensino não se preocupava tanto com a gestão e organização de sala de aula, mas sobretudo com os seus aspetos particulares, focando-se mais nos indivíduos do que na acção dos professores na sala de aula. Atualmente a investigação sobre gestão e organização da sala de aula debruça-se não apenas sobre o modo como a ordem é estabelecida e mantida, como ainda sobre os processos que contribuem para o seu estabelecimento, tais como a planificação e organização das aulas mas também o uso e distribuição dos recursos que foi o que sucedeu nesta aula em que foi necessária uma improvisação com vista à melhor gestão e organização do espaço da aula.

É importante que a sala inclua “[...] uma grande variedade de objectos e materiais que possam ser explorados, transformados e combinados. Estes objectos são arrancados de forma a proporcionar a possibilidade de manipulação – contacto e uso directos.” (Hohmann & Weikart, 1997, p.162). O empenho em proporcionar possibilidades de escolha e decisão por parte da criança implica que os materiais estejam sempre à disposição, podendo estar organizados em espaços diferentes, mas sempre disponíveis. Hohmann & Weikart (1997) defendem que os educadores e professores “[...] organizam os espaços de forma a que as crianças possam ter o maior número possível de oportunidades de aprendizagem pela acção e exerçam o máximo controlo sobre o ambiente.” (p.163).

## **Sexta- feira, 8 de novembro de 2011**

No início da manhã foi pedido à colega Jani para dar uma aula surpresa. Fez a leitura e interpretação do texto “ O celeiro”. Fez uma questão de análise gramatical, mas não exigiu resposta completa. A Jani manteve um tom de voz audível e fez interpretação detalhada do texto.

De seguida, foi pedido à Talma que desse uma aula de matemática onde lecionasse frações sem utilizar material manipulativo. A Talma ditou uma situação problemática que cada aluno realizou. Não houve tempo para correções e para a Talma explicar os que era necessário.

## **Inferências**

Como venho referindo o uso de materiais manipulativos é uma importante ferramenta pedagógica ao permitir utilizar o conhecimento transmitido em situações do quotidiano, daí que venha defendendo a utilização de material concreto nomeadamente no ensino de matemática nestes anos iniciais de formação. Neste caso, a não utilização de material manipulativo funcionou como uma tentativa de abordagem da matemática de forma mais abstrata. Assim foi tentado um estilo diferente de ensino e de aprendizagem em que se deu especial importância à base teórica. Se é certo que os alunos gostam de ser confrontados com situações concretas que os materiais manipulativos permitem, não é menos verdade que as crianças também precisam de exercitar a problematização dos conceitos matemáticos através de um maior esforço de abstração.

## **Sexta- feira, 11 de novembro de 2011**

Os alunos iniciaram a manhã com a correção do trabalho de casa. De seguida, fizeram a leitura e interpretação de “Os tontos”.

Posteriormente, começaram a ler um novo livro chamado “Os fantásticos”.

## **Inferências**

É habitual nesta turma fazerem a leitura de obras completas. Segundo Bastos (1999) a “[...] situação da leitura completa de obras, que deverá ocorrer em todos os níveis de ensino, pode obedecer a diferentes objectivos.” (p.134).

O autor acrescenta: “a trama narrativa caracteriza-se ainda por uma organização de tipo circular, em determinados parâmetros: por exemplo, começa-se e acaba-se num mesmo cenário, rodeado pelas mesmas figuras.” (p.135).

De acordo com Bastos (1999) deve-se aproveitar o interesse “[...] que as séries de aventura e mistério despertam junto dos nossos jovens leitores[...] pela

capacidade de atracção que exerce, podendo constituir um importante incentivo para novas leituras [...] pelo facto de se apresentarem como bons «objectos» susceptíveis de despoletar reflexões interessantes e produtivas em sala de aula [...]” (p.138).

## **Segunda- feira, 14 de novembro de 2011**

Neste dia a professora Filipa apresentou as notas dos testes de Língua Portuguesa e de Matemática a todas as crianças.

O resto da primeira parte da manhã foi passado na correção dos testes e no esclarecimento de dúvidas.

Por fim, na aula de ciências abordaram a prevenção de sismos, onde todos os alunos participaram envolvidos em histórias e vivências. Para finalizar a aula realizaram uma simulação de sismo, onde a maioria dos alunos se colocou por baixo da mesa.

## **Inferências**

As crianças mostraram-se ansiosas e bastantes nervosas. Foi notória a reação de duas crianças que choraram devido à nota ter sido 13 e 11 valores. De uma forma geral as notas foram positivas, havendo apenas três negativas a Língua Portuguesa e quatro a matemática.

Destaco a importância da correção dos testes, no sentido em que em relação à aprendizagem, uma avaliação ao serviço da ação não tem apenas por objetivo a verificação e o registo de dados no desempenho escolar. Deste modo, a correção dos testes na sala de aula permite uma observação permanente das manifestações de aprendizagem para que se proceda a uma ação educativa que otimize os percursos individuais. Assim esta correção destina-se a conhecer, para promover ações em benefício dos alunos, tornando-se o avaliador um elemento ativo em termos do processo e do desejável progresso dos alunos que são confrontados com o que de correto ou incorreto realizaram, podendo mais facilmente melhorar os seus desempenhos em testes posteriores, uma vez que ficam esclarecidos acerca dos erros cometidos e aprendem novas estratégias para um sucesso maior nos testes seguintes.

### **Terça- feira, 15 de novembro de 2011**

Continuação da correção da ficha formativa de gramática. A professora questionou sempre os alunos que demonstraram mais dificuldades. Depois do intervalo da manhã a professora Filipa deu aula de História que foi referente a D. Manuel I. Utilizou como suporte o powerpoint animado, com muitas imagens e poucas palavras. Os alunos fizeram bastantes questões sobre o tema, comprometendo-se a professora Filipa a aprofundar a temática com pesquisas posteriores.

#### **Inferências**

A atitude da professora, no compromisso em assumir e pesquisar mais sobre o tema de modo a aprofundar os conhecimentos sobre o mesmo, revela que ao professor não se exige que tenha de saber tudo sobre todas as matérias. Ele deve procurar responder a todas as curiosidades dos alunos e, nesse sentido, orientar todos os esforços que estejam ao seu alcance, pelo que destaco a atitude de humildade da professora e o compromisso que assume de aprofundamento dos conhecimentos para melhor satisfazer as curiosidades dos alunos manifestadas sobre o tema.

### **Sexta- feira, 18 de novembro de 2011**

Este dia foi o último na sala do 4º ano. Os alunos fizeram a correção do trabalho de casa e de seguida a minha colega Lília deu uma pequena aula que consistia no perímetro da circunferência. Apresentou um powerpoint com vários exercícios práticos.

De seguida, dei a explicação da área do círculo, em que tive de explicar a razão da fórmula. Os alunos levantaram algumas dúvidas que eu procurei clarificar e diversificando as estratégias de explicação. Desta forma, não foi possível realizar exercícios para concretizar a matéria lecionada.

#### **Inferências**

Ao considerar que cada criança tem a sua maneira ímpar de aprender, destaco a concessão de inteligência de Gardner (1995), ao apresentar uma visão pluralista da mente, reconhecendo que as pessoas possuem formas cognitivas diferenciadas. Assim ao ter procurado novas estratégias explicativas procurei ir ao

encontro de uma escola voltada para o indivíduo e que tenha em conta essa visão múltipla da inteligência. O professor, com efeito, como mediador no processo do ensino e aprendizagem, deve tentar diversificar a sua prática pedagógica de maneira a considerar a singularidade de cada aluno na aquisição do conhecimento e no desenvolvimento das suas capacidades cognitivas, proporcionando-lhes uma progressão que tenha sentido e significado para os mesmos. Nessa tentativa de diversificação fui ao encontro da ideia de um ensino mais dinâmico, pois é fundamental não estagnar num currículo apenas programático, pois só assim se chega ao maior número de crianças, trabalhando as diversas maneiras de estimular o conhecimento infantil e as habilidades individuais de cada uma. Assim, nesse processo, o papel do professor é essencial, já que é ele o elo entre a criança e o conhecimento. Ele é o responsável por promover o desenvolvimento das inteligências múltiplas no contexto escolar, portanto é preciso abandonar a ideia de se ter o modelo padrão de ensino apostando mais nos modelos que favoreçam o movimento constante de construir e reconstruir, cabendo ao professor explorar as capacidades cognitivas que cada aluno possui.

## 1.7. Sétima Secção

**Período de estágio:** 21 de Novembro de 2011 a 25 de Janeiro de 2012

**Nível de escolaridade:** 1º ano

**Bibe:** Castanho

**Turma:** A

**Educadora Cooperante:** Anabela Serafim

### 1.7.1. Caracterização da turma

A turma que pretendo caracterizar frequenta o 1º ano de escolaridade no Jardim-Escola João de Deus, em Alvalade. É constituída por 26 alunos, 13 do sexo masculino e 13 do sexo feminino. Os vinte e seis alunos têm 6 anos (feitos até dezembro).



Os alunos que frequentam o 1º ciclo são, na maioria, os alunos que já frequentaram a Infantil, porque o regulamento desta instituição assim o prevê. Existem, algumas exceções como as transferências.

Nesta turma 26 alunos frequentam o Jardim-Escola desde o Bibe Amarelo (3 anos).

Na turma há dois alunos que revelam dificuldades de aprendizagem. De uma forma geral, a turma sente interesse por todas as áreas curriculares.

As dificuldades sentidas pelos alunos ao nível das aprendizagens são na escrita, na leitura, no cálculo e na ortografia.

### 1.7.2. Caraterização do espaço

O espaço já foi referido anteriormente, quando estagiei na sala do 1º ano com a professora Sara Sepúlveda.

### 1.7.3. Rotinas

As rotinas já foram abordadas, no 1º ano de escolaridade.

### 1.7.4. Horário de Turma

Apresenta-se o quadro 10 que mostra o horário do 1º ano de escolaridade.

Quadro 10: Horário da turma do 1º ano de escolaridade

|                 | 2ª feira              | 3ª feira              | 4ª feira            | 5ª feira                   | 6ª feira  |
|-----------------|-----------------------|-----------------------|---------------------|----------------------------|---|
| 9H10 – 9H40     | Música                | Matemática            | Leitura e escrita   | Matemática                 | Leitura e escrita                                   |
| 9H50-10H30      | Leitura e escrita     | Leitura e escrita     | Leitura e escrita   | Leitura e escrita          | Leitura e escrita                                   |
| 11H-12H         | Matemática            | Informática           | Matemática          | Leitura e escrita          | Matemática  |
| 12H – 13H       | Almoço                |                       |                     |                            |   |
| 13H-14H         | Recreio               |                       |                     |                            |   |
| 14H10-15H20     | Conhecimento do Mundo | Conhecimento do Mundo | Educação Física     | Conhecimento do Mundo      | Estimulação à leitura \ Jogos \ Grafismos em séries |
| 15H30 – 16 H 30 | Inglês                | Trabalho em grupo     | Expressão Dramática | Expressão Plástica \ Barro | Assembleia de Turma                                 |
| 16H40-17H       | Lanche e saída        |                       |                     |                            |   |

### **1.7.5. Relatos Diários**

#### **Segunda- feira, 21 de Novembro de 2011**

A professora Anabela apresentou-nos à turma e ,desta forma, fomos muito bem integradas. A professora leccionou matemática onde os alunos fizeram a leitura de números utilizando os calculadores multibásicos. Fizeram vários exercícios oralmente e depois exploraram o material livremente.

A professora mostrou-se sempre carinhosa para com os alunos, em particular para com um que tinha sido operado.

De seguida, eu e as minhas colegas de estágio fomos para o ginásio pintar cenários para a festa de natal.

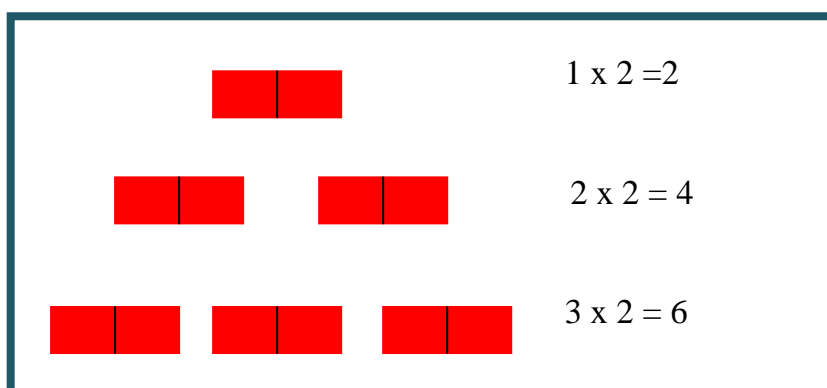
#### **Inferências**

Destaco que a importância da relação professor-aluno é fundamental para o sucesso (como já referido anteriormente), realçando também que as relações afetivas na sala de aula revelam o interesse pelo crescimento dos alunos, o respeito pelas suas individualidades, criando assim um ambiente mais agradável e propício para a aprendizagem. Daí que defenda que o relacionamento deve ser baseado na amizade, na troca de solidariedade, no respeito mútuo, já que não é possível conceber qualquer tipo de aprendizagem num ambiente hostil. A existência de afetividade põe em prática o respeito mutuo que é fundamental para o desenvolvimento das relações pessoais, num contexto de afetos, a aprendizagem flui com mais facilidade, uma vez que a escola é um espaço de construção de relações humanas. Por conseguinte, é fundamental trabalhar não apenas os conteúdos, mas igualmente as relações afetivas, sendo a interação entre ambos essenciais para a adaptação do aluno ao processo escolar. A escola, portanto, deve voltar-se para a qualidade das suas relações, valorizando os desenvolvimentos afetivo, social e não apenas o cognitivo, como elementos fundamentais no desenvolvimento da criança como um todo.

### **Terça- feira, 22 de Novembro de 2011**

Durante toda a primeira parte da manhã estivemos no ginásio a pintar cenários para a festa de natal.

Depois do intervalo, assistimos à aula de matemática onde a professora Anabela introduziu a tabuada do 2, utilizando o cuisenaire. As crianças colocaram as peças como apresento de seguida:



*Figura 10: Peças do cuisenaire*

### **Inferências**

Já inferi sobre o cuisenaire anteriormente.

### **Sexta- feira, 25 de Novembro de 2011**

Neste dia dei uma aula surpresa utilizando os calculadores multibásicos e trabalhei as operações da divisão e subtração. Iniciei a aula com uma situação problemática com base no contexto anterior. Coloquei as questões dirigidas e fiz perguntas diversificadas utilizando diferentes estratégias da leitura aos dados necessários respetivos à operação.

Neste dia, fui ainda assistir à aula da minha colega Filipa Martins que deu uma aula de matemática sobre o perímetro e utilizando o cuisenaire. A Filipa fez uma boa explicação do tema e todas as crianças manipularam as peças que a mesma ia pedindo.

O resto da manhã foi passado a pintar cenários para a festa de natal.

## **Inferências**

Considero que a professora Filipa poderia ter solicitado mais a intervenção dos alunos e não se ter baseado apenas no quadro interativo para a resolução dos exercícios, de modo a existir um maior dinamismo na transmissão dos conteúdos.

## **Segunda- feira, 28 de Novembro de 2011**

Neste dia, as crianças realizaram uma proposta de Língua Portuguesa em que nós estagiárias, pudemos ajudar. Logo de seguida foi pedido à colega de estágio Talma para dar aula de Cartilha Maternal sobre a lição da sílaba forte. Na palavra “dado” a Talma fez questões dirigidas de forma a direccionar o aluno para a descoberta da sílaba forte. Deu o conceito de frase e não frase e os alunos fizeram ainda um exercício prático de descoberta da sílaba forte.

De seguida, foi pedido à colega que desse uma aula de matemática utilizando as palhinhas e os algarismos móveis. No primeiro exercício realizou uma operação com um grau de dificuldade bastante elevado para a faixa etária e de seguida realizou outra operação demasiado simples.

Por fim, a professora Anabela entregou uma proposta aos alunos para realizarem a pares, de forma a encontrarem soluções para as situações problemáticas apresentadas.

O resto da manhã foi passado na reunião com as orientadoras da prática pedagógica.

## **Inferências**

No decorrer da aula a Jani demonstrou estar sempre muito coerente e organizada de forma a facilitar o pensamento das crianças. Manteve sempre uma boa postura e uma linguagem adaptada.

A professora Anabela estimulou o trabalho em grupo dos alunos, para que estes conseguissem trabalhar a pares de forma civilizada e solidária.

Tal como afirma Morgado (2004) “[...] o ensino cooperativo, baseado na interacção entre alunos e entre alunos e professores, permite de forma mais eficiente a introdução de mecanismos de ajustamento no processo de ensino/aprendizagem.” (p.72).

O autor acrescenta ainda que em ambientes de cooperação, os alunos produzem mais ideias,

“[...] explicam, questionam e aprendem com os outros utilizando e desenvolvendo a linguagem e diferentes padrões de interação, [...] desenvolvem mais confiança em si próprios como aprendizes, [...] interagem e apreendem mais facilmente os seus níveis de responsabilidade face ao grupo. [...]” (Morgado, 2004, p.72).

Morgado (2004) defende que

“os modelos de trabalho cooperativo produzem efeitos positivos significativos nas relações entre alunos de diferentes contextos étnicos; [...] promovem de forma significativa atitudes e comportamentos de solidariedade [...]; protegem e aumentam a auto-estima e confiança [...] promovem mais eficazmente nos alunos atitudes mais favoráveis à escola [...]” (Morgado, 2004, p.73).

### **Terça- feira, 29 de Novembro de 2011**

Durante toda a manhã, eu e as minhas colegas de estágio pintámos cenários para a festa de Natal.

### **Sexta- feira, 2 de Dezembro de 2011**

Novamente, durante toda a manhã estivámos a pintar cenários e a agraphá-los no ginásio.

### **Segunda- feira, 5 de Dezembro de 2011**

Neste dia assistimos aos ensaios para a festa de Natal e organizámos um dos fatos das crianças que necessitava de ser pintado. O resto da manhã foi passado a pintar os últimos cenários para a festa de natal.

### **Terça- feira, 6 de Dezembro de 2011**

Neste dia, a turma iniciou a aprendizagem da numeração romana que a professora Anabela explicou no quadro. Depois, realizaram uma proposta de atividade. Neste dia os pais cooperaram com a professora relativamente à festa de natal, pois todos os pais entregaram os fatos e todos os acessórios necessários no prazo de entrega.

Depois do intervalo, os alunos realizaram outra proposta baseada na diferença entre o género masculino e feminino das palavras. Eu e as minhas colegas ajudámos a professora Anabela a enfeitar a sala com acessórios do Natal.

### **Inferências**

Saliento aqui novamente a importância do ensino da numeração romana feita anteriormente e que vi na sala de aula.

### **Sexta- feira, 9 de Dezembro de 2011**

Neste dia continuámos os preparativos para a festa de Natal. Foi possível assistir a alguns ensaios para a festa, em especial do bibe amarelo que retratava o amor, a amizade e o companheirismo.

### **Segunda- feira, 12 de Dezembro de 2011**

Preparação para a festa de Natal.

### **Terça- feira, 13 de Dezembro de 2011**

Neste dia, a professora Anabela explicou às crianças que existem duas formas de frase: afirmativa e negativa. Para consolidar os conteúdos aprendidos realizaram uma proposta com alguns exercícios. Eu e as minhas colegas de estágio estivemos a enfeitar as janelas do refeitório, onde iria decorrer o lanche no dia da festa de Natal.

### **Segunda- feira, 2 de Janeiro de 2011**

Neste dia a professora Sara faltou e ambas as turmas ficaram sob orientação da professora Anabela. Desta forma os alunos fizeram jogos e alguns trabalhos em atraso.

### **Terça- feira, 3 de Janeiro de 2011**

Neste dia, as turmas continuaram juntas, fazendo o mesmo género de atividades.

## **Sexta- feira, 6 de Janeiro de 2011**

Neste dia, a professora Anabela teve uma conversa com a turma sobre “O dia dos reis”. De seguida, os alunos fizeram uma leitura de um texto alusivo ao tema e, posteriormente, a turma fez a análise gramatical do mesmo.

Ainda nesta manhã, a minha colega Lília deu uma aula surpresa que consistia em rever a lição do “s” da Cartilha maternal. A Lília explicou muito bem os conteúdos e interagiu com as crianças no decorrer da aula.

O resto da manhã, foi passado em reunião com as orientadoras da prática pedagógica.

### **Inferências**

Durante a reunião com as orientadoras de prática pedagógica foram abordados vários temas fundamentais em torno do seu futuro como docentes e o seu desempenho como futuras docentes.

Saliento, neste contexto, a importância que as práticas no jardim-de-infância desempenham para o estagiário no decurso de toda a aprendizagem, porquanto lhes facultam a oportunidade de familiarizar-se com o contexto escolar, interagir com as crianças, colocando em prática tudo o que foi aprendendo ao nível teórico.

## **Segunda- feira, 9 de Dezembro de 2011**

Nesta manhã, a professora Anabela utilizou os calculadores multibásicos para realizar várias operações de adição com transporte.

De seguida, na Língua Portuguesa, os alunos exploraram palavras oralmente, tentando classifica-las quanto ao número de sílabas.

Seguiu-se a aula de música, onde fizeram um jogo de concentração.

### **Inferências**

A professora demonstrou sempre ser muito meiga com os alunos, motivando-os e incentivando-os para superarem as situações problemáticas exigidas.

O professor de música ao fazer o jogo permitiu uma boa disposição e entretenimento na sala, bem como, uma excelente cumplicidade entre professor e alunos.

### **Terça- feira, 10 de Janeiro de 2011**

Neste dia a Jani deu aula sobre os peixes, em que os alunos começaram por explorar um cubo com fotos de animais aquáticos para se familiarizarem com o tema da aula.

A Jani manteve uma conversa com a turma referente às características dos peixes. De seguida, mostrou um robalo em que as crianças puderam tocar e observar as diferentes barbatanas. Posteriormente, preencheram a legenda das barbatanas num pequeno livrinho em forma de peixe.

Em Língua Portuguesa, os alunos leram um pequeno texto, tendo sido feita por eles a interpretação oral bem como a análise gramatical.

Depois do intervalo, a Jani leccionou Matemática e distribuiu pela turma pequenos peixinhos coloridos correspondentes às cores do cuisenaire. Fez ainda vários exercícios para trabalhar “a metade”.

### **Inferências**

Para uma correta utilização do cuisenaire, a minha colega deveria não só ter utilizado a cor nos peixes, mas também apresentá-los em diferentes tamanhos, como o material.

### **Sexta- feira, 13 de Janeiro de 2012**

A professora iniciou a manhã com o V dom de Froebel e introduziu o conceito de fracção, designando os seus termos. Trabalhou as frações tendo em conta os cubos inteiros, divididos ao meio e em quatro partes iguais. Ensinou a construção da casa e realizou várias situações problemáticas trabalhando a adição com transporte.

Depois do intervalo, os alunos realizaram um exercício caligráfico e todos nós estivemos a ajudar algumas crianças.

### **Inferências**

É fundamental o uso do 5º dom de Froebel, principalmente na exploração do conceito de fracção, pois desta forma os alunos podem manipular o que facilita a sua



compreensão. De acordo com Caldeira (2009) “Este material permite uma ampliação significativa dos conhecimentos das crianças sobre números racionais [...]” (p.302) A autora acrescenta que:

“o trabalho inicial com as fracções pode ser processado por experiencias de partilha equitativa. O conceito de unidade e a sua subdivisão em várias partes iguais devem ser realizados com diversos modelos, dinamizando, a linguagem oral, estabelecendo conexões com os símbolos.” (Caldeira, 2009, p.303).

Durante a aula de matemática, a professora recorreu a várias situações problemáticas. Tal como afirma Caldeira (2009) citando as Normas (1991) “os materiais manipuláveis devem ser usados para adicionar e subtrair fracções, para realizar problemas reais e partições de conjuntos, relacionando esta actividade com a divisão.” (p.303).

Mas é nesta faixa etária que “o conhecimento do tamanho relativo das fracções, sustenta o sentido do número e aconselha-se o uso de materiais manipuláveis para explorar fracções equivalentes e comparar fracções. [...] As crianças com o 5º dom de Froebel desenvolvem o sentido do número [...]” e percebem o que são fracções equivalentes. (Caldeira, 2009, p.303).

## **Segunda- feira, 16 de Janeiro de 2012**

A professora realizou com os alunos uma proposta de atividade de matemática trabalhando diversos conteúdos.

Seguidamente, deu os determinantes artigos definidos: um, uma, uns, umas. Recorreu à utilização de frases integrando os artigos indefinidos para uma compreensão mais clara. Seguidamente, realizaram exercícios de aplicação.

No fim da manhã, os alunos tiveram aulas de música com o professor Paulo, que trouxe um livro acompanhado de um cd, para, através de música e de imagens, contar uma história. No final, os alunos, dançaram.

## **Inferências**

A forma como o professor Paulo dirige a aula, proporciona aos alunos a consciência do que os rodeia e das vivências, sensações e experiências que isso comporta.

De acordo com a Enciclopédia de educação infantil II (1997) são os professores que devem proporcionar sobretudo a vivência positiva das relações pessoais, “possibilitando-lhes a consciência de segurança, afecto, acompanhamento, comodidade...frente à insegurança, indiferença, solidão, incomodidade, etc...” (p.328).

O manual acrescenta que “[...] a conduta do educador como «modelo» é fundamental [...] os comportamentos humanos implicam a criação de «climas» congruentes com eles.” (p.328).

É desta forma, que tanto os professores mas como todos os adultos em geral são responsáveis pelas “ [...] condutas descontraídas, felizes e de prazer que as crianças manifestam porque lhes facilitam, por um lado, modelos para a aprendizagem observacional e por outro, o contexto adequado.” (Enciclopédia de educação infantil II, 1997, p.328).

Coll et al. (2001) defende que proporcionar aos alunos as ajudas necessárias torna possível a construção de uma imagem positiva e ajustada. Interpretar a situação de ensino como um contexto participado contribui para que o aluno se sinta um interlocutor interessante” (p.53).

### **Terça- feira, 17 de Janeiro de 2012**

Dei aula de estudo do meio sobre a classe dos animais dos répteis e dos insetos. Através do suporte de powerpoint mostrei várias imagens, onde as crianças iriam identificar o nome do animal, bem como as características referentes à classe.

De seguida, apresentei uma tartaruga e um dragão barbudo, para desta forma explorarem através do tacto e da visão as principais características dos répteis.

Por fim, realizaram um jogo do dominó com imagens das duas classes anteriormente referidas.

Na aula de matemática abordei o triplo e distribui algarismos móveis por uns alunos , a outros alunos dei o cuisenaire e material não estruturado que eram borboletas coloridas. Foram realizados alguns exercícios do triplo em que as crianças utilizaram o material.

Na aula de Língua Portuguesa, foi entregue a cada criança a lenga- lenga tradicional do Lagarto Pintado, em que alguns alunos leram. De seguida, coloquei

algumas questões de interpretação e depois um jogo que consistia num jogo de tabuleiro, onde era necessário tirar as manchas coloridas.

## **Inferências**

É importante salientar que a área de estudo do meio oferece aos alunos, potencialidades para funcionar como eixo estruturador do currículo do 1º ciclo, na medida em que permite um conjunto de conteúdos temáticos, que articulam aprendizagens nas restantes áreas curriculares. Nesta área inclui-se o alargamento de conhecimentos básicos necessários à vida social. Segundo Alonso & Roldão (2005):

“[...] esta área possui uma sensibilização às ciências, a qual se pode relacionar com o meio próximo, apontando no entanto para a introdução de aspectos relativos a diferentes domínios do conhecimento humano, como o caso da história, da biologia entre outras ciências, que mesmo sendo elementares devem corresponder a um grande rigor «científico»” (Alonso & Roldão, 2005, p.127).

O mesmo autor defende que o ensino da ciência nos níveis iniciais de escolaridade têm como finalidade:

“ ajudar a criança a entender o mundo que a cerca, levando-a a adquirir conhecimentos e a formar sobre as forças e os fenómenos da natureza, as suas concepções, as inter-relações, as aplicações da ciência na vida diária e os efeitos que a ciência e a tecnologia têm sobre a nossa cultura. [...]; oferecer à criança oportunidades de adquirir e desenvolver uma série de atitudes e hábitos que contribuam para a formação do cidadão feliz e útil à comunidade, capaz de influenciá-la de forma inteligente. “ (p.129).

A área de estudo do meio contribui ainda para uma aprendizagem ativa do aluno em que “[...] promove o desenvolvimento integral do aluno e proporciona-lhe um desenvolvimento consciente de cidadania.” (Alonso & Roldão, 2005, p.130).

## **Sexta- feira, 20 de Janeiro de 2012**

Este dia foi marcado pela aula da Lília, que a iniciou por explicar a estratégia de comportamento, por intermédio de duas flores distintas para cada parte da turma. Cada pétala tinha algarismos ou indicações para os alunos resolverem e perderem pontos.

A primeira parte a manhã foi de Língua Portuguesa e a Lília apresentou diversificadas estratégias de atividades na exploração da gramática.

Na matemática, os alunos realizaram situações problemáticas referentes à história em que uns trabalharam com os calculadores e outros com as flores e gotas, representando indicações e operações no quadro.

Depois do intervalo, a Lília lecionou Estudo do Meio, em que os alunos tinham que imaginar que estavam numa visita de estudo ao Jardim Botânico. Desta forma, foram dialogando sobre a importância e constituição da planta, recorrendo à imagem de uma planta que os alunos legendaram. Posteriormente, os alunos identificaram os constituintes de uma orquídea.

Seguidamente, todos cantaram o poema que tinham aprendido em Língua Portuguesa e por fim, todos os alunos plantaram anémons.

## **Inferências**

A importância do poema e da interdisciplinaridade já foram destacados anteriormente.

## **Segunda- feira, 23 de Janeiro de 2012**

Estivemos a guardar e a organizar trabalhos nos dossiêrs. Os alunos trabalharam com os calculadores multibásicos realizando adições com transporte, mas as crianças fizeram alguma confusão, pois a operação no papel foi diferente da dos calculadores.

A professora Sara utilizou como estratégia um jogo de meninas versus meninos.

## **Inferências**

Durante toda a prática pedagógica houve colaboração e entreaajuda da minha parte e das minhas colegas de estágio para com as professoras. Toda a disponibilidade é importante nas relações com os professores e educadores, como também é para nós, estagiárias, uma forma de aprendizagem para o futuro.

A importância dos calculadores multibásicos já foi antes clarificada.

## **Terça- feira, 24 de Janeiro de 2012**

Este dia foi marcado pela aula da minha colega Talma que começou a manhã explicando a estratégia de comportamento e iniciou com a aula de Língua Portuguesa, lendo um texto que foi também lido por alguns alunos. Posteriormente, realizou algumas questões de interpretação e em seguida, fizeram exercícios de gramática que foram propostos pela Talma.

Na última aula que lecionou, começou por dialogar com a turma sobre as profissões, ou seja, sobre as profissões que queriam exercer no futuro.

Em seguida, explicou que era um “cientista” (era a sua profissão). Abordou essa profissão e deu a conhecer os seus instrumentos de trabalho. Depois, os alunos realizaram uma experiência em conjunto, que consistiu nos objetos que flutuam e não flutuam. Em simultâneo, os alunos iam executando o protocolo experimental.

## **Inferências**

Reparei neste dia, que houve alguma dificuldade por parte dos alunos em compreenderem o exercício solicitado pela Talma. Considero que é fundamental a comunicação, bem como fornecer aos alunos toda a informação necessária, de forma a facilitar a aprendizagem dos alunos. Segundo Alonso & Roldão (2005) “Antes de se iniciar a actividade, o professor pode explicar a tarefa proposta [...] é fundamental que as tarefas sejam propostas sem ambiguidade e de uma forma simples e clara, com o intuito de não provocar nos alunos a dúvida sobre o que é pretendido nas actividades.” (p.146), o que não se verificou por parte do professor.

## **Capítulo 2 - Planificações**

## **2.1 - Descrição do capítulo**

Neste capítulo serão apresentados os planos de aula elaborados durante o período de estágio. Dividem-se em três secções, que correspondem a diferentes faixas etárias, encontrando-se organizadas por ordem cronológica.

Em cada uma das secções, serão apresentadas três planificações, que decorreram ao longo da manhã. Cada uma das planificações será fundamentada cientificamente com base em diversos autores e farei uma reflexão sobre as mesmas.

A primeira secção concerne às atividades realizadas com o bibe amarelo A (idade de três anos), a segunda diz respeito ao bibe azul A ( idade de cinco anos) e a terceira, também com o bibe azul A ( idade de cinco anos).

Na segunda secção encontram-se as planificações do primeiro ciclo.

## **2.2 - Fundamentação teórica**

Durante este período de estágio elaborei diversos planos de aula com o intuito de proporcionar um ambiente estimulante ao desenvolvimento da aprendizagem. Tal como afirma Braga et al. não existe uma definição única para planificar, mas na perspetiva construtivista:

“a planificação passa pela criação de ambientes estimulantes que propiciem actividades que não são à partida previsíveis e que, para além disso, atendam à diversidade das situações e aos diferentes pontos de partida dos alunos. Isso pressupõe prever actividades que apresentem os conteúdos de forma a tornarem-se significativos e funcionais para os alunos, que sejam desafiantes e lhes provoquem conflitos cognitivos, ajudando-os a desenvolver competências de aprender a aprender.” (Braga et al.,2004: p.27).

Sempre que se torne necessário alcançar determinadas metas, revela-se importante proceder a uma previsão da ação a ser realizada. Esta previsão servirá como vetor de orientação da tarefa. Tal como afirma Zabalza (2000) “ trata-se de converter uma ideia ou um propósito num curso de acção” (p.47).

Desta forma, o docente tem um papel fundamental na tomada de decisões e incube-lhe a responsabilidade do projeto e da gestão do seu próprio trabalho no contexto da sala de aula.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) explicitam que se deve “ planejar o processo educativo de acordo com o que o educador sabe do grupo e de cada criança, do seu contexto familiar e social [...]” (p.26).

Tal como afirma Caldeira (2009) o educador necessita planificar as suas atividades, com base no seu grupo de crianças, para que a mesma:

“ possa partir de elementos cognitivos, que fazem parte da realidade. O educador precisa de conhecer as possibilidades de cada criança para proporcionar o desenvolvimento de capacidades com actividades adequadas. Não podemos esperar que a criança evolua sozinha, é necessária uma interacção entre as potencialidades de cada etapa e o meio [...] que devem ser diversificadas e motivadas.” (Caldeira. 2009, p.12).

Zabalza (2000) refere que planificar é uma forma concreta de organizar ideias de maneira a atingir um objetivo específico, considerando que “ é um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que actuará como apoio conceptual e de justificação do que se decide; um propósito, fim ou meta a alcançar que nos indica a direcção a seguir; uma previsão a respeito do processo a seguir que se deverá concretizar numa estratégia de procedimento que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das actividades e, de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo” (p.48).

Clark & Yinger (1979) citado por Zabalza (2000) basearam-se num estudo, explicando as razões pelas quais os professores planificam, e apresentaram para três modalidades:

“os que planificavam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc; os que chamam planificação à determinação dos objectivos a alcançar no termo de processo de instrução; os que chamavam planificação às estratégias de actuação durante o processo de instrução.” (p.48)

De acordo com Ribeiro & Ribeiro (1989, p.88) planificar uma aula é “crucial e deve-se escolher os objectivos ou resultados de aprendizagem que os alunos hão de tentar alcançar, de modo a cumprir o currículo”. Toda esta planificação é necessária para se conseguir assegurar o programa curricular, sendo, por conseguinte, o currículo uma questão fundamental, que precisa da planificação.

De acordo com Ribeiro & Ribeiro (1989) “Não existe uma noção mas várias noções de currículo”. (p.47), porém os autores adotaram a definição seguinte do



mesmo: “plano estruturado de ensino-aprendizagem, incluindo objectivos ou resultados de aprendizagem a alcançar, matérias ou conteúdos a ensinar, processos ou experiências da aprendizagem a promover” (p.51).

Segundo Leite (2003):

“[...] o currículo prescrito a nível nacional é entendido como um referente flexível que precisa de ser adequado às especificidades dos contextos e das situações reais e para ser significativo para todos os que o vão viver terá de incorporar processos de diferenciação que atendam a essa diversidade de contextos e de situações.” (Leite, 2003, p. 70).

Por seu lado, Pérez (s/d) define currículo como “uma selecção cultural, cujos elementos fundamentais são capacidades – destrezas e valores -atitudes, conteúdos e métodos/procedimentos” (p.7).

Ribeiro & Ribeiro (1989) afirmam que um plano deve incluir ”objectivos e conteúdos de ensino- o que se planeia ensinar – e pode, ainda, incluir métodos e experiências – o como se planeia ensinar – sobressaindo, neste aspecto, a ordem ou sequência em que se vai ensinar.” (p.51).

Todos os planos elaborados durante o estágio profissional seguiram o modelo T de Aprendizagem, adaptado dos de Martiniano Pérez.

Segundo Pérez, (s/d) a planificação em T dá-nos uma visão global daquilo que o educador vai fazer, bem como das competências que pretende atingir. Desta forma, podemos verificar que nas planificações que se seguem estão patentes os conteúdos, os objetivos referenciados pelas capacidades e destrezas que se inserem na primeira coluna, enquanto que na segunda coluna estão presentes os métodos/procedimentos e os valores/atitudes. De acordo com este autor “ é possível de uma só forma panorâmica e global, numa só folha, integrarmos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser apreendida na escola ao longo do curso escolar.” (p.401)

Pérez (s/d) acrescenta ainda que:

“ as capacidades – destrezas: indicam os objectivos fundamentais cognitivos (...) que queremos desenvolver; Os conteúdos (conhecimentos): apresentam em três ou seis blocos de conteúdos ou blocos temáticos que se pretende aprender ao longo do ano escolar; os métodos/procedimentos: apresentam-se entre nove a doze métodos ou procedimentos gerais, como formas de fazer, para serem apreendidas no curso escolar.” (p.402).

As competências estão numa posição central e irão abranger tanto as capacidades e destrezas, como os valores e as atitudes. Segundo Roldão (2003) citado por Martins et al. (2009) “ a noção de competências pode ser entendida como um «saber em uso» por oposição a um «saber inerte», que requer mobilização de conhecimentos, capacidades e atitudes/valores.” (p.95).

É necessário, todavia, frisar que a elaboração de um plano não exige uma aplicação rígida do mesmo, já que não podemos ter uma visão estática aquando da elaboração de um plano e, sempre que o contexto de aula justifique, teremos de ousar modifica-lo para a aula ser viva e dinâmica, constituir uma experiência interativa, em que a trama complexa de inter-relações humanas, a diversidade de interesses e características dos alunos não podem ser perspectivadas numa forma estanque ou decalcada do que está planificado no papel, sob pena de se reduzir a riqueza da experiência e do acontecimento que uma aula é em si mesma.

Desta forma, acrescento que é possível verificar-se que em todos os planos de aula está a seguinte nota: «Plano sujeito a alterações», de modo a possibilitar a flexibilidade necessária para mudar o rumo da aula sempre que for necessário, sendo esta plasticidade ou maleabilidade fundamentais para manter vivo e estimulante o processo educativo e a relação docente-discente.

## 2.3 – Planificação do Pré-Escolar

### 2.3.1 – Bibe amarelo

Quadro 11– Planificação da aula de conhecimento do mundo

**Educadora:** Rita Sapinho

**Faixa etária:** 3 anos

**Data:** 9 de Novembro de 2010

**Duração:** 20 a 30 minutos

**Estagiária:** Sofia Nobre

Nº 25

MPIC

Área: Conhecimento do Mundo

| <i>Conteúdos</i>   | <i>Procedimentos</i>   |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Alimentação</b></li></ul>   | <ul style="list-style-type: none"><li>• Dispor a turma em U;</li><li>• Iniciar a aula com a demonstração da roda dos alimentos, e com uma conversa baseada nos conhecimentos, vivências e experiências dos alunos.</li><li>• Pedir às crianças que coloquem as imagens correspondentes na roda, tendo em atenção a sua sombra (puzzle), e a cor.</li><li>• Realizar uma actividade que consiste na realização de uma salada de frutas. (Laranja; maçã, pêra; banana; etc);</li><li>• Por fim, incentivá-los a comer a salada de fruta.</li></ul> |
| <i>Competências</i>  |  |
| <b>Capacidades – Destrezas</b>   | <b>Valores – Atitudes</b>  |
| <ul style="list-style-type: none"><li>● Orientação Espaço-Temporal<ul style="list-style-type: none"><li>- Explorar;</li><li>- Reconhecer;</li><li>- Elaborar</li></ul></li><li>● Raciocínio Lógico<ul style="list-style-type: none"><li>- Observar;</li><li>- Interpretar.</li></ul></li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>● Solidariedade<ul style="list-style-type: none"><li>- Colaborar;</li><li>- Partilhar.</li></ul></li><li>● Respeito<ul style="list-style-type: none"><li>- Aceitar;</li><li>- Saber participar.</li></ul></li></ul>  |

**Material:** Roda dos alimentos; tigelas, frutas e colheres, aventais adaptados.

*Baseado no Modelo T da Unidade de Aprendizagem  
Plano sujeito a alterações*

## **Fundamentação teórica\Inferências**

Para a iniciação desta aula, decidi colocar as crianças em U, pois desta forma é possível verem-se e evitar conversas “paralelas”. Tal como afirma Cury (2004):

“não se deve enfileirar os alunos uns atrás dos outros na sala de aula, esta disposição é nociva, produz distrações e bloqueia a inteligência. O enfileiramento dos alunos destrói a sua espontaneidade e segurança para expor ideias. Gera um conflito caracterizado por medo e inibição” (Cury, 2004, p.123).

Segundo Zabalza (2000) “o ambiente da sala de aula deve estar organizado de forma a facilitar os movimentos das crianças e respaldar a atividade física em prol da aprendizagem”(p.264).

As salas de aula devem ser locais apelativos, dinâmicos e bastante funcionais, pois o meio onde as crianças desenvolvem a aprendizagem é um fator que muito influencia a motivação dos alunos. Segundo Drew et al. (1994) “ [...] a própria sala deverá ser funcional e útil, de forma a satisfazer as necessidades e desejos dos seus elementos e a elevar ao máximo a sua capacidade de interacção com o meio e entre si.” (p.12).

Para facilitar a compreensão por parte dos alunos, construí uma roda dos alimentos de grande formato, para uma melhor visibilidade, com vista à abordagem do tema da alimentação, de modo a captar a sua atenção e desenvolver a aprendizagem.

De acordo com Arends (1995) “muito daquilo que é aprendido e grande parte do repertório comportamental do aprendiz tem origem na observação dos outros” (p.345).

O facto de ter apresentado a presença física dos alimentos (frutas) permitiu aumentar a motivação das crianças e facultou um melhor aproveitamento escolar por parte delas, pois é necessário que adquiram a experiência da manipulação de objetos. De acordo com Drew e al. (1994) “Para aumentar ao máximo o potencial de compreensão de uma criança, as escolas devem ser locais onde os alunos lidem com materiais [...]” (p.12).

A atividade destinada à confeção de uma salada de frutas visou consciencializar as crianças sobre a importância de uma alimentação mais saudável, pois, entendo que é uma tarefa dos adultos contribuir para veicular novas atitudes e valores às crianças. Em relação ao valor nutritivo das frutas, e tendo em atenção uma alimentação saudável, o tema escolhido pareceu-me de grande pertinência, visto que

os índices que reportam à obesidade infantil são, na atualidade, cada vez mais preocupantes. Segundo Lahiguera et al. (1988) “uma alimentação equilibrada tem uma influência decisiva no desenvolvimento físico e intelectual da criança” (p.2).

O tema escolhido tem uma importância suplementar, de uma boa alimentação permite bom desempenho escolar, ao nível da cognição e da aprendizagem dos alunos.

.Segundo Jensen (2002) “a maioria das crianças come para satisfazer a fome e não tem a informação suficiente para o fazer com o objetivo de atingir uma aprendizagem óptima.” (p.47) É necessário destacar que as crianças devem valorizar a alimentação e terem consciência da sua importância primordial: para viver, para manter a temperatura e para o crescimento, tal como afirma Cordeiro (2010, p.42).

Entabulei uma conversa com os alunos. Nesta fase o principal objetivo é trabalhar a compreensão oral, a compreensão de mensagens e o enriquecimento da linguagem, pelo que dialoguei, estimulando os alunos a exprimirem as suas opiniões, vivências e experiências, sendo por isso importante, para desenvolverem a linguagem e as concepções alternativas, bem como a incorporação de novos valores e mudanças de hábitos alimentares.

De acordo com Lopes (2006) “o tempo que hoje em dia as crianças passam nos jardins-de-infância confere a estes locais uma considerável importância enquanto contextos de desenvolvimento humano.” (p.10) e tendo essa preocupação Drew et al. (1994) asseveram que “ [...] as classes que desfrutam dos níveis mais altos de motivação são aquelas que mais recorrem [...] a receitas de cozinha.” (p.14).

É fundamental fazer com que as crianças expressem o que pensam e sentem. Desta forma, irão desenvolver a linguagem que no pré-escolar se revela crucial para o seu desenvolvimento futuro. Como afirma Lopes (2006) “a linguagem deve ser encarada como área fundamental [...] a estimular e desenvolver no jardim-de-infância [...]” (p.10).

Para Portugal & Laevers (2010) é essencial “considerar os interesses e opiniões das crianças [...]. As opiniões das crianças possibilitam a compreensão do que lhes agrada ou desagrade num determinado contexto: espaço, materiais, organização, rotinas actividades [...]” (p.94), sendo fundamental o diálogo com elas.

Com base no Ministério da Educação (1997) a área do conhecimento do mundo, visa o processo de socialização primária da criança, de modo a levá-la ao conhecimento de hábitos e normas de convivência social e conhecimento dos costumes da nossa sociedade. Nesta área que visa um permanente contato com o

mundo circundante, é necessário haver uma sensibilização para as ciências, partindo das ideias e curiosidades das crianças, fazendo delas a alavanca para o desenvolvimento do processo de socialização em que a escola se avulta como um fator socializador fundamental.

## 2.4 – Bibe azul

Quadro 12 – Planificação de Domínio de Aprendizagem

**Educadora:** Sofia Carvalho

**Estagiária:** Sofia Nobre

**Faixa etária:** 5 anos

Nº 25

**Data:** 28 de Janeiro de 2010

Área: Domínio da Matemática

| <i>Conteúdos</i>  | <i>Procedimentos</i>   |
|---|--|
| <b>Operações e situações problemáticas</b>  | <ul style="list-style-type: none"><li>• Iniciar a aula distribuindo todo o material necessário (calculadores multibásicos e envelopes com imagens);</li><li>• Criar algumas situações problemáticas, através de uma história a contar;</li><li>• Pedir sempre aos alunos para realizarem a operação da divisão, respeitando as regras dos calculadores multibásicos;</li></ul> |
| <b>Competências</b>   |  |
| <b>Capacidades – Destrezas</b>  | <b>Valores – Atitudes</b>  |
| <ul style="list-style-type: none"><li>• Orientação Espaço-Temporal<ul style="list-style-type: none"><li>- Explorar;</li><li>- Reconhecer;</li><li>- Interpretar.</li></ul></li><li>• Expressão Oral<ul style="list-style-type: none"><li>- Organizar a informação;</li><li>- Interpretar.</li></ul></li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none"><li>- Ser coerente;</li><li>- Esforçar-se.</li></ul></li><li>• Respeito<ul style="list-style-type: none"><li>- Aceitar;</li><li>- Aprender;</li><li>- Estimar.</li></ul></li></ul>   |

**Material:** Calculadores multibásicos e envelopes com imagens.

*Baseado no Modelo T da Unidade de Aprendizagem  
Plano sujeito a alterações*

## Fundamentação teórica \ Inferências

Nesta planificação, criei vários desafios, referentes ao tema de conhecimento do mundo: os minerais, criando uma interdisciplinaridade entre os minerais e os calculadores multibásicos. Assim, consegui lançar vários reptos estimulantes para serem resolvidos. Para Matos & Serrazina (1996) a aprendizagem da matemática é fundamental e:

“[...] deve estimular a curiosidade e desenvolver a capacidade do aluno para formular e resolver problemas que contribuam para a compreensão, apreciação e poder de intervenção do mundo que nos rodeia (...) deve proporcionar-lhe a experiência e o prazer de enfrentar um desafio e o desenvolvimento da auto-confiança intelectual.” (Matos & Serrazina, 1996, p.19).

Aberkane & Berdonneu (2001) defendem que “ a matemática oferece às crianças a oportunidade de agir, e posteriormente levá-la a reflectir acerca das suas acções: reviver o pensamento, os acontecimentos que acabaram de desenvolver, antecipar o que poderia vir a acontecer, procurar prever...” (p.4).

São vários os motivos para ensinar matemática na fase pré-escolar, sendo essencial dar prioridade à sequência, à correspondência, ao sentido do número, à compreensão das operações, desenvolver o raciocínio lógico. De acordo com Aranão (1996) “um dos objectivos de «ensino» da matemática,[...] deve ser o de desenvolver a capacidade de dedução (raciocínio lógico) e não a habilidade para calcular mentalmente. ” (p.20). Quando realizei as atividades de matemática, as crianças, ao obterem o resultado, não se aperceberam da operação que efetuaram, no entanto depois compreenderam os mecanismos intervenientes nas operações aritméticas básicas realizadas.

Na aula do domínio da matemática distribuí pelas crianças envelopes com imagens, que integraram as situações problemáticas que apresentei. Desta forma todos os alunos manipularam, realizando diversos raciocínios realizando operações matemáticas. De acordo com Aranão (1996) é importante encarar a criança como um individuo “[...] dinâmico, curioso e criativo [...] pois é complicado manter-se concentrada por mais de vinte minutos.” Desta forma é necessário dar a oportunidade à criança de manipular objetos, interagir com diferentes tipos de materiais, de forma a motivá-la e aumentar o seu interesse e expetativas, que constituem fatores nucleares para o desenvolvimento da aprendizagem. A criança precisa de explorar o mundo que



a rodeia e colher as suas próprias informações, cabendo ao professor agir como inventor e proporcionar-lhe o maior número possível de atividades, materiais e oportunidades de situações para que as suas experiências sejam enriquecedoras, contribuindo para a construção do conhecimento.

Drew et. al ( 1994) acrescenta que “é fundamental para o ensino da matemática, poder-se contar com materiais que se possam manipular [...]” (p. 89)

As crianças para resolverem as situações problemáticas propostas, precisam de estar motivadas, pelo que tais situações devem ser desafiantes e aliciantes. Tal como afirma Jensen (2002) “ o melhor modo de desenvolver o cérebro é através da resolução de problemas que constituem desafios. [...] As crianças necessitam de resolver problemas complexos e aliciantes. [...] ”(p.60). Esta perspetiva vem ao encontro do que os psicólogos denominam como neotomia ou seja o inacabamento biológico do ser humano, sendo que é esse inacabamento vai permitir à criança adaptar-se mais facilmente às situações imprevistas, aos desafios e mesmo aos obstáculos, já que o seu programa genético não as determina, pois o genótipo está em associação com o fenótipo, ou seja com a influência do meio e mesmo o processo denominado cerebralização mostra a plasticidade ou capacidade de adaptação às novas situações do ser humano e é particularmente relevante no período da infância.

O uso de uma história para a realização dos cálculos serve para que o problema faça sentido no pensamento da criança passando do abstrato para a realidade, até porque, de acordo com os quatro estádios de desenvolvimento de Piaget, as crianças do bibe azul encontram-se no estádio pré-operatório, sendo uma das mais importantes conquistas deste estádio a emergência da função simbólica, ou seja, a capacidade de representar mentalmente objetos ou acontecimentos que não ocorrem no presente por intermédio de símbolos. Assim sendo, o recurso a uma história veio ao encontro do facto de a linguagem constituir uma das mais importantes manifestações da função simbólica: as palavras, as frases representam pessoas, situações, objetos, acções e os objetos passam a representar o que a criança deseja e a imagem mental e o desenho são também manifestações da função simbólica.

Para a realização desta atividade, todas as crianças trabalharam com os calculadores multibásicos. De acordo com Caldeira (2010) a utilização deste material manipulativo ajuda ao “desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem.” (p.15).

Ainda de acordo com a mesma autora “o interesse pedagógico deste material situa-se em termos matemáticos, em aspectos de: exploração de atributos; associação e comparação; contagem de quantidades; ordenação; [...]; operações aritméticas; situações problemáticas.” (p.188).

### 2.3.2 – Bibe azul

Quadro 13 – Planificação de Estimulação à leitura

**Educadora:** Sofia Carvalho

**Estagiária:** Sofia Nobre

**Faixa etária:** 5 anos

Nº 25

**Data:** 18 de Fevereiro

MPE1C

**Duração:** 20 a 30 minutos

**Área:** Estimulação à leitura

| <i>Conteúdos</i>  | <i>Procedimentos</i>  |
|---|---|
| <p><b>Leitura e interpretação do texto:</b><br/> <b>“A aventura do pirata Rui”</b>(texto adaptado)</p> <p><b>Letra “r”</b></p>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Contar uma história sobre os piratas. Pedir a colaboração das crianças através de gestos e algumas frases.</li> <li>• Pedir às crianças que procurem dentro do baú (tesouro) palavras;</li> <li>• Ajudar as crianças a lerem essas palavras, tendo em atenção a lição da letra “r”.</li> </ul> |
| <i>Competências</i>   |   |
| <b>Capacidades – Destrezas</b>  | <b>Valores – Atitudes</b>   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão Oral: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Imaginar;</li> <li>- Desenvolver vocabulário;</li> <li>- Fluidez Mental</li> </ul> </li> <li>• Raciocínio Lógico: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Imaginar;</li> <li>- Observar;</li> <li>- Deduzir</li> </ul> </li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Empatia <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser comunicativo</li> <li>- Ser altruísta</li> <li>- Raciocínio lógico</li> </ul> </li> <li>• Respeito <ul style="list-style-type: none"> <li>- Saber Escutar;</li> <li>- Saber Dialogar.</li> <li>- Verbalizar</li> </ul> </li> </ul>        |

**Material:** Baú dos piratas, palavras relacionadas com a letra “r, imagens da história.

*Baseado no Modelo T da Unidade de Aprendizagem*

*Plano sujeito a alterações*

## **Fundamentação teórica \Inferências**

Quando entrei na sala, vestida de pirata, todos os alunos ficaram admirados e motivados. A história que contei passou a ser vivida com mais intensidade. De acordo com Drew et al. (1994) “ A fantasia também nos proporciona situações e materiais que estimulam a imaginação das crianças.” (p.80). Este foi o propósito da personagem que encarnei perante as crianças.

Durante a leitura em voz alta da história “ O Pirata Rui” , de um texto adaptado (modificado) os alunos puderam associar o que ouviram ao que viam, pois levei várias imagens bastante visíveis e apelativas. Segundo Spodek & Saracho (1998): “[...] ler em voz alta, livros aumentados «enriquece o divertimento e o entendimento da literatura, desenvolve o vocabulário oral, promove o conceito de leitura [...] desenvolve a discriminação visual [...] e dá oportunidade para atividades que promovam habilidades de pensamento crítico e criativo.” (p.249).

Lopes (2006) afirma que “ler para alguém, e em particular para as crianças, constitui uma das mais poderosas formas de desenvolver no sujeito que ouve comportamentos pró-leitores” (p.64). É, por conseguinte, de vital importância que o educador realize esta atividade, pois ao fazê-lo está a conduzir as crianças ao mundo do imaginário, funcionando como um facilitador e um incentivador dessa transposição para a dimensão do simbólico. O autor acrescenta que a educadora “deverá ler livros em voz audível, procurando enfatizar as particularidades do texto”. (p.68).

Durante a atividade, todas as crianças sentaram-se em círculo num tapete próprio, de forma a estarem todos a visualizar melhor as imagens da história. Vasconcelos (2004) defende que “A linguagem, quer falada ou escrita, não pode florescer do vazio, mas sim num ambiente que apoie, estimule e desafie a criança [...]” (p.42).

Dentro do baú que apresentei, estavam colocadas várias palavras. Esta atividade fez com que a leitura das palavras se tornasse mais apelativa e dinâmica. Os alunos ficaram mais curiosos e entusiasmados, já que, por eles próprios fizeram a descoberta das palavras o que era para eles foi reforço positivo, na aceção do psicólogo Skinner.

Jensen (2002) defende que “ quanto maior for o vocabulário que a criança recebe por parte do professor, maior será o seu vocabulário pela vida fora. A leitura [...] é um excelente modo de desenvolver o vocabulário”(p.58).

Os alunos do bibe azul utilizam o método da cartilha maternal para aprenderem a ler. De acordo com João de Deus (1987) “ler é interpretar as mensagens emitidas pelas variadas e diversas formas de expressão.” (p.7). A Cartilha Maternal “serve uma língua viva no seu dinamismo e evolução” (p.10).

Nesta aula, explorámos a décima sétima lição incidente na letra “r” da Cartilha Maternal Esta foi publicada em 1876 e, desde então, ensina e orienta muitos alunos. João de Deus (1987) defende que “ A Cartilha Maternal analisada à luz do saber actual, demonstra uma riqueza surpreendente de intuições científicas, confirmadas posteriormente, que só um pensamento e uma excepcionais poderiam conceber.” (p.16).

João de Deus (1987) afirma ainda que a criança quando chega à décima sétima lição tem uma grande alegria, pois “ a criança na 17ª lição lê um texto escrito, cria confiança, é um estímulo e um exercício.” (p.69).

## 2.4. Planificação do 1º ciclo

### 2.4.1. – 1º ano

Quadro 14 – Planificação de Língua Portuguesa

**Professora:** Anabela Serafim

**Estagiária:** Sofia Nobre

**Nível de Escolaridade:** 1º ano

Nº 25

**Data:** 14 de Fevereiro de 2012

MPEIC

**Duração:** 20 minutos

**Área:** Língua Portuguesa

| <i>Conteúdos</i>   | <i>Procedimentos</i>   |
|--|--|
| <b>Banda desenhada: Leitura do conto tradicional: “O velho, o rapaz e o burro”.</b>  | <ul style="list-style-type: none"><li>• Distribuir pelos alunos os envelopes com as vinhetas da história;</li><li>• Contar a história com recurso a alguns sons;</li><li>• Pedir aos alunos que coloquem as vinhetas pela ordem correta dos acontecimentos narrados;</li><li>• Pedir às crianças que leiam a história;</li><li>• Falar das características da banda desenhada.</li></ul> |
| <i>Competências</i>  |  |
| <b>Capacidades – Destrezas</b>   | <b>Valores – Atitudes</b>  |
| <ul style="list-style-type: none"><li>● Expressão Oral:<ul style="list-style-type: none"><li>- Imaginar;</li><li>- Enriquecer vocabulário;</li><li>- Interpretar.</li></ul></li><li>● Raciocínio Lógico:<ul style="list-style-type: none"><li>- Observar;</li><li>- Compreender.</li></ul></li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>● Respeito<ul style="list-style-type: none"><li>- Saber Escutar;</li><li>- Saber Dialogar.</li></ul></li></ul>   |

**Material:** Proposta de leitura, vinhetas, rádio.

*Baseado no Modelo T da Unidade de Aprendizagem*

*Plano sujeito a alterações*

## Fundamentação Teórica/Inferências

Iniciei a aula com a leitura do conto em voz alta, apenas utilizando a imaginação e a memória, pois, tal como afirma Hohmann & Weikart (1997), “contar histórias em vez de ler um livro é uma maneira divertida de usar a linguagem com inflexões de voz e gestos.” (p.548).

Após os alunos terem realizado a atividade proposta, a qual consistia na colocação pela ordem correta das vinhetas que se encontravam nos envelopes, procedi à afixação no quadro das mesmas, com a sequência correta, mas com maiores dimensões.

De acordo com Lopes (2006) as histórias mostradas às crianças “[...] deverão ter letras grandes para que, de vez em quando [a professora] virando o livro para as crianças, vá apontando o que está a ler. O objectivo é permitir às crianças perceberem a direcionalidade da escrita (da esquerda para a direita e de cima para baixo)” (p.68).

A história abordada na aula foi o conhecido conto: “O velho, o rapaz e o burro”. Bastos (1999) defende que é importante o estudo de contos:

“[...] sobretudo em termos da sua função no desenvolvimento da imaginação, considerada como uma faculdade essencial do homem, particularmente fecundada durante a infância, e determinante para os processos de desenvolvimento da pessoa, tanto culturais como afectivos, sociais e individuais.” (p.68).

O autor acrescenta que

“Muitos destes contos iniciam-se por [...] «Era uma vez...», « Há muitos anos...», [...] , « Num reino distante» que, situando o ouvinte num tempo outro que não o seu, isto é, num tempo fora do tempo e espaço reais, permitem-lhe situar-se num universo que não é o da realidade comum mas que, todavia fornece muitas das «chaves» para compreender o seu mundo.” (Bastos, 1999, p.70).

Considero que é fundamental sublinhar a riqueza e variedade do conto tradicional, nomeadamente para o conhecimento da língua portuguesa, já que esta não se limita ao reportório relativamente restrito que é usado no jardim de infância. Daí que se defenda a necessidade de facultar aos alunos um conhecimento mais alargado das obras da tradição.

De seguida, pedi aos alunos que fizessem a leitura individual em voz alta e, tal como afirma Bastos (1999), relativamente às “[...] actividades possíveis em contexto escolar, aquela que emerge desde logo como essencial é a da leitura em voz alta [...]” (p. 72).

A forma como apresentei o conto foi em banda desenhada, através de imagens apelativas referentes ao conto. Bastos (1999) defende que se deve “[...] relacionar o texto e as ilustrações que o acompanham, procurando interpretar a outra leitura que os desenhos poderão propor [...] entre outras actividades.” Desta forma, explorei primeiro as imagens através da narração da história e, posteriormente, os alunos realizaram a leitura das vinhetas.

Referi e abordei as características principais da banda desenhada, após ter afixado no quadro as imagens com as respetivas legendas. Segundo Bastos (1999), “a ilustração fornece uma dimensão concreta à informação. [...]” (p. 267) A importância da imagem é considerável, uma vez que se “[...] institui também como uma fonte significativa de informação, quando não a única. [...]”, constituindo uma possibilidade de visualização de múltiplas realidades através da linguagem visual.



## 2.4.2. - 1º ano de escolaridade

Quadro 15 – Planificação de Matemática

**Professora:** Anabela Serafim

**Estagiária:** Sofia Nobre

**Nível de Escolaridade:** 1º ano

Nº 25

**Data:** 14 de Fevereiro de 2012

MPEIC

**Duração:** 20 minutos

**Área:** Matemática

| <i>Conteúdos</i>   | <i>Procedimentos</i>   |
|--|--|
| <b>Situações problemáticas:<br/>multiplicação</b>  | <ul style="list-style-type: none"><li>• Iniciar a aula distribuindo o material necessário: legumes e algarismos móveis;</li><li>• Realizar situações problemáticas, baseadas no tema de estudo do meio;</li><li>• Manipular as borboletas e cuisenaire para chegar ao resultado;</li><li>• Representar no quadro, com algarismos móveis, as quantidades referidas.</li></ul> |
| <b>competências</b>  |  |
| <b>Capacidades – Destrezas</b>   | <b>Valores – Atitudes</b>  |
| <ul style="list-style-type: none"><li>• Orientação Espaço-Temporal<ul style="list-style-type: none"><li>-Explorar;</li><li>-Reconhecer.</li></ul></li><li>• Expressão Oral<ul style="list-style-type: none"><li>- Organizar a informação;</li><li>- Observar;</li><li>- Interpretar.</li></ul></li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>• Respeito<ul style="list-style-type: none"><li>- Saber Escutar;</li><li>- Saber Compreender.</li></ul></li></ul>  |

**Material:** Cenouras, nabos, vasos, placas da semana e algarismos móveis

*Baseado no Modelo T da Unidade de Aprendizagem*

*Plano sujeito a alterações*

## **Fundamentação teórica/Inferências**

Destaco a importância de estimular os alunos para a aprendizagem da matemática de uma forma apelativa e facilitadora da evolução dos alunos. A introdução de situações problemáticas teve como base a visualização, já que é importante que os alunos partam de conhecimentos informais para desenvolverem os raciocínios. A utilização do cuisenaire e o recurso a materiais manipulativos serviu para proporcionar uma experiência motivadora para preparar os alunos para a resolução dos problemas propostos.

É um dos requisitos estabelecidos no programa de matemática do ensino básico, permitir uma formação que faculte a utilização desta ciência desde cedo e ao longo da escolaridade, para que se estimule os alunos numa relação positiva com a disciplina e para que se desenvolva a confiança nas suas capacidades pessoais para trabalhar com a mesma.

Seguindo esse propósito pretendi organizar os meios e criar o ambiente adequado à aprendizagem, promovendo para tal a participação dos alunos. Uma vez que neste nível de ensino a matemática deve ligar-se principalmente à aritmética, mais concretamente, ao domínio das técnicas de cálculo e ao conhecimento dos algoritmos das quatro operações, procurei enriquecer a aula enquadrando as técnicas de cálculo numa aprendizagem que valorizasse a resolução e a formulação de problemas. A visualização tornou-se por isso importante, ao integrar capacidades relacionadas com a forma como os alunos percebem o mundo que os rodeia, envolvendo a observação (daí o uso das borboletas para esse efeito), a manipulação e transformação de objetos, pois as crianças acedem melhor ao sentido espacial e às noções de orientação e movimento. Neste sentido, o uso de materiais manipuláveis ganha um papel essencial na aprendizagem dos cálculos e da medida, ao permitirem estabelecerem relações e tirar conclusões, facilitando a compreensão de conceitos e a identificação do número.

Assim, a aprendizagem passou por uma base que visava ir ao encontro das curiosidades e do entusiasmo dos alunos, estimulando-os a explorar ideias relacionadas com números e espaço, permitindo assim o desenvolvimento do pensamento abstrato e a resolução das situações problemáticas. Becker & Selter (1996) salientam que uma aprendizagem de elevada qualidade resulta das experiências formais e informais durante os anos correspondentes ao pré-escolar. Neste contexto, a matemática informal é compreendida “ não só como as capacidades e conhecimento

que as crianças adquirem fora da escola, mas também os conceitos que desenvolvem na escola sem serem “ensinados”. Assim, a matemática informal é baseada na construção activa do aluno que é tanto encorajado como constrangido pelos factores sociais e culturais.” (p.514).

### 2.4.3 - 1º ano

Quadro 16 – Planificação de Estudo do Meio

**Professora:** Anabela Serafim

**Estagiária:** Sofia Nobre

**Nível de Escolaridade:** 1º ano

Nº 25

**Data:** 14 de Fevereiro de 2012

MPE1C

**Duração:** 20 minutos

#### Área: Estudo do Meio

| <i>Conteúdos</i>  | <i>Procedimentos</i>  |
|---|---|
| <b>O burro</b>  | <ul style="list-style-type: none"><li>• A aula decorrerá no exterior da sala de aula, ficando os alunos dispostos em “U”;</li><li>• Visualizar um burro, tocando e verificando as características;</li><li>• Conversar sobre as características, curiosidades e alimentação do burro, através de um cesto com palavras-chave.</li><li>• Mostrar alguns objetos relacionados com o burro, como por exemplo: albarda.</li><li>• Por fim, alimentar o burro.</li></ul> |
| <b>Competências</b>   |   |
| <b>Capacidades – Destrezas</b>  | <b>Valores – Atitudes</b>   |
| <ul style="list-style-type: none"><li>• Orientação Espaço-Temporal<br/>Explorar;<br/>Reconhecer.</li><li>• Raciocínio Lógico<br/>Observar;<br/>Analisar;<br/>Interpretar.</li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>• Respeito<ul style="list-style-type: none"><li>- Saber escutar;</li><li>- Saber dialogar;</li><li>- Saber participar.</li></ul></li></ul>  |

**Material:** Burro, palavras-chave, fardos de palha, abóboras, cenouras e batatas.

*Baseado no Modelo T da Unidade de Aprendizagem*

*Plano sujeito a alterações*

## **Fundamentações teóricas/Inferências**

Iniciei a aula decidindo levar as crianças para o exterior da sala. Esta mudança espacial pretendeu motivar as crianças e alterar o seu contexto habitual, onde decorrem as atividades diárias. A turma ficou mais entusiasmada e motivada e, desta forma, a aprendizagem pode ser facilitada.

No pátio do jardim-escola, visualizaram um burro, onde puderam ter em atenção todas as suas particularidades e características, através do sentido da visão, do olfato e do tato. De acordo com Hohmann & Weikart (1997) “A aprendizagem acerca dos atributos das coisas e das pessoas começa na infância. Usando todos os sentidos para explorar [...]” (p.679).

É necessário dar oportunidade de exploração e de conhecimento às crianças. Quanto mais real o estudo em si for, melhor será para as crianças. Segundo Hohmann & Weikart (1997):

“Os adultos que têm consciência da relação entre sinais sensoriais, as imagens mentais que evocam, e o processo de feitura de símbolos podem tentar capitalizar todas as oportunidades diárias para as crianças se divertirem e falarem sobre imagens, sons sabores e cheiros que encontram.” (p.482).

O mesmo autor acrescenta que as “ [...] crianças são exploradores ávidos e possuem imensa curiosidade em saberem e descobrirem, por experiência própria, como as coisas são e como funcionam.” (p.680), neste caso, foi meu objetivo estimular as crianças para uma realidade que está afastada do seu quotidiano urbano, o que constitui uma mais-valia para a disciplina do estudo do meio.

# Capítulo 3

## **Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação**

### **3.1 Descrição do capítulo**

Neste capítulo serão apresentadas três avaliações realizadas no decorrer do período de estágio profissional. Quanto ao estágio, que decorreu no 1º ciclo, as avaliações referem-se às três áreas curriculares disciplinares: Língua Portuguesa; Matemática e Estudo do Meio.

Este capítulo será organizado da seguinte forma: em primeiro lugar, apresento a fundamentação do conceito de avaliação, seguido-se-lhe uma referência às atividades que serão avaliadas bem como a descrição dos parâmetros e critérios de avaliação estabelecidos.

De seguida, apresento uma grelha de avaliação, com as notas quantitativas e qualitativas e a descrição da mesma, além de um gráfico que mostra os resultados, a que se segue a sua interpretação.

### **3.2 Fundamentação teórica**

A avaliação é um elemento fundamental e integrador da prática educativa, sendo considerada uma reflexão crítica sobre todos os momentos e fatores que intervêm na formação a fim de determinar quais podem ser, estão sendo ou foram, os resultados da mesma. Trata-se, pois, de um vasto e complexo processo que supõe a necessidade de recolher informação de diferentes momentos, tendo em vista a melhoria dos dispositivos de formação.

Leite (2003) afirma que “[...] avaliar é muito mais do que atribuir uma nota, uma quantificação, uma classificação [...]” (p.21) O autor defende que a avaliação tem como finalidade avaliar os resultados do ensino expressos no nível de conhecimentos adquiridos pelos alunos, no final de período escolar. É um tipo de avaliação que [...] se inscreve numa lógica que privilegia as dimensões cognitivas e intelectuais (memorização e compreensão) enquanto dimensões isoladas do desenvolvimento. (p.23). O mesmo autor defende que:

“ a avaliação tem [...] um papel de controlo das etapas e dos procedimentos de formação, tanto ao nível da actividade dos professores, como dos alunos. Pretende-se com a avaliação evitar desvios ao que previamente foi planificado e impedir a ocorrência de

efeitos marginais ao caminho delineado e aos resultados antecipados.”  
(p.39).

Segundo Ribeiro & Ribeiro (1989), avaliação e classificação são termos muito utilizados na vida escolar. A principal função de avaliar “corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades.” (p.337).

Os professores são responsáveis pela avaliação dos alunos. De acordo com Arnerds (1995) “ a avaliação e a atribuição de classificação são da máxima importância para alunos e pais [...]” (p.227).

A avaliação deve ser um procedimento usado para ajudar as crianças em vários aspetos, mas principalmente a adquirirem todos os objetivos propostos. Tal como afirma Ribeiro & Ribeiro (1989) “ a avaliação é [...] uma operação [...] que acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é o motor do seu constante aperfeiçoamento, pretendendo [...] conduzir todos os alunos a um sucesso pleno no programa de estudos que se seguem.” (p.338).

De acordo com Leite (2003) “[...] num modelo de escola tradicional a avaliação tem como finalidade primeira medir a quantidade de conhecimentos adquiridos pelos alunos e aferir o grau de reprodução desses conhecimentos.” (p.20).

Ribeiro & Ribeiro (1989) afirmam que a avaliação pode trazer vantagens para o aluno, tais como, motivá-los e informá-los dos novos conhecimentos e aptidões que adquiriram, bem como fornecer aos alunos as informações necessárias para permitir orientar os seus esforços, “[...] no sentido de ultrapassar dificuldades relativas às aprendizagens não conseguidas [, entre outras]” (p.337).

Leite (2003) propugna que é importante criarem-se situações de aprendizagem que sejam significativas para os alunos. (p.64) Existe também a necessidade de se implementarem práticas avaliativas que se constituam como oportunidades de formação e que se aproximem cada vez mais das realidades dos alunos, respeitando e tomando em conta a sua diversidade sócio-cultural e os seus diferentes ritmos e estilos de aprendizagem. O mesmo autor (2003) acrescenta que “enquanto se desenha o programa definem-se, através dele, os conteúdos e os valores culturais que devem ser preservados bem como os instrumentos que permitem verificar se eles foram atingidos.” (p.17). Além de ser importante cumprir o currículo, é essencial compreender se todos os conteúdos foram adquiridos.



Leite (2003) reforça que:

“ [...] enquanto na avaliação formativa se recorre a instrumentos e a procedimentos que permitam compreender o estado da situação e do conhecimento ao longo dos processos de formação, na avaliação sumativa recorre-se a instrumentos e a procedimentos de avaliação final, realizados segundo uma estrutura de síntese. “ (p.43).

Leite (2003) afirma ainda que “ [...] os momentos de aplicação destes tipos de avaliação são diferentes uma vez que a (avaliação formativa) acompanha todo o processo enquanto que a outra (a avaliação sumativa) apenas nas fases terminais deste processo, correspondentes a intervalos de tempo relativamente longos.” (p.43).

Existem três tipos fundamentais de avaliação que são: a diagnóstica, a formativa e a sumativa. Estas três formas complementam-se.

A avaliação diagnóstica tem lugar, geralmente, no início de uma unidade curricular e segundo Ribeiro & Ribeiro “a avaliação diagnóstica tem como objectivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens.” (p.342).

É fundamental o professor saber quais os conteúdos já adquiridos pelos alunos, para que sirva de base para o ensino-aprendizagem. Tal como refere Leite (2003) “ é necessário identificar os pré-requisitos dos alunos, face ao que se lhes quer ensinar e se deseja que eles aprendam.” (p.39) Deste modo, esta avaliação diagnóstica permite situar os alunos em relação aos objetivos programados e definir os caminhos para a construção da aprendizagem.

Outra das avaliações já referidas é a avaliação formativa que desempenha um papel paralelo ao da avaliação diagnóstica. Sendo utilizada nos vários domínios deve ser praticada com alguma frequência, de acordo com o plano de avaliação pré-estabelecido. Para Ribeiro & Ribeiro (1989) “a avaliação formativa acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantam dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam” (p.348).

Segundo Leite (2003):

“as três ideias-chave da concretização de uma prática de avaliação formativa são: regular (processos); reforçar (êxitos); remediar (dificuldades). Estes três eixos de avaliação formativa implicam o recurso a procedimentos que permitam definir o que se considera importante aprender, situar o aluno face a essas aprendizagens, identificar a origem das dificuldades e os meios mais adequados para as remediar ou para enriquecer as suas aprendizagens.” (p.41).

De acordo com Leite (2003) “ Para que a avaliação formativa cumpra as intenções que a orientam [...] é necessário que seja sistemática e contínua, isto é, que acompanha todo o processo de formação.” (p. 42).

Por fim, a avaliação sumativa distingue-se claramente da avaliação diagnóstica e formativa. Para Ribeiro & Lucie citados por Leite & Fernandes (2003) afirmam que “a avaliação sumativa corresponde [...] a um balanço final, a uma visão de conjunto relativamente a um todo sobre que, até aí, só haviam sido feitos juízos parcelares.” (p.26).

Ribeiro & Ribeiro (1989) consideram que “A avaliação somativa procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado.” (p.359)

Leite (2003) reforça que a avaliação sumativa continua a fazer sentido na educação escolar e é uma das bases para a atribuição da classificação. (p.22). O mesmo autor acrescenta que a avaliação sumativa tem como finalidade “classificar os alunos no final de cada período de formação” para os situar numa escala, que é definitiva. (p.43).

De acordo com Arnerds (1995) as “avaliações sumativas traduzem-se em esforços para utilizar a informação sobre alunos ou programas após um conjunto de actividades de instrução ter ocorrido.” (p.229).

Leite (2003) acrescenta que “ A avaliação das aprendizagens dos alunos, pressupõe [...] o recurso a práticas pedagógicas que se apoiam num conjunto de procedimentos e de instrumentos diversificados que permitam regular as acções e processos de ensino e de aprendizagem.” (p.54).

Para a concretização de uma avaliação significativa são aplicados instrumentos e procedimentos distintos. Para Leite (2003) “ os instrumentos de avaliação são estandardizados, isto é, para todas as situações e para todos os alunos e são aplicados nos momentos finais do ensino (unidade, período, ano, [...])” (p. 18).

Segundo Leite (2003):

“a utilização e aplicação de “testes” de medida tem como finalidade (...) verificar se os alunos adquiriram os conhecimentos programados pelo professor para um determinado tempo escolar. São instrumentos que são concebidos e aplicados em momentos correspondentes ao final de cada período, e designados de avaliação sumativa.” (p.21) O autor acrescenta que “na construção do teste [...] há que ter em

atenção, a qualidade das perguntas que se fazem e ao tipo de perguntas que se seleccionam para recolher dados sobre os conhecimentos que os alunos possuem.” (p.22).

Ribeiro & Ribeiro (1989) concluem, definindo a avaliação como:

“um plano de apreciação de objectivos de aprendizagem que se visam, determinando processos e instrumentos que permitam evidenciar os resultados reais obtidos, tanto os que concordam com os objetivos pretendidos como os que deles se afastam, no sentido de melhorar o processo de ensino e o próprio plano inicialmente construído.” (p.65).

O Ministério de Educação refere quais são os intervenientes que têm a responsabilidade de avaliar: o educador titular de turma, os docentes da equipa escolar e os encarregados de educação. É fundamental uma troca de opiniões entre o educador e a família promovendo uma acção equilibrada entre o jardim-escola e a família com os apoios do Departamento Curricular da Educação Pré-Escolar, dos Docentes de educação especial e por último, dos Órgãos de Gestão.

Sendo a avaliação o suporte de uma classificação, foram elaborados algumas grelhas com vários itens, seguindo uma escala de classificação. Estas escalas de classificação são registos constituídos por um conjunto de características ou qualidades que têm de ser avaliadas por uma escala que indique o grau de apresentação de cada parâmetro.

Para as avaliações desenvolvidas, utilizei uma escala baseada na de Likert, com cinco níveis, de 1 a 5. A qual auxilia o o educador a centrar –se nos aspectos específicos observáveis de um elemento avaliado, oferecendo objetividade e melhorando a fiabilidade da observação. Eis a escala:

- 1 - Fraco (de 0 a 2,9 valores)
- 2 - Insuficiente (de 3 a 4,9 valores)
- 3 - Suficiente (de 5 a 6,9 valores)
- 4 - Bom (de 7 a 8,9 valores)
- 5 - Muito Bom (de 9 a 10 valores)

### **3.3 Avaliação da atividade de Língua Portuguesa**

#### **3.3.1 Contextualização**

A proposta de trabalho alusiva à área curricular de Língua Portuguesa foi realizada numa manhã de aula lecionada por mim, no dia 31 de Maio de 2011, ao 2º

ano B. O conteúdo explorado foi a interpretação e análise gramatical de um texto. (ver em anexo 1).

### **3.3.2 Descrição dos parâmetros e critérios**

Interpretar o texto: pretende-se que a criança identifique de entre as várias informações quais são as corretas e assinale com uma cruz as mesmas. Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Assinalou devidamente todas as informações corretas;
- Assinalou apenas uma informação correta;
- Assinalou informações corretas e outras incorretas;
- Assinalou informações incorretas.

Identificar a personagem pedida: pretende-se que a criança identifique a personagem adequada com base na informação textual. Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Respondeu corretamente;
- Respondeu corretamente mas com incorreções linguísticas;
- Respondeu incorretamente.

Identificar os pronomes nas frases: pretende-se que a criança substitua as palavras sublinhadas pelos pronomes correspondentes.

- Identificou corretamente os dois pronomes pessoais;
- Identificou apenas um pronome pessoal corretamente;
- Identificou incorretamente os dois pronomes pessoais.

Reconhecer o tipo de frase: pretende-se que a criança identifique o tipo de frase, nas frases transcritas. Foram estabelecidos os seguintes critérios.

- Identificou corretamente os três tipos de frases;
- Identificou corretamente dois tipos de frases;

- Identificou corretamente um tipo de frase;
- Identificou incorretamente todas os tipos de frases.

Classificar morfológicamente as palavras: pretende-se que a criança identifique a classe morfológica das cinco palavras propostas. Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Respondeu corretamente a todas;
- Respondeu corretamente a quatro;
- Respondeu corretamente a três;
- Respondeu corretamente a duas;
- Respondeu corretamente a uma;
- Respondeu incorretamente a todas;
- Por cada erro ortográfico descontar uma décima (-0,1).

Classificar quanto ao número de sílabas: pretende-se que a criança classifique quanto ao número de sílabas, assinalando com uma cruz no quadro as respostas corretas. Foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Assinalou corretamente as quatro palavras;
- Assinalou corretamente três palavras;
- Assinalou corretamente duas palavras;
- Assinalou corretamente uma palavra;
- Assinalou incorretamente todas as palavras ou não assinalou nenhuma.

### 3.3.3 Grelha de avaliação de atividade na área curricular de Língua Portuguesa

| Parâmetros              | Critérios  |     | Cotações |
|-------------------------|--|-----|----------|
| 1. Interpretar o texto; | Assinalou corretamente.  | 1,5 | 1,5      |
|                         | Assinalou apenas uma informação correta.                       | 1   |          |
|                         | Assinalou todas as informações corretas e uma\duas incorretas. | 0,5 |          |

|  |   |       |     |
|--|---|-------|-----|
|  | Assinalou as informações incorretas.          | 0     |     |
| 2. Identificar a personagem pedida;          | Respondeu corretamente.                       | 0,5   | 0,5 |
|  | Respondeu corretamente mas indevidamente.     | 0,25  |     |
|  | Respondeu incorretamente.                     | 0     |     |
| 3. Identificar os pronomes                   | Identificou corretamente.                     | 0,5   | 0,5 |
|  | Identificou apenas um pronome corretamente.   | 0,25  |     |
|  | Identificou incorretamente                    | 0     |     |
| 4. Reconhecer o tipo de frase.               | Identificou corretamente três frases.         | 1,5   | 1,5 |
|  | Identificou corretamente duas frases.         | 1     |     |
|  | Identificou corretamente uma frase.           | 0,5   |     |
|  | Identificou incorretamente todas as frases.   | 0     |     |
| 5. Classificar morfologicamente as palavras. | Respondeu corretamente a todas.               | 5     | 5   |
|  | Respondeu corretamente a quatro palavras.     | 4     |     |
|  | Respondeu corretamente a três palavras.       | 3     |     |
|  | Respondeu corretamente a duas palavras.       | 2     |     |
|  | Respondeu corretamente a uma palavra.         | 1     |     |
|  | Respondeu incorretamente.                     | 0     |     |
| Penalização                                  | A cada erro ortográfico descontar uma décima. | - 0,1 |     |
| 6. Classificar quanto ao número de           | Assinalou corretamente.                       | 1     | 1   |
|  | Assinalou corretamente três                   | 0,75  |     |

|          |                                       |      |    |
|----------|---------------------------------------|------|----|
| sílabas. | palavras.                             |      |    |
|          | Assinalou corretamente duas palavras. | 0,5  |    |
|          | Assinalou corretamente uma palavra.   | 0,25 |    |
|          | Assinalou incorretamente.             | 0    |    |
| TOTAL    |                                       |      | 10 |

### 3.3.4 Grelha de avaliação de atividade na área curricular de Língua Portuguesa

De seguida, apresenta-se a grelha de avaliação de atividade da presente área curricular.

Quadro 17 – Grelha de avaliação de atividade na área curricular de Língua Portuguesa

|                  | Questões | 1   | 2    | 3    | 4   | 5   | 6    | Total |
|------------------|----------|-----|------|------|-----|-----|------|-------|
|                  | Cotações | 1,5 | 0,5  | 0,5  | 1,5 | 5   | 1    | 10    |
| Nº               | Alunos   |     |      |      |     |     |      |       |
| 1                | A        | 1,5 | 0,5  | 1,5  | 1,5 | 4   | 0,5  | 9     |
| 2                | B        | 1,5 | 0,5  | 0,5  | 1,5 | 5   | 1    | 10    |
| 3                | C        | 1,5 | 0,5  | 0,5  | 1,5 | 2,1 | 1    | 7,1   |
| 4                | D        | 1   | 0,25 | 0,5  | 1,5 | 3,6 | 1    | 7,85  |
| 5                | E        | 1,5 | 0,25 | 0,5  | 1,5 | 3,8 | 0,5  | 8,05  |
| 6                | F        | 0   | 0,5  | 0    | 1,5 | 4,6 | 0,75 | 7,15  |
| 7                | G        | 1,5 | 0,5  | 0,5  | 1   | 4,4 | 1    | 9,4   |
| 8                | H        | 1   | 0,5  | 0    | 1,5 | 4,6 | 1    | 8,6   |
| 9                | I        | 1   | 0,5  | 0,5  | 1,5 | 3,5 | 1    | 8     |
| 10               | J        | 1   | 0,5  | 0,5  | 1,5 | 5   | 1    | 9,5   |
| 11               | K        | 1   | 0,25 | 0,5  | 1,5 | 5   | 1    | 9,25  |
| 12               | L        | 1,5 | 0,25 | 0,25 | 1,5 | 2,2 | 1    | 6,7   |
| 13               | M        | 1,5 | 0,5  | 0,25 | 1,5 | 4,2 | 1    | 8,97  |
| 14               | N        | 1   | 0,5  | 0,25 | 1,5 | 2,9 | 1    | 7,34  |
| 15               | O        | 1,5 | 0,5  | 0,5  | 1,5 | 4,6 | 1    | 9,6   |
| 16               | P        | 0,5 | 0,5  | 0    | 1,5 | 4,8 | 1    | 9,3   |
| 17               | Q        | 0,5 | 0,5  | 0,5  | 1,5 | 4,9 | 1    | 7,9   |
| 18               | R        | 0,5 | 0    | 0,25 | 1   | 4,6 | 1    | 7,37  |
| 19               | S        | 1,5 | 0,5  | 0,25 | 1,5 | 1,8 | 1    | 6,55  |
| 20               | T        | 1,5 | 0,5  | 0,5  | 1,5 | 2,9 | 1    | 7,9   |
| 21               | U        | 1   | 0,5  | 0,5  | 1,5 | 1,9 | 1    | 6,4   |
| 22               | V        | 1,5 | 0,5  | 0,25 | 1,5 | 2   | 0,75 | 6     |
| 23               | W        | 1,5 | 0,25 | 0,25 | 1,5 | 4   | 1    | 8,5   |
| 24               | X        | 1,5 | 0,5  | 0,5  | 1,5 | 5   | 1    | 10    |
| 25               | Z        | 0,5 | 0,5  | 0,5  | 0,5 | 3,4 | 1    | 6,4   |
| Média aritmética |          |     |      |      |     |     |      | 8,37  |

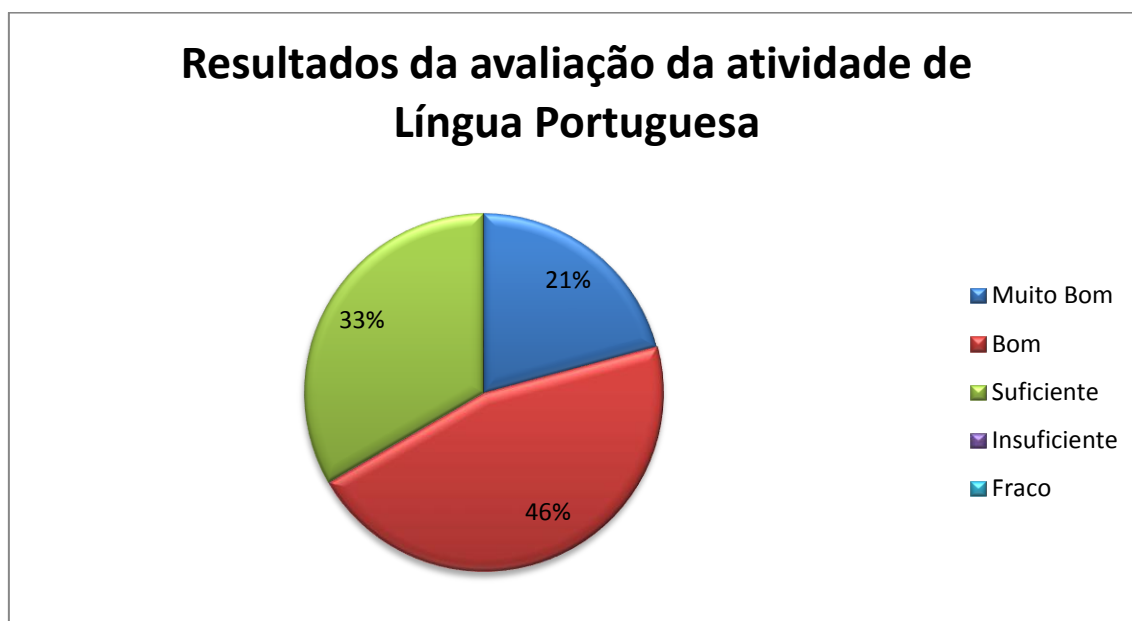
### 3.3.5. Descrição da grelha

A grelha foi realizada para vinte e cinco crianças, Em relação ao primeiro parâmetro reparei que a maioria das crianças assinalou corretamente as respostas. É também notório que no 6º parâmetro, praticamente todas as crianças acertaram.

A cotação mais baixa atribuída foi de seis valores, e a nota máxima foi de dez valores totais.

De seguida, pode-se observar o gráfico referente às pontuações das crianças, que é representado pela figura nº 11.

### 3.3.6. Apresentação dos resultados em gráfico circular



*Figura 11 – Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade na área curricular de Língua Portuguesa*

### 3.3.6 Análise do gráfico

Através da leitura de resultados do gráfico, conclui-se que a maioria, precisamente onze alunos tiveram uma classificação de Bom. Oito alunos obtiveram a classificação de Suficiente, sendo que uma foi a classificação mais baixa de seis valores. A classificação de Muito Bom foi obtida por apenas cinco alunos, sendo que dois elementos obtiveram a classificação máxima de dez valores. Nenhuma criança



obteve insuficiente ou fraco, embora algumas sofreram penalizações devidas a erros ortográficos, pelo que deverão ser tidos em conta para a idealização de estratégias mais eficazes para superar a dificuldade com a ortografia enquanto competência relevante no domínio da língua Portuguesa.

### **3.4 Avaliação da atividade de Matemática**

#### **3.4.1 Contextualização**

A proposta de trabalho alusivo à área curricular de Matemática foi realizada numa manhã de aula leccionada por mim, no dia 18 de Novembro de 2011, ao 4º ano B. O conteúdo abordado foi “A área do círculo”. Esta proposta estava dividida em três questões. (ver em anexo 2).

#### **3.4.2 Descrição dos parâmetros e critérios**

Identificar a área do círculo: Pretende-se que a criança transcreva do quadro a fórmula. Foram estabelecidos os seguintes critérios:

Transcreveu corretamente;

Não transcreveu corretamente.

Calcular a área do círculo: Pretende-se que a criança calcule a área do círculo. Foram estabelecidos os seguintes critérios:

##### *Parte I*

Apresentou a fórmula correta;

Não apresentou a formula correta.

##### *Parte II*

Efetuoou corretamente os cálculos necessários;

Efetuoou incorretamente os cálculos necessários:

Não efetuou cálculos.

##### *Parte III*

Apresentou o resultado correto;

Apresentou o resultado incorreto. \ Não respondeu à questão.

Completar o quadro: Pretende-se que a criança preencha o quadro, e realize todos os cálculos necessários.

#### Parte A

##### *Parte I*

Identificou corretamente o raio;

Identificou incorretamente o raio;

Não identificou.

##### *Parte II*

Identificou corretamente a área;

Identificou incorretamente a área.

Não identificou.

##### *Parte III*

Realizou os cálculos corretamente;

Realizou os cálculos incorretamente;

Não realizou todos os cálculos necessários;

Não realizou cálculos.

#### Parte B

##### *Parte I*

Identificou corretamente o raio;

Identificou incorretamente o raio;

Não identificou.

## *Parte II*

Identificou corretamente a área;

Identificou incorretamente a área.

Não identificou.

## *Parte III*

Realizou os cálculos corretamente;

Realizou os cálculos incorretamente;

Não realizou todos os cálculos necessários;

Não realizou cálculos.

## Parte C

### *Parte I*

Identificou corretamente o raio;

Identificou incorretamente o raio;

Não identificou.

### *Parte II*

Identificou corretamente a área;

Identificou incorretamente a área.

Não identificou.

### *Parte III*

Realizou os cálculos corretamente;

Realizou os cálculos incorretamente;

Não realizou todos os cálculos necessários;

Não realizou cálculos.

Resolver a situação problemática: pretende-se que a criança realize a situação problemática, com base na área do círculo. Foram estabelecidos os seguintes critérios:

*Parte I*

Realizou todos os cálculos corretamente;

Realizou os cálculos incorretamente;

Não apresentou cálculos.

*Parte II*

Apresentou o resultado correto;

Apresentou o resultado incorreto;

Não apresentou o resultado final.

De seguida, apresenta-se o quadro 18 alusivo às cotações atribuídas aos critérios definidos na presente área curricular.

Quadro 18 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de Matemática.

| Parâmetros                       | Critérios                  |  |     | Cotações |   |
|----------------------------------|----------------------------|--|-----|----------|---|
| a) Identificar a área do círculo | Transcreveu corretamente;  |  | 1   | 1        |   |
|                                  | Transcreveu incorretamente |  | 0   |          |   |
| 1. Calcular a área do círculo    | Parte I                    | Apresentou a fórmula correta.                  | 0,4 | 0,4      | 1 |
|                                  |                            | Não apresentou a fórmula correta.              | 0   |          |   |
|                                  | Parte II                   | Efetudou corretamente os cálculos necessários. | 0,4 | 0,4      |   |
|                                  |                            | Efetudou incorretamente os cálculos.           | 0,2 |          |   |
|                                  |                            | Não efetuou cálculos.                          | 0   |          |   |
|                                  | Parte III                  | Apresentou o resultado correto.                | 0,2 | 0,2      |   |
|                                  |                            | Apresentou o resultado incorreto\              | 0   |          |   |

|                       |                  |                             |   |                                    |      |   |     |
|-----------------------|------------------|-----------------------------|---|------------------------------------|------|---|-----|
|                       |                  | Não apresentou o resultado. |   |                                    |      |   |     |
| 2. Completar o quadro | Parte A          | I                           | Identificou corretamente o raio.            | 0,6                                | 0,6  | 6 |     |
|                       |                  |                             | Identificou incorretamente o raio.          | 0                                  |      |   |     |
|                       |                  |                             | Não identificou.                            | 0                                  |      |   |     |
|                       |                  | II                          | Identificou corretamente a área.            | 0,6                                | 0,6  |   |     |
|                       |                  |                             | Identificou incorretamente a área           | 0                                  |      |   |     |
|                       |                  |                             | Não identificou.                            | 0                                  |      |   |     |
|                       |                  | III                         | Realizou os cálculos corretamente.          | 0,62                               | 0,62 |   |     |
|                       |                  |                             | Realizou os cálculos incorretamente.        | 0,3                                |      |   |     |
|                       |                  |                             | Não realizou todos os cálculos necessários. | (-0,2)                             |      |   |     |
|                       |                  |                             | Não realizou os cálculos                    | 0                                  |      |   |     |
|                       |                  | Parte B                     | I   | Identificou corretamente o raio.   | 0,6  |   | 0,6 |
|                       |                  |                             |   | Identificou incorretamente o raio. | 0    |   |     |
|                       | Não identificou. |                             |   | 0                                  |      |   |     |
|                       | II               |                             | Identificou corretamente a área.            | 0,6                                | 0,6  |   |     |
|                       |                  |                             | Identificou incorretamente a área           | 0                                  |      |   |     |
|                       |                  |                             | Não identificou.                            | 0                                  |      |   |     |
|                       | III              |                             | Realizou os cálculos corretamente.          | 0,62                               | 0,6  |   |     |
|                       |                  |                             | Realizou os cálculos incorretamente.        | 0,3                                |      |   |     |
|                       |                  |                             |   |                                    |      |   |     |

|                                     |          |     |   |      |      |   |
|-------------------------------------|----------|-----|---|------|------|---|
|                                     |          |     | Não realizou todos os cálculos necessários. | 0    |      |   |
|                                     |          |     | Não realizou os cálculos                    | 0    |      |   |
|                                     | Parte C  | I   | Identificou corretamente o raio.            | 0,6  | 0,6  |   |
|                                     |          |     | Identificou incorretamente o raio.          | 0    |      |   |
|                                     |          |     | Não identificou.                            | 0    |      |   |
|                                     |          | II  | Identificou corretamente a área.            | 0,6  | 0,6  |   |
|                                     |          |     | Identificou incorretamente a área           | 0    |      |   |
|                                     |          |     | Não identificou.                            | 0    |      |   |
|                                     |          | III | Realizou os cálculos corretamente.          | 0,62 | 0,62 |   |
|                                     |          |     | Realizou os cálculos incorretamente.        | 0,3  |      |   |
|                                     |          |     | Não realizou todos os cálculos necessários. | 0    |      |   |
|                                     |          |     | Não realizou os cálculos                    | 0    |      |   |
| 3. Resolver a situação problemática | Parte I  |     | Realizou os cálculos corretamente.          | 1    | 1    | 2 |
|                                     |          |     | Realizou os cálculos incorretamente         | 0    |      |   |
|                                     |          |     | Não apresentou cálculos.                    | 0    |      |   |
|                                     | Parte II |     | Apresentou o resultado correto.             | 1    | 1    |   |
|                                     |          |     | Apresentou o resultado incorreto.           | 0,5  |      |   |

|       |  |                                   |   |  |    |
|-------|--|-----------------------------------|---|--|----|
|       |  | Não apresentou o resultado final. | 0 |  |    |
| Total |  |                                   |   |  | 10 |

### 3.4.3 Grelha de avaliação de atividade na área curricular de Matemática

De seguida, apresenta-se o quadro 19 alusivo à grelha de avaliação de atividade da presente área curricular.

Quadro 19 – Grelha de avaliação de atividade na área curricular de Matemática.

|    | Questões | a | 1   |     |     | 2    |      |      |      |      |      |      |      |      | 3   |    | Total |
|----|----------|---|-----|-----|-----|------|------|------|------|------|------|------|------|------|-----|----|-------|
|    |          |   | I   | II  | III | A    |      |      | B    |      |      | C    |      |      | I   | II |       |
|    |          |   |     |     |     | I    | II   | III  | I    | II   | III  | I    | II   | III  |     |    |       |
|    | Cotações | 1 | 0,4 | 0,4 | 0,2 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 1   | 1  | 10    |
| Nº | Alunos   |   |     |     |     |      |      |      |      |      |      |      |      |      |     |    |       |
| 1  | A        | 1 | 0   | 0,4 | 0,2 | 0,66 | 0,65 | 0,32 | 0,66 | 0,66 | 0,42 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 1   | 1  | 8,9   |
| 2  | B        | 1 | 0,4 | 0,4 | 0,2 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 1   | 1  | 10    |
| 3  | C        | 1 | 0,4 | 0,4 | 0,2 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0,3  | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 1   | 1  | 9,6   |
| 4  | D        | 1 | 0,4 | 0,4 | 0,2 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 1   | 1  | 10    |
| 5  | E        | 1 | 0,4 | 0,4 | 0,2 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0    | 0,3  | 0,66 | 0,66 | 0,48 | 0,5 | 1  | 8,2   |
| 6  | F        | 1 | 0,4 | 0,2 | 0   | 0,66 | 0    | 0,3  | 0,66 | 0    | 0,42 | 0,66 | 0    | 0    | 1   | 1  | 5,6   |
| 7  | G        | 1 | 0,4 | 0,4 | 0,2 | 0,66 | 0,66 | 0,3  | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 1   | 1  | 8,5   |
| 8  | H        | 1 | 0,4 | 0,4 | 0,2 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 1   | 0  | 9     |
| 9  | I        | 1 | 0   | 0   | 0   | 0,66 | 0,66 | 0,42 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0    | 0,68 | 1   | 1  | 8,1   |
| 10 | J        | 1 | 0,4 | 0,4 | 0,2 | 0,66 | 0,66 | 0,3  | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0    | 0,68 | 1   | 1  | 8,9   |
| 11 | K        | 1 | 0,4 | 0,2 | 0,2 | 0,66 | 0,66 | 0    | 0,66 | 0    | 0    | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 1   | 1  | 7,9   |
| 12 | L        | 1 | 0,4 | 0,4 | 0,2 | 0,66 | 0,66 | 0,3  | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 1   | 1  | 9,6   |
| 13 | M        | 1 | 0,4 | 0,2 | 0   | 0,66 | 0    | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 1   | 1  | 9,1   |
| 14 | N        | 1 | 0,4 | 0,4 | 0,2 | 0,66 | 0    | 0,3  | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0    | 0    | 1   | 1  | 6,9   |
| 15 | O        | 1 | 0,4 | 0   | 0   | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0    | 0,3  | 1   | 1  | 8,3   |
| 16 | P        | 1 | 0,4 | 0   | 0   | 0,66 | 0,66 | 0,3  | 0    | 0    | 0,48 | 0,66 | 0    | 0    | 0,5 | 1  | 5,6   |

|                  |   |   |     |     |     |      |      |      |      |      |      |      |      |      |     |   |     |
|------------------|---|---|-----|-----|-----|------|------|------|------|------|------|------|------|------|-----|---|-----|
| 17               | Q | 1 | 0,4 | 0,4 | 0,2 | 0,66 | 0,66 | 0    | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0    | 0,5 | 0 | 7,1 |
| 18               | R | 1 | 0,4 | 0,4 | 0,2 | 0    | 0,66 | 0,42 | 0,66 | 0    | 0,3  | 0,66 | 0,66 | 0,48 | 1   | 1 | 7,8 |
| 19               | S | 1 | 0,4 | 0,4 | 0,2 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0    | 0,3  | 1   | 1 | 8,9 |
| 20               | T | 1 | 0,4 | 0   | 0   | 0,66 | 0,66 | 0    | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0    | 0,3  | 1   | 1 | 7,6 |
| 21               | U | 1 | 0,4 | 0,2 | 0   | 0,66 | 0    | 0,68 | 0,66 | 0    | 0,3  | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 1   | 1 | 7,9 |
| 22               | V | 1 | 0,4 | 0,4 | 0,2 | 0,66 | 0,66 | 0,3  | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 1   | 1 | 9,6 |
| 23               | X | 1 | 0,4 | 0,4 | 0,2 | 0,66 | 0,66 | 0,42 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 1   | 1 | 9,7 |
| 24               | Z | 1 | 0,4 | 0,4 | 0,2 | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 0,66 | 0    | 0    | 0,66 | 0,66 | 0,68 | 1   | 1 | 8,6 |
| Média Aritmética |   |   |     |     |     |      |      |      |      |      |      |      |      |      |     |   | 8,8 |

#### 3.4.4. Descrição da Grelha

A grelha foi realizada para vinte e quatro crianças, Em relação ao primeiro parâmetro todas as crianças transcreveram corretamente. E que geralmente todas as crianças concretizaram corretamente a situação problemática.

A cotação mais baixa atribuída foi de 5,6 valores, e a nota máxima foi os dez valores totais. A média aritmética teve o valor de 8,8 valores.

De seguida, pode-se observar o gráfico referente às pontuações das crianças.

#### 3.4.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular

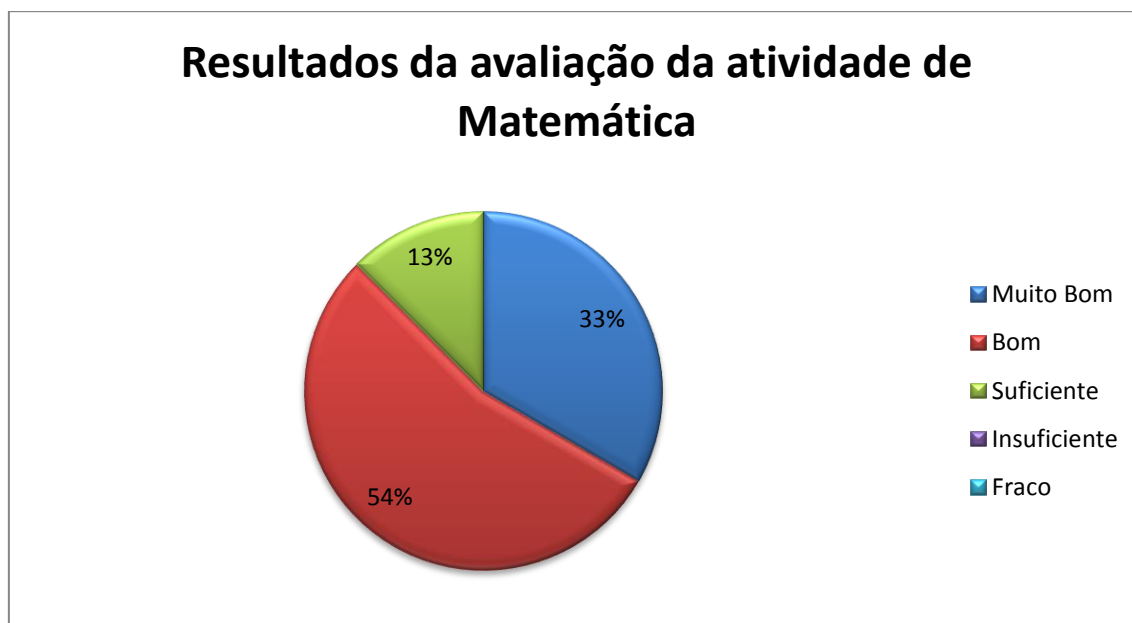


Figura 12 – Gráfico alusivo aos resultados da avaliação de atividade de Matemática.



### **3.4.5. Análise do gráfico**

A grelha foi realizada por vinte e quatro crianças, relativamente ao parâmetro a), constatei que todos os alunos conseguiram transcrever com correcção a área do círculo. No que concerne à parte um, apenas sete crianças não tiveram o valor máximo das cotações, e as maiores dificuldades foram detetadas na resposta à segunda questão da parte c.

Quando à parte A da questão dois, nove crianças conseguiram realizar corretamente todas as tarefas, quatro crianças não apresentaram os cálculos e uma criança não identificou corretamente o raio.

No que respeita à parte B, apenas uma criança não identificou corretamente a área, e apenas quinze crianças realizaram todos os cálculos necessários. Na parte C, todas as crianças identificaram corretamente o raio, apesar de quatro crianças não realizaram quaisquer cálculo.

Na questão três, na parte I, três crianças não apresentaram cálculos, e na parte II, apenas uma criança não apresentou o resultado correto.

A cotação mais baixa atribuída foi de 5,6 valores e a média observada de 8,8 valores.

## **3.5. Avaliação da atividade de Estudo do Meio.**

### **3.5.1. Contextualização**

A proposta de trabalho alusiva à área curricular de Estudo do Meio foi realizada numa manhã de aula leccionada por mim, no dia 24 de Maio de 2011, ao 2º ano B. O conteúdo a explorar foi relativamente a uma atividade experimental. (ver em anexo 3).

### **3.5.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.**

Observar a experiência: Pretende-se que a criança faça a identificação correta da observação através de uma cruz.

- Colocou corretamente;

- Colocou incorretamente.

Desenhar a conclusão da experiência: Pretende-se que a criança realize um desenho sobre a observação da experiência.

- Desenhou com muito rigor;
- Desenhou com rigor;
- Desenhou com pouco rigor;
- Não desenhou.

De seguida, apresenta-se o quadro 20 alusivo às cotações atribuídas aos critérios definidos da presente área curricular.

Quadro 20 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de Estudo do Meio.

| Nº | Parâmetros                          | Critérios                                    |   | Cotações |
|----|-------------------------------------|--|---|----------|
| 1  | Identificação correta da observação | O aluno colocou uma cruz na resposta correta | 2 | 2        |
|    |                                     | Resposta incorreta                           | 0 |          |
|    |                                     | O aluno colocou uma cruz na resposta correta | 2 |          |

|    |                                     |  |   |   |
|----|-------------------------------------|--|---|---|
| 2a | Identificação correta da observação | Resposta incorreta                           | 0 | 2 |
| 2b | Identificação correta da observação | O aluno colocou uma cruz na resposta correta | 2 | 2 |
|    |                                     | Resposta incorreta                           | 0 |   |
| 2c |                                     | O aluno colocou uma cruz na resposta correta | 2 |   |

|       |   |  |     |    |
|-------|---|--|-----|----|
|       | Identificação correta da observação           | Resposta incorreta                     | 0   | 2  |
| 3     | Realização de um desenho sobre uma observação | Desenhou com muito rigor a experiência | 2   | 2  |
|       |   | Desenhou com rigor a experiência       | 1   |    |
|       |   | Desenhou com pouco rigor a experiência | 0,5 |    |
|       |   | Não desenhou.                          | 0   |    |
| Total |   |  |     | 10 |

### 3.5.3. Grelha de avaliação na área curricular de Estudo do Meio

De seguida, transcreve-se o quadro 21 relativo à grelha de avaliação de atividade da presente área curricular.

Quadro 21 – Grelha de avaliação de atividade na área curricular de Estudo do Meio

|    | Questões | A   | 1   | 2a  | 2b  | 2c  | 3 | Total |
|----|----------|-----|-----|-----|-----|-----|---|-------|
|    | Cotações | 2   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 2 | 10    |
| Nº | Alunos   |     |     |     |     |     |   |       |
| 1  | A        | 2   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0 | 8     |
| 2  | B        | 2   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0 | 8     |
| 3  | C        | 2   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0 | 8     |
| 4  | D        | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0 | 7,5   |
| 5  | E        | 1   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0 | 7     |
| 6  | F        | 2   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0 | 8     |

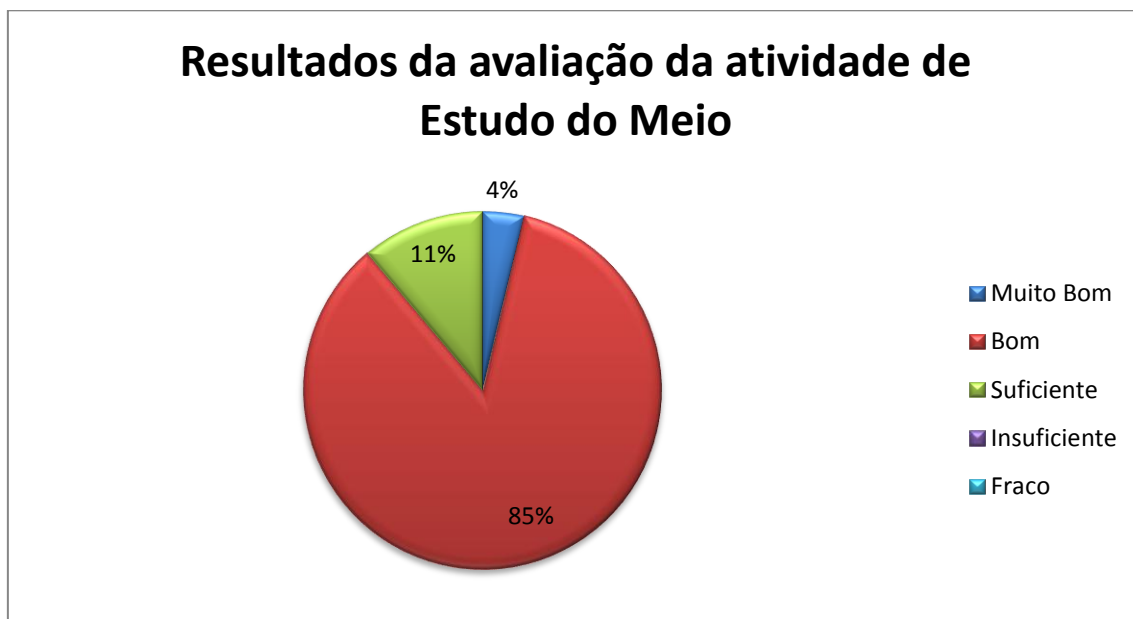
|                         |   |     |     |     |     |     |     |            |
|-------------------------|---|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------------|
| 7                       | G | 2   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 9,5        |
| 8                       | H | 0,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 8          |
| 9                       | I | 2   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0   | 8          |
| 10                      | J | 2   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0   | 8          |
| 11                      | K | 1   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0   | 7          |
| 12                      | L | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0   | 7,5        |
| 13                      | M | 2   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0   | 8          |
| 14                      | N | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0   | 7,5        |
| 15                      | O | 2   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0   | 8          |
| 16                      | P | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0   | 7,5        |
| 17                      | Q | 2   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0   | 8          |
| 18                      | R | 1   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0   | 7          |
| 19                      | S | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0   | 7,5        |
| 20                      | T | 2   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0   | 8          |
| 21                      | U | 2   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0   | 8          |
| 22                      | V | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0   | 7,5        |
| 23                      | W | 2   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0   | 8          |
| 24                      | X | 2   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0   | 8          |
| 25                      | Z | 2   | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 1,5 | 0   | 8          |
| <b>Média aritmética</b> |   |     |     |     |     |     |     | <b>7,8</b> |

#### 3.5.4. Descrição da grelha

A grelha foi realizada para vinte e cinco crianças. Observo que vinte e três crianças, ou seja a maior parte dos alunos obtiveram a classificação de Bom, enquanto que nenhum aluno obteve a classificação de Suficiente, Insuficiente ou Fraco. Apenas um aluno obteve a classificação de Muito Bom, com 9,5 valores.

A média aritmética foi de 7,8 valores.

### 3.5.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular



*Figura 13 – Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade na área curricular de Estudo do Meio*

### 3.5.6. Análise do gráfico

Através da leitura dos resultados do gráfico, conclui-se que houve dez crianças que não obtiveram a classificação máxima no primeiro parâmetro, mas em relação à primeira questão, todas as crianças obtiveram a classificação máxima. Nas questões 2a) e 2b) os alunos obtiveram a classificação máxima. É importante reforçar que a maioria das crianças não tiveram tempo para concluir a terceira questão, e apenas dois alunos desenharam com rigor.

## Pré-escolar

### 3.6 Avaliação da atividade de Iniciação à Matemática

#### 3.6.1 Contextualização

A proposta de trabalho alusivo à área curricular de Matemática foi realizada ao bibe azul da professora Sofia Carvalho numa manhã de aula dia 11 de Janeiro de 2011. O conteúdo explorado foi a dúzia e a meia dúzia. (ver em anexo 4).

#### 3.6.2 Descrição dos parâmetros e critérios

Identificar quantidades: pretende-se que a criança preencha o interior da circunferência com meia dúzia.

- Desenhou corretamente seis árvores;
- Desenhou entre três a cinco árvores;
- Desenhou entre uma a três árvores;
- Não respondeu

Identificar quantidades: pretende-se que a criança preencha o interior da circunferência com uma dúzia.

- Desenhou corretamente doze árvores;
- Desenhou entre onze a seis árvores;
- Desenhou entre cinco a uma árvore;
- Não respondeu

#### 3.6.3 Grelha de avaliação de atividade na área curricular de Matemática

De seguida, apresenta-se o quadro 22 alusivo às cotações atribuídas aos critérios definidos na área curricular.

Quadro 22- Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de iniciação à matemática.

| <b>Parâmetros</b>                  | <b>Critérios</b>                     |   | <b>Cotações</b> |
|------------------------------------|--------------------------------------|---|-----------------|
| Parte 1 – Identificar quantidades. | Desenhou corretamente seis árvores.  | 5 | 5               |
|                                    | Desenhou entre cinco a três árvores. | 3 |                 |
|                                    | Desenhou entre uma a três árvores.   | 1 |                 |
|                                    | Não respondeu.                       | 0 |                 |
| Parte 2 – Identificar quantidades. | Desenhou corretamente doze árvores.  | 5 | 5               |
|                                    | Desenhou entre onze a seis árvores.  | 3 |                 |
|                                    | Desenhou entre cinco a uma árvore.   | 1 |                 |
|                                    | Não respondeu                        | 0 |                 |
| Total                              |                                      |   | 10              |

### 3.6.4. Grelha de avaliação de atividade na área curricular de Matemática

De seguida, apresenta-se a grelha de avaliação de atividade da presente área curricular.

Quadro 23 – Grelha de avaliação de atividade na área curricular de Matemática

|           | <b>Questões</b> | <b>Parte 1</b> | <b>Parte 2</b> | <b>Total</b> |
|-----------|-----------------|----------------|----------------|--------------|
|           | <b>Cotações</b> | 5              | 5              | 10           |
| <b>Nº</b> | <b>Alunos</b>   |                |                |              |
| 1         | A               | 5              | 5              | 10           |
| 2         | B               | 5              | 1              | 6            |
| 3         | C               | 3              | 3              | 6            |
| 4         | D               | 5              | 5              | 10           |
| 5         | E               | 5              | 5              | 10           |
| 6         | F               | 5              | 5              | 10           |
| 7         | G               | 5              | 5              | 10           |
| 8         | H               | 5              | 3              | 8            |
| 9         | I               | 5              | 3              | 8            |
| 10        | J               | 5              | 5              | 10           |

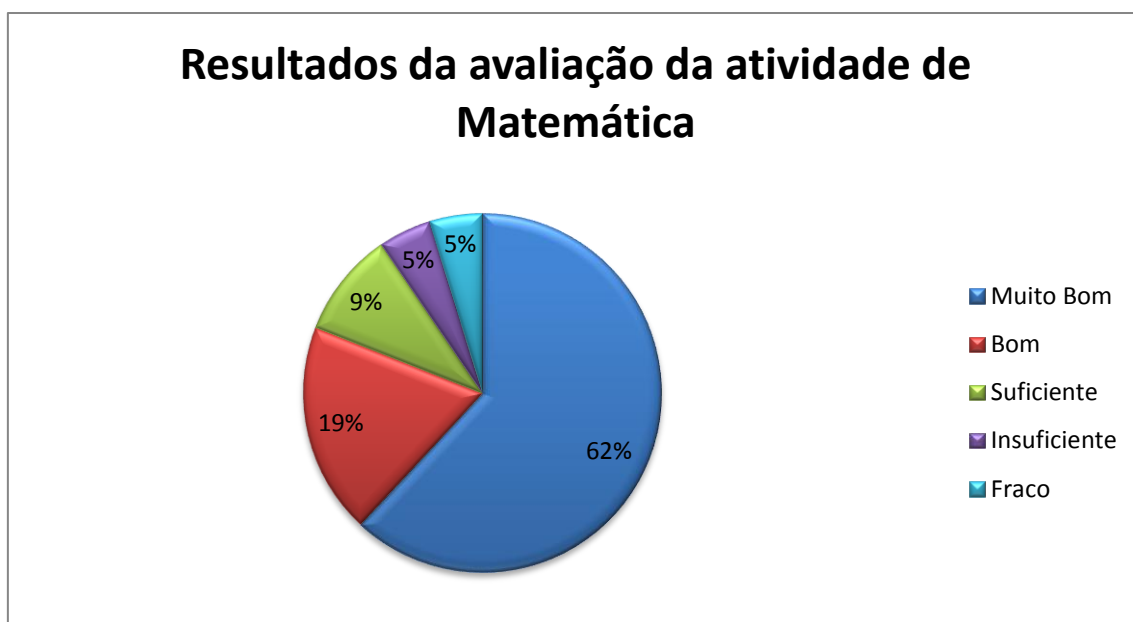


|                         |   |   |   |    |
|-------------------------|---|---|---|----|
| 11                      | K | 5 | 5 | 10 |
| 12                      | L | 0 | 3 | 3  |
| 13                      | M | 3 | 5 | 8  |
| 14                      | N | 5 | 5 | 10 |
| 15                      | O | 5 | 5 | 10 |
| 16                      | P | 5 | 5 | 10 |
| 17                      | Q | 5 | 5 | 10 |
| 18                      | R | 5 | 5 | 10 |
| 19                      | S | 3 | 5 | 8  |
| 20                      | T | 5 | 5 | 10 |
| 21                      | U | 5 | 5 | 10 |
| 22                      | V | 0 | 1 | 1  |
| <b>Média Aritmética</b> |   |   |   | 9  |

### 3.6.5. Descrição da grelha

A grelha foi realizada para vinte e dois alunos. Em geral, em virtude da média obtida, a grande maioria dos alunos conseguiu realizar as duas tarefas com elevado desempenho, embora se verifique que obtiveram melhores resultados na questão 1 do que na questão 2. A cotação mais baixa atribuída foi de 1 valor e a nota máxima foi de 10 valores.

### 3.6.6. Apresentação dos resultados em gráfico circular



*Figura 14 – Gráfico alusivo ao resultado da avaliação da atividade na área curricular de Matemática*

### **3.5.7 – Análise do gráfico**

Através da leitura dos resultados do gráfico, conclui-se que relativamente ao parâmetro 1 os alunos, na sua grande maioria, conseguiram preencher corretamente o interior da circunferência com a meia dúzia pretendida. Apenas duas crianças obtiveram zero pontos. As maiores dificuldades foram detetadas na resposta ao parâmetro dois, onde o maior número de crianças não conseguiu a obtenção da cotação máxima de cinco valores.

Quanto ao parâmetro 1, dezassete crianças conseguiram realizar corretamente a tarefa, enquanto três crianças somente conseguiram desenhar a quantidade pretendida e não a forma. Apenas duas crianças não conseguiram realizar a tarefa pretendida nesse parâmetro.

No parâmetro 2, dezasseis crianças conseguiram realizar com classificação máxima a tarefa, no entanto duas crianças somente conseguiram desenhar a forma pretendida, mas não desenharam a quantidade. Quatro crianças não tiveram dificuldades em desenhar a quantidade pretendida, mas não conseguiram desenhar a forma. Sendo de registar que nenhuma criança obteve zero na cotação para este parâmetro.

### **3.7. Avaliação da atividade de Língua Portuguesa**

#### **3.7.1. Contextualização**

A proposta de trabalho foi atinente à área curricular de Língua Portuguesa. Ela foi dirigida à turma do bibe azul da educadora Sofia Carvalho. O conteúdo abordado foi a exploração da letra “d”. (ver em anexo 5).

#### **3.6.2 Descrição dos parâmetros e critérios**

##### Parte 1

##### Identificação da letra “d”

Fez um círculo verde à volta de todas as letras “d”;

Fez um círculo verde à volta de algumas letras “d”;

Fez um círculo com outra cor à volta da letra “d”;

Fez um círculo verde à volta de outras letra que não a “d”;

Fez um círculo da letra “d” e de outras letras.;

Não fez círculo.

##### Parte 2

##### Identificação do quadrado da letra “d”

Pintou corretamente o quadrado da letra “d”;

Pintou incorretamente o quadrado da letra “d”;

Pintou o quadrado da letra “d” e outros quadrados;

Pintou quadrados que não os da letra “d”;

Não fez.

De seguida, apresenta-se o quadro 24 alusivo às cotações atribuídas aos critérios definidos da presente área curricular.

Quadro 24 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de Língua Portuguesa

| <b>Parâmetros</b>   | <b>Critérios</b>  |   | <b>Cotações</b> |
|---|---|---|-----------------|
| Parte 1.<br>Identificação da<br>letra "d"                 | Fez um círculo verde à volta de todas as letras "d".        | 5 | 5               |
|   | Fez um círculo verde à volta de algumas letras "d".         | 4 |                 |
|   | Fez um círculo com outra cor à volta da letra "d".          | 3 |                 |
|   | Fez um círculo verde à volta de outras letra que não a "d". | 2 |                 |
|   | Fez um círculo da letra "d" e de outras letras.             | 1 |                 |
|   | Não fez círculo.  | 0 |                 |
| Parte 2.<br>Identificação do<br>quadrado da letra<br>"d". | Pintou corretamente o quadrado da letra "d".                | 5 | 5               |
|   | Pintou incorretamente o quadrado da letra "d".              | 4 |                 |
|   | Pintou o quadrado da letra "d" e outros quadrados.          | 3 |                 |
|   | Pintou quadrados que não os da letra "d".                   | 1 |                 |
|   | Não fez.  | 0 |                 |
| <b>Total</b>  |   |   | <b>10</b>       |

### 3.7.3. Grelha de avaliação de atividade na área curricular de Língua Portuguesa

De seguida, apresenta-se a grelha de avaliação da atividade da presente área curricular.

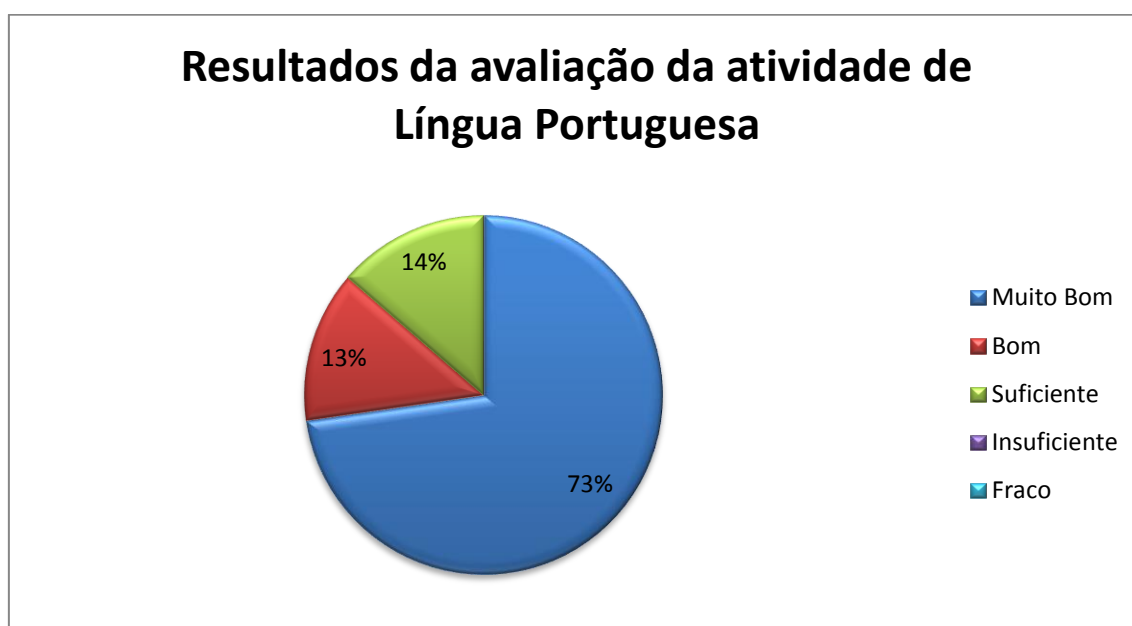
Quadro 25 – Grelha de avaliação de atividade na área curricular de Língua Portuguesa.

|                         | <b>Questões</b> | <b>Parte 1</b> | <b>Parte 2</b> | <b>Total</b> |
|-------------------------|-----------------|----------------|----------------|--------------|
|                         | <b>Cotações</b> | 5              | 5              | 10           |
| <b>Nº</b>               | <b>Alunos</b>   |                |                |              |
| 1                       | A               | 5              | 5              | 10           |
| 2                       | B               | 5              | 3              | 8            |
| 3                       | C               | 4              | 1              | 5            |
| 4                       | D               | 5              | 5              | 10           |
| 5                       | E               | 5              | 5              | 10           |
| 6                       | F               | 5              | 5              | 10           |
| 7                       | G               | 4              | 5              | 9            |
| 8                       | H               | 5              | 5              | 10           |
| 9                       | I               | 4              | 5              | 9            |
| 10                      | J               | 4              | 5              | 9            |
| 11                      | K               | 5              | 5              | 10           |
| 12                      | L               | 2              | 4              | 6            |
| 13                      | M               | 2              | 5              | 7            |
| 14                      | N               | 5              | 5              | 10           |
| 15                      | O               | 5              | 5              | 10           |
| 16                      | P               | 5              | 5              | 10           |
| 17                      | Q               | 5              | 5              | 10           |
| 18                      | R               | 5              | 5              | 10           |
| 19                      | S               | 2              | 5              | 7            |
| 20                      | T               | 5              | 5              | 10           |
| 21                      | U               | 5              | 5              | 10           |
| 22                      | V               | 2              | 4              | 6            |
| <b>Média Aritmética</b> |                 |                |                | <b>9,7</b>   |

### 3.7.4 Descrição da grelha

A grelha foi realizada para vinte e duas crianças. Como se constata pela média aritmética obtida, a grande maioria dos alunos teve um elevado desempenho na realização das duas partes do exercício. Foi na parte 2 que um maior número de crianças obteve a cotação máxima de cinco valores. Na parte 1, a classificação mais baixa foi de dois valores atribuída a quatro crianças, enquanto na parte dois a classificação mais baixa foi de um valor atribuída apenas a uma criança. Treze crianças conseguiram obter a classificação máxima de dez valores. A nota mais baixa atribuída foi a uma criança com cinco valores.

### 3.7.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular



*Figura 15 – Gráfico alusivo aos resultados de avaliação da atividade na área curricular de Língua Portuguesa*

### 3.7.6. Análise do gráfico

Através da leitura de resultados do gráfico, conclui-se que não se regista classificações abaixo do suficiente, o que atesta o bom desempenho das crianças nas duas atividades propostas, sendo claramente maioritária a classificação de muito bom.

Na parte 1, quatro crianças fizeram um círculo verde à volta de outra letra que não a “d” que era pretendida, enquanto na parte 2, uma criança pintou o quadrado da

letra “d” e outros quadrados. Dezanove crianças obtiveram a classificação máxima de dez valores e a classificação mínima obtida foi de seis valores atribuídas a duas crianças.

### **3.8. Avaliação da atividade de Conhecimento do Mundo**

#### **3.8.1. Contextualização**

A proposta de trabalho alusiva à área curricular de Conhecimento do Mundo foi realizada na sala do bibe encarnado A com a educadora Elisabete. O conteúdo abordado foi o conhecimento das divisões da habitação. (ver em anexo 6).

#### **3.8.2 Descrição dos parâmetros e critérios**

##### Identificação da divisão da casa adequada

Pintou corretamente a divisão adequada

Pintou incorretamente a divisão adequada

Não pintou a divisão adequada

#### **3.8.3 Grelha de avaliação de atividade na área curricular de Conhecimento do Mundo**

| <b>Parâmetro</b>                           | <b>Critérios</b>                          |    | <b>Cotações</b> |
|--|---|----|-----------------|
| Identificação da divisão da casa adequada. | Pintou corretamente a divisão adequada.   | 10 | 10              |
|  | Pintou incorretamente a divisão adequada. | 5  |                 |
|  | Não pintou a divisão adequada.            | 0  |                 |
| Total                                      |   |    | 10              |

#### **3.8.4 Grelha de avaliação de atividade na área curricular de Conhecimento do Mundo**

De seguida, apresenta-se a grelha de avaliação de atividade presente na área curricular.

Quadro 26 – Grelha de avaliação de atividade na área curricular de Conhecimento do Mundo

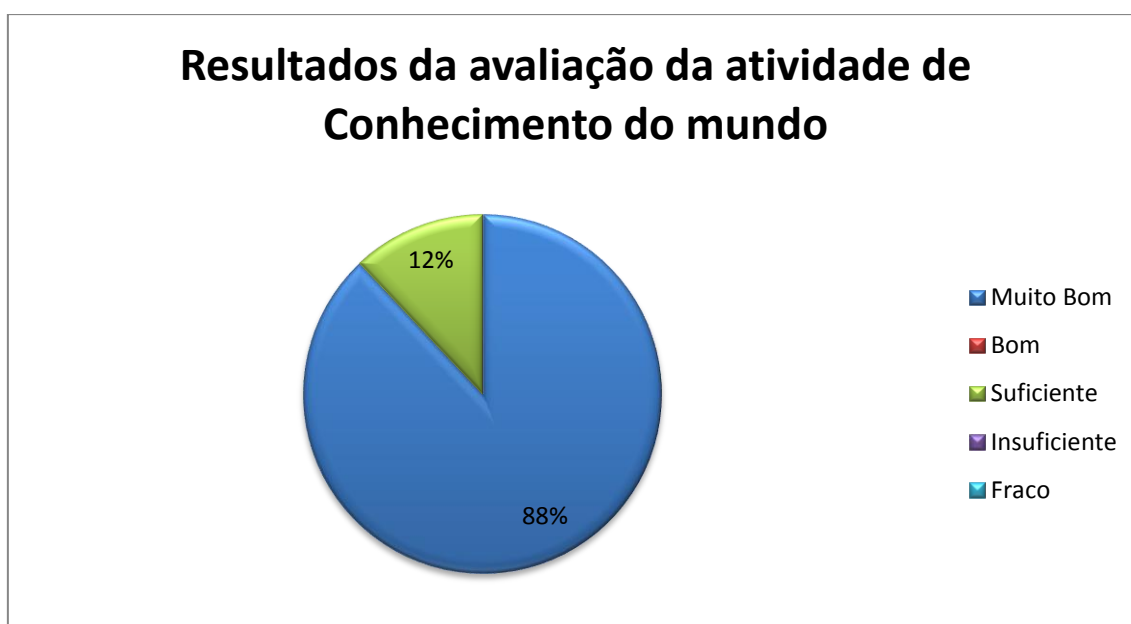
|                  | <b>Questões</b> | <b>Parte 1</b> | <b>Total</b> |
|------------------|-----------------|----------------|--------------|
|                  | <b>Cotações</b> | 10             | 10           |
| <b>Nº</b>        | <b>Alunos</b>   |                |              |
| 1                | A               | 10             | 10           |
| 2                | B               | 10             | 10           |
| 3                | C               | 10             | 10           |
| 4                | D               | 10             | 10           |
| 5                | E               | 10             | 10           |
| 6                | F               | 5              | 5            |
| 7                | G               | 10             | 10           |
| 8                | H               | 10             | 10           |
| 9                | I               | 10             | 10           |
| 10               | J               | 10             | 10           |
| 11               | K               | 5              | 5            |
| 12               | L               | 10             | 10           |
| 13               | M               | 10             | 10           |
| 14               | N               | 10             | 10           |
| 15               | O               | 10             | 10           |
| 16               | P               | 10             | 10           |
| 17               | Q               | 10             | 10           |
| 18               | R               | 10             | 10           |
| 19               | S               | 10             | 10           |
| 20               | T               | 10             | 10           |
| 21               | U               | 10             | 10           |
| 22               | V               | 10             | 10           |
| 23               | X               | 10             | 10           |
| 24               | W               | 5              | 5            |
| 25               | Z               | 10             | 10           |
| Média Aritmética |                 |                | 9,4          |



### 3.8.5. Descrição da grelha

A grelha foi realizada para vinte e cinco alunos e tendo em conta a média obtida situa-se no patamar do muito bom. Apenas três crianças ficaram pelo suficiente com a obtenção de cinco valores.

### 3.8.6. Apresentação dos resultados em gráfico circular



*Figura 16 - Gráfico alusivo aos resultados de avaliação da atividade na área curricular de  
Conhecimento do Mundo*

### 3.8.6. Análise do gráfico

Tendo em conta que a grande percentagem se situou ao nível do muito bom, as crianças que ficaram no patamar do suficiente foram aquelas que não conseguiram pintar corretamente a divisão adequada, pois todas as outras crianças conseguiram a obtenção da cotação máxima de dez valores, sendo de salientar que nenhuma criança obteve zero valores, ou seja, não pintou a divisão adequada.

## **Capítulo 4 – Reflexão Final**

#### 4.1. Considerações finais

O estágio no qual se baseou o presente relatório decorreu ao longo de três semestres, durante os anos de 2010\2012, com um horário de 4 horas por dia, de estágio profissional durante três dias na semana. O estágio decorreu no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade.

Na Escola Superior de Educação João de Deus, a Prática de Ensino Supervisionada sempre foi bastante valorizada pretendendo preparar os alunos em futuros docentes que sejam competentes.

É de salientar a importância de todos estes anos de prática pedagógica, que me permitiu crescer enquanto pessoa e futura docente, ao permitir-me repensar as aquisições teóricas adquiridas, em confronto com a prática, a qual é fundamental para que nos tornemos professores.

É muito importante a criação de condições para satisfazer as necessidades básicas da criança, oferecendo-lhe um clima de bem estar (físico, social, afetivo e intelectual) mediante a criação de um ambiente rico em estímulos que promovam a curiosidade e a espontaneidade conduzindo a novas descobertas e ao estabelecimento de outras relações, a partir do que já conhece. Assim, privilegia-se uma autêntica participação da criança no seu processo educativo.

O jardim de Infância é, portanto um local onde é proporcionada à criança oportunidade de aprender a aprender, não só em termos de preparação para a sua vida futura, mas também ao nível do desenvolvimento das suas competências enquanto Ser Humano único, com experiências e conhecimentos singulares num processo de educação que decorrerá ao longo da vida.

É, desta forma, ao educador que cabe o papel de tornar todos os momentos únicos e proporcioná-los da melhor forma possível. Tal como afirma Correia (1993):

“O educador é quem serve e actua por amor, ele é o primeiro a pôr em prática aquilo em que crê; ajuda concretamente os seus, dá confiança e acredita no positivo do outro, respeita cuidadosamente a liberdade alheia, sem se impor, somente oferecendo “[...] Dialoga com abertura, está aberto aos novos valores, às exigências actuais. Sabe ir contra a corrente. [...]” (Correia, 1993, p.30).

Tendo em conta, a relação efetiva com os alunos e o acervo bibliográfico sobre o qual incidi este trabalho de pesquisa, permite-me concluir que a aprendizagem é um processo co-natural às crianças, no qual o papel dos educadores e dos professores se

revela imprescindível ao facultar, além de conteúdos, elevados índices motivacionais. O professor faz-se com os alunos, caminhando com eles, estimulando-lhes a curiosidade e o desejo de novos conhecimentos. Daí que, outro colorário deste trabalho decorre da valorização de um trabalho centrado na estimulação da criança, na sua exploração do mundo. Ao professor compete estimular os alunos, fornecer conhecimentos duradouros, de modo a promover a autonomia das crianças, não ignorando os conhecimentos que já possuem mas sim antes aprofundá-los, tornando-os participativos no seu processo de aprendizagem.

#### **4.2. Limitações**

Uma das limitações tem a ver com a escassez do tempo que senti, uma vez que teve de ser repartido por várias tarefas, designadamente a preparação de aulas, as quais, em nome do rigor e da seriedade, implicam um elevado dispêndio de tempo, sendo que a par de tais tarefas, um trabalho de investigação exige uma pesquisa bibliográfica criteriosa a que acresce a própria realização do relatório.

Ao nível da recolha bibliográfica, deparei-me com a limitação de não existir na escola uma biblioteca suficientemente apetrechada. Além disto, a bibliografia utilizada e existente na biblioteca poderia estar mais atualizada, obrigando-me a deslocar-me a outras instituições, o que ainda me limitou mais o tempo.

#### **4.3. Novas pesquisas**

Encaro este trabalho de investigação como uma trajetória, em que, no âmbito da educação, mais do que uma meta a atingir, torna-se necessário uma constante atualização e aprofundamento dos conceitos, das estratégias e dos métodos mais adequados na relação com as crianças, bem como dos conteúdos programáticos a transmitir. Uma pesquisa sobre temáticas respeitantes à educação, afigura-se pois como uma tarefa infindável, que não deve inibir o professor de envidar todos os esforços com vista à sua formação contínua, abraçando a via do ensino como um projeto vital.

Como desafio proponho-me no futuro pesquisar os temas que mais gostaria de aprofundar e que se prendem com a relação afetiva ou de empatia com as crianças; a aprendizagem numa conexão com as artes ou ainda o aprofundamento dos conhecimentos sobre os materiais (que podem tornar mais atrativo o estudo da

matemática). Tendo em conta a necessidade de facultar aos alunos, futuros docentes, estágios da prática profissional para que a sua aprendizagem tenha uma base suficientemente sólida e estimulante. É necessário a longo prazo inverter a situação atual, de algum divórcio entre os alunos e a matemática que se repercute, nas suas classificações.

Uma vez que já possuo um curso de língua gestual, outro caminho que futuramente gostaria de trilhar em termos académicos seria a área educacional ligada às necessidades educativas especiais.

## **Referências bibliográficas**

## Bibliografia

- Aberkane, F. C. & Berdonneau, C. (2001). *O ensino da matemática na educação infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Amabile, T. M. (1996). *Creativity in context*. Boulder: Westview. Press.
- Aguera, I. (2008). *Brincar e aprender na 1ª infância: actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras.
- Alonso, I. & Roldão, M.C. (2005). *Ser professor do 1º ciclo: construindo a profissão*. Coimbra: Edições Almedina.
- Amado, J. da S. (2000). *Interação pedagógica e indisciplina na aula*. Coleção Perspectivas Actuais. Porto: Edições ASA.
- Amado, J.S. & Freire, I.P. (2002). *Indisciplina e violência na escola, Compreender para prevenir*. Lisboa: Edições ASA.
- American Psychological Association (APA) (2001). Public manual of the american psychological association (5<sup>th</sup> Ed.) Washington, Dc: Author.
- Aranão, I.V.D. (1996). *A matemática através de brincadeiras e jogos*. Brasil: Papyrus.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Azevedo, M. (2006). *Teses, relatórios e trabalhos escolares*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta
- Batista, L. (2001). *Educação física no ensino fundamental*. Brasil: Sprint.
- Biderman, M. T. C. (1996). *Léxico e vocabulário fundamental*. Brasil: Alfa
- Braga, F., et al. (2004). *Planificações novos papéis, novos modelos*. Porto: Edições Asa.
- Becker, J. & Selter, C. (1996). *Elementary school practices*. In A. Bishop et al (Eds), *International Handbook of Mathematics Education*. Dordrecht: Kluwer.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Trajectos. Lisboa: Gradiva.

- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas*. In: *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Brickman, N.A. & Taylor, L.S. (1991). *Aprendizagem activa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cabral, R. F. (2001). *Excelência, educação e desenvolvimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Caldeira, M.F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Caldeira, M.F.T.H.S. (2009). *A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da matemática*. Tese de doutoramento inédita. Universidade de Málaga. Departamento da didática da língua e da literatura da Faculdade de Ciências da Educação.
- Cavaco, M. H. (1992). *A educação ambiental para o desenvolvimento. Testemunhos e notícias*. Lisboa: Escolar Editora.
- Coll, C. & Martín, E. & Mauri, T. & Miras, M. & Onrubia, J. & Solé, I. & Zabala, A. (2001). *O construtivismo na sala de aula. Novas perspectivas para a acção pedagógica*. Porto: edições ASA.
- Costa, F.A. & Peralta, H. & Viseu, S. (2007). *As TIC na educação em Portugal. Concepções e práticas. Mundo de saberes*. Porto: Porto Editora.
- Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes. Como formar jovens felizes e inteligentes*. Cascais: Pergaminho.
- Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança, do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros. (5ª edição).
- Correia, I. R. (1993). *A pessoa do educador*. Nº27. Lisboa: CEI.
- Deshais, B. (1997). *Metodologia da investigação em ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Deus, M.L. (1997). *Guia prático da cartilha maternal. Método João de Deus*. Lousã: Associação João de Deus.
- Dinis, C. & Lima, F. (2002). *Aventura no Meio 4 – Estudo do meio*. Porto: Porto Editora.
- Drew, W.F. & Olds, A.R. & Olds, H.F. (1994). *Como motivar os seus alunos. Actividades e métodos para responsabilizar os alunos*. Lisboa: Plátano.



- Diáz, A.P. (2002). *Educação ambiental como projeto*. Porto Alegre: Artmed (2ª edição).
- Enciclopédia de Educação Infantil II (1993). *Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar*. Rio de Mouro: Nova Presença.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação. O papel dos professores* (1ª ed.). Barcarena, Portugal: Editorial Presença.
- Feldman, R.J. (2001). *Compreender a psicologia*. Lisboa: Mcgrawhill (5ª edição).
- Fourez, G. & Maingain, A. & Durfor, B. (2002). *Abordagens didácticas da interdisciplinaridade*. Lisboa: Edições ASA.
- Fonseca, V. (1997). *O livro das adivinhas*. Lisboa: Editorial notícias (9ª edição).
- Formosinho, J. & Katz, L. & McClellan, D. & Lino, D. (2006). *Educação Pré-Escolar. A construção social da moralidade*. Lisboa: Texto Editores.
- Flores, M. A. & Simão, A. M. (2009). (Org.) *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.
- Gardner, H. (1995). *Inteligências múltiplas: a teoria na prática* (1ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gomes, A. & Correia, M. & Oom, P. & Pedro, J.C.G. (2001). *Crianças*. Clínica Universitária de Pediatria. Lisboa: ACSM Editora.
- Haigh, A. (2010). *A arte de ensinar: grandes ideias regras simples*. Alfragide: Academia do Livro.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2004). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (3ª edição).
- Jean, G. (1995). *Na escola da poesia*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens. Um guia para os pais e educadores*. Colecção perspectivas actuais. Porto: Edições ASA.
- Jonasse, D.H. (2000). *Computadores, ferramentas cognitivas. Desenvolver o pensamento crítico nas escolas*. Colecção ciências da educação. Século XXI. New Jersey: Porto Editora
- Kishimoto, T.M. (1999). *Jogos, a criança e a educação*. Brasil: Petrópolis.
- Lahiguera, F.G. & Nomdedeu, C.L. & Chavez, F.M. (1988). *Cartilha da alimentação*. Damaia: Direcção-geral dos cuidados de saúde primários.

- Leite, C. & Fernandes, P. (2003). *Avaliação das Aprendizagens dos alunos. Novos Contextos, novas práticas. Teorias guias práticos*. Edições: ASA.
- Lopes, J.A (2006). *Desenvolvimento de competências linguísticas em Jardim-de-Infância. Manual de actividades*. Colecção práticas pedagógicas. Porto: Edições ASA.
- Lopes, J. & Rutherford, R. (2001). *Problemas de comportamento na sala de aula*. Porto: Porto Editora, (2ª edição).
- Lopes, J. A. & Velasquez, M. G. & Fernandes, P.P. & Bártolo, V. N. (2004) *Aprendizagem, Ensino e Dificuldades da leitura*. Lisboa: Quarteto.
- Lopes da Silva, M. I. (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Editorial Ministério da Educação.
- Lourenço, O. (1993). *Crianças para o amanhã*. Porto: Porto Editora.
- Manual da educação Infantil, 1 (2002). *O educando; a escola*. Setúbal: Marina Editores.
- Manual da educação Infantil 2 (2002). *Experiências educativas; descoberta de si mesmo*. Setúbal: Marina Editores.
- Matos, J.M. & Serrazina, M. L. (1996). *Didáctica da matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Marques, R. (2001). *Saber educar. O guia do professor*. Lisboa: Editorial Presença.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da educação – Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (2007). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar* Lisboa: Ministério da Educação (3ª ed.).
- Monteiro, M. M. & Ferreira, P. T. (2009). *Ser humano – 1ª parte – Psicologia B – 12º ano*. Porto: Porto Editora.
- Morgado, J. (1999). *A relação pedagógica: Diferenciação e inclusão* Lisboa: Editorial Presença. (1ª ed.).
- Nascimento, M.J. (1999). *Pensamento e práticas disciplinares de professores*. Lisboa: Educa-Professores.
- Neto, C. (2003). *Jogo & desenvolvimento da criança*. Lisboa: Fmh Edições.
- Nisbet, J.D. (1977). «Small-scale research: guidelines and suggestions for development», in Scottish Education Studies 9, Maio.
- Nóvoa, A. (1991). *Ciências da educação e mudança*. Porto: S.P.C.E., Afrontamento.

- Nóvoa, A. (1992). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.
- Nunes, A. (2005). *Investigação naturalista em Educação. Um guia prático e crítico*. Porto: ASA Editores.
- Palhares, P. (2004). *Elementos de matemáticas para professores do ensino básico*. Lisboa: Lidel.
- Pacheco, J. (1995). *Formação de professores*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.
- Patrocínio, T. (2002). *Tecnologia, educação e cidadania*. Lisboa: Instituto e inovação educacional.
- Piaget, J. (1987). *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Editora Forence.
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1993). *A representação do espaço na criança*. Porto: Porto Alegre – Editora Artesmed.
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1979). *A psicologia da criança: do nascimento à adolescência*. Lisboa: Morais Editores.
- Polleti, A. (2002). *O professor e a gestão do conhecimento*. Brasil: Professor Mestre.
- Ponte, C. (1998). *Televisão para crianças. O direito e a diferença*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Ponte, J. (1986). *O computador, um instrumento de educação. Educação hoje*. Lisboa: Texto Editora.
- Ponte, J. & Serrazina, L. (2000). *Didática da matemática do 1º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pérez, M.R. (s/d). Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem de ensino. Comunicação apresentada no Seminário Internacional I, Madrid.
- Pombo, O. & Marques, V. (2004). *Direitos, responsabilidades na sociedade educativa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Portugal, G. & Laevers, F. (2010). *Avaliação em educação pré-escolar. Sistema de acompanhamento das crianças. Coleção nova cidine*. Porto: Porto Editora.
- Quivy, R. & Campenhoud, L. V. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Grávida.

Reis, M.P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de doutoramento. Málaga: Universidade de Málaga – Departamento de didáctica de la lengua y la literatura.

Reis, R. (2003). *Educação pela arte*. Lisboa: Universidade aberta.

Renaut, A. & Almeida, A. & Santos, A. & Franco, A. & Allègre, C. & Buckingham, D. & Justino, D. & Aurélio, D. & Grilo, E. & Vilar, E. & Gil, F. & Cabral, F. & Hietor, F. & Rosas, J. & Carvalho, J. & Tornero, J. & Rosa, M. & Pombo, O. & Marques, V. (2004). *Direitos, responsabilidades na sociedade educativa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1989). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*, Lisboa: Universidade aberta.

Roldão, M. (2003). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências – As questões dos professores*. Lisboa. Editorial Presença.

Santos, L. F. (2000). O ensino da história e a educação para a cidadania – concepções e práticas de professores. Águeda: Instituto de Inovação Educacional.

Santos, M. A. & Amaral, C. & Maia, L. (2005). *À descoberta da história e geografia de Portugal*. 6º ano – Parte 1. Porto: Porto Editora.

Santana, I. (2007) *A aprendizagem da escrita. Estudo sobre a revisão cooperada de texto*. Porto: Porto Editora.

Sim-Sim, L. & Silva, A. & Nunes, C. (2008) *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância*. Lisboa: DGIDC

Sim-Sim, I. (2005) *Necessidades educativas especiais. Dificuldades da criança ou na escola*. Lisboa: Texto Editores.

Silva, A. C. (1997). *Até à descoberta do princípio alfabético*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Siraj-Blatchford, I. (2005) *‘Interaction Matters for babies and toddlers’ in Abbott and Langston: Birth to Three Matters*. Open University Press: Buckingham.

Sousa, A. (2003) *Educação pela arte e artes na educação. 1º volume. Bases psicopedagógicas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, A. S. (2009). *Investigação em educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

Spitzer, M. (2007). *Aprendizagem. Neurociências e a escola da vida*. Lisboa: Climepsi Editores.

Spodek, B. & Saracho, O.N. (1998) *Ensinando crianças de três a oito anos*. Brasil: Artmed.

- Torres, N. (2004). *Pirilampo 2 – estudo do meio*. Lisboa: Edições Nova gaia.
- Vasconcelos, T. (2001). *Das orientações curriculares à prática pessoal: O educador como gestor do currículo*. Lisboa: Associação de Profissionais de Educação de Infância.
- Vasconcelos, T (2004). *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editores.
- Viana, F. L. & Teixeira, M.M. (2002). *Aprender a ler – da aprendizagem informal á aprendizagem formal*. Porto: Edições Asa.
- Vygotsky, L. (2009). *A imaginação e a arte na infância*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Wasserman, S. (1990). *Brincadeiras sérias na escola primária*. Horizontes pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
- Zabalza, M. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Brasil: Porto alegre, artmed.
- Zabalza, M.A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições Asa.

## Webgrafia

- Calado, S. & Ferreira, S. C. (2005). Análise de documentos. Método de recolha e análise de dados. Recuperado em 2011, Fevereiro 22 de <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>
- . Ruivo, I. (2006) *João de Deus: método de leitura com sentido*. Recuperado em 2011, Julho de 2, [http://www.casdaleitura.org/portableta\bo\documentos\ot\\_metodo\\_leitura\\_joao\\_deus\\_b.pdf](http://www.casdaleitura.org/portableta\bo\documentos\ot_metodo_leitura_joao_deus_b.pdf).

# **Anexos**

# Anexo 1



## Jardim-Escola João de Deus de Alvalade



2º ano de escolaridade

Nome \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

### 1- Assinala com uma cruz a informação que consideras correta:

- 1.1. Há muitos e muitos anos, os navios tinham um motor que era movido através das velas. ☐
- 1.2. O primeiro navio que os piratas encontraram estava carregado de ouro. ☐
- 1.3. Para comemorar a vitória, os piratas beberam muito sumo de laranja. ☐
- 1.4. O Capitão Astrolábio ficou reconhecido como o herói. ☐

### 2- Qual a personagem que acabou por ficar com o mapa do tesouro?

---

---

### 3- Escreve de novo, substituindo as palavras sublinhadas pelos pronomes correspondentes.

3.1. O Capitão Ruivo conseguiu prender a maioria da tripulação.

---

3.2. Os piratas lançaram uma bala de canhão.

---

### 4- Quais os seguintes tipos de frases?

4.1 Capitão, vamos seguir rumo à ilha do tesouro?

---

4.2. Entretanto, o navio seguiu em direção a Oeste.

---

4.3. Preparem o ataque!

---



**5- Classifica morfologicamente as seguintes palavras:**

5.1. Navio:

---

---

5.2. Arquipélago:

---

---

5.3. Os:

---

---

5.4. Piratas:

---

---

5.5. Brilhante:

---

---

**6- Preenche o quadro com uma cruz na resposta certa.**

|             | Monossílabo | Dissílabo | Trissílabo | Polissílabo |
|-------------|-------------|-----------|------------|-------------|
| Tesouro     |             |           |            |             |
| Navio       |             |           |            |             |
| Surpresa    |             |           |            |             |
| Rapidamente |             |           |            |             |



Proposta realizada pela estagiária: Sofia Nobre

# Anexo 2

Jardim- Escola João de Deus de Alvalade  
1º ano de escolaridade

Nome \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

A área do círculo:

1. Calcula a área de um círculo, sabendo que o raio mede 3 cm.

R: \_\_\_\_\_.

2. Completa o quadro:

| Círculo  | A    | B     | C     |
|----------|------|-------|-------|
| Diâmetro | 8 cm | 10 cm | 14 dm |
| Raio     |      |       |       |
| Área     |      |       |       |

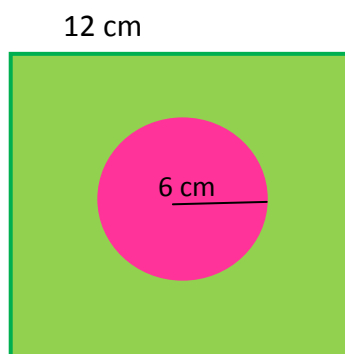
Cálculos para o exercício A:

Cálculos para o exercício B:

Cálculos para o exercício C:



3. A figura representa um jardim de forma quadrada com um relvado e canteiro circular. Calcula a área do canteiro.



R:

---



# Anexo 3

# Jardim - Escola João de Deus de Alvalade

2º ano de escolaridade

## Atividade Experimental

Nome: \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### Material necessário:

- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_



### Procedimentos:

- Colocar 100 ml de vinagre dentro da garrafa;
- Colocar três colheres de café de fermento em pó dentro do balão;
- Prende o balão ao gargalo da garrafa;
- Fazer com que o fermento em pó que está no balão caia para dentro da garrafa;
- Observar o que aconteceu.

### Resultados e conclusões:

1. Assinala com uma cruz, as frases que estão de acordo com aquilo que observaste.

- O balão encheu assim que se colocou fermento em pó lá dentro. ☐
- O fermento em pó dissolveu-se. ☐
- O balão encheu quando o fermento em pó caiu sobre o vinagre. ☐
- O balão não encheu. ☐
- Nenhuma das respostas anteriores está certa. ☐

2. Assinala a resposta certa.

- a) Porque é que o balão enche?

- O balão enche porque se forma um gás. ☐
- O balão enche porque se deixa passar tempo. ☐
- O balão enche porque se coloca vinagre no balão. ☐

- b) O gás formou-se quando...

- ... se colocou o fermento em pó dentro do balão. ☐
- ... se colocou o balão dentro do gargalo. ☐
- ... o fermento em pó caiu em cima do vinagre. ☐

c) Se quiseres que o balão encha mais, sem juntar mais fermento em pó ou vinagre, o que deves fazer?

- Devo deixar passar mais tempo. ☐
- Devo soprar para o balão. ☐
- Devo agitar a garrafa. ☐

3. Desenha o que observaste:

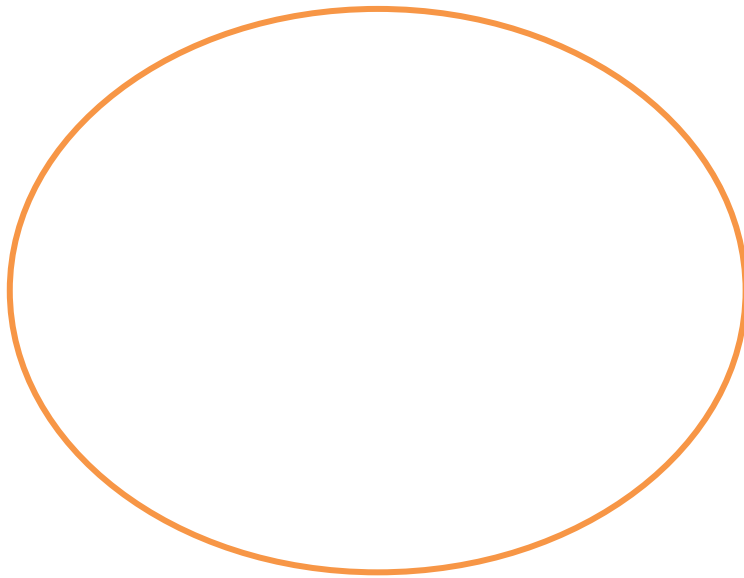
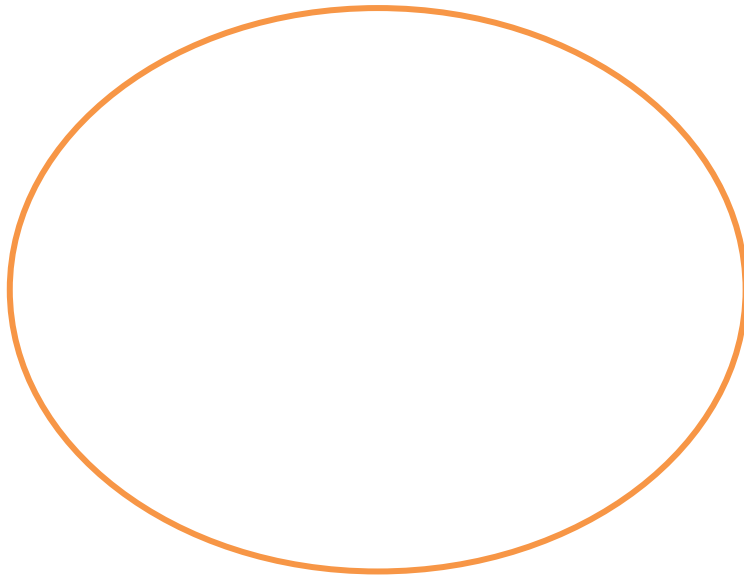


# Anexo 4



Jardim-Escola João de Deus de Alvalade  
Bibe Azul

1. **Desenha dentro da primeira fronteira meia dúzia de árvores;**
2. **Desenha dentro da segunda fronteira uma dúzia de pássaros.**



Nome \_\_\_\_\_

# Anexo 5

Jardim-Escola João de Deus de Alvalade  
Bibe Azul

1- Faz um círculo verde à volta da letra **d**.

Da da da

- anda cá

De de de

- dói-me o pé

Di di di

- foi a lili?

Do do do

-foi o tó

Du du du

- não, foste tu!

2- Pinta apenas o quadrado da letra **d**.

|   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| d | b | p | q | q | B | d | d | p | b |
| p | d | b | q | p | B | d | p | q | d |

Nome\_\_\_\_\_

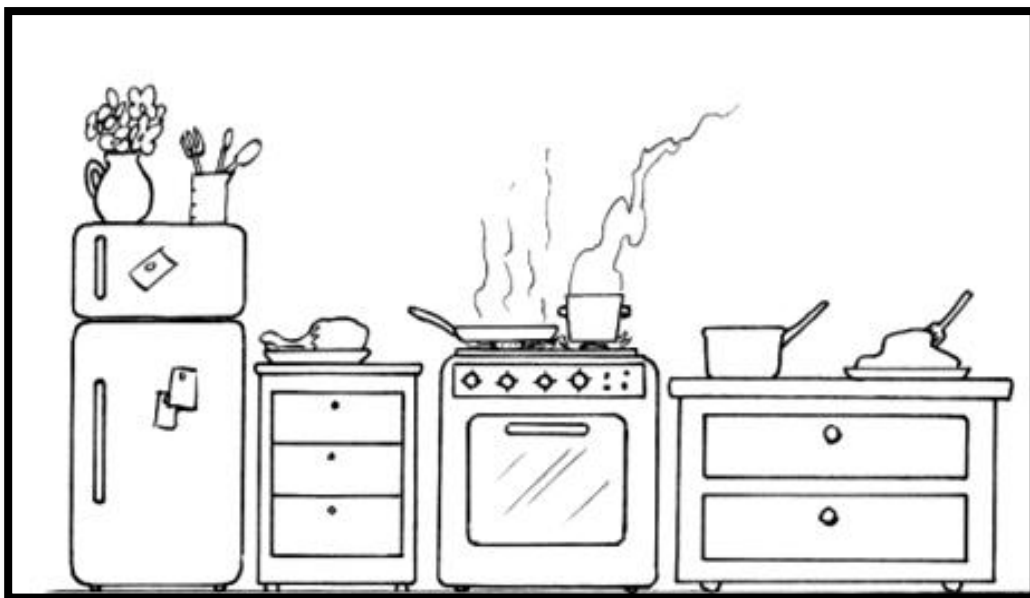
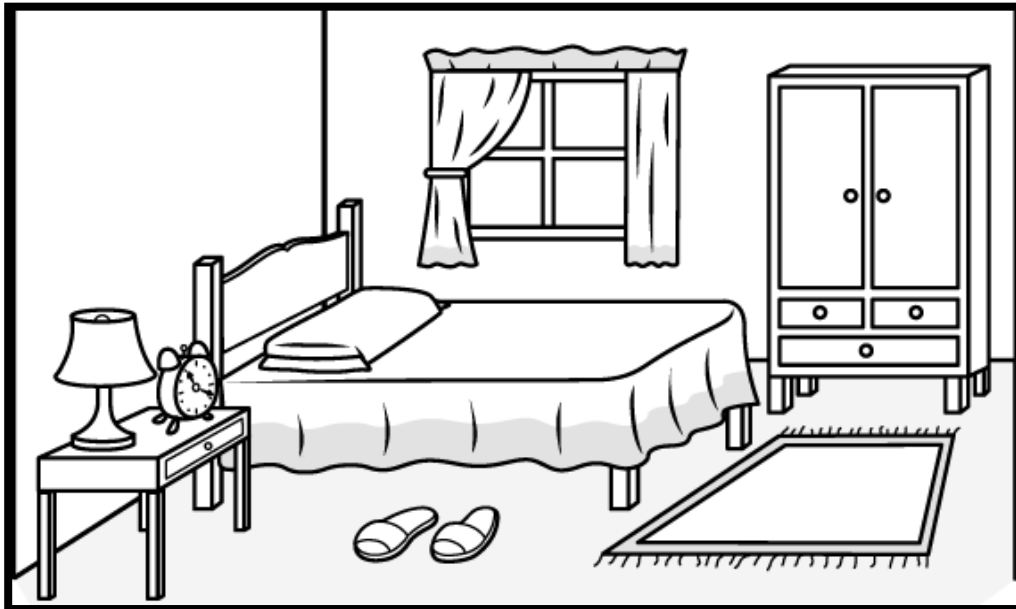
Data\_\_\_\_\_

# Anexo 6

Jardim-Escola João de Deus de Alvalade

Bibe amarelo – 3 anos

Pinta apenas a divisão do quarto:



Nome \_\_\_\_\_